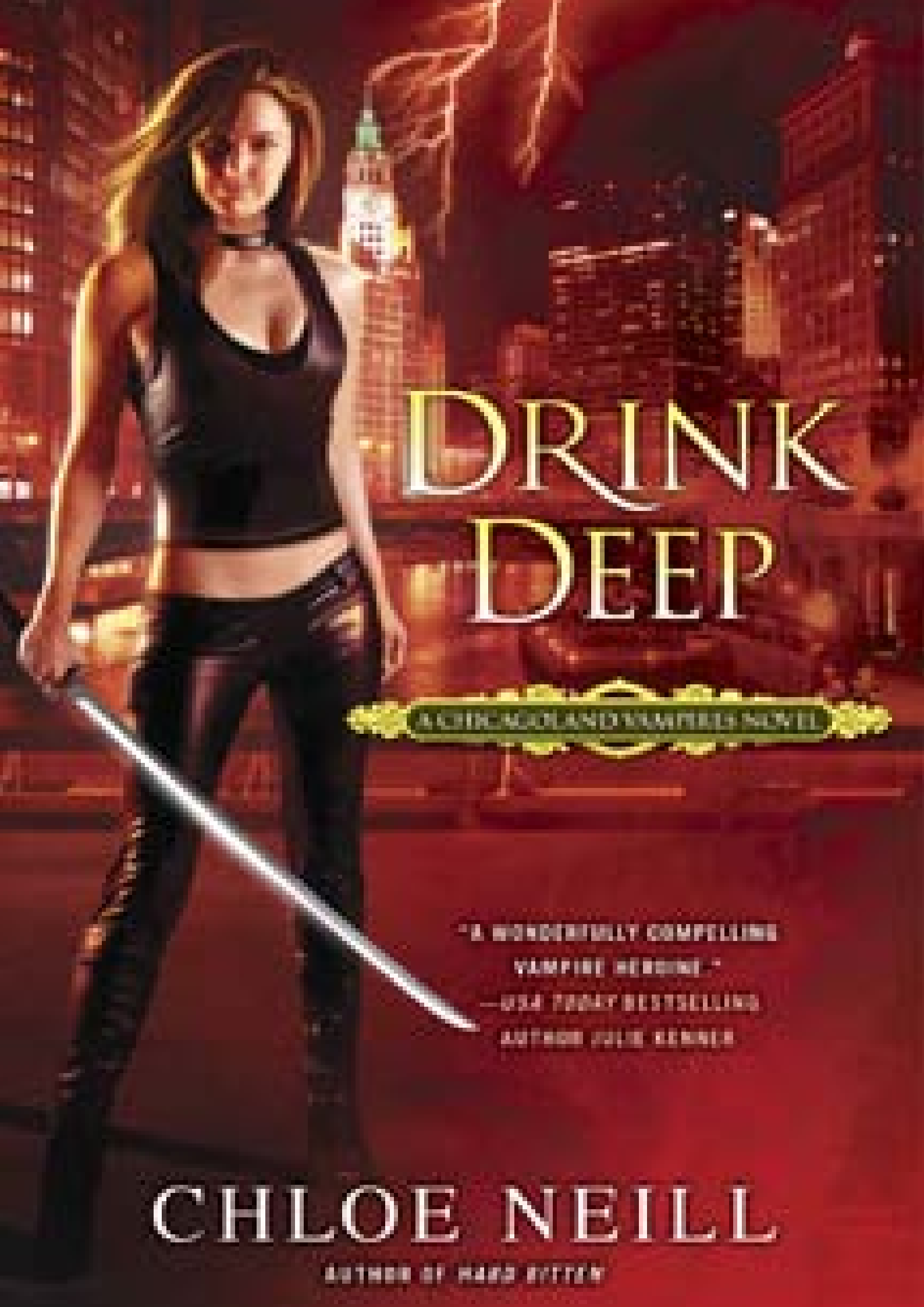




DRINK DEEP

A CHERNOBYL VAMPIRE NOVEL

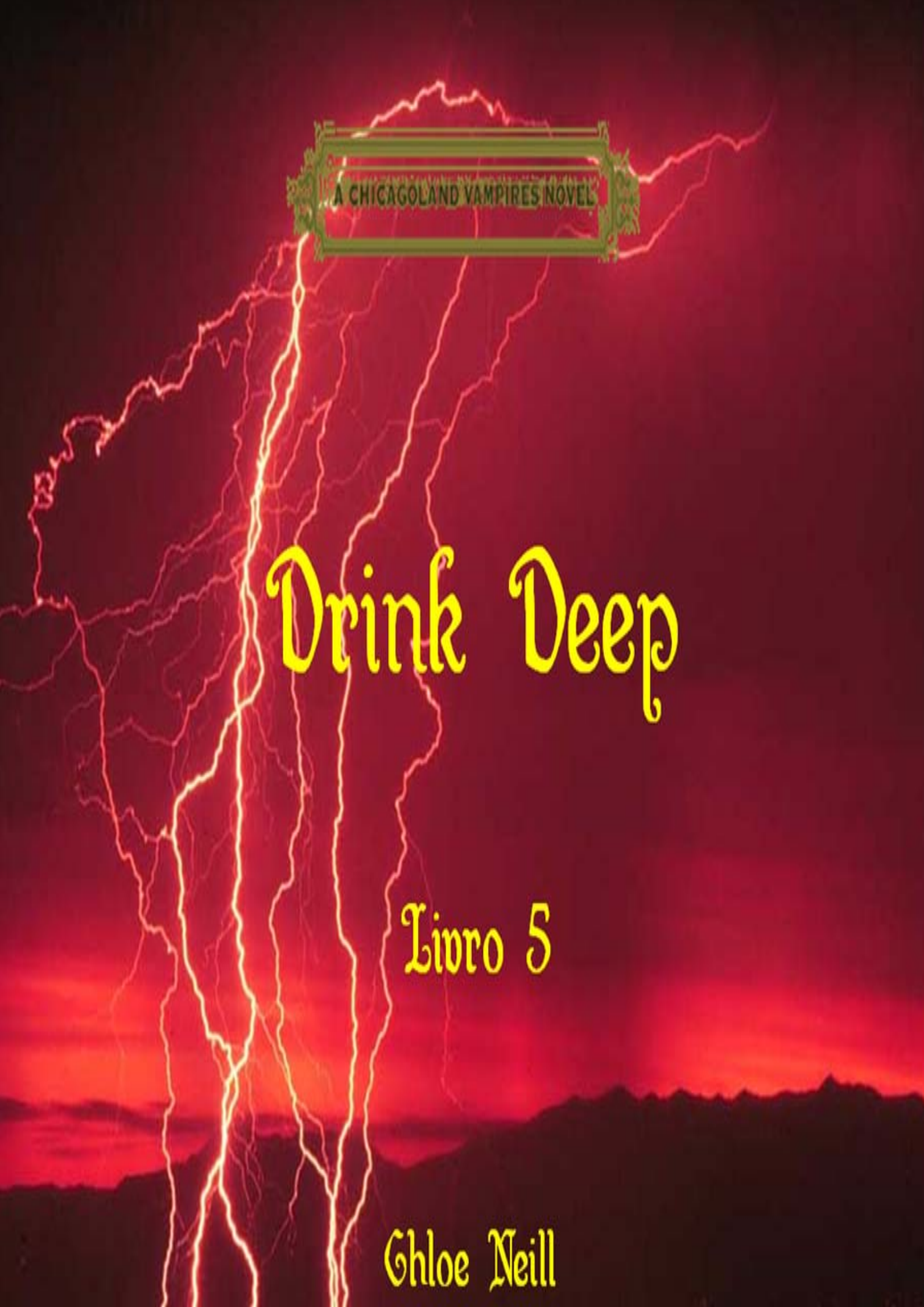
"A WONDERFULLY COMPELLING
VAMPIRE HEROINE."

—USA TODAY BESTSELLING
AUTHOR JULIE KENNER

CHLOE NEILL

AUTHOR OF HARD BITTEN





A CHICAGOLAND VAMPIRES NOVEL

Drink Deep

Livro 5

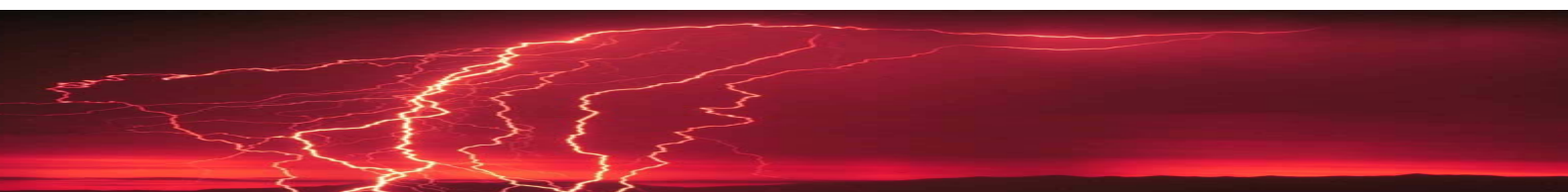
Chloe Neill

Sinopse

Nuvens estão se acumulando sobre a Casa Cadogan, e a recém-transformada vampira Merit não pode dizer se é a escuridão antes do amanhecer ou a calmaria antes da tempestade. Com a própria cidade em tumulto paranormal e o estado ameaçando passar uma ação de registro de paranormais, os tempos não têm sido tão precários para os vampiros desde que saíram do armário. Se apenas pudessem se esconder um pouco, e deixar os mortais se acalmarem.

Foi quando as águas do Lago Michigan de repente se tornaram negras, as coisas realmente começaram a ficar feias.

O Prefeito de Chicago insiste que não há nada com o que se preocupar, mas Merit sabe que apenas a mais negra magia poderia teger um feitiço poderoso o bastante para mudar a grande estrutura da natureza. Ela terá que recorrer a velhos e novos amigos para descobrir quem está por trás disso, e pará-los antes que seja tarde demais para vampiros e humanos.



Capítulo 01

Desafiada Gravitacionalmente.

***Final de Novembro;
Chicago, Illinois.***

O vento estava frio, o cair da noite fresco. A lua crescente pendurava-se preguiçosamente no céu, tão baixa que parecia suficientemente perto para tocar.

Ou talvez simplesmente parecesse dessa maneira porque eu estava empoleirada a nove andares no ar, em cima de uma grade de metal estreita que coroava a Biblioteca Harold Washington de Chicago. Uma das características corujas de alumínio da biblioteca - ou um dos melhores traços arquitetônicos na cidade ou um dos piores, dependendo a quem você perguntava - acomodava-se acima de mim, olhando para baixo enquanto eu transgredia em seu domínio.

Esta era uma das poucas vezes que eu me aventurava fora da minha casa em Hyde Park, nos últimos dois meses por um motivo não relacionado à comida - era Chicago, afinal - ou a minha melhor amiga Mallory. Ao olhar sobre a borda do edifício, comecei a me arrepender seriamente dessa decisão. A biblioteca não era exatamente um arranha-céu, mas era alto o suficiente para que uma queda com grande certeza matasse um humano. Meu coração pulava em minha garganta, e todos os músculos do meu corpo badalavam com o impulso de ajoelhar-me, agarrar as bordas da grade, e nunca soltar.

— Não é tão alto quanto parece, Merit.

Olhei para o vampiro que estava em pé à minha direita. Jonah, aquele que me convencera a vir aqui, riu e afastou o cabelo ruivo de seu rosto perfeitamente esculpido.

— É o suficiente. — eu disse. — E isso não era exatamente o que me veio à mente quando você sugeriu que eu pegasse um pouco de ar fresco.

— Talvez não. Mas você não pode negar que a vista é fabulosa.



Meus dedos com as articulações brancas cavaram na parede atrás de mim, eu olhei para toda a cidade. Ele estava certo – você não poderia culpar a visão íntima do centro de Chicago, de aço e vidro e bem talhada em pedra.

Mas. — Eu poderia ter olhado pela janela. — eu apontei.

— Onde está o desafio nisso? — ele perguntou, e, então sua voz suavizou-se. — Você é um vampiro. — ele me lembrou. — A gravidade lhe afeta de maneira diferente.

Ele estava certo. A gravidade nos tratava um pouco mais gentilmente. Isso nos ajudava a lutar com mais energia e, assim eu ouvi, a cair de uma altura sem nos matar. Mas isso não queria dizer que eu estava ansiosa para testar a teoria. Não quando o resultado poderia ser de ossos esmagadoramente ruins.

— Eu juro. — ele disse. — Que se você seguir as instruções, a queda não machucará você.

Fácil para ele dizer. Jonah tinha décadas a mais de experiência vampírica no currículo; ele tinha menos para ficar nervoso. Para mim, a imortalidade nunca parecera tão frágil.

Eu soprei a franja escura do meu rosto e espiei pela beirada do parapeito mais uma vez. State Street estava muito abaixo de nós, na maior parte deserta a essa hora da noite. Pelo menos eu não iria esmagar alguém se isso não funcionasse.

— Você tem que aprender a cair de forma segura. — disse ele.

— Eu sei. — eu disse. — Catcher me treinou para lutar. Ele tinha muito interesse em cair corretamente. — Catcher foi o meu antigo colega de quarto e namorado coabitante da minha melhor amiga Mallory. Ele também era um empregado do meu avô.

— Então você sabe que ser imortal não significa ser descuidado. — Jonah acrescentou, estendendo a mão na minha direção, e meu coração pulou, desta vez, tanto pelo gesto como pela altura.

Eu me coloquei e - meu coração - em uma prateleira pelos dois últimos meses, o meu trabalho como Sentinela da Casa Cadogan de Chicago na maior parte limitado a patrulhar o território da Casa. Eu poderia admitir - eu era tímida. Minha recém-coragem de vampiro tinha se evaporado principalmente depois que o Mestre da minha Casa, Ethan Sullivan, o vampiro que me fez, me nomeara Sentinela, e fora o meu parceiro,





— tinha sido estaqueado no coração pela minha inimiga mortal..., exatamente antes que eu devolvesse o favor a ela.

Como uma ex-estudante de graduação em Literatura Inglesa, pude apreciar a poesia perversa disso.

Jonah, capitão dos guardas na Casa Grey, era a minha ligação à Guarda Vermelha, uma organização secreta dedicada ao fornecimento de supervisão para as Casas de vampiros Americanas e do Greenwich Presidium, o Conselho Europeu as governava do outro lado da lagoa.

Ofereceram-me uma participação na GV, e Jonah foi o parceiro para quem eu havia sido prometida se tivesse aceitado. Eu não aceitei, mas ele fora gentil o suficiente para me ajudar a lidar com os problemas que as políticas do GP tornaram desastrosos demais para Ethan.

Jonah ficara mais que feliz em atuar como substituto de Ethan - profissionalmente e de outra maneira. As mensagens que tínhamos trocado ao longo das últimas semanas e a esperança em seus olhos esta noite, disseram que estava interessado em algo mais do que apenas a resolução de problemas sobrenaturais.

Não havia como negar que Jonah era bonito. Ou charmoso. Ou brilhante de uma forma estranhamente peculiar. Honestamente, ele poderia ter estrelado a sua própria comédia romântica. Mas eu não estava pronta para sequer pensar em namorar novamente, e eu não achava que estaria tão cedo. Meu coração estava envolvido de outra forma, e desde a morte de Ethan, na maior parte, quebrado.

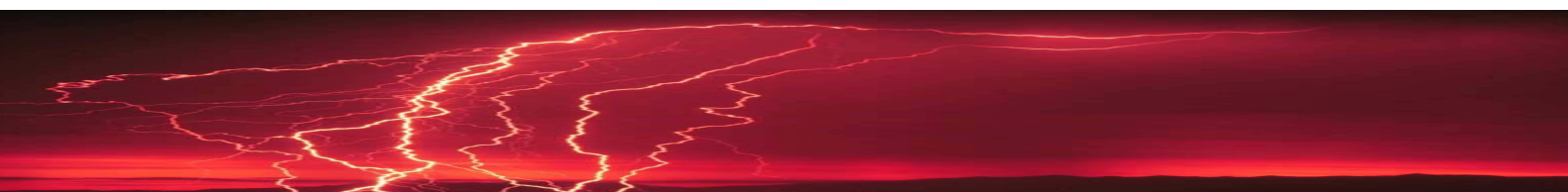
Jonah deve ter visto a hesitação em meus olhos. Ele sorriu gentilmente, então puxou a mão e apontou em direção à beirada.

— Lembra-se que eu te disse sobre o salto? É o mesmo que dar um passo.

Ele definitivamente tinha dito aquilo. Duas ou três vezes agora. Eu apenas não estava acreditando. — É um passo muito, muito longo.

— É. — Jonah concordou. — Mas é apenas o primeiro passo que é uma merda. Estar no ar é uma das melhores coisas que você vai experimentar.

— Melhor que estar em segurança no chão?



— Muito. Mais do que voar, exceto que nós quase não... subimos... tanto quanto... descemos. Esta é sua chance de ser uma super-heroína.

— Chamam-me de *Vingadora de Rabo de Cavalo*. — eu resmunguei, sacudindo meu escuro e longo rabo de cavalo. O Chicago Sun Times me considerou uma *Vingadora do Rabo de Cavalo* quando eu ajudara um Metamorfo em um ataque ao bar. Já que eu geralmente uso meu cabelo em um rabo de cavalo para mantê-lo longe do golpe errante da katana (minha franja não incluída), o nome pegou.

— Alguém já lhe disse que você é particularmente sarcástica quando está assustada?

— Você não é o primeiro. — admiti. — Sinto muito. Eu apenas estou..., isto está me deixando louca. Não há nada em meu corpo ou mente que pense que pular de um edifício seja uma boa ideia.

— Você ficará bem. O fato de isso assustar você é a razão número um para fazê-lo. Ou a razão número um para virar o traseiro e voltar a Hyde Park.

— Confie em mim. — disse. — Além disso, esta é uma habilidade que você precisa dominar. — Jonah disse. — Malik e Kelley precisam de você.

Kelley era uma ex guarda da Casa agora a cargo do Corpo da Guarda da Casa inteira. Infelizmente, uma vez que agora estávamos em três guardas em tempo integral (incluindo Kelley) e uma Sentinela, isso não era exatamente um golpe para ela.

Malik foi o ex segundo em comando de Ethan, Mestre da Casa desde o falecimento de Ethan. Ele tomara os Direitos de Posse, e a Casa fora dada a sua guarda.

A morte de Ethan tinha acendido um sórdido caso de cadeiras musicais de vampiros.

Como um Mestre, Malik Washington havia recuperado seu sobrenome; Mestres das doze Casas de vampiros do país eram os únicos vampiros permitidos a usá-los. Infelizmente, Malik também tinha pegado o drama político da Casa, que havia aumentado desde a morte de Ethan. Malik trabalhou incansavelmente, mas teve que passar a maior parte de seu tempo lidando com a mais nova maldição de nossa existência.





Dita maldição era Franklin Theodore Cabot, o receptor nomeado da Casa Cadogan. Quando Darius West, chefe do GP, havia decidido que ele não gostava da forma como a Casa era administrada, —Frank— havia sido enviado para Chicago para inspecionar e avaliar a Casa. O GP disse que estavam preocupados que Ethan não havia administrado a Casa de forma eficaz, mas isso era uma mentira total, e eles não perderam tempo ao enviar o receptor para verificar nossos quartos, nossos livros, e os nossos arquivos. Eu não tinha certeza exata de que dados Frank estava procurando e por que tanto interesse em uma Casa a um oceano inteiro de distância?

Seja qual for a razão, Frank não era um bom hóspede. Ele era desagradável, autocrático e um defensor de regras que eu nem sabia que existiam com a exclusão de todo o resto. Claro, eu estava ficando muito bem familiarizada com elas; Frank havia forrado com papel uma parede do primeiro andar da Casa com as novas regras da Casa e as punições que vinham ao quebrá-las. O sistema era necessário, disse ele, porque a disciplina da Casa tinha sido indiferente.

Talvez não surpreendentemente, eu tinha tomado uma antipatia imediata a Frank, e não apenas porque ele era um graduado de sangue azul da escola de negócios da Ivy League com uma inclinação para frases como *sinergia* e fora da *caixa pensante*. — Ele havia salgado seus comentários introdutórios a Casa com essas palavras, oferecendo a ameaça não tão sutil que a Casa seria assumida pelo GP em uma base permanente, ou dissolvida, se ele não ficasse satisfeito com o que encontrasse.

Eu tinha sido sortuda o bastante em vir de uma família de posses, e havia outros vampiros na Casa que tinham velhas origens de dinheiro. Mas foi a atitude de Frank de direito que realmente me incomodava. O homem usava deck shoes¹, pelo amor de Deus. E ele definitivamente não estava mais em um barco. Na realidade, apesar do papel que lhe fora dado pelo GP, ele era realmente um vampiro Novato (um rico novato) de uma Casa na costa leste. Uma Casa, concedida, que havia sido fundada por um ancestral Cabot, mas que há muito havia sido entregue a outro mestre.

Pior, Frank falou conosco como se ele fosse um membro da Casa, como se o seu dinheiro e conexões eram um passaporte para o status dentro de Cadogan. Frank jogando de membro da Casa era ainda mais ridículo já que seu propósito era pormenorizar as maneiras que nós não estávamos seguindo a linha do partido. Ele era um forasteiro enviado para nos rotular como *não conformes* e nos encurralar, peças quadradas, de volta aos buracos redondos.

¹ <http://sneakers.pair.com/l/dockside.jpg>



Pela preocupação com a Casa e o respeito pela cadeia de comando, Malik havia lhe dado o funcionamento da Casa. Ele imaginou que Frank era uma batalha que não poderia ganhar, assim ele estava economizando seu capital político para outra rodada.

Seja qual for o drama, Frank estava de volta em Hyde Park. Eu estava aqui, no Loop, com um parceiro vampiro substituto determinado a me ensinar como pular de um prédio sem matar alguém..., ou empurrando-me para além dos limites da imortalidade.

Eu olhei sobre a beirada de novo, meu estômago gelando com isso. Eu estava dilacerada pelo duelo dos impulsos de cair de joelhos e rastejar de volta para as escadas, e lançar-me sobre a beirada.

Mas então ele falou as palavras mais prováveis a conseguir me mover.

— O amanhecer estará aqui, afinal, Merit.

O mito sobre vampiros e a luz solar era verdade - se eu ainda estivesse neste telhado quando o sol se levantasse, eu queimaria em uma pilha de cinzas.

— Você tem duas opções. — disse Jonah. — Pode confiar em mim e tentar isso, ou você pode subir de volta pelo telhado, ir para casa, e nunca saber o que pode ser capaz de fazer.

Ele estendeu a mão. — Confie em mim. — disse ele. — E mantenha os joelhos flexíveis quando você pousar.

Era a certeza nos olhos dele que fez isso - a confiança que eu pudesse atingir a meta. Uma vez, eu tinha visto suspeita em seu olhar. Jonah não tinha sido um fã quando me encontrou pela primeira vez. Mas as circunstâncias nos forçaram juntos, e qualquer que fossem suas dúvidas iniciais, ele aparentemente aprendeu a confiar em mim.

Agora era um bom momento para fazer bom uso dessa confiança.

Eu estendi a mão e agarrei fortemente seus dedos nos meus. — Joelhos flexíveis. — repeti.

— Você só tem que dar um passo. — ele disse.



Olhei para ele, pronta para dizer *entendido* em concordância. Mas antes que pudesse abrir a boca, ele piscou e deu um passo, puxando-me com ele. Antes que eu pudesse protestar, nós estávamos nos movendo pelo ar.

O primeiro passo foi de gelar os ossos - a repentina sensação do solo - e nossa segurança desaparecendo debaixo de nós, uma guinada enjoativa que sacudiu meu estômago e estremeceu meu corpo todo. Meu coração pulou na garganta, embora isso pelo menos tenha evitado que eu gritasse a bolha de medo.

Mas foi quando ficou bom.

Após a queda desagradável inicial (realmente desagradável - eu não consigo enfatizar isso o suficiente), o restante da viagem não foi como cair realmente. Parecia mais saltar uma escadaria se a distância entre cada piso fosse mais longa. Eu não pude ter estado no ar mais que três ou quatro segundos, mas o tempo na verdade pareceu ficar mais lento, a cidade desacelerando a minha volta enquanto eu pisava no solo. Atingi o chão agachada, uma mão na calçada, sem mais impacto do que se eu simplesmente tivesse pulado.

Minha transição para vampiro não fora planejada, e minhas habilidades tornaram-se *online* vagarosamente o bastante que ainda me surpreendia quando eu era capaz de fazer algo pela primeira vez. Este movimento teria me matado há um ano, mas agora me deixava sentindo um tanto revigorada. Pular nove andares para o chão sem um osso quebrado ou contusão? Isso era um *home run*² no meu livro.

— Você conseguiu pular. — Jonah disse.

Olhei para ele através da minha franja. — Aquilo foi fenomenal.

— Eu disse a você que seria.

Fiquei em pé e endireitei a barra da minha jaqueta de couro. — Você me disse sim. Mas da próxima vez que você me atirar de um prédio, eu trarei um castigo.

Ele sorriu provocadoramente, o que fez meu coração bater asas desconfortavelmente.

² No beisebol, *home run* é uma rebatida na qual o rebatedor é capaz de circular todas as bases, terminando na casa base e anotando uma corrida (junto com uma corrida anotada por cada corredor que já estava em base).



— Nesse caso, eu acho que temos um acordo.
— Você *acha*? Você não poderia somente concordar em não me atirar de um prédio?

— Que graça teria nisso? — Jonah perguntou, então se virou e dirigiu-se para a rua. Eu o deixei conseguir alguns passos à frente antes que eu seguisse atrás, aquele olhar provocador que ele me dera ainda em mente.

E eu que havia pensado que o primeiro passo para fora do telhado, tinha sido de destruir os nervos.

A Casa Cadogan estava localizada em Hyde Park, uma subdivisão ao sul do centro de Chicago. Era também a casa para a Universidade de Chicago, cuja graduação eu estava frequentando quando fui transformada em vampiro. Ethan havia me transformado, começando a minha transformação apenas alguns segundos depois de eu ter sido atacada por um rougue (aqueles não vinculados a uma determinada Casa) enviado por Celina Desaulniers. Ela era a vampira narcisista que eu havia estaqueado momentos depois que Ethan fora morto; ela havia enviado o rougue para me matar para chatear o meu pai. Como eu descobri mais tarde - meu mesquinho por bens imóveis - pai tinha oferecido dinheiro a Ethan para me tornar um vampiro. Ethan recusou a oferta, e Celina havia ficado ofendida pela recusa de meu pai em fazer a mesma oferta a ela.

A menina era um fardo.

De qualquer forma, Ethan me nomeou Sentinela da Casa. Para ajudar a proteger a Casa, e para evitar ouvir as escapadas românticas de Mallory da meia noite (e meio-dia..., e seis da manhã..., e seis da tarde) com Catcher, eu me mudei para a Casa Cadogan.

A casa tinha todos os elementos básicos, cozinha, sala de ginástica, uma Sala de Operações onde os guardas ficavam de olho na Casa, e dormitórios para cerca de noventa dos 300 vampiros Cadogan. Meu quarto era no segundo andar. Não era enorme e não era exuberante, mas foi uma pausa do drama de ser um vampiro em Chicago. Tinha uma cama, estante, armário e um banheiro pequeno. Além disso, ele ficava apenas abaixo no corredor de uma cozinha cheia de comida não saudável e sangue ensacado fornecido pelo nosso serviço de entrega terrivelmente nomeado, *Blood4You*.

Eu estacionei o meu Volvo laranja a poucas quadras acima, então caminhei de volta para a Casa. Ela brilhava na escuridão do Hyde Park, novos holofotes de segurança, instalados quando a Casa foi renovada depois de um ataque por rosnadores



mutantes, despejados por todo o terreno. Os vizinhos reclamaram sobre os holofotes, até que consideraram as consequências de não tê-los - a escuridão protetora permitiria intrusos sobrenaturais.

A Casa estava relativamente tranquila hoje à noite, um grupo de manifestantes se aconchegou em cobertores sobre a grama entre a calçada e o portão de ferro forjado que cercava a casa. Seus números caíram das massas que haviam cercado a grama antes que o Prefeito Tate tivesse sido destituído de seu cargo, acusado e preso em um local não revelado. A mudança na liderança tinha acalmado os eleitores da cidade.

Infelizmente, isso não acalmara os políticos. Diane Kowalczyk, a mulher que substituirá Tate, tinha o olho no escritório oval³, e ela estava usando os sobrenaturais de Chicago para sustentar sua futura campanha. Ela foi uma grande apoiadora da proposta lei de registro do sobrenatural, que exigiria que todos os sobrenaturais registrassem os poderes e carregassem documentos de identificação. Nós também teríamos que nos apresentar todas as vezes que entrássemos ou saíssemos do Estado.

A maioria dos sobrenaturais odiava a ideia. Era a antítese de ser americano, e zumbia discriminação. Claro, alguns de nós éramos perigosos, mas isso era a verdade dos seres humanos, também. Os cidadãos humanos de Chicago teriam apoiado uma lei que exigia que eles provassem a sua identidade a qualquer pessoa que pedisse? Eu duvidava disso.

Os humanos que decidiram que nós não éramos todos dignos de confiança dedicavam suas noites a nos deixar saber o quanto eles nos odiavam. Infelizmente, alguns dos manifestantes estavam começando a parecerem familiares. Em particular, eu reconheci um jovem casal - um menino e uma menina que não poderia ter mais de dezesseis anos, e que haviam cantado uma vez palavras de ódio para mim e Ethan.

Sim, eu tinha presas. Luz do dia era letal, assim como estacas de Aspen e decapitações. Sangue era uma necessidade, mas chocolate e refrigerante Diet também eram. Eu não era morta-viva; eu só não era humana. Então eu decidi que se agisse normal e fosse educada, eu poderia desafiar lentamente seus preconceitos sobre vampiros.

As Casas de Chicago também estavam ficando cada vez melhores em desafiar a desinformação. Havia até uma placa de boletim em Wrigleyville com uma foto de quatro vampiros diversos sorrindo por trás das palavras *Venha!* O outdoor era para ser um convite para conhecer as Casas de Chicago. Hoje à noite, era uma razão para

³ Referência ao escritório do Presidente dos EUA na Casa Branca.



adolescentes de aparência desamparada para empunhar cartazes pintados à mão *Venha e morra!*

Eu sorri educadamente enquanto passava por eles, em seguida, levantei as duas sacolas de algodão de hambúrgueres e batatas fritas onduladas. — Jantar!— eu alegremente anunciei.

Fui recebida no portão por duas das Fadas mercenárias que controlavam o acesso ao território da Casa Cadogan. Elas ofereceram o mais mero dos acenos quando eu passei, então voltaram sua atenção de volta para a rua. Fadas eram notoriamente antivampiros, mas elas eram ainda mais anti-humanos. Pagamentos em dinheiro da Casa por seus serviços de segurança mantinham esse equilíbrio.

Saltei os degraus para o pórtico e me dirigi para dentro, onde fui recebida por um grupo de vampiros olhando para a parede onde Frank estivera pendurando suas declarações.

— Bem vinda à selva. — disse uma voz atrás de mim.

Virei-me para encontrar Juliet, uma das guardas Cadogan restantes, observando os vampiros com um olhar desamparado. Ela era esbelta e ruiva, e tinha uma expressão travessa.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— Mais regras. — ela disse, apontando para a parede. — Três novas adições ao muro da vergonha. Frank decidira que os vampiros não podem se congregar em grupos maiores que dez a não ser em encontros oficialmente sancionados.

— Muito melhor para a revolta contra o GP? — eu me perguntava.

— Eu acho. Aparentemente —liberdade de reunião— não é um dos direitos favoritos do GP.

— Tão colonial. — eu murmurei. — Qual é o segundo?

Sua expressão ficou plana. — Ele está racionando sangue.



Eu estava tão atordoada com a ideia, que eu levei um momento para reunir minha inteligência. — Somos vampiros. Precisamos de sangue para sobreviver.

Ela olhou com desdém para a parede de papel pontilhado. — Oh, eu sei. Mas Frank, em sua infinita sabedoria, decidiu que Ethan nos mimou por ter sangue ensacado tão prontamente disponível. Ele está cortando as entregas da *Blood4You*.

Embora nós normalmente bebêssemos sangue ensacado, Cadogan era uma das poucas Casas de vampiro nos Estados Unidos e a única em Chicago, que permitia que seus vampiros bebessem sangue de humanos ou de outros vampiros. As outras casas aboliram a prática para melhor se assemelhar com os humanos. Pessoalmente, eu tinha tomado o sangue de apenas um homem – Ethan, mas eu pude apreciar que a opção estivesse disponível.

— Melhor nós do que a Casa Grey. — eu meditei. — Pelo menos temos outras fontes.

— Não desta vez. — disse Juliet. — Ele também proibiu de beber.

Essa ideia era igualmente absurda, mas por um motivo diferente. — Ethan fez essa regra. — eu protestei. — E Malik a confirmou. Frank não tem o poder...

Mas Juliet me cortou com um encolher de ombros. — É parte de sua avaliação, ele diz. Um teste para ver como lidamos com nossa fome.

— Ele está nos preparando para o fracasso. — eu disse calmamente, olhando para a multidão de vampiros, agora conversando nervosamente. — Não há nenhuma maneira que consigamos passar pelo período de receptação, dois meses depois de perder o nosso Mestre e com os manifestantes às portas, sem que alguém surte por falta de sangue. — olhei para ela. — Ele vai usar isso como uma desculpa para assumir a Casa, ou fechá-la completamente.

— Muito possivelmente. Ele já agendou a sua entrevista?

Não surpreendentemente, Frank havia exigido de cada vampiro participar de uma entrevista particular. Pelo que eu ouvi, as entrevistas eram bem padrões ao ato *justifique sua existência*. Eu era um dos poucos vampiros que ele ainda não tinha falado. Não que eu estivesse chateada, mas cada dia que passava sem uma entrevista me tornava muito mais suspeita.



— Nada ainda. — eu disse a ela.

— Talvez seja uma demonstração de respeito ou algo assim. Tentando respeitar a memória de Ethan por não entrevistá-la primeiro?

— Eu duvido que nosso relacionamento fosse influenciar a avaliação da Casa pelo GP. Talvez seja estratégia. Ele está segurando para que eu antecipe a conversa, me preocupe com isso. — eu levantei o meu jantar. — Pelo menos eu tenho o alimento do conforto.

— E por falar nisso, é uma coisa boa que você trouxe isso.

— Por quê?

— A terceira regra: Frank proibiu alimentos de conveniência nas cozinhas.

Strike três para Frank. — Qual é sua razão para essa?

— Não é saudável, excessivamente processada, e caro, diz ele. É só maçãs, repolho e granola lá agora.

Como um vampiro com apetite, isso quase dói mais do que qualquer outra coisa que Frank tinha feito.

Juliet checkou o relógio. — Bem, eu deveria voltar. Você vai lá para cima para comer?

— Luc e Malik queriam conversar, e eu prometi que traria o rango. O que você está fazendo?

Ela fez um gesto em direção à escada que levava ao nível do porão da Casa, onde a Sala de Operações estava localizada. — Acabei de terminar um turno nos monitores. — ela quis dizer os televisores com legenda que capturavam imagens de segurança do território da Casa.

— Alguma coisa interessante?



Ela revirou os olhos. — As pessoas nos odeiam, blá - blá - blá, gostariam que nós fôssemos direto para o inferno, ou talvez Wisconsin, já que é mais perto, blá - blá - blá. O mesmo de sempre?

— Praticamente. Se Celina pensou que colocar os vampiros na rua iria inaugurar um conto de fadas de vampiro feliz, ela estava muito enganada.

— Celina estava enganada em várias frentes. — disse.

— Isso é verdade. — ela disse suavemente, e eu peguei a dica de piedade em sua voz. Mas a piedade era tão cansativa de suportar como a tristeza, então eu mudei o assunto.

— Algum sinal de McKetrick? — perguntei. McKetrick, primeiro nome desconhecido, era um tipo militar, que tinha decidido que os vampiros eram os novos inimigos da república. Ele tinha equipamento preto, armas de combate, e um forte desejo de limpar todos nós da cidade. Ele deu um sermão em Ethan e eu em uma noite e prometeu que o veríamos mais. Houve algumas advertências desde então, e eu tinha mais alguns detalhes sobre seu passado militar de Catcher - pense em táticas questionáveis e problemas de cadeia de comando, mas se ele tivesse um plano mestre para vampirocidio, ele não tinha deixado isso claro.

Eu não tinha certeza se isso me fazia sentir melhor, ou pior.

— Nem mesmo uma perturbação. — ela inclinou a cabeça para o lado. — O que você fazia lá fora?

— Saí. Fazer exercício, eu quero dizer. — tropecei um pouco na explicação, como eu ainda não tinha confessado aos guardas que eu vinha trabalhando com Jonah. Nosso tempo juntos havia sido desencadeado pela nossa conexão com a Guarda Vermelha, e esse segredo não era meu para contar, então eu evitava o assunto de Jonah completamente.

Mais uma mentira tecida na rede já emaranhada.

— É sempre bom ficar em forma. — Juliet disse com uma piscadela. Uma piscadela que sugeriu que eu não tinha sido tão sorrateira afinal.

— Bem, foi uma longa noite. — disse ela. — Eu vou subir.



— Juliet. — gritei, antes que ela chegasse longe demais. — Você já pulou?

— Pulou? — ela perguntou com uma careta. — Como no ar?

— Como de um edifício.

— Eu já. — compreensão despontou em seus olhos. — Por que, Sentinela? Você fez seu primeiro pouso esta noite?

— Eu fiz, sim.

— Parabéns. — ela disse. — Apenas tenha cuidado para não ir longe demais ou cair rápido demais.

Palavras para viver.

Frank tinha optado pelo escritório de Malik - o escritório que pertencera a Ethan. Malik mal tivera duas semanas no cômodo antes que Frank chegasse e anunciasse que precisava de espaço para avaliar a Casa.

Malik – alto; pele cor de cacau e olhos verdes - foi deliberativo. Ele escolheu suas batalhas com cuidado, dessa forma, ele havia deferido e mudou-se de volta para seu antigo escritório corredor abaixo.

Não era grande; a sala estava quase cheia pela mesa de Malik, prateleiras de livros e lembranças pessoais. Mas o tamanho pequeno não nos impedia de nos reunirmos lá regularmente. Unidos por nossa dor, estávamos mais propensos a ficarmos amontoados no escritório em nosso tempo livre do que em qualquer outro lugar na Casa.

Hoje à noite, Malik e Luc sentaram-se em lados opostos de um jogo de xadrez em cima da mesa de Malik. Lindsey sentou-se de pernas cruzadas no chão a poucos metros de distância, revista na mão.

A esposa de Malik, Aaliyah, pequenina, linda, e tão humilde quanto eles vieram, juntou-se a nós na ocasião, mas ela estava ausente esta noite. Aaliyah foi uma escritora que passava mais tempo em seu apartamento do que fora dele. Eu poderia entender completamente a vontade de sentar e evitar o drama vampiro.



Luc, agora Segundo da Casa e ex-capitão dos guardas de Cadogan, era loiro, com cabelo despenteado, e descontraído. Ele nascera e fora criado no oeste deserto, e eu pensei que ele tinha sido transformado em vampiro no cano de uma arma. Luc havia ansiado por Lindsey, minha melhor amiga na Casa e uma companheira da guarda que tinha, aparentemente, roubado algum tempo da Sala de Operações esta noite.

A relação deles havia terminado e voltado por um longo tempo, embora mais *terminado* do que *voltado*. Ela estava com medo de que uma relação levaria a um rompimento, e um rompimento destruiria a amizade deles. Apesar de sua fobia inicial a compromisso, desejando conforto após a morte de Ethan, ela finalmente concordou em dar uma chance a Luc.

Eu passei a primeira semana após sua morte em uma névoa no meu quarto, Mallory ao meu lado. Quando eu finalmente emergi e *Mal* voltara para casa novamente, Lindsey apareceu na minha porta em uma emoção total. Ela fora até Luc em sua dor, e a consolação tinha se tornado afeição - um abraço de apoio para um beijo apaixonado que abalou totalmente suas meias (ou assim ela disse). Aquele beijo não tinha apagado suas dúvidas, mas ela tinha amarrado os seus medos o suficiente para lhe dar uma chance.

Luc, é claro, se sentiu completamente justificado.

— Sentinela. — disse Luc, os dedos pairando sobre um dos cavalos negros, aparentemente debatendo as suas opções. — Sinto o cheiro dos hambúrgueres, e é melhor você ter trazido o suficiente para todos.

Decisão tomada, ele arrancou o cavalo, sentou-o fortemente na sua nova posição, em seguida, levantou os braços no ar triunfante. — E assim avançamos! — ele disse, erguendo as sobrancelhas para Malik. — Você tem uma resposta para isso?

— Eu tenho certeza que vou descobrir alguma coisa. — disse Malik, seu olhar agora fixado no tabuleiro, examinando da esquerda para a direita, enquanto calculava as probabilidades e avaliava as suas opções. O jogo de xadrez se tornou um ritual semanal, uma maneira, ou assim eu achava, para Malik e Luc exercer algum controle mínimo sobre suas vidas enquanto o chefe falante do GP sentava a alguns metros pelo corredor abaixo, decidindo seus destinos.

Eu coloquei os sacos de comida sobre a mesa, puxei hambúrgueres atados de bacon para mim e Lindsey, e me sentei ao lado dela no chão.



— Então. — eu disse, dobrando o embrulho de papel do hambúrguer. — Racionamento de sangue?

Luc e Malik rosnaram simultaneamente. Malik geralmente deixava Frank a seus próprios artifícios, pensando que o GP, não lhe permitiria intervir sem piorar as coisas.

— O homem é um idiota frio. — disse Luc, dando uma mordida impressionante no seu hambúrguer de três camadas.

— Infelizmente. — disse Malik, movendo sua peça de xadrez e sentando de volta na cadeira. — Ele é um idiota com a plena autoridade do GP.

— O que significa que temos que esperar até que ele regamente ferre o cão antes de podermos agir. — Luc disse; debruçado sobre o tabuleiro novamente. — Com todo o respeito, Liege, o cara é um imbecil.

— Eu não tenho nenhuma posição oficial com relação a sua imbecilidade. — Malik disse, puxando uma caixa de batatas fritas para fora do saco, aplicando uma quantidade prodigiosa de ketchup, e comendo com vontade. Apreciei que Malik, ao contrário de Ethan, não precisava ser educado sobre a melhor e mais gordurosa culinária de Chicago. Ele sabia a diferença entre um bife extremamente quente e um quente, tinha uma pizzaria favorita, e fora conhecido por fazer uma viagem tarde da noite com Aaliyah para uma lanchonete de beira de estrada fora de Milwaukee para comprar *a melhor coalhada de queijo* de Wisconsin. Mais poder para eles.

— Mas vamos permitir que ele se enforque com sua própria corda. — Malik acrescentou. — E enquanto isso, nós iremos monitorar os vampiros e intervir quando o tempo for apropriado.

O tom era totalmente de vampiro Mestre, algo que Malik havia conseguido usar melhor nas últimas semanas. Peguei a dica, deixei cair o assunto e me enterrei em meu hambúrguer enquanto Luc usava uma batata frita para apontar para várias peças de xadrez, entre as quais ele estava novamente decidindo.

— Deliberativo, não é? — sussurrei para Lindsey.

Ela também sorriu conscientemente para o conforto. — Você não tem ideia de quão ele pode ser deliberativo. Quão..., completo. — ela se inclinou para mim, mordiscando um pedaço de toucinho de seu hambúrguer. — Eu já tinha me



entusiasmado sobre a glória que é um vampiro com peito cabeludo usando apenas botas de cowboy?

No meio de uma mordida, eu apertei meus olhos fechados, mas já era tarde demais para bloquear a imagem de Luc usando nada a não ser seu terno de nascimento e audaciosas botas vermelhas. — É do meu ex-chefe que você está falando. — eu sussurrei. — E eu estou tentando comer.

— Você está pensando sobre ele nu, não está?

— Infelizmente.

Ela deu um tapinha no meu braço. — E pensar que eu estava realmente hesitante em namorar com ele. Ah, e falando disso. Cara. Disse o suficiente.

— Definitivamente disse mais que o suficiente. — Lindsey estava se tornando minha nova Mallory dentro da Casa, com detalhes completos de conquista. Suspira.

— Nesse caso, vou deixá-la com sua imaginação. Mas eu recomendo fortemente a aplicação terapêutica de vampiro com peito cabeludo para tristeza. Ele opera milagres.

— Estou sinceramente feliz em ouvir isso. Mas se você continuar falando, vou picar seus olhos com um palito de dentes. — enfiei um punhado de guardanapos em sua direção geral. — Cale a boca e coma seu hambúrguer.

Às vezes uma garota tem que estabelecer a lei.



Capítulo 02

Sonhos Agridoces.

Eu estava de pé em uma alta planície em meu couro preto de estilo moderno, meu longo cabelo chicoteando no vento frio que passava, rodopiando a névoa que se enrolava aos meus pés.

A roupa podia ser moderna, mas o cenário era antigo. A paisagem estava sem vida e vazia, e o ar cheirava a enxofre e umidade.

Eu senti os passos antes de ouvi-los, o solo ressoando apenas levemente debaixo dos meus pés.

E então ele apareceu.

Como um guerreiro retornando da batalha, Ethan emergiu da névoa em um traje fora de época e lugar para a Chicago do século vinte e um. Botas de couro na altura dos joelhos; as calças rudemente cortadas, e uma túnica de couro amarrada na cintura. Havia um talho vermelho ferrugem no meio do seu peito. O cabelo estava longo, ondulado e louro dourado, e seus olhos estavam vibrantemente verdes.

Caminhei em sua direção, medo circulando meu coração, fazendo uma máscara ao seu redor, apertando meus pulmões até que eu mal fosse capaz de dar um pequeno trago no ar. Eu estava contente de vê-lo vivo, mas eu sabia que ele era um anunciador da morte.

Quando o alcancei, ele colocou as mãos em meus braços, inclinou-se para frente e pressionou os lábios na minha testa. Um ato simples, mas tão íntimo. Uma afeição preciosa que fez meu peito doer pelo sentimento. Fechei os olhos e saboreei o momento quando um trovão ressoou pelo planalto, sacudindo o chão novamente.



De repente, Ethan levantou a cabeça e olhou ao redor cautelosamente. Quando ele olhou para mim de novo, começou a falar, as palavras fluindo em um idioma cadenciado que pareciam vir de um tempo e lugar distante.

Sacudi a cabeça. — Eu não consigo entender você.

Sua expressão se comprimiu, uma linha de preocupação franzindo sua testa, as palavras se tornando mais rápidas enquanto ele tentava chegar ao seu ponto. Mas a velocidade não ajudava.

— Ethan, eu não sei o que você está falando. Você pode falar em inglês?

Com pânico nos olhos, ele olhou por sobre o ombro, então agarrou meu braço e apontou atrás dele. Uma frente de tempestade baixa e espessa estava rolando em nossa direção, o vento começando a aumentar enquanto a temperatura caía.

— Eu vejo a tempestade. — disse a ele sobre o vento em elevação. — Mas eu não posso pará-la.

Ethan gritou alguma coisa, mas as palavras se perderam no vento gritante. Ele começou a caminhar em direção à nuvem negra de trovoadas, puxando meu braço em uma tentativa de me arrastar com ele.

Mas eu resisti, puxando de volta. — Este é o caminho errado. Nós não podemos caminhar para a tempestade!

Ele era insistente, mas eu também era. Segura que nós seríamos varridos do planalto e para o mar se não procurássemos abrigo, eu comecei a fugir da parede de nuvens..., e dele. Mas não pude resistir a uma olhada final para trás. Ele permaneceu congelado na planície, seu cabelo chicoteando no temporal.

Antes que eu pudesse estender a mão para ele, a tempestade nos alcançou e ultrapassou; o vento me derrubando, a pressão sugando o ar dos meus pulmões. A chuva veio quando bati em meus joelhos, soprando pelos lados e tornando a paisagem cinza, o vento uivando em meus ouvidos. Ethan desapareceu na investida, deixando somente o eco de sua voz no vento.

— *Merit!*



Eu acordei às sacudidas, banhada em suor, ofegante, o som de sua voz em meus ouvidos.

Lágrimas caíram dos meus olhos enquanto eu empurrava minha franja encharcada da testa, e esfreguei as mãos no rosto, tentando abrandar a corrida febril do meu coração.

Meu primeiro sonho com Ethan tinha sido milagroso; nós banhados pelo sol, um tabu para os vampiros. Eu saboreei aquela última memória dele.

Mas este foi o sexto pesadelo em dois meses desde que ele se fora. Cada um foi mais forte e mais vívido do que o último, e acordar era como emergir de um túnel de pânico, meu peito espremido em um nó. Em cada pesadelo nós fomos empurrados para alguma crise, mas o final era sempre o mesmo, - ele sempre era tirado de mim. Toda vez eu acordo com sua voz em meus ouvidos, gritando meu nome com pânico.

Eu abaixei minha testa nos joelhos, a dor no meu coração batendo como um tambor⁴. O desamparo da perda tomou conta de mim. Não apenas da perda de Ethan, mas da frustração - do esgotamento - de ser visitada novamente por um fantasma que não me deixaria. Lágrimas caíram, e eu as deixei, desejando que a picada de sal lavasse o machucado.

Eu sentia falta da sua voz. De vê-lo. Do cheiro dele.

E, provavelmente, por causa disso, eu estava presa em um ciclo que me mantinha sonhando com Ethan - vendo-o morrer uma e outra vez. Minha dor tornou-se um buraco que eu não conseguia mais sair.

Quando meu coração desacelerou, sentei-me novamente e enxuguei as lágrimas de meu rosto com uma camiseta. Peguei o telefone da mesa de cabeceira e liguei para a única pessoa que poderia me acalmar.

— Porcarias na torrada. — Mallory respondeu sobre uma baixa e retumbante voz de homem. — Eu estou no intervalo dos estudos. — Catcher está nu e Barry White no aparelho de som. Você sabe como eu raramente tenho um intervalo nos estudos?

Mallory era uma feiticeira, tardiamente identificada e em treinamento.

⁴ No original é **Timbales** (também pronunciado **tímbales** ou **timbalas**) são tambores de baixa altura, com apenas uma pele, menos profundos que [timbalões](#), e geralmente mais agudos.



Ela tinha acabado de terminar seu aprendizado com um tipo fofo de garoto da porta ao lado chamado Simão e tinha preparando para ela - testes finais - por semanas. Simon parecia ok nos cinco minutos que eu estava na mesma sala com ele, mas Catcher definitivamente não era um fã. Que provavelmente teve algo a ver com o fato de Simon ser um membro da União dos Feiticeiros Amalgamated e Lançadores de feitiços (eufemisticamente chamado de “a Ordem”), uma organização que tinha chutado Catcher para fora.

Sua voz estava irritada, e eu sabia que ela estava superestressada esta semana, mas eu precisava dela, então pressionei. — Tive outro sonho.

Houve um momento de silêncio antes de ela gritar. — Cinco minutos, Catch.

Eu o ouvi resmungando, e depois a sala ficou em silêncio.

— Esse foi qual?— ela perguntou.

— Sexto. Eu tive dois esta semana.

— O que você lembra?

Mal me questionava cada vez que eu tinha um sonho, sua curiosidade mórbida e amor pelo oculto combinavam em um interrogatório diário. Eu me obriguei e dei-lhe os detalhes.

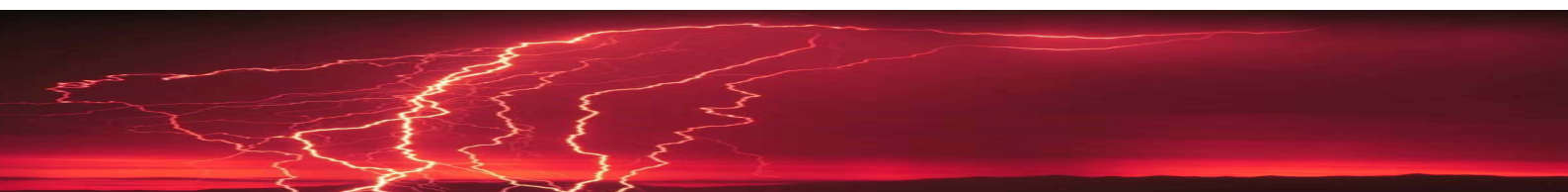
— Principalmente apenas o fim, como de costume. Ethan estava vestido como um guerreiro da velha guarda. Havia esta tempestade se movendo, e ele estava tentando me avisar, mas acho que ele estava falando sueco.

— Sueco? Por que em nome de Deus ele estaria falando sueco? E como você sabe como sueco soa?

— Ele era da Suécia. Originalmente, eu quero dizer. E eu não tenho ideia. Uma mistura, provavelmente. De qualquer forma, ele estava tentando me fazer ir em direção à tempestade. Eu estava tentando fugir disso.

— Parecia a coisa sensata a fazer. Então o que?

— A tempestade caiu. Perdi-o de vista, e acordei quando ele estava chamando meu nome.



— Bem, o simbolismo é bastante óbvio. — ela disse. — Você está com Ethan, e então você está separada por algum tipo de calamidade. Basicamente o cenário da vida real.

Eu fiz um som vago concordando e puxei minhas pernas debaixo de mim. — Isso é verdade, eu acho.

— Claro que é. Por outro lado, sonhar nunca é apenas um sonho. Há sempre algo mais acontecendo. As andanças da mente. As escapadas da alma. Eu já disse isso antes e vou dizer de novo, você e Ethan tinham algum tipo de conexão, *Mer*. Não exatamente uma conexão saudável, mas uma conexão, no entanto.

— Então, o que, eu estou visitando o seu fantasma em meus sonhos?

Ela riu sem alegria. — Será que você deixaria o Darth Sullivan no passado se descobrisse uma maneira de assombrá-lo depois da morte? Ele provavelmente está mantendo reuniões no outro mundo. Oferecendo avaliações de desempenho. Dando ordens.

— Isso eram os tipos de coisas que ele amava.

Mal ficou quieta por um segundo. — Olhe. — ela disse. — Talvez nós estejamos pensando sobre isso da maneira errada. Quero dizer, nós estamos falando sobre o que isso significa e com que frequência está acontecendo. Mas você me ligou o que, meia dúzia de vezes sobre estas coisas? Talvez devêssemos começar a falar sobre como fazê-los parar.

Eu não tinha certeza do tom da voz dela, se estava expressando preocupação sobre o meu estado mental - ou irritação de eu ter compartilhado isso com ela.

Dei-lhe um passe livre já que ela estava estressada, mas prometi a mim mesma um bom esclarecimento quando tudo acabar.

Quanto ao seu plano, eu não estava exatamente feliz com isso. Tão patético quanto soava, pelo menos em meus sonhos Ethan estava vivo. Ele era *real*. Eu não tinha fotos dele, e poucas lembranças. Mesmo minhas memórias acordadas dele eram vagas, cada lembrança parecia entorpecer as linhas do seu rosto. Era como se ele fosse uma estrela tênue no horizonte, tentar focar na imagem, apenas turva-a ainda mais.



Mas nos meus sonhos... ele sempre estava lá, sempre claro.

— Eu não penso que haja qualquer razão para fazer isso.

— Sim há, se seus sonhos se tornarem um substituto para a vida real.

Isso machucava, mas eu considerei o ponto dela.

— Eles não vão. Estes não são esses tipos de sonhos. É apenas... eles me fazem sentir mais perto dele.

— A um custo, é claro, de ter suadas noites de terrores.

— Bem, se isso acontecer novamente, você terá que conversar com Catcher. Os exames estão começando.

— Agora?— eu perguntei a ela. — Eu pensei que você ainda tinha uma semana antes de ir.

— Simon queria acrescentar... o elemento “inesperado”.

Mallory disse, e eu podia ouvir tudo, exceto ouvir o ar em sua voz.

— O teste vai ser em fases. Ele vai me colocar em alguma situação, e eu tenho que corrigi-lo. Eu irei para casa e farei alguma coisa no meu laboratório de química, e então estarei de volta às ruas para a segunda rodada. Ele vai me fazer perguntas sobre as Chaves, e eu usarei as Chaves para resolver o problema. Enxaguar. Repetir. Vai ser uma grande coisa.

As Chaves são as quatro divisões da magia; cada feiticeiro se visualizava cortando um círculo em quatro quadrantes. Isso, aparentemente, era tão importante para os feiticeiros que Catcher tinha as quatro Chaves tatuadas em seu estômago.

— Bem, se você não poderá estar a minha disposição e ligações — eu disse, tentando aliviar o clima. — Você acha que Catcher usaria uma peruca azul nesse meio tempo?

Cabelo loiro anteriormente de Mallory era agora uma sombra notoriamente brilhante de azul. Era reto e chegava a alguns centímetros abaixo dos ombros.



— Provavelmente não. Mas você sempre pode ameaçar ter sua TV a cabo, desconectada. É assim que eu tive os armários da cozinha pintados.

— Como é o Sr. Filme de mulher?

— Infinitamente mais feliz sabendo que você não se referiu a ele como agora.

Seja como for, Catcher era viciado. Se um filme feito para televisão aparecia com uma senhora se oprimindo, ele estava dentro. Era uma estranha fixação para um rude e musculoso feiticeiro, com um pendor para esgrima e sarcasmo, mas Mallory tolerava, e eu suponho que era tudo o que realmente importava.

— Eu as chamo como eu as vejo. Quer agendar uma pausa para o jantar? Talvez sushi?

— Pausas não estão realmente na minha agenda agora. Eu tenho um monte de coisas para me concentrar. Mas você pode pensar em não comer todos os bolinhos logo antes de dormir.

— Eu não tenho ideia do que está falando.

— Mentira. — ela acusou, mas eu fui salva de mentir mais. Meu bip da Casa Cadogan, um guarda necessita guarcesség⁵, mas zumbiam no meu criado-mudo. Inclinei-me e agarrei-a. OPS ROOM⁶, estava escrito. ASAP⁷.

Infelizmente, “ASAP” era traduzido apenas de uma forma na Casa Cadogan nestes dias: *É hora para outra reunião*.

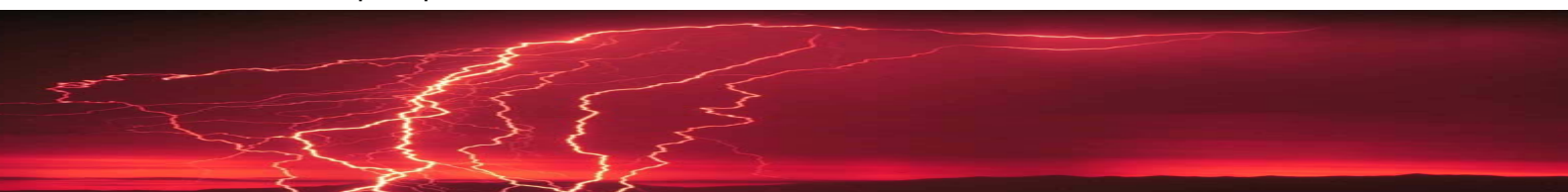
Mais uma vez, com sentimento: *outra* reunião. Kelley, nosso recém-nomeado capitão de guarda, era um fã.

— *Mal*. — eu disse, saindo da cama. — Eu preciso correr. É hora de brincar de Sentinela. Boa sorte com seus exames.

⁵ Junção entre as palavras guardas e necessidade.

⁶ OPS ROOM – SALA DE OPERAÇÕES.

⁷ ASAP - o mais rápido possível



Mallory fez um barulho ofendido. — Sorte não se aplica nisso. Mas doces sonhos para você.

Eu desliguei o telefone, não entusiasmada com a nossa conversa, mas bem consciente de que eu precisava escolher minhas batalhas. Eu tinha feito um trabalho muito ruim em apoiar Mallory quando ela descobriu que era uma feiticeira, principalmente porque eu estava atolada no drama vampiresco de novato na época. Eu precisava apoiar, mesmo que isso não fosse exatamente o lugar mais confortável para estar. Este não era o momento para sarcasmos. Ela me deu folga quando eu precisava disso, mas era hora de retribuir o favor.

Além disso, nós duas tivemos outras lutas para travar.

Luc levava seu trabalho a sério, mas ele também tinha um ótimo senso de humor.

Ele trouxe uma camaradagem brincalhona para a Sala de Operações, juntamente com um gosto para denim, palavrões e carne seca. Luc era um grande estrategista e a figura de um grande cara. Eu estava perfeitamente bem com todas essas qualidades.

Kelley, sua substituta, era inteligente, experiente e habilidosa..., mas ela não era Luc, botas de cowboy ou qualquer outra coisa.

Quando ela aceitou o cargo, ela tinha cortado o sedoso cabelo escuro em um curto e elegante repicado. Seu cabelo ficou todo negócios, e assim fizeram os guardas da Casa Cadogan. Nossos horários se tornaram mais exigentes, nossas reuniões mais formais. Ela programava exercícios diários e nos obrigou a mudança completa nos relatórios de final de turno. Praticamente tudo na sala de operações tinha se tornado virtual, e os poucos pedaços de papel que restaram foram codificados por cores, com abas, em ordem alfabética e agrupadas. Tivemos cartões de tempo e crachá com nome, e fomos obrigados a usar esta última durante nossas patrulhas noturnas pela Casa - para as relações públicas.

— Parte de manter uma casa segura. — Kelley disse. — É incutir um sentimento de confiança na vizinhança. Se eles souberem quem somos, eles estarão menos inclinados à violência.

Não é que eu não esteja de acordo. É apenas - crachá com nomes? Sério?



Mas enquanto eu pensava que a ideia era brega, eu não tinha a voz da oposição. Quando Ethan era Mestre, antes deles precisarem de mim de volta no corpo de guarda, eu passei a maior parte do meu tempo em missões especiais com ele. Agora que ele se foi, Kelley era o meu chefe e meu principal ponto de contato com a Casa.

Ela era o meu chefe, então não tinha argumentos para o crachá. Além disso, agora era o momento de solidariedade, crachá de nome ou não. Nós tivemos o suficiente de turbulência recentemente.

Surpreendentemente, a sala de operações estava livre quando cheguei, pós-banho e vestida com meu uniforme Cadogan - um preto e justo terno. Lindsey e Juliet estavam sentadas nas duas estações de computador da sala, enquanto Kelley estava em pé ao lado da mesa de conferência, um telefone celular na mão, com os olhos na tela.

— O que foi? — perguntei.

Sem uma palavra, Kelley virou seu telefone celular ao redor e em minha direção. Uma imagem enchia a tela ou o que eu assumi que era uma imagem, uma vez que a tela estava escura como breu e eu não pude realmente ver nada.

— Eu não entendo.

— Isto é o Lago Michigan.

Eu fiz uma careta, tentando descobrir o que eu tinha perdido. Lago Michigan compunha a fronteira oriental da cidade. Desde que sempre acordamos à noite, o lago estava sempre escuro como breu no momento em que eu acordava. Então, eu não entendia a preocupação.

— Sinto muito. — eu disse a ela me desculpando. — Mas ainda não entendo.

Kelley puxou o telefone, apertou alguns botões, e virou-o novamente. Desta vez, estava exibida uma foto de um copo cheio de água negra como tinta.

— Isso é água do lago Michigan. — ela explicou antes que eu pudesse perguntar. — A internet está ficando louca. Cerca de duas horas atrás, o Lago Michigan ficou completamente preto.



— E isso não é tudo. — Lindsey soltou, então girou em sua cadeira para nos encarar. — A mesma coisa aconteceu com o rio Chicago, pelo menos nos limites da cidade. Eles dois ficaram pretos, e pararam de se mover.

Eu me esforçava para entender o que elas estavam me dizendo. Quero dizer, eu entendi o significado literal das palavras, mas não fazia qualquer sentido. — Como eles poderiam simplesmente parar de se mover?

— Nós não estamos certas. — disse Kelley. — Mas temos um palpite que isto pode estar envolvido. — ela virou a tela para uma terceira imagem. Mostrava uma mulher pequena, mas com seios grandes, com longos cabelos ruivos e um vestido verde muito pequeno. Ela estava em uma ponte sobre o rio, os braços estendidos, os olhos fechados.

Eu tinha visto uma garota como essa antes, um certo número delas, na verdade. Ela parecia uma das ninfas que governavam os canais de Chicago. Eu as conheci antes, quando meu avô, mediador sobrenatural da cidade, tinha ajudado a resolver uma disputa.

— A ninfa do rio. — concluí, inclinando-me para mais perto da tela. — Mas o que ela está fazendo com a água?

— Nós não estamos inteiramente certas. — disse Kelley. — Esta foto está rondando a Internet, tal como a foto da água. Com base na indicação de tempo na imagem, o lago ficou às escuras alguns minutos depois que ela fez aquilo, o que quer que fosse “aquilo”.

Eu fiz uma careta. — Isso não é uma boa coincidência.

— Não, não é. — Kelley concordou. — Especialmente com o Prefeito convencido de que somos a raiz de todo mal.

O ex Prefeito Seth Tate tinha feito o seu alvo, pelo menos pré-acusação, por ficar a par da situação sobrenatural em Chicago e apoiar a nossa integração com a população humana. Ele montou o escritório do meu avô, e quando os vampiros saíram do armário, ele posicionou Chicago como a fronteira das relações sobrenaturais nos EUA.

Prefeito Kowalczyk não era o Prefeito Tate e ela certamente, não estava interessada em posicionar-se como uma amiga.



A campanha para sua eleição especial tinha sido curta, mas ela tinha deixado a sua posição muito clara. Chicago pode ter sido construída sobre o patrocínio, mas sob a administração Kowalczyk, o patrocínio não se estenderia aos vampiros ou shifters. Sem “tratamento especial” para seres sobrenaturais.

— Como se não estivéssemos populares o suficiente. — eu murmurei.

Quando ela e Lindsey trocaram um olhar, eu sabia que estava em apuros.

— O quê?

— Aqui está meu pensamento. — Kelley disse. — Eu sei que esta coisa da água não é exatamente o nosso problema, especialmente se as ninfas estão envolvidas. Eu duvido seriamente que qualquer vampiro criou o problema, e, provavelmente, o escritório do Ombud vá conseguir pessoas para trabalhar nisso, certo?

— É uma possibilidade concreta.

— Mas nós somos o rosto público dos sobrenaturais. — Kelley disse. — O público só sabe sobre nós e shifters, e Gabe os mantém às escuras. Se as pessoas começarem a pirar. . .

— Eles vão nos culpar. — eu terminei para ela. De repente nervosa, puxei a barra da minha jaqueta um pouco. — O que você quer que eu faça?

— Faça contato com seu avô. Descubra o que ele sabe, então, vá para a cidade. Mantenha um olho nas coisas, e faça tudo o que puder para ajudar o gabinete do Ombud, de preferência um pouco com o drama público ou envolvimento político quanto possível.

— E você? A Casa? Se eu estiver fora, você vai estar com as mãos ainda mais atadas.

Ela balançou a cabeça. — Não haverá uma Casa, se a Prefeita encontrar uma razão para crucificar-nos. — então, sua expressão suavizou. — Eu não pensei em perguntar – “Você vai estar bem fazendo isso?” Você não foi muito para fora da casa desde. . . você sabe.

Desde Ethan, ela queria dizer.



A última vez que eu tinha deixado a Casa em uma missão real, dois vampiros acabaram mortos, e apenas um tinha merecido. Eu poderia admitir que eu estivesse excessivamente tímida. A ferida ainda estava crua, o medo de estragar tudo e alguém acabar morto, ainda era afiado. O fato de que eu já tinha um demérito no meu arquivo por investigar Celina e irritar os GP no processo também não era animador.

Luc tinha discutido a questão, lembrando-me que Ethan não tinha sido estaqueado, porque eu fui descuidada, mas porque ele saltou na frente de um ex-vampiro viciado em drogas, e a estaca era para mim. Infelizmente, esse lembrete não tinha feito muito para amenizar a culpa ou fazer-me querer tentar novamente.

Kelley tinha sido paciente, deixando-me trabalhar em torno da Casa, em vez de jogar a Sentinela lá fora. Esse arranjo tinha adequado ao plano de Malik para nos manter fora do radar por um tempo. Nós tivemos mais do que o bastante de drama ultimamente.

Por outro lado. . . Olhei para a Sala de operações quase vazia. Além de mim, Juliet e Lindsey eram as duas únicas flechas que sobraram na *aljava*⁸ de Kelley. Alguém precisava acelerar, e eu era o único candidato que restou.

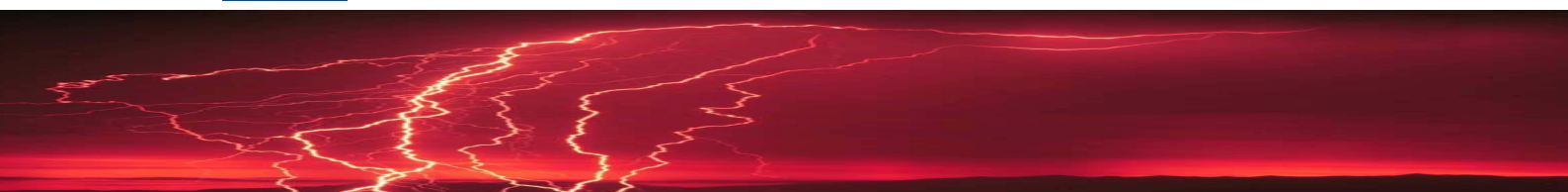
— Eu vou ficar bem. — eu concordei. — Eu vou ter um mano-a-mano com o meu avô sobre a imagem, caso eles ainda não saibam, e eu vou sair agora.

Houve um claro alívio na expressão de Kelley, mas não durou muito. — Eu odeio te enviar sozinha, e eu sei que você estava acostumada a trabalhar com Ethan como um parceiro. Infelizmente, não posso poupar ninguém agora. Você vai ter que levar isso por si mesma.

Eu esperava isso, e tinha uma estratégia no bolso de trás.

— Na verdade, eu conheci Jonah, o capitão da guarda da Casa Grey, na noite do fiasco do Temple Bar. — longa história curta, vamps drogado da Casa Cadogan tinham causado um tumulto que chamou a atenção de toda a cidade. Jonas tinha ido pela Casa Grey para verificar a luta, o nosso falso primeiro encontro. — Desde que nós estamos com falta de pessoal, e isso não é um problema específico da Cadogan, eu poderia ver se ele pode poupar um guarda. — é claro que ele tinha um reserva - ele mesmo.

⁸ **Aljava** (nome de origem [árabe](#), originalmente usado para designar uma saca em que se levava cereais) é um [equipamento](#), espécie de [coldre](#) ou estojo, usado para carregar as [flechas](#) usadas pelos [arqueiros](#) desde a mais remota [Antiguidade](#).



— Oh! — Kelley disse. — Essa é uma boa ideia. Eu não tinha considerado, mas ele definitivamente tem mérito. Sem trocadilhos.

Eu sorri educadamente, mas peguei a expressão curiosa sem censura de Lindsey. Ela definitivamente tinha perguntas sobre Jonah mais tarde.

— Faça isso. — Kelley disse. — Vá ao lago, e descubra o que diabos está acontecendo lá e o que temos de fazer sobre isso.

Eu prometi que o faria. Reticência, não obstante, é para isso que a Sentinela existia.

Com uma missão em mente, eu fui de volta para cima, para o meu quarto no segundo andar e me troquei para calças de couro e jaqueta, uma camiseta cinza por baixo, e então puxei as botas e coloquei o meu bip. Eu já estava usando minha medalha de ouro da Casa, o cartão oficial de membro da maioria das Casas Americanas de vampiros.

Eu desembainhei a minha katana, a arma oficial do GP vampiros, e verifiquei a sua borda. Estava afiada e ainda imaculada de sua última limpeza de papel de arroz.

Abri a gaveta da minha escrivaninha, onde uma adaga de dois gumes estava aninhada no topo das camisetas dobradas e muito fina para o Outono em Chicago. Não era exatamente um lugar fascinante para uma arma, mas era uma que parecia uma íntima conexão com as circunstâncias. Uma adaga era tradicionalmente apresentada ao Sentinela da Casa pelo seu Mestre; A maioria das Casas americanas não tiveram um Sentinela por um longo tempo, então Ethan designando-me e dar a lâmina era uma tradição.

A lâmina brilhava como cromo, a alça era pérola e suave como a seda ao toque. E no final da alça tinha um disco de ouro, uma combinação bem perto da minha medalha de Cadogan, inscrito com a minha posição.

Apanhei-a e corri todo o meu polegar pelos sulcos deixados pela gravação. Era um dos poucos lembretes físicos que eu tinha de Ethan, junto com a medalha e uma bola de beisebol assinada dos Cubs que ele tinha me dado para substituir uma que eu tinha perdido.



Era uma coisa estranha, estar em uma casa cercada por vampiros que ele tinha feito e decoração que ele tinha escolhido, a ter sonhos vibrantes e memórias dele, de ter estado à beira de um relacionamento quando ele foi morto, mas ter tão poucas lembranças do nosso tempo juntos.

Eu poderia ser imortal, minha vida teoricamente eterna, mas eu não tinha mais o controle sobre a passagem do tempo do que qualquer mortal. Assumi que as minhas memórias acabariam por desaparecer, assim eu saboreava as lembranças tangíveis de quem ele tinha sido.

Kelley tinha me dado tempo para lamentar, mas era hora de voltar ao trabalho. Eu pressionei meus lábios na gravura, então deslizei a adaga para dentro de seu coldre da bota. Eu puxei meu cabelo em um rabo de cavalo alto e peguei meu celular, disquei o número de Jonas.

— Lago Michigan? — ele respondeu.

— Yep. Você se importa em brincar de ajudante de sentinela, esta noite?

Jonas fez um barulho sarcástico. — Eu sou o mais velho e mais sábio vamp. O que faz de você o ajudante.

— Eu sou melhor com uma katana.

— Isso ainda precisa ser visto. E eu tenho mais graus.

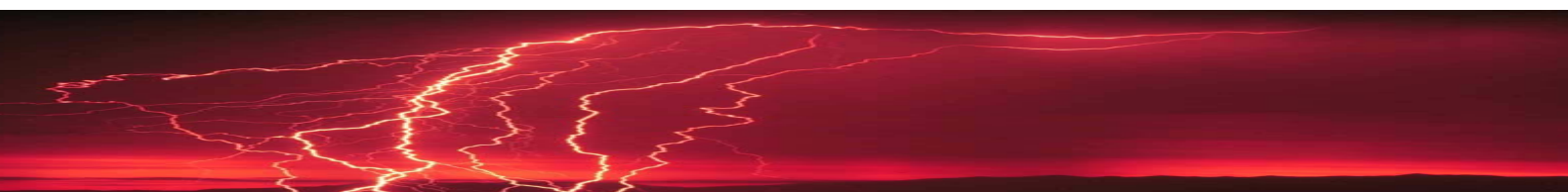
Ele estava certo, ele tinha me batido nessa. Minha mudança para vampiro tinha interrompido meus estudos de doutorado; Jonah havia conseguido quatro graus de pós-graduação, mesmo com presas. Eu era mulher o suficiente para admitir alguma inveja acadêmica.

— Tudo bem. — eu disse, revirando os olhos. — Ninguém é o ajudante.

Igualdade de direitos. Onde devemos atender?

— Eu tenho um amigo com um barco, mas ele já está na doca seca para a estação. Navy Pier. Meia hora. Oh e Sentinela?

— Sim?



— Se a porta estiver trancada, não se esqueça de que você é forte o suficiente para escalá-la.

Excelente. Eu poderia agora adicionar - invasão de domicílio - para a seção de habilidades do meu currículo.

Punhal na bota e na mão, desci a escada principal da Casa para o primeiro andar e alguns pés mais perto do meu indiferente carro.

Eu estava no *hall* de entrada, chaves na mão, quando Luc e Lindsey desceram as escadas de mãos dadas, ambos parecendo muito apaixonados. Sua relação floresceu não tornando a minha própria dor mais fácil de suportar, mas se eu estava brincando de otimista, pelo menos algo de bom tinha vindo do fim de Ethan.

— Sentinela. — Luc disse. — Você está saindo para verificar este problema da água?

— Eu estou.

— É a primeira vez nas ruas há algum tempo.

— A primeira missão relacionada da Casa há algum tempo, certamente.

— Está nervosa?

Eu pensei sobre a minha resposta por alguns segundos. — Não tão nervosa para estar desconfortável. Eu sei que Ethan nunca foi fácil de ter ao redor. Ele era um professor inflexível, e havia dias em que eu sentia como se fosse um pedaço de barro que ele estava tentando moldar em algo diferente.

— Como se toda viagem fosse um ponto de ensino?

— Como isso, sim. — eu disse com um aceno de cabeça. — Mas acho que ele foi me descobrindo. Aprendendo quem eu era, e aprender que eu poderia ser uma ajuda para a Casa por conta própria, sem alterações. — sorri um pouco, apesar de mim mesma. — Ele era um imperialista, uma dor na bunda. Mas ele era minha dor na bunda, sabe? E esta noite, eu não vou estar com ele.



Isso definitivamente se parece estranho.

Sem aviso, Luc estendeu a mão e agarrou-me em um esmagador abraço de urso.
— Você pode fazer isso, Sentinela.

Prendi a respiração e dei um tapinha nas costas dele até que ele me soltou. — Obrigada, Luc. Eu aprecio isso.

— Você tem apoio? — Lindsey perguntou.

— Jonas, o capitão da guarda Grey se ofereceu para tomar ponto. Ele vai me encontrar no centro. E eu posso ligar para o meu avô, é claro.

Luc colocou um braço em volta do ombro de Lindsey. — Você sabe que estamos aqui para você, é claro.

— Eu sei. Vocês dois são meus vampiros preferidos.

— Você mal tolera a maioria dos vampiros. — Lindsey disse com uma piscadela.
— Então eu não tenho certeza se isso é muito.

Eu mostrei minha língua para ela, mas fez um gesto em direção à porta. — Você quer andar comigo lá fora?

— Com certeza. Estou saindo para uma caminhada em volta do terreno de qualquer maneira. — ela se inclinou e beijou Luc na bochecha. — Eu te acho depois da troca de turno.

— Você sabe disso, Loirinha. — ele disse. Ele lhe deu um bom tapa na bunda, e depois ofereceu-me uma saudação. — *Bon Chance*⁹, Sentinela.

Lindsey pegou minha mão e praticamente me arrastou até a porta. Mas ela conseguiu esperar até que estivéssemos fora e na calçada antes do interrogatório começar.

— Então, você está saindo com Jonah novamente?

⁹ Boa sorte em francês



— Novamente? — perguntei em voz alta, não querendo comprometer-me a uma resposta até que eu soubesse o quanto ela sabia.

— Wow, me dê algum crédito. Eu estive viva por um bom tempo, e eu sou um dos melhores guardas que esta Casa tem a oferecer.

— É uma pequena amostra. — eu rebati, mas ela me cutucou no ombro.

— Foco. Tenho certeza que ele é a razão pela qual você estava brilhando um pouco noite passada.

— Eu não estava, não estava brilhante. — eu estava brilhante? E como ela soube que eu tinha visto Jonas? Quando eu tinha me tornado o tema da conversa da Casa?

— Você estava brilhando. — ela colocou a mão no meu braço. — E está tudo bem. Tudo bem, você ter um amigo, ou um amante. . .?

Havia realmente, esperança, em sua voz, eu decidi não tomar isso como um elogio.

— Ele é um amigo. Um colega. Apenas um colega.

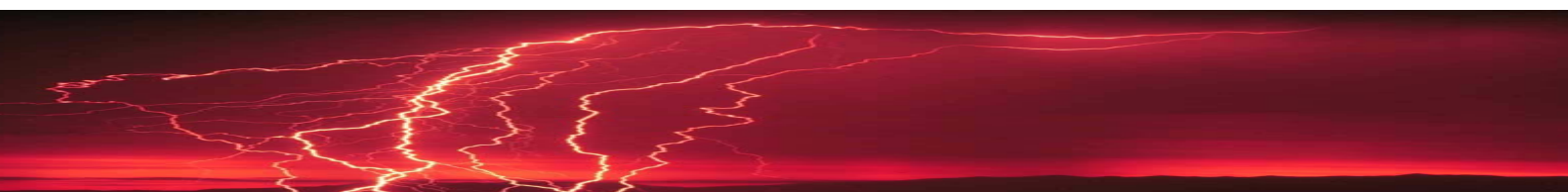
— Será que ele sabe disso? — minhas sobrancelhas levantaram, ela balançou a cabeça. — Quero dizer, Merit, pelo que ouvi o cara está passando tempo com você. Chame-o de trabalho ou o que quiser, mas caras não investem tempo, se eles não estão interessados.

— Confie em mim. — eu disse. — Isso é negócio. — mesmo que ele estivesse vagamente interessado, Jonah ainda era meu recrutador GV. Ele tinha interesse em manter-me segura.

— Será que isso vai ficar desse jeito?

Desviei o olhar, embaraçada com a pergunta. Ethan tinha ido embora há apenas dois meses. Eu sabia que Lindsey queria ver-me de voltar à vida, mas a ideia de namorar alguém parecia apressado, desrespeitoso ante a memória de Ethan.

— Você não está pronta para falar sobre isso, está?



— Que resposta você vai acreditar?

Lindsey suspirou e envolveu um braço ao redor dos meus ombros. — Você sabe o que precisamos? Precisamos endurecer um pouco você.

Fortalecer suas bordas. Você encontrará um impiedoso vamp mais fácil quando o brilho se for.

— Yay. — eu disse sem entusiasmo, torcendo meus dedos como a favor do partido. — Estou realmente ansiosa para isso.

— Você deveria estar. Você vai ter um cartão de membro e uma assinatura vitalícia da *revista mensal, impiedosos vampiros*.

— Será que vem com uma bolsa de graça?

— E uma torradeira. — ela fez um gesto em direção aos fundos da casa. — Eu vou começar a trabalhar e dar uma olhada ao redor do quintal. Boa sorte esta noite.

Se apenas fosse uma questão de sorte.



Capítulo 3

Morte na água

Alguns aspectos da cidade eram espetaculares. Um cruzeiro fluvial no pôr do Sol. O Field Museum em um dia chuvoso. Wrigley Field praticamente em qualquer hora. Havia até gastronomia molecular, se você estivesse a fim desse tipo de coisa (não, obrigada), ou comidas apimentadas, se fossem do seu gosto (sim, por favor!).

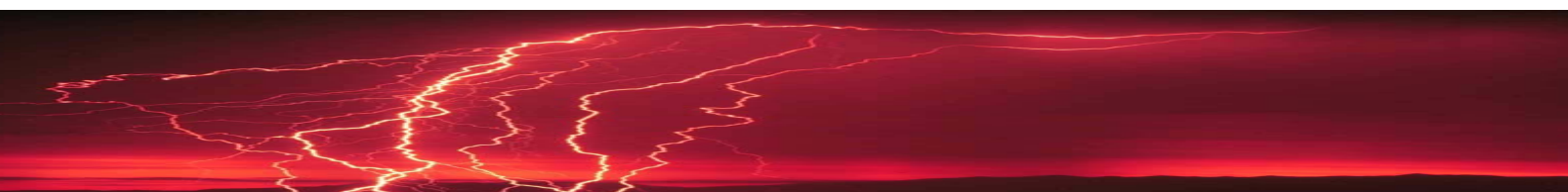
Outras partes eram menos fabulosas. Invernos em Chicago tinham todo o charme de um dorminhoco às sete da manhã. Política era uma bagunça combustível. E então havia a maior ironia do mundo: Mesmo com o transporte público, mesmo com o tráfego, mesmo com as construções, mesmo com o fiasco que estacionar na rua era, a maioria de nós tinha carros. Mesmo estacionar em casa precisava de uma autorização, e nem me venha com “direitos”.

Já que o estacionamento era geralmente um desastre, eu tinha me preparado para mandar uma mensagem a Jonah e avisá-lo que eu levaria uma hora para encontrá-lo no Píer da Marinha – vinte minutos para chegar lá e quarenta para achar uma vaga e fazer a caminhada.

Felizmente, embora Chicago fosse uma cidade muito cheia em qualquer parte do dia, era um pouco mais vazia nas horas que os vampiros saiam. Negócios no Loop estavam fechando enquanto eu procurava por um lugar para estacionar, então eu achei uma vaga na rua e corri para a entrada do píer, uma mão na minha espada para que não ficasse batendo no meu lado.

Eu tinha evitado a Estrada do Lake Shore, pensando que estaria cheia de curiosos. Consequentemente, eu não olhei para a água até me aproximar do Píer da Marinha. Minha primeira olhada podia ter sido atrasada, mas isso não diminuiu o choque. Claro, o lago à noite sempre tinha sido escuro. Às vezes era tão escuro que parecia a beira do mundo. Chicago, a última parada antes do abismo. Mas você poderia avistar uma onda branca quebrando ou um brilho da lua na água, e você sabia que o Sol iria nascer e o lago apareceria novamente.

Mas esse escurecimento era algo totalmente diferente. Não havia movimento, vida, reflexão. Não havia ondas quebrando, e a lua batia na superfície lisa e negra como se fosse um buraco negro na terra.



E não só pareceu estranho – *a sensação* era errada.

Vampiros não eram criaturas mágicas em si. Nós éramos o resultado de uma alteração genética que nos deixou mais poderosos que humanos, mas com fraquezas profundas – incluindo estacas de álamo e luz do sol. Mas podíamos sentir magia ao nosso redor, geralmente um tremor leve, apimentado e cafeinado no ar.

Hoje não havia somente a ausência de magia – o lago, na verdade, parecia um vácuo mágico, sugando quaisquer magias existentes em sua boca. Eu podia sentir a magia sendo puxada perto de mim, como um vento gelado de inverno empurrando umidade. A sensação era desconfortável, uma brisa irritante abaixo de minha pele, e era ainda mais estranho, já que o ar estava perfeitamente parado.

— Quem poderia transformar o Lago Michigan em um tipo de pia mágica? — eu ponderei em voz alta.

— Isso seria a pergunta principal.

Eu pulei com as palavras, e olhei atrás de mim. Jonah estava vestindo jeans, botas e uma camiseta de manga comprida cinza com - COLÉGIO DA MEIA NOITE - estampada na frente. A escola era falsa, um disfarce usado por membros da GV para sinalizar seus envolvimento, se as coisas dessem errado.

Provavelmente não era adequado ele estar usando uma agora.

— Você consegue sentir isso, também? — eu perguntei.

— Eu consigo agora. Eu não conseguia na Casa. Não gosto disso. — ele adicionou, examinando o lago. — Mas vamos andar pelo píer. Eu quero me aproximar mais da água.

Eu assenti e o segui, acabando de perceber que uma multidão de pessoas estava se movendo em direção ao lago. Eu acho que todos queriam dar uma olhada. Infelizmente, linhas de Chicagolans juntos, se movendo em massa no escuro pareciam desconfortavelmente com zumbis. Tremi involuntariamente, e segui Jonah.

Ele estava certo sobre o píer. O portão de dez pés de altura estava trancado. Depois de esperar dois guardas passarem, ele pulou sobre a cerca com mínimo de esforço. Olhou de volta para mim, e me chamou com uma mão.

Eu tinha pulado sobre uma cerca antes, mas não estava animada para fazer isso de novo em frente dessa audiência em particular. Meus nervos pularam, eu respirei fundo, recuei alguns passos, e pulei. Alcancei alguns pés de altura, e escalei para alcançar o topo. Mas bem quando joguei minhas pernas para o outro lado, fui presa pelo bolso da jaqueta por um nó do



poste da cerca. Com os braços e pernas torcidos, cai no chão de bunda, machucando meu ego e traseiro.

— Depois de tanto esforço para cair graciosamente. — Jonah riu; oferecendo-me uma mão. Resmunguei alguns comentários, mas peguei sua mão e deixei-o me levantar.

Fiquei de pé e tirei o pó de baixo de mim. — Eu consigo escalar uma cerca. Já fiz isso antes.

— Portanto, qual o problema?

A plateia, eu pensei, mas mantive o pensamento em segredo. — Nervosismo, eu acho.

Jonah assentiu. — Para realmente utilizar suas habilidades, você tem que abandonar seus preconceitos humanos e confiar em seu corpo.

Antes que pudesse dar um corte, Jonah pegou minha mão e me puxou até o canto de um edifício bem antes do guarda passar, seu walkie-talkie chiando com conversa sobre o lago.

Quando ele se foi, Jonah espionou pelo canto. — Ele foi embora. Vamos.

Nós fomos até o píer pela direção contrária. Estava deserta, a cabine de ingressos, restaurantes, e vendedores de lanches fechados, os barcos de tour em docas secas, por causa do inverno. Nós margeamos os prédios para manter um perfil discreto e corremos na doca – quase uma milha – até o seu fim.

Havia uma área aberta no fim do píer, então procuramos por guardas e passamos por uma barraca de bandeiras que ficava na beira. Ajoelhei-me e olhei para a água. Assim como tínhamos visto antes, o lago estava preto e absolutamente parado. A água parecia uma camada preta de gelo, perfeitamente congelada e lisa. Não tinha cheiro, e era completamente silenciosa. Não havia sinais, e nem sons de vida, também. Sem ondas batendo. Sem gritos de gaivotas. O lago estava estranhamente parado e estranhamente quieto.

Também estava estranhamente antimágico. O vácuo era mais forte aqui, assim como a sensação de magia sendo puxada em direção ao lago.

Chicagolans sempre tinham tido um relacionamento de amor e ódio com o lago. Amontoávamo-nos perto dele no verão, e condenávamos os ventos congelados que saíam dele no inverno. Mas as reações dos humanos seriam diferentes em magnitude. Antes, os humanos temiam sobrenaturais pelo que éramos. Agora, eles iriam nos temer pelo o que poderíamos fazer.

Não foi a primeira vez que eu desejei que Ethan estivesse aqui, mesmo que para brigar. Ele já estaria enterrado em estratégias, imaginando como evitar a possibilidade dos humanos culparem os vampiros pelo o que estava acontecendo.



Eu olhei para Jonah, atrás de mim. — Isso vai ser ruim.

— É o meu pensamento. E estou completamente perdido. Quatro diplomas. — ele adicionou, com um sorriso enigmático. — E eu ainda estou completamente perdido.

Previsivelmente, eu revirei meus olhos. — Bem, vamos fazer o que podemos com o que temos. Talvez possamos encontrar alguma pista sobre a origem.

O primeiro passo nessa tarefa, eu imaginei, era descer lá e sentir a água. Olhei ao redor e avistei uma escada acessível que levava ao lago, e então procurei no píer por algo para cutucá-la. Afinal, não havia chance de eu colocar meu pé em um mágico buraco negro.

Depois de alguns segundos de pesquisa inútil, Jonah me deu o que parecia um graveto de fogos de artifício usado.

— Turistas. — ele sugeriu neutramente quando olhei curiosamente.

— Provavelmente. — eu concordei. — Mas vai funcionar. — tirei minha katana do cinto e a dei para ele, e então desci a escada. Quando estava perto o bastante da água, mergulhei o graveto.

A água estava tão opaca que eu meio que esperava o graveto bater e quicar de volta. Em vez disso, não houve resistência alguma. Quando levantei o graveto da água, não havia ondas – as poucas gotas de tinta nele simplesmente caíram de volta na água sem nenhum efeito.

— Você está vendo isso? — eu perguntei, olhando para o píer.

— Sim, embora não tenha ideia do que seja. — ele estendeu uma mão. — Suba daí. Você está me deixando nervoso.

Com um aceno, sacrifiquei o graveto para o lago e subi de volta. Jonah devolveu minha katana e eu a coloquei no cinto; e nós ficamos ali, por um momento, silenciosamente observando a água.

— Então, para resumir. — eu disse. — Temos um lago e aparentemente um rio que ficou preto, absorveram magia, e não obedecem mais as leis da física. E isso é só o que podemos ver. Pode ter mais embaixo da superfície.

— As perguntas agora são: por que e como.

— Você viu a foto da ninfa do Rio na ponte? Pareceu que ela estava lançando algum tipo de feitiço.



— Eu vi. — ele disse. — Mas isso não pode ser trabalho das ninfas. Mesmo se estivessem lutando, elas amam a água. Não fariam nada para destruir o lago ou o rio.

— Não propositalmente. — eu sugeri. — Mas como sabemos, existem várias maneiras de se controlar as populações sobrenaturais. — afinal, Tate tinha traficado V, uma droga que tornou os vampiros mais agressivos e sedentos por sangue que o normal. Ele tinha usado para controlar Celina. Talvez ele não tenha sido o único na cidade com controle sobrenatural em mente.

— É verdade. — Jonah disse. — Mas se você quisesse controlar uma população, por que ninfas? Elas controlam os recursos do lago e do rio. Isso não é exatamente uma magia poderosa. E mesmo se tivessem sido alvos, por que matar o lago? Qual é o objetivo?

— Talvez o objetivo seja desequilibrar a cidade. — eu sugeri. — Um pouco da água da cidade vem do lago, então talvez eles quisessem mexer com o suprimento de água?

— Para nos desidratar até a morte?

— Ou começar rixas.

Ficamos quietos por um momento.

— Então temos duas teorias. — ele disse. — Isso tem algo a ver com as ninfas, o que explicaria a foto, ou isso tem algo a ver com o lago. Infelizmente, nenhuma das teorias nos diz alguma coisa.

— Na verdade, pelo menos nos dá um lugar para começar. — eu peguei meu celular. Tinha me encontrado com ninfas antes, e conhecia duas pessoas que tinham jeito com elas. Meu avô e Jeff Christopher, o empregado de meu avô. O garoto tinha jeitinho.

Prontamente, Jeff respondeu a ligação. — Fale comigo, Merit.

— Estamos no lago. Você já o viu?

— Sim. Estamos no DuSable Harbor. Queríamos ver por nós mesmos. E agora que estamos aqui.... — ele pausou. — Louco, não é?

— Muito. Alguma ideia de como aconteceu?

— Temos discutido sobre isso, mas é completamente sem precedentes. Até Catcher ficou chocado, e Catcher não se choca com muita coisa. — pude ouvir o fio de preocupação em sua voz, como uma criança que havia visto, pela primeira vez, seus pais perdidos. Eu não invejei o sentimento.



— Jeff, tem uma foto circulando pela internet de uma ninfa em cima do rio, e parece que ela está lançando um feitiço ou algo assim. É possível elas estarem envolvidas – ou alguém querer que suspeitássemos delas?

— Ninfas não lançam feitiços; então seja lá o que ela estivesse fazendo, não era isso.

— Então ela foi incriminada?

— Ou um turista tirou a foto errada na hora errada.

— É uma possibilidade. — eu permiti. — Mas de qualquer jeito, valeria à pena conversar com as ninfas e ver suas perspectivas. Estamos no Píer da Marinha. Podemos encontrar vocês em algum lugar?

Houve uma pausa, provavelmente enquanto ele discutia lógicas com Catcher ou meu avô.

— Encontraremos vocês na frente do píer. — ele disse. — Dez minutos.

Era exatamente o tempo que levaria para Jonah e eu andarmos de volta... e esperançosamente não sermos pegos por um segurança.

— Nós estaremos lá. — eu prometi a ele, e demos início à caminhada novamente.

Andamos quietamente de volta ao ponto de partida. Não havia sinal dos guardas, que tinham provavelmente abandonado seus turnos para encarar o lago. Problema emergiu bem depois de Jonah ter pulado o portão. Eu estava alguns pés atrás dele, me preparando mentalmente para fazer o salto de novo. Para minha surpresa, eu executei o movimento muito mais graciosamente e estava descendo de novo quando a gritaria começou. O barulho era alto o bastante para destruir minha concentração. Perdi a forma no meio do ar, e atingi o chão em um tropeção indigno. Demorou alguns passos, mas eu finalmente terminei de pé e comecei a analisar os terrenos em busca da fonte dos gritos.

Mais fácil dito do que feito. O barulho ecoava estranhamente pelos edifícios no píer e na Torre do Lago Pointe, a torre com o formato de um trevo que ficava entre o Píer da Marinha e o resto de Streeterville.

Jonah encontrou o drama primeiro, apontando em direção a um pedaço de terra verde na frente do píer. Um bando de pessoas – talvez uma dúzia – estava berrando e gritando no há pouco silencioso ar noturno. Do formigamento no ar – um formigamento que estava sendo sugado para dentro do vácuo atrás de nós – estava claro que a briga era mágica.

Corremos até lá, e eu quase dei um encontrão em Jonah quando ele parou; olhos arregalados pela cena em sua frente. Ele mal conseguiu gaguejar uma resposta. — Eu já vi



fotos, mas nunca pessoalmente. Elas são -Wow. Têm tantas delas. E elas são tão – com os vestidos e os cabelos...

Jonah estava certo. Havia tantas delas, e os vestidos e cabelos definitivamente chamavam a atenção. Elas eram bonitas e curvilíneas, todas com cabelos longos, todas com vestidos curtos. Cada vestido era de uma cor, correspondendo o trecho do Rio Chicago pelo o qual elas eram responsáveis.

Uma única ninfa – a ruiva da foto que Kelley tinha me mostrado – estava rodeada por dez ou doze outras. Elas estavam, no momento, só gritando obscenidades, mas pareciam mais do que dispostas a lutar.

Eu tinha visto ninfas do Rio lutar antes, e não queria participar. Elas usavam unhas e puxavam cabelos. Eu preferia um chute crescente na cabeça em qualquer dia.

— Aquelas são ninfas do Rio. — eu disse a Jonah, e o empurrei para frente. — Vamos.

Alcançamos o círculo de ninfas em segundos, mas elas mal se importaram. Estavam muito ocupadas repreendendo a ninfa ruiva no meio do círculo. E mesmo sendo fofas e bonitas e todas as coisas femininas e polidas, elas tinham boquinhos destruidoras. Até Jonah recuou quando uma ninfa loira fez uma comparação não lisonjeira entre a mãe da ruiva e uma cadela.

— Isso não é feminino. — ele murmurou.

— Bem vindo ao mundo das ninfas. — eu disse, e dei um passo em frente, assim como vi Jeff fazer uma vez. — Senhoras, talvez nós possamos nos acalmar e relaxar um pouco?

Se elas estavam muito nervosas para notar a sugestão de paz ou muito sem interesse, elas me ignoraram. Durante a tentativa de reforçar seu insulto com uma ameaça física, o salto de uma morena ficou preso na grama. Ela tropeçou para frente, mas o resto das ninfas pensou que o movimento era uma ameaça. Com gritinhos de golfinhos e os sons de tecido rasgando e saltos batendo, o círculo inteiro irrompeu em violência.

Infelizmente, eu tinha me aproximado muito e fui arrastada junto.

Cobri minha cabeça com um braço e saí empurrando no caminho até o meio do círculo, tentando alcançar a ruiva e puxá-la da bagunça. Eu fechei meus olhos contra unhas voadoras e recuei pela força dos seus cotovelos pontudos. Eu tinha entrado na luta delas, então derrubá-las não era um movimento politicamente viável. Mas eu também não ia perder um olho em uma briguinha de gatas.



Tinha acabado de encostar no vestido da ruiva quando um salto me atingiu na têmpora. Eu soltei um xingamento, caindo de joelhos no meio da luta enquanto dor saltava pela minha cabeça. Cautelosamente toquei o lugar e voltei com dedos cobertos de sangue.

Infelizmente, eu não era a única sangrando. As ninfas estavam cortando umas às outras com unhas com francesinhas e saltos caros, e cada corte colocava sangue ninfa – adstringente e com cheiro de canela e cheio de magia – no ar. Como eu tinha o controle de uma vampira recém-nascida, deixei minhas presas descenderem, e assumi que meus olhos – normalmente azuis – tinham ficado pratas.

Estava pensando se engatinharia até a segurança ou me levantaria e faria outra tentativa de separar os corpos quando um assobio alto cortou o ar.

Toda a luta parou. As ninfas pararam de se agarrar e se viraram em direção ao barulho.

Jeff Christopher entrou no caos como James Bond, todo relaxado e confiante, e ganhou a atenção de todas elas.

Eu não tinha certeza se era por ser um Metamorfo, ou por ser Jeff, mas era a segunda vez que o vi comandar as ninfas como um Stradivarius¹⁰, e não era menos impressionante da segunda vez. Jeff passava um tempão bancando a sombra jovem, magra e nerd de Catcher, mas não havia erro no homem que ele estava se tornando.

Jeff esticou uma mão e me ajudou a levantar, recuando ao que parecia ser um corte gigantesco. — Você está bem? — ele perguntou.

— Vou ficar bem. — eu confirmei, passando as costas da minha mão para limpar o sangue. — Elas iam para cima da ruiva. Interferi para tirá-la de lá, e foi isso. Estou caindo fora. Você está dentro.

— Vá se cuidar. — ele disse; sua voz um oitavo mais profunda que o normal, enquanto ele bancava o macho pacificador. — Eu lido com isso aqui.

Perfeitamente contente em deixá-lo fazer isso, eu saí do caminho e fiquei parada enquanto Jonah pressionava um lenço de algodão na minha testa. Mas eu mantive meus olhos fixos em Jeff e nas ninfas, já que de jeito nenhum perderia ele fazendo sua mágica.

Eu não era a única interessada no show. Catcher atravessou o gramado com meu avô logo atrás. Catcher, por todos os ângulos, tinha nascido com uma atitude brusca, apesar dos músculos e olhos verdes – e o fato que ele amava e respeitava minha melhor amiga no mundo

¹⁰ **Stradivarius** é uma das mais famosas marcas de instrumentos de corda do mundo. Seu construtor produziu vários violinos e violoncelos.



– geralmente recompensava. Em seu estilo usual, Catcher usava uma camiseta justa com RIDÍCULO estampado em letras maiúsculas, e jeans escuros sobre botas. Os óculos grossos estilo Buddy Holly que ele tinha colocado junto com a roupa era uma reviravolta nova, mas ele os tirou.

Meu avô estava vestido em roupas tipicamente de avôs – calças de moletom e uma camisa simples abotoada com uma jaqueta aparentemente confortável com elásticos nas mangas e cintura. Seu rosto se fechou em preocupação quando me viu, mas eu deixei de lado.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Eu estou agora que o herói sem capa chegou. — eu gesticulei em direção a Jeff, que tinha cruzado seus braços sobre o peito e estava olhando para cada uma das ninfas. Elas pareciam amarrotadas e desapontadas – como se embaraçadas por ele ter flagrado-as lutando e por não estarem em seu melhor visual. Algumas delas arrumavam seus cabelos e endireitavam a barra dos vestidos, aparentemente inconscientes de que Jeff tinha sido pego por Fallon, um Metamorfo fêmea com atitudes e habilidades para aguentar.

— Quantas vezes eu tenho que dizer para você não chegar muito perto?

Eu olhei para Catcher, que estava me observando com uma mistura típica de diversão e irritação, e mostrei minha língua a ele. — Eu tentei ajudar. Elas estavam indo para cima de uma das garotas. Fui atingida na cabeça.

— Por um salto. — Jonah prestativamente colocou. — Ela foi atingida na cabeça por um salto.

Eu sorri severamente. — Oh, e esse é Jonah. — eu disse ao meu avô. — Capitão dos guardas da Casa Grey. Já que estamos com pouco pessoal, ele se voluntariou para vir junto. Jonah, meu avô e Ombudsman, Chuck Merit, e Catcher Bell. — eles se conheciam, mas eu fiz as introduções formais só por precaução.

Jonah e Catcher dividiram um dos daqueles gestos. — É bom te conhecer, mas eu mal vou reconhecer sua existência com um aceno pequeno porque essa é a coisa macha a se fazer-de homem.

Meu avô, pelo outro lado, olhou para mim duvidosamente. — Merit, eu conheço Jonah, obviamente.

— Obviamente? — eu perguntei, olhando entre os dois.

Meu avô e Jonah trocaram um olhar que sugeriu que Jonah não tinha sido completamente honesto sobre seu histórico – ou que eu tinha esquecido algo substancial.



Meu peito palpitou um pouco pela possibilidade que me atingiu, e eu apontei para Jonah. — Você é a fonte vampira! O secreto empregado vampiro do meu avô.

— Eu não me lembro de ser um secreto empregado vampiro. — Jonah disse lentamente. — E eu acho que teria me lembrado disso. Com certeza eu teria um formulário de imposto ou algo assim. — ele olhou para meu avô. — Você está contratando?

— Não no momento. — ele respondeu. — E embora seja uma hipótese interessante, é a errada. Você não se lembra dele?

Eu franzi o rosto. — Lembrar-me dele? Do quê?

Mas antes que o mistério pudesse ser resolvido, os eventos se desenrolaram na cidade ninfa.

— O que, em nome de Deus. — Jeff soltou. — Faria vocês pensarem que lutar no meio do Parque do Píer da Marinha era uma boa ideia? É um lugar público! A cidade mal esta se aguentando agora, e vocês estão brigando como crianças. Você acha que isso vai ajudar vocês?

As ninfas pareciam apropriadamente envergonhadas. Eu olhei ao redor, pensando no que as pessoas achariam. Jonah e eu tínhamos ouvido a gritaria a metros de distância, e dado o estado do rio, não éramos os únicos circulando.

Jeff as encarou como um general insatisfeito com suas tropas. — Tudo bem. — ele disse. — Diga tudo para mim.

— Alanna nos azarou. — proclamou uma ninfa chamada Melaina, que eu conheci da última vez que as ninfas estavam lutando. Ela apontou para a ruiva. — Você viu a foto dela? Fomos azaradas!

— Então foi magia? — eu perguntei em voz alta. — Alanna fez algum tipo de encanto? — mesmo não estando animada pela possibilidade das ninfas do Rio estarem brincando de abracadabra com a cidade, pelo menos nos dava uma resposta. Eu gostava de respostas.

Alanna pulou para frente, seu vestido verde mal cobrindo seu corpo enquanto se movia. — Eu não fiz tal coisa!

Jeff olhou de volta para mim. — Melaina disse - azarou - no sentido metafórico.

Jonah se inclinou para frente. — Te disse. — ele sussurrou.

Eu ergui uma mão, e apontei para Alanna. — O que você estava fazendo com o rio?

Alanna fechou os olhos, agora brilhando com lágrimas. — Eu estava abraçando-o. Eu podia senti-lo mudando, morrendo. Precisava de mim.



Como se entristecidas pela lembrança, as ninfas começaram a chorar em vozes baixas e tristes, cantando um canto fúnebre pela água doente.

Seu luto à parte, elas não estavam prontas para perdoar Alanna. — Ela nos fez parecer más. — enfadou-se uma ninfa morena. — Ela fez parecer como se tivéssemos feito magia má. E agora a cidade nos culpa pelo que aconteceu.

— Quem tirou a foto? — perguntei a Alanna.

Ela suspirou. — Eu não sei. Havia garotos humanos na ponte mais próxima. — ela sorriu um pouco. — Eles disseram que eu era bonita.

E eles têm a foto para provar, eu pensei.

— Dói agora. — chorou um tipo de pinup vestida de vermelho com manicure vermelha perfeita.

— Dói? — Jeff perguntou.

— Podemos sentir a magia nos deixando. — ela disse, esfregando seus braços como se estivesse lutando contra um arrepio repentino. — Algo esta puxando a magia, e faz nos sentir... vazias.

Agora que ela mencionou, as ninfas pareciam mesmo um pouco mais cansadas que o normal. Estava escuro no parque, mas eu podia ver as sombras fracas de círculos embaixo de seus olhos e abatimento em suas expressões.

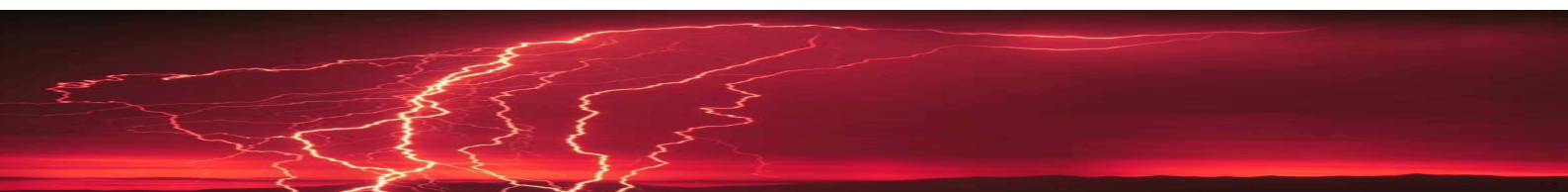
— Você pode fazer algo sobre isso? — eu perguntei a Catcher. Ele balançou sua cabeça.

— Há magia trabalhando aqui. Não é o tipo de coisa que eu posso controlar. Eu posso controlar o universo. — ele adicionou à minha expressão confusa. — Isso não é o universo. É magia – de mais alguém – e que está fora do meu alcance.

— É magia que você reconhece? — eu perguntei, me agarrando às informações. — Tem alguma assinatura nela? Talvez um feitiço que você tenha visto antes ou formigamento familiar? Qualquer coisa?

— Não é familiar para mim. Eu já vi o ocasional feitiço de empréstimo. É basicamente só uma maneira de “emprestar” a magia de alguém. Mas nesse feitiço, o vácuo sai de quem lança o feitiço. Aqui, o lago é o vácuo. E não é como se o lago pudesse lançar seu próprio feitiço.

Ambos olhamos para o lago em silêncio.



— Eu posso sentir minhas forças diminuindo enquanto estou aqui. — ele quietamente adicionou. — Eu diria que abaixou para oitenta por cento? Mas que droga eu não saber o que fazer sobre isso.

— E se nós não concertarmos? — eu perguntei a ele.

O olhar que ele me devolveu não ofereceu muita esperança. — Eu acho que é possível. — ele disse quietamente. — Que a magia das ninfas se dissipe completamente e elas perderiam completamente sua conexão com a água. Eu acho que ficaria mais forte quanto mais longe for daqui, mas elas só podem se distanciar da água por um tempo.

Catcher tinha falado quietamente, mas as ninfas devem tê-lo ouvido. Houve mais choradeira, e o luto delas estava dizendo: O que tivesse acontecido com a água, fosse o que fosse; essas garotas não eram responsáveis.

— Esse é o universo completo das ninfas? — eu perguntei a Catcher, que fez uma contagem visual rápida, e assentiu.

— Elas estão todas aqui.

— Nenhuma dessas garotas enfeitiçou o lago. — eu disse. — Não com esse tipo de tristeza. Eu realmente acho que podemos dispensar o envolvimento das ninfas.

— Eu concordo. Infelizmente, isso também leva a pista para um beco sem saída. — Jonah disse.

— Talvez não. — eu sugeri, e dei um passo à frente. — Senhoras, está claro que vocês não machucariam o rio ou o lago.

A cantoria parou, substituída por um zumbido satisfatório.

— Mas algo está acontecendo lá fora. Alguém transformou o lago em um vácuo mágico. Talvez para machucar o lago. Talvez para machucar a cidade. Talvez para machucar vocês. Se as ninfas do Rio não estavam envolvidas, vocês sabem quem poderia estar?

Como uma só, as ninfas pararam e olharam para mim, seus olhos estreitos com malícia.

— Lorelei. — disse uma ninfa loira com confiança séria. — A sereia.



Capítulo 4

Chicago dá, Chicago tira.

Assim, acabou que cada extensão de água tinha seu próprio protetor. Havia ninfas do manancial e ninfas de fonte, ninfas do oceano e ninfas da cachoeira. E sereias, não ninfas, controlavam os Grandes Lagos.

Em Chicago, as ninfas do rio tinham controle do rio e suas fronteiras. Lorelei, a sereia do Lago Michigan, controlava o fluxo e refluxo do lago. Ela era a única habitante de uma deserta ilha arborizada de três milhas quadradas no meio da água.

Mais importante, as ninfas a odiavam. Elas nos deliciaram com uma estridente palestra de vinte minutos de duração sobre seus defeitos, uma avaliação antiperformance. Eu reduzi a lista para os seus maiores defeitos:

1. Lorelei fez um pacto com o diabo (que vivia na ilha com ela);
2. Lorelei era uma fornecedora de magia negra, incluindo feitiços e maus agouros feitos por encomenda;
3. Lorelei comia bebês (humanos ou não), e;
4. Lorelei era uma aberração antissocial, de tendência gótica, vestida de preto total (francamente, justo o tipo de garota que um bando de ninfas bonitas, atraentes, peitudas odiaria).

Eu tinha uma imagem mental muito clara de Lorelei – apoiada por ter lido tantos livros de terror e contos de fadas quando adolescente – como uma velha corcunda vestida em tecido preto surrado, de pé em cima do lago em uma posição não muito diferente da que Alanna tinha estado. Braços estendidos, nariz enrugado pousado sobre lábios cruelmente torcidos, oferecendo encantamentos para matar o lago, por algum motivo que ainda não tínhamos determinado.

Mas plantar essa imagem em meu cérebro pareceu acalmar as meninas bonitas, que agora estavam se abraçando e consertando seus deslizes e limpando as suas lágrimas em um gigante festival-do-abraço de ninfas.



Francamente, era difícil manter a atenção dos meninos. Um pequeno pigarro fez o truque.

— Nós poderíamos visitá-la. — Jonah sugeriu.

Para ser honesta, essa ideia não me emocionou. Infelizmente, este problema era maior que o meu desconforto. As ninfas estavam ficando mais fracas e, só Deus sabia como os outros sobrenaturais estavam se saindo.

— É provavelmente uma boa ideia. — meu avô disse. — Se há ao menos uma pequena chance de que isso faria a diferença. E eu não me lembro de haver qualquer meio de comunicação lá fora, então não é como se pudéssemos simplesmente ligar para ela. — ele olhou para mim, uma pergunta em seus olhos.

Eu suspirei.

— Por que eu?

— Porque você é uma garota. — Catcher disse.

Levei um momento para imaginar uma resposta.

— Perdão?

— Ela é uma sereia. — disse Catcher. — Atrair marinheiros para a morte? Cantar canções belas o suficiente para fazê-los chorar? Aprisioná-los em êxtase eterno?

Os olhos de Jonah ficaram grandes, como pires, o que me fez rolar os meus.

— E isso faz a minha visita uma má ideia por que...?

— Porque você não voltaria. — Catcher disse secamente. — Ela seria magicamente obrigada a seduzi-lo, a fasciná-lo, e você ficaria preso no limbo sereia pelo resto de seus dias imortais.

— Novamente, eu não estou realmente me sentindo dissuadido.

— Você se sentiria dissuadido quando você se esquecesse de comer ou beber porque você não poderia ficar fora de sua presença. Morrer de fome não é um jeito bonito de ficar.

— Okay. — disse Jonah com uma careta. — Esse é um argumento melhor.

— E é por isso que estamos enviando Boobs McGee¹¹.

¹¹ Usado pra se referir a mulheres com peitos (boobs) grandes



Eu lentamente virei minha cabeça para olhar para Catcher.

— Sêrio. Você tem o que, doze anos agora?

— O ponto é; os homens não visitam uma sereia de propósito. Ela não teria escolha a não ser seduzi-los, e isso não vai realmente nos ajudar a detalhar os problemas mágicos.

— Então eu acho que isso resolve. — eu concordei. — Meus peitos e eu iremos. Mas eu não estou louca com a ideia de entrar em um barco nessa água. Ideias de transporte, alguém?

— Vou pegar essa. — disse meu avô. — Eu vou fazer algumas ligações e ver se consigo encontrar um piloto de helicóptero disposto a visitar uma ilha isolada sobre um lago contaminado com magia. Claro, vai haver papelada, então será amanhã antes que possamos tomar qualquer ação.

— E nesse meio tempo? — eu perguntei, olhando para o grupo. — O que fazemos sobre o lago?

A pergunta incitou as ninfas novamente. Quando Jeff se ajoelhou para afagar a ninfa mais próxima nas costas, ela se virou, colocou os braços ao redor dele, e começou a soluçar com um ar dramático impressionante.

— Bem feito, vampira.

— Foi uma pergunta legítima. — eu disse. — Nós ainda temos uma crise e uma vez que não podemos viajar à noite, um dia inteiro vai passar antes de conversarmos com a sereia sobre isso.

— O primeiro passo é mover as ninfas para o interior. — Jeff disse sobre o ombro da ninfa que estava abraçando. — Mais longe da água e o que quer que esteja acontecendo lá. Talvez isso vá ajudá-las a manter alguma força nesse meio tempo.

Sugestão de choro.

— Eu sei querida. — ele disse, acariciando suas costas com carinho fraternal. — Mas precisamos deixar o lago curar, não é?

Ela balançou a cabeça enquanto fungava, mas manteve seu aperto doloroso em Jeff.

— Vou coordenar o movimento. — Catcher disse. — Talvez as fadas hospedem algumas delas durante a noite.



— Os Breckenridges têm uma casa enorme em Naperville, mas colocar Metamorfs e ninfas, juntos, provavelmente não seja uma boa ideia. — como se na sugestão, eu assisti a mão da ninfa se esgueirar para o traseiro de Jeff e dar um bom aperto. Ele gritou e educadamente a afastou, mas ela sorriu sem pedir desculpas. Eu não tinha certeza se ela não sabia que Jeff tinha uma namorada - ou apenas não se importava.

— Isso seria um “não” para os Brecks. — Catcher resmungou.

— O que fazemos sobre os seres humanos? — Jonah disse, observando como mais linhas de pessoas se moviam em direção ao lago para dar uma olhada. — Eles vão surtar.

Eu não podia culpá-los. Como eventos paranormais eram; este era muito desconcertante, e batia em alguma coisa perto de nossos corações. Chicago se enrolava ao redor do lago, e o rio corria pelo coração da cidade. Eles estavam unidos, e os humanos inevitavelmente veriam isso como uma violação paranormal dessa conexão. Eu não estava ansiosa pelo protesto.

— Vou trabalhar em alguns pontos para falar com o Prefeito Kowalczyk. — disse o meu avô. — Embora Deus sabe como vamos explicar isso.

— Concentre-se na parte sobre como este não é o apocalipse. — eu sugeri, mas um frisson de medo ainda apertou meu peito. — E tente se certificar de que não vão responsabilizar automaticamente os vampiros. Nós temos o suficiente para lidar agora.

Ele deu um tapinha nas minhas costas.

— Nós vamos trabalhar o problema, fazer uma pequena pesquisa. Vocês crianças vão para casa. Sei que você está com pouco pessoal na Casa. Vou te dar um telefonema quando tivermos o transporte pronto.

Eu assenti, embora eu odiasse salvar um projeto. Sentar ao redor e antecipar as coisas por vir não era exatamente um passatempo favorito. Para me manter ocupada, fiz uma nota mental para verificar a biblioteca de nível-mundial da Casa; se havia informações para serem encontradas sobre a nossa sereia reclusa, a biblioteca as teria.

Eu me despedi de Jeff (ainda enredado na ninfa), mas puxei de lado Catcher para uma atualização.

— Como vai o estudo?

Catcher revirou os olhos.



— Ela me disse que seu nível de estresse só foi historicamente ultrapassado pela “Apresentação Meisner-Moxner”, seja lá o que isso seja.

Eu fiz uma careta. Meisner-Moxner era uma empresa de artigos domésticos para a qual Mallory, uma ex-publicitária, passou duas semanas seguidas preparando uma campanha chuta-traseiros da marca, só para ser dito três dias antes da apresentação que seu chefe - não estava sentindo isso.

As próximas 72 horas envolveram uma névoa de proporções gigantescas induzida pela cafeína e privada de sono. *Mal* se acorrentou a sua mesa, sobrevivendo de soda, bebidas energéticas, e uma euforia criativa que ela descreveu mais tarde como - épica. Quando tudo foi dito e feito, a agência fechou o negócio e ela dormiu por dois dias seguidos.

A empresa Meisner-Moxner entrou para a história da publicidade como um dos lançamentos de artigos domésticos mais bem sucedidos do século. Infelizmente, Júnior Moxner gastou o dinheiro recente da empresa em garotas de programa e cocaína, e Meisner-Moxner Home Brands, Inc., faliu logo depois. Mallory dormiu por mais dois dias seguidos depois de saber sobre isso.

Então, se a sua preparação para o exame chegou perto de Meisner-Moxner, eu sentia por Mallory... e Catcher.

— Deus abençoe você, cara. Mas pelo menos Simon tem que tomar o peso do stress. Já que ele a vê durante a parte de testes, quero dizer.

A expressão de Catcher foi plana.

— Tenho certeza que ele está vendo ela bastante.

O olhar semicerrado em seus olhos tinha todas as características de um namorado ciumento. Mas como isto era possível? Este era Catcher. Corpo-absurdo-e-barriga-de-tanquinho-e-brilhante-portador-de-magia Catcher. Ele que não levava desaforo de ninguém. Talvez eu o tenha interpretado mal. Talvez ele simplesmente não gostasse de Simon. Eu tive essa sensação antes, mas a curiosidade matou o gato, não o vampiro, então eu segui em frente.

— Sangue ruim entre você e Simon? — eu perguntei.

— Eu não confio nele.

Quando ele não entrou em detalhes, eu quase perguntei se ele queria dizer que não confiava em Simon com Mallory, mas mudei de ideia. Catcher era um homem viril, e sugerir que ele estava com ciúmes não ia cair bem.



Em vez disso, dei-lhe um tapinha nas costas de apoio.

— Quando tudo isso acabar, eu vou comprar bebidas para você e sua feiticeira oficial recém-formada.

Catcher resmungou algo que não entendi, mas assumi que era relacionado com o seu ódio pela Ordem. Ele havia sido excomungado, e não poderia ter sido fácil para ele assistir Mallory lutar tão duro para ganhar filiação. O que Chicago dá, Chicago tira.

Nós nos despedimos de Catcher, e Jonah e eu voltamos para nossos carros.

— Eu sei que você está chateado porque não será capaz de visitar a sereia amanhã. — eu ofereci.

— Clinicamente deprimido. — ele concordou. — Você acha que sua saia vai ser mais curta do que a das ninfas, ou talvez um pouco mais longa?

Eu rolei meus olhos, mas não pude deixar de sorrir. Ele era engraçado. Mas eu não iria contribuir para o que tenho certeza que já era um ego saudável.

— Desde que nós efetivamente terminamos essa noite, você quer fazer um lanche?

Ele provavelmente quis dizer a questão de uma forma puramente platônica, mas ainda provocou pânico trêmulo em meu peito. Por outro lado, o jantar me daria oportunidade de perguntar a Jonah sobre seu relacionamento com o meu avô. Tendo descoberto que meu pai tentou subornar Ethan para me tornar uma vampira; eu estava compreensivelmente suspeita sobre as relações dos vampiros com os membros da minha família.

— Você vai me dizer como você conhece o meu avô?

— Possivelmente. Como você se sente sobre picante?

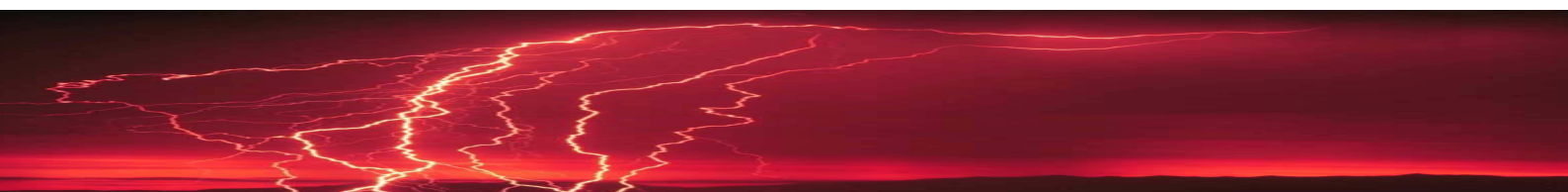
— Picante explosão-nuclear ou picante salsa-de-supermercado?

— O que você preferir. O mundo é sua ostra.¹²

— Eu provavelmente deveria dizer não. Você me liquidou totalmente.

— Como assim?

¹² Significa que, para alcançar alguma coisa neste mundo, você tem que agarrar a oportunidade



— Você disse a eles que eu fui atingida por um stiletto. — ser cortada por uma imitação de Jimmy Choo não tinha sido exatamente o meu melhor momento como Sentinela Cadogan. Eu não vi necessidade de espalhar a notícia ao redor.

Ele fingiu choque.

— Merit, você queria que eu mentisse para o seu avô?

— Isso depende de quanto tempo você o conhece.

Infelizmente, ele não mordeu a isca.

— Quid pro quo¹³. Primeiro jantar, depois os detalhes.

Eu suspirei, sabendo que tinha sido vencida.

— Tudo bem. Mas quero a verdade.

— Oh, você terá a verdade, Merit. Você terá a verdade.

De alguma forma, isso não me fez sentir melhor.



A Thai Mansion estava presa no meio de centro comercial atarracado, uma lavanderia de um lado e uma cadeia de pizzarias para a viagem do outro.

Um sino tocou na porta quando entramos. “El Paso”, de Marty Robbins tocava em um pequeno rádio empoleirado no balcão de vidro ao lado de um Buda de ouro, uma caixa registradora antiga e um balde de plástico de balas de menta.

O interior do restaurante não era muito para olhar. As paredes eram blocos de concreto pintados e tinham uma mistura aleatória de pôsteres de filmes-B de 1970. Estes foram misturados com os sinais escritos à mão avisando aos clientes para não estacionar nos espaços pertencentes à lavanderia ou tentar pagar com qualquer coisa menos dinheiro. Plástico não era o novo preto¹⁴ na Thai Mansion.

— Esta é a melhor comida Tailandesa em Chicago? — eu me perguntei.

¹³ Quid pro quo - latim - significa uma coisa por outra.

¹⁴ Cartão de crédito não era tendência.



— Confie em mim. — Jonah disse depois acenou para uma pequena garçonete de cabelos escuros que sorriu de volta agradavelmente, então acenou com a cabeça quando ele apontou para uma mesa vazia.

Pegamos lugares, e eu examinei o cardápio escrito à mão, coberto com plástico. Havia algumas traduções desleixadas, mas a maioria das palavras não era em Inglês, o que eu imaginei ser uma coisa boa em um restaurante Tailandês.

— Você vem muito aqui?

— Mais do que eu deveria admitir. — ele disse. — Não estou criticando a lanchonete da Casa Grey, mas Scott é ótimo em alimentos de conveniência. Nós tivemos refeições inteiras que eram beges.

Eu imaginei um prato de pão, purê de batatas, tater tots, recheio, e pound cake.

— Não que haja algo de errado com isso.

— De vez em quando, não. Mas um vampiro com um gosto pela vida gosta de um pouco mais de variedade.

— E você é um vampiro com um gosto pela vida?

Ele encolheu os ombros modestamente.

— O mundo tem muito a oferecer. Há muito para explorar. Eu gosto de tirar proveito disso.

— Assim a imortalidade vem a calhar, então?

— Você poderia dizer isso.

Uma garçonete com cabelo longo e escuro arrastou os pés em sapatilhas brancas no tapete verde do restaurante.

— Você está pronto?

Jonah olhou para mim, e quando eu acenei, ofereceu o seu pedido.

— Pad thai com camarão.

— O quanto picante esta noite?

— Nove. — ele disse, então entregou o seu cardápio. Sua transação completa, ela olhou para mim.



Eu assumi que nove era em uma escala de 1 a 10. Eu gostava de comida picante, mas eu não ia pedir um nove em um restaurante que eu nunca tinha avaliado. Só Deus sabia o quão quente seu “nove” poderia ser.

— O mesmo para mim. Que tal um sete? — eu pedi. A garçonete olhou monotonamente para mim.

— Você esteve aqui antes?

Olhei entre ela e Jonah.

— Hum, não.

Balançando a cabeça, ela arrancou meu cardápio.

— Não sete. Você pode ter dois.

Com esse pronunciamento, ela se virou e desapareceu através da cortina para o quarto dos fundos.

— Um dois? Não tenho certeza de como não ser insultada por isso.

Ele riu baixo em sua garganta.

— Isso é só porque você não teve um dois ainda.

Eu estava em dúvida, mas não havia muitas provas para ir em frente. E por falar em provas em falta...

— Tudo bem, hora do *quid pro quo*. Como você conhece o meu avô? Eu sei que você tinha amigos em comum com Charlotte. Você me disse isso antes. É essa a conexão? — Charlotte é a minha irmã mais velha. Eu também tenho um irmão, Robert, que estava seguindo os passos do meu pai acumulando propriedades.

— Eu tinha e conheço Charlotte. — Jonah disse. — Eu conhecia você também.

Eu era um desenho em branco completo.

— Como você me conheceu?

— Eu levei Charlotte ao baile de formatura.

Eu congelei no meu lugar.

— Você fez o que agora?

— Eu levei Charlotte a sua cerimônia sênior do colégio.



Fechei os olhos, tentando me lembrar. Eu estava em casa para as férias de primavera e tinha sido testemunha do descontrole emocional de Charlotte quando ela teve uma briga com seu então namorado e agora marido, Major Corkburger (sim, sério). Ela tinha ido com um cara chamado Joe para a cerimônia ao invés.

A lâmpada acendeu.

— Oh, meu Deus. — exclamei, apontando para ele. — Você era “Joe”! Eu nem sequer reconheci você.

Joe tinha sido uma fase rebelde muito curta. Eu o vi apenas um par de vezes depois da formatura. Um mês depois, Charlotte e Major estavam novamente juntos, e Joe havia desaparecido.

— Você tinha um permanente. — eu o lembrei. — E você a levou para a cerimônia em um daqueles moletons feitos de tapetes.

— Eu tinha acabado de chegar de Kansas City. — ele disse isso como se explicasse o seu conjunto, como se Kansas City fosse um país estrangeiro com uma cultura completamente diferente. — O ritmo era diferente lá em baixo, mesmo para os vampiros. Um pouco mais lento.

— E Charlotte apresentou você ao meu avô?

Eu poderia ver Jonah corar mesmo no escuro.

— Yeah. Para irritar Major, eu acho. Eu estava concluindo um dos meus diplomas. Esta linda garota se aproximou de mim no campus um dia e me convidou para sair. — ele encolheu os ombros. — Não é como se eu fosse dizer não. E quando nos encontramos com Noah, você não tinha ideia de quem eu era.

Isso explicava por que Jonah teve tal atitude na primeira noite que nos encontramos perto do lago.

— É por isso que você estava irritado comigo. — eu disse. — Não é porque você pensou que eu era como Charlotte, mas porque você pensou que eu tinha me esquecido de você.

— Você tinha se esquecido de mim, e você não é tão diferente de Charlotte como você gostaria de acreditar.

Comecei a protestar, achando que ele quis dizer para me provocar sobre noitadas da sociedade ou marcas de luxo ou invernos em Palm Beach, nenhum dos quais eu tinha interesse. Mas em vez de assumir, eu dei-lhe o benefício da dúvida e fiz a pergunta.



— Por que sou como Charlotte?

Ele sorriu.

— Porque você é leal. Porque vocês duas valorizam suas famílias, mesmo se vocês as definem de forma diferente. Seus filhos e Major são a dela. Sua Casa é a sua.

Não tinha sido sempre assim, mas eu não poderia discordar dele.

— Eu entendo.

Poucos minutos depois, a nossa garçonete voltou com duas pilhas fumegantes de macarrão.

— Nove. — ela disse, colocando um prato na frente de Jonah. — E dois. — disse ela, deixando cair um prato idêntico à minha frente.

Tirei a capa de um par de pauzinhos e ergui o olhar para Jonah em antecipação.

—Você está pronto?

—Você está? — ele perguntou com diversão.

— Eu vou ficar bem. — eu assegurei-lhe, pegando um emaranhado de macarrão e brotos de feijão. Minha primeira mordida foi enorme... e lamentei imediatamente.

— Dois. — era aparentemente um eufemismo para “Inferno Flamejante”. Meus olhos lacrimejaram; o calor construindo de uma queimadura lenta na parte de trás da minha garganta para uma tempestade de fogo ao longo da ponta da minha língua. Eu teria jurado que chamas estavam realmente disparando de meus ouvidos.

— Oh, Deus. Oh, Deus. Oh, Deus. Quente. — eu coloquei para fora antes de pegar o meu copo de água e acabar com metade dele em um único gole. — Esse é um dois? — eu perguntei com voz rouca. — Isso é insano.

— E você queria um sete. — disse Jonah indiferente, comendo seu prato de macarrão como se tivesse sido mergulhado em nada mais do que molho de soja.

— Como você pode possivelmente comer isso?

— Eu estou acostumado a isso.

Peguei outro bocado e mastiguei rapidamente, mal apreciando o sabor, principalmente tentando engoli-lo antes do tempero, me alcançar.

A garçonete se aproximou de novo, uma garrafa de água na mão. Ela encheu de novo o copo de Jonah, então olhou para mim.



— Dois?

— Ainda muito picante. — eu admiti, bebendo num gole só outro meio copo de água.

— O que tem nisso? Pimentas Tailandesas?

Encolhendo os ombros, a garçonete encheu meu copo de novo.

— A cozinheira os cultiva em seu quintal. Muito picante.

— Muito, muito picante. — eu concordei. — As pessoas realmente pedem o dez?

— Clientes de longa data. — ela disse. — Ou em desafio.

Com esse pronunciamento, ela se afastou com sua garrafa agora vazia.

Olhei para Jonah com lágrimas geradas pelo tempero em meus olhos.

— Obrigada por não me desafiar a comer o dez.

— Não teria sido certo. — Jonah disse, jogando macarrão em sua boca. Uma fina linha de suor apareceu em sua testa, e ele começou a fungar.

— Eu pensei que o calor não incomodava você? — eu perguntei com um sorriso autossatisfeito.

Ele enxugou a testa com as costas de uma mão, então sorriu para mim.

— Eu não disse que não estava picante. Eu só disse que eu estava acostumado. Imortalidade dificilmente vale a pena se não há desafio.

Eu não estava certa, mas eu tinha uma suspeita profunda de que ele não estava falando sobre a comida. Eu peguei outro bocado, e foquei na picada ardente.

— Fale-me sobre Ethan.

Assustada, olhei para Jonah.

— Perdão?

Indiferente, ele encolheu os ombros e engoliu outro nó de macarrão.

— Você me disse que não estavam juntos. Isso pode ser verdade, mas eu não tenho a sensação de que essa é a história inteira.

Eu o observei por um momento, sorrindo enquanto mastigava, enquanto decidia o que lhe dizer. Meu tempo com Ethan tinha sido tempestuoso. Mais *paradas* do que



começos, e as paradas tinham sido traumáticas. Ethan se fora antes de a relação ter tido uma chance de florescer, mas isso não fez o luto mais fácil de suportar - ou explicar.

— Tivemos momentos juntos. — eu disse. — Nós não fomos bem um casal, embora eu ache que poderíamos ter sido se ele não tivesse... — eu não podia me fazer terminar a frase.

— Se Celina não tivesse feito o que ela fez. — Jonah terminou gentilmente.

Eu assenti.

— Ele significou muito para você.

Eu assenti novamente.

— Ele significou.

— Obrigado por me dizer. — ele disse.

Ele deixou o assunto morrer, mas eu ainda tinha a sensação que ele estava perguntando algo mais. E sua sutileza não fez o resto do nosso jantar menos estranho. Eu mantive a conversa em movimento (e leve) até que nós pagamos e voltamos para nossos carros. Foi quando ele chegou ao coração dela.

— Você tinha sentimentos por Ethan. — ele disse. — Vocês eram próximos e isso afetou a sua percepção da Guarda Vermelha. Mas você sabe agora que o PG não está sempre do lado dos bons e dos justos. A Casa Grey sabe quem está errado sobre Celina, e sobre a morte de Ethan. O PG deveria ter apoiado o que você estava fazendo em Chicago, e em vez de oferecer ajuda quando o V surgiu, eles ignoraram isso e culparam você pelo resultado. O argumento da GV não é com as Casas; é com o PG.

— Eu fiz um juramento.

— Trabalhar com a gente para garantir que o PG não destrua sua Casa suporta esse juramento.

Eu considerei o argumento em silêncio. Ele tinha um ponto; o PG não era amigo da Casa Cadogan. Por outro lado, se juntar à Guarda Vermelha ainda não seria um tapa na cara de Malik? Um acordo para trabalhar às suas costas, mesmo que supostamente para o “bem maior”.

— Por quê? — eu perguntei.

Ele franziu o cenho.

— O que você quer dizer, por quê?



— Por que você quer que eu me junte a GV? Qual é a vantagem? Nós já sabemos que o PG é egocêntrico e mais focado na percepção do que no trabalho real. Eles deixam a parte difícil para nós e ainda nos culpam após o fato, então qual é o ponto? Filiação não muda nada, a não ser arriscar que nós vamos ser pregados na parede se eles descobrirem.

— Nós?

Olhei de volta para ele, e não estava animada com o sorriso de autossatisfação que estava tomando sua expressão.

— Você disse “nós”. — ele apontou.

— Foi um modo de dizer. Você sabe o que eu quis dizer. — eu tentei manter meu tom indiferente, mas ele tinha um ponto. Jonah e eu estávamos trabalhando juntos - estivemos trabalhando juntos - para manter as Casas seguras. Eu já era implicitamente um membro?

— Não, Merit, eu não sei isso. — rebateu. — Eu sei que você acabou de confessar que já considera estar fazendo o trabalho da GV. — ele pisou na minha frente e olhou para baixo. — Você quer saber por que você deve se juntar? Porque, pela primeira vez em sua vida, você teria um parceiro. Você teria alguém do seu lado, às suas ordens, pronto para servir e ajudá-la em qualquer que poderia ser a tarefa.

Ele estava errado sobre isso. Quando Ethan estava vivo, eu tinha um parceiro.

— Eu já estou trabalhando com você. — eu apontei.

— Você me tem porque você não tem uma opção melhor. Se Ethan ainda estivesse aqui, ou se houvesse um guarda extra em sua Casa, você iria por esse caminho.

Eu não poderia discordar dele aí.

— Mas aqui está a tacada final. — ele disse. — Pela primeira vez em sua vida, você teria escolha. Você foi arrastada involuntariamente para a Casa Cadogan. Você foi nomeada Sentinela sem dizer nada sobre o assunto.

Ele inclinou a cabeça para baixo, os lábios quase escovando meu ouvido. O movimento era íntimo, mas não parecia sexual. Jonah não estava tentando romper minhas defesas, ele estava demonstrando o quão próximos já tínhamos nos tornado.

— Você estaria fazendo a escolha de servir.

Ele estava certo. Eu não tinha tido a escolha então, mas ele estava me dando à escolha agora. Eu poderia admitir que fosse um argumento poderoso.



Ele aparentemente sabia disso, também, porque sem outra palavra, ele ficou reto novamente e foi embora.

— É isso?

Ele olhou para trás.

— É isso. Esta chamada, Merit, é toda sua.

Enquanto ele entrava em seu carro e ia embora, eu soltei um suspiro. GV ou não GV, essa era a questão.

Uma vez que o lago ainda estava escuro e imóvel, eu não estava animada com o relatório que eu teria que dar a Kelley de volta na Casa. Mas pelo menos nós tínhamos um plano, e se alguém em Chicago poderia encurrular um helicóptero, era meu avô.

Quando eu parei na Casa, os manifestantes estavam mais altos e maiores em número, seus presságios prometendo ainda mais fogo do inferno e condenação do que de costume. *Apocalypse e Armagedon* foram espalhados entre os pôsteres pintados à mão, assim como temíamos. E para ser franca, eu não podia culpá-los completamente. Nem mesmo *eu* tinha certeza de por que o lago tinha ficado preto e começado a sugar magia, então acho que o fim do mundo estava na lista de possibilidades. No final da lista, mas ainda na lista.

Os manifestantes não eram os únicos que compareceram em peso. Nós fomos alvos de paparazzi famintos por imagem (e dinheiro) por um tempo; um exército de fotógrafos estava normalmente acampado em uma esquina perto da Casa. Hoje à noite, porém, caminhões de notícias estavam alinhados na rua, os repórteres esperando para ver falcatruas de vampiro. Qualquer coisa que desse errado nesta cidade e fosse de natureza remotamente paranormal os levava diretamente à nossa porta. Isso era um argumento para tirar o descanso dos sobrenaturais de Chicago, se apenas para tomar um pouco do calor fora de nós (tomar o calor fora - impedir as pessoas de criticarem).

Os repórteres, familiarizados comigo pela história da Vingadora do Rabo-de-cavalo e pelas minhas patrulhas nos terrenos de Cadogan, me chamaram para uma parada.

Eu não queria apoiar seus esforços de jornalismo sensacionalista, mas eu percebi que suas teorias só iam piorar se eu os ignorasse. Então eu fui até um nó de repórteres e ofereci um reconhecimento mudo.

— Noite difícil aí fora, não é?

Alguns riram; outros começaram a gritar perguntas.



— Vampiros envenenaram o lago?

— Este é o começo do fim para a cidade de Chicago?

— Esta é a primeira praga?

Eu tive que trabalhar para manter minha expressão neutra e não rolar os olhos para as perguntas. Que eu não tivesse nem ideia fez isso um pouco mais fácil.

— Eu estava esperando que vocês me dissessem! — eu disse, oferecendo um sorriso leve. — Estamos tentando descobrir isso nós mesmos.

— Isso não foi algo criado por vampiros? Um feitiço mágico?

— Vampiros não fazem feitiços. — olhei para o crachá de mídia do homem diante de mim. — Talvez tenha sido Matthew aqui quem tornou a água negra.

A multidão riu, mas as perguntas continuavam vindo.

— Acreditem em mim. — eu disse, levantando minhas mãos. — Queremos o lago de volta ao normal tão rapidamente quanto vocês, e estamos tentando descobrir como todo mundo em Chicago. O problema é; não fizemos isso, então estamos tendo dificuldade para descobrir por onde começar.

— Merit, este é o começo do apocalipse? — um repórter no fundo aumentou a voz.

— Eu certamente espero que não. Mas se eu vou cair; que seja em Chicago com um vermelho quente na mão. Estou certa?

Claro, isso era adulator, e eu tenho certeza que alguns dos caras da imprensa captaram isso. Mas o que mais eu poderia fazer? Se eu não mantivesse o foco fora dos vampiros, as coisas iam ficar muito desagradáveis muito rapidamente. Com perguntas apimentando o ar atrás de mim, eu acenei um adeus e entrei na casa, compartilhando um revirar de olhos simpáticos com as fadas no portão quando eu passei por elas.

Eu senti uma pontada quando me perguntei o que Ethan, um mestre estrategista de relações públicas se alguma vez houve um, teria dito a eles. Eu não era ele, mas eu esperava ter feito o suficiente para manter as coisas calmas por um pouco mais de tempo.

Eu me dirigi imediatamente para a Sala de Operações; Kelley e Juliet eram as únicas guardas lá. Ambas olharam para cima quando eu entrei, mas suas expressões caíram depois de ver meu rosto.



— Sem sorte? — Kelley perguntou.

— Não muita. — eu disse, tomando um assento na mesa de conferência ao lado de Kelley. — As ninfas do Rio estão sofrendo, e por todos os relatos não tinham nada a ver com a água. Eles apontaram seus pequenos dedos bem cuidados para Lorelei, a sereia do lago. Ela vive em uma ilha no meio do lago. O escritório do Ombud está organizando o transporte, mas não até amanhã. Espero que seja uma pista sólida.

Kelley franziu a testa e assentiu. Na maneira de todos os gerentes, eu imagino que ela queria uma crise abordada e resolvida para que pudesse passar para o próximo assunto em mãos - quer lidar com uma escassez de guardas ou um receptor na Casa.

— Se isso é o melhor que podemos fazer, isso é o melhor que podemos fazer. — disse Kelley. — Isso não exatamente tira a pressão da Casa, mas eu não iria tolerar enviar você para o meio do lago poucas horas antes do nascer do sol, também.

Eu disse a Kelley sobre os planos do meu avô e minha discussão com os paparazzi do lado de fora.

Kelley pareceu de repente cansada, e me perguntei se ela estava cansada do drama, ou se as restrições de sangue de Frank estavam começando a cobrar seu preço. A comida Tailandesa tinha saciado um apetite, mas eu podia sentir a fome de sangue se esgueirando ao redor da minha mente, à espera de uma hora para atacar. Fiz uma nota para verificar a cozinha acima por um saco de Blood4You.

— Fazemos o que podemos. — Kelley disse. — Isso é tudo que podemos fazer. Nós trabalhamos o problema e oramos para conseguir sair na frente dele antes de estourar a próxima crise.

— Concordo. — Juliet disse de sua estação de computador.

Kelley suspirou.

— E por falar em coisas desagradáveis, eu fui avisada que você é a próxima na lista de entrevista de Frank.

— Yay. — eu disse com zero entusiasmo. — Estou totalmente ansiosa por isso.

— Eu poderia atribuir-lhe a passar o resto da sua noite na biblioteca, pesquisando a sereia do lago para ter uma ideia de seus pontos fortes e fracos. Afinal, seria um abandono do meu dever enviá-la para fora para uma ilha sem estar preparada. E se você estivesse nas estantes da biblioteca, Frank pode não ser capaz de encontrá-la...

Sorri em agradecimento.



— Sorrateira. Eu aprecio isso.

— Não sorrateira. Apenas disposta a usar as ferramentas à minha disposição. E agora, você é minha ferramenta. Eu preciso de você investigando este problema e mantendo os humanos fora de nossas costas. Ser interrogada por um traficante de lápis¹⁵ do PG não vai ajudar nesse processo. — ela se levantou e caminhou até sua mesa, então se sentou atrás de seu computador. — Aprenda o que você puder, e me encha com o que você descobrir.

Dei a ela uma saudação e fui para cima novamente.

¹⁵ Traficante de lápis = alguém que tem em um trabalho incrivelmente chato, e que exala também monotonia extrema.



Capítulo 5

Torres de Papel.

A biblioteca estava no segundo andar da Casa, não muito longe do meu quarto. Ela tinha dois andares, o primeiro continha a maioria dos livros e uma sacada envolta em um corrimão de ferro forjado segurava outro conjunto. Era uma enxurrada de volumes, tudo em fileiras imaculadas, e com cabines de estudo e mesas colocadas para garantir. Era a minha casa longe de casa.

Eu entrei e pausei por um momento para respirar o cheiro do papel e poeira, os perfumes do conhecimento. A biblioteca estava sem bibliotecários até onde pude perceber, mas eu podia ouvir o guincho rítmico de um carrinho de biblioteca em algum lugar nas fileiras. Eu segui o som até encontrar o vampiro de cabelo escuro arquivando livros com precisão mecânica. Eu o conhecia apenas como “o bibliotecário”. Ele era uma fonte de informação, e tinha uma queda por deixar livros do lado de fora da minha porta.

Eu limpei a garganta para chamar a atenção dele. Ele olhou para cima, olhos estreitos, provavelmente preparados para me dar um sermão sobre fazer barulho na biblioteca. (Uma lista de regras na parte interna da porta avisava, entre outras coisas, que xaropes para tosse eram requeridos para os bibliotecários com a garganta irritada. O bibliotecário principal não queria interrupções aurais com o seu domínio).

Mas quando ele percebeu que era eu, ele ergueu uma mão e se abaixou até a última prateleira de seu carrinho. Ele apareceu novamente com um amontoado de livros, que direcionou para mim.

— Para você. — ele disse. Eu verifiquei os títulos; eles eram, infelizmente, mais livros sobre políticas de vampiros, que parecia mal coçar a superfície do número de livros realmente *escritos* sobre políticas de vampiros. Nós éramos um grupo político, e nós aparentemente gostávamos de ruminar sobre esta obsessão em particular.

Mas ele era um homem que poderia me ajudar com o meu problema atual, então não olhei os dentes do cavalo dado.

— Obrigada. — eu disse, e peguei os livros dele. — Uma pergunta... o que você pode me dizer sobre a sereia do lago?



O bibliotecário fez um som de desgosto, então abandonou seu carrinho para seguir pelo corredor.

Ele enfiou os livros dentro de um espaço vazio em uma prateleira e eu o segui pelo corredor e pelo cômodo para a escadaria que guiava para a sacada acima.

Eu o segui até lá em cima, a escadaria tão estreita e íngreme que o meu nariz praticamente estava na parte de trás dos joelhos dele.

Agradecidamente, isso não era um tratado em política. Era um livro de arte, um catálogo de pinturas de donzelas amáveis com cabelos avermelhados perto de riachos e piscinas de água.

— Estas são as ninfas e sereias. — o bibliotecário explicou, folheando algumas das pinturas. — Ninfas residem nos rios. As Sereias residem nos lagos. Elas são as governantes sobrenaturais para estas áreas. São a personificação das essências dos corpos de água. Intimamente conectadas a elas, parte delas.

— E os Trolls do rio fazem a segurança para as ninfas?

— Muito bom, Sentinela. — ele disse, e então franziu distraidamente. — Ninguém conhecido faz a segurança para as sereias. Ambas tentam manter a privacidade, exceto por suas relações estranhas com os Metamorfos.

— Barril de pólvora. — eu sugeri.

— Uma reação química de algum tipo, certamente. De qualquer forma, enquanto as ninfas e os Metamorfos possuem uma conexão, as ninfas e sereias com certeza não mantêm. Vamos chamar de uma questão de competição. As ninfas acreditam que os rios são melhores que os lagos: a água fluindo constantemente, elas movem o comércio, etc. As sereias acreditam que os lagos são melhores que os rios. Eles possuem mais volume. São melhores para recreação; suportam mais pescaria.

— Lagos versus rios parece uma preocupação pequena. As ninfas agiram como se odiassem Lorelei.

— Não é uma preocupação pequena quando você é um ser sobrenatural preso ao corpo da água. A natureza daquele corpo de água é importante.

— E se a água está no momento sugando a magia da cidade?

— Então você tem um problema que ameaça desestabilizar as relações sobrenaturais na cidade ainda mais.



Isso não era exatamente novidade. — Eu terei que visitar Lorelei amanhã. O que eu devo esperar?

O bibliotecário fechou o livro de arte novamente e o deslizou novamente para a prateleira, e então andou alguns metros para frente e abriu uma gaveta larga e reta que possuía grandes folhas de papel. Ele as folheou, e então apontou para eu chegar mais perto. Ele selecionou um mapa da região dos Grandes Lagos, mas diferentemente dos mapas normais, somente os corpos de água estavam marcados.

— Os rumores são de que a ilha é arborizada. — ele disse, apontando para um ponto verde no meio do Lago Michigan. — Mas a casa terá algum tipo de característica aquática. Uma piscina, uma queda d'água, etc. Água não é somente importante para uma sereia, é uma necessidade.

— Aquários? — eu perguntei. Imaginei um aquário do tamanho de uma parede cheio de peixes tropicais das cores do arco-íris, ou talvez um viveiro de carpas no quintal.

O bibliotecário balançou a cabeça. — Nunca aquários. Os espíritos de água são crentes fervorosos de que os animais devem ser deixados em seus habitats naturais.

— E quanto a pontos fortes? Fraquezas?

— Ambos são relacionados à água. Tanto as ninfas quanto as sereias precisam ficar relativamente próximas à água, tanto geograficamente ou cronologicamente.

— Você quer dizer que elas podem sair por um tempinho sem tocar na água, ou elas podem ir um pouco para longe da água, mas não por muito tempo.

Ele assentiu. — Exatamente. Quanto aos poderes, elas são reguladores de água, o que significa que elas podem senti-la. Elas entendem a sua saúde, seus problemas.

— Então se o rio está poluído, afeta as ninfas?

— Exatamente. Eu presumo que esta doença na água está as afetando grandemente.

Eu concordo. — Elas estão bem chateadas. Elas também estão ficando mais fracas, e a proximidade com a água parece ter tornado pior.

— Isso é má notícia.

Eu concordo, mas ainda não tenho uma solução. — Mais alguma coisa?



— Sereias também possuem o típico poder das mulheres das águas. — ele ergueu suas sobrancelhas sugestivamente.

— Seduzir e capturar homens? Sim, eu sinto estar bem segura nessa frente. É por isso que eu vou seguir o voo, sozinha.

Com um aceno positivo, ele desliza a gaveta do mapa para fechá-la, e então aponta de volta para a prateleira com os livros de arte. — Pegue alguns deles e folheie-os. Preste atenção às características das mulheres nas pinturas. Suas expressões. As suas roupas. Elas estão segurando armas?

— Mas estes são livros de arte. Eles são confiáveis?

O bibliotecário funga. — Todos os artistas possuem modelos, Merit. Se você é um espírito aquático, para quem mais você ia querer se revelar do que um artista que irá te tornar imortal? Somente mantenha uma coisa em mente.

— O quê?

— Se demorar muito para transformar a água de volta, você pode não ser capaz de trazer nenhuma delas da beira do penhasco.

Não que isso fosse pressão alguma.

Eu passei as próximas horas fazendo o que qualquer adulto maduro faria; escondendo-me na biblioteca para que eu não tivesse que encarar o receptor. Não é só que eu não queria brincar de justifique-a-sua-existência com o Frank... eu não queria brincar de justifique-a-sua-existência com um homem encarregado de catalogar as falhas do Ethan.

Esse era um princípio que eu não queria atravessar – uma ponte entre a minha vida com o Ethan e a minha vida sem ele. Não só emocionalmente, mas porque o Ethan havia me iniciado em sua Casa e me ensinado a ser Sentinela.

Frank, por outro lado, era um intruso, uma interrupção. Quando eu me encontrar com ele, não seria mais capaz de negar o quão diferente as coisas na Casa se tornaram. Esta não era uma admissão que eu estava pronta para fazer.



Eu também não estava pronta para falar sobre a noite na qual a Celina e o Ethan foram mortos. Eu não achava possível que Frank, um representante da GP, não mencionasse o meu papel na morte de dois Mestres vampiros. Eu estive esperando pelo dia em que o GP jogasse a morte deles na minha porta, me culpando pelo que havia acontecido apesar de que fosse o Tate que estivesse controlando a Celina, e a Celina houvesse matado o Ethan. Eu não estava ansiosa por esclarecê-lo sobre estes fatos.

Então eu estava sentada na mesa em um perfeito local de esconderijo, um cartel enfiado na parte de trás das pilhas no final de uma fileira... quase completamente escondida da vista.

Eu estava passando por um livro sobre as pinturas da Casa de Água e escrevendo notas sobre as características dos espíritos quando ouvi o *clip-clap* de sapatos com solas de borracha seguindo na minha direção.

Eu olhei para cima.

Helen, o contato da Casa para os novos vampiros e uma mãe para a Casa, se tornou visível. Ela era uma superintendente, e estava vestida para o papel, esta noite com um terno cinza reto em conjunto com saltos sensíveis e clássicos brincos em formato de X que, provavelmente, custaram uma fortuna. Já que ela estava me encarando, eu presumi que estava aqui em missão.

— Sim? — eu solicitei.

— O Sr. Cabot está pronto para falar contigo. Por favor, se junte a ele no escritório. — ela não esperou por uma resposta, mas se virou e andou de volta em direção à porta.

Ugh. Descoberta.

Helen que somente funcionava em extremos, e não oferecia aviso prévio sobre que extremo poderia estar a sua atitude em qualquer dia. Ela podia elogiar um novo par de sapatos em um dia e te tratar como um estranho no outro, mal reconhecendo a sua existência. Ela era um ser estranho, mas já que eu normalmente não interagía com ela, não me preocupava muito com isso.

Frank, por outro lado, aparentemente a usava como uma garota de recados.

Eu deixei a minha testa cair na mesa da biblioteca, me preparando para uma reunião que eu sabia que não iria gostar. Depois de um momento, fechei o livro, e então me levantei e empurrei minha cadeira de volta para debaixo da mesa. Ofereci ao bibliotecário um aceno enquanto passava por ele, e então segui de volta para as escadas e para a alcova do Frank no primeiro andar.



Por que eu fazia todas estas coisas? Porque algumas vezes, especialmente para os vampiros, o drama era inevitável. E nestes dias, uma garota apenas teria que engolir.

Por alguma razão, o meu jogo favorito enquanto criança era brincar de escola. Exceto que eu não fingia que estava dando aulas ou sendo um estudante. Eu brincava de ser uma administradora de aulas. Colocava adesivos de ÓTIMO TRABALHO! em deveres de casa falsos. Escrevia os nomes dos alunos e registros de frequência em livros rotos de aula antiquados. Eu organizava os papéis em pilhas, incluindo cabeçalhos de bilhetes e papel timbrado de hotéis das viagens de negócios do meu pai.

Eu não tenho certeza do por que, mas eu amava papéis e canetas, marcadores, e adesivos, todas as coisas efêmeras. Como uma adulta, isso foi traduzido em uma apreciação por canetas chiques e cadernos com folhas finas. Mas mesmo o meu amor por papel sendo vasto, não era nada comparado ao do Frank.

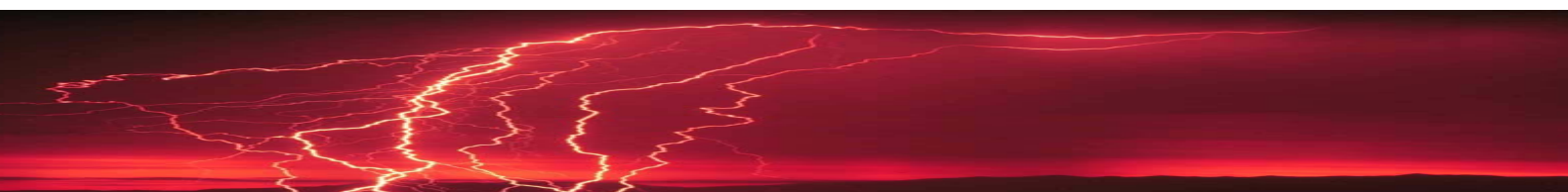
Ele encheu o escritório do Ethan com pilhas de papel. Árvores seriam varridas do lugar. A abundância pura fez eu me perguntar se o Frank imaginava que as resmas fossem alguma fonte secreta de poder, como se a habilidade dele de empurrar papel (e o enfiar em colunas certinhas) eram as chaves para o reino de Cadogan.

Eu estava de pé na entrada da porta, encarando a floresta branca, quando Frank acenou para que eu entrasse de sua mesa de conferência que preenchia metade do escritório.

Ele não era feio, mas o seu semblante era aristocraticamente puxado, como se nascer na riqueza tivesse as acentuado. O seu cabelo castanho era curto e cuidadosamente penteado. Ele usava calça cáquis e uma camisa social enfiada na calça. Um relógio de ouro caro estava envolta de seu pulso direito. Eu acho que se eu desse uma espiada embaixo da mesa encontraria sapatos marrons com franjas na parte superior.

— Entre. — Frank disse. — Sente-se.

Eu fiz o que ele mandou, pegando a cadeira em frente a ele. Ele não perdeu tempo.



— Você deixou a Casa esta noite sob ordem da Capitã das Guardas para investigar o. — ele pausou para olhar para a folha de papel na mesa. — Incidente no qual o Lago Michigan se tornou negro?

— Sim. — eu digo. — Por preocupação de que os humanos iriam automaticamente culpar as populações sobrenaturais da cidade.

Ele somente fez um vago som que indicava que achava essa noção ridícula. — Eu entendo que Darius havia ordenado que você não se envolvesse nos assuntos da cidade.

— Não é somente um assunto da cidade se os vampiros forem culpados. — eu apontei. — E esse ditado foi passado antes de nós perdermos outro guarda. A equipe de guardas está com falta de pessoal, e eu sou a próxima na linha para ajudar.

Ele fez aquele som novamente. — Merit, como você sabe, eu fui colocado na tarefa através do GP para avaliar a estabilidade e a sanidade da Casa, tanto nos termos da contabilidade financeira e sua equipe. Fazendo isso, estou entrevistando cada membro da Casa para melhor entender seus papéis. — ele folheou alguns papéis, e então puxou um documento no qual uma foto minha estava presa por um clipe.

Ele a observou por um momento, e então a colocou novamente na mesa e entrelaçou os dedos juntos em cima da mesa.

— Você é a Sentinela. — ele disse. Sua voz carregava uma distinta impressão de desaprovação.

— Sou.

— E você se tornou vampira em Abril deste ano?

— Sim. — eu não vi razão para me alongar.

— Humm. — ele disse. — E você foi apontada para Sentinela pelo trabalho bem feito, depois de você ter sido uma vampiro em questão do quê, essencialmente uma semana?

— Aproximadamente.

— Você estava nos serviços armados antes de você se tornar Sentinela?

Ele estava fazendo perguntas das quais ele sabia, sem dúvidas, as respostas. Não estava confuso sobre o que eu havia feito antes de me tornar Sentinela; estava juntando provas da má administração do Ethan, eu não conseguia descobrir uma maneira de virar o jogo.



— Eu não estava. — respondi. — Eu era uma estudante de graduação trabalhando no meu doutorado em literatura inglesa.

Ele fez uma careta, fingindo confusão. — Mas você serviu como Sentinela... uma guerreira da Casa. Uma protetora. Certamente o Ethan teria preenchido a posição com alguém treinado e pronto para assumir o desafio? — Frank inclinou a cabeça, sua sobrancelha ainda franzida, mas um brilho de “Te Peguei!” em seus olhos.

E agora era hora de elaborar... e jogar de volta a farsa que ele estava perpetrando.

— Eu tenho certeza que você viu o meu arquivo. Tenho certeza que fui classificada com *Físico Muito Forte*, uma *Iniciação Muito Forte*, e uma *Psique Muito Forte* porque eu posso resistir ao glamour. Eu era forte no dia que fui feita vampira, e só me tornei mais forte desde então. Fui treinada com uma katana, tenho conexões políticas e financeiras por toda a cidade, e sou forte o bastante para ter vencido Ethan no treinamento. Sou bem educada e levo a sério os juramentos que fiz a esta Casa. O que mais você gostaria que eu fizesse?

— Você não é de infantaria. Você não é treinada em combate.

— Eu sou a Sentinela da Casa, incumbida de proteger a Casa como uma entidade. Não sou a Capitã dos guardas da Casa, e não é o meu trabalho criar estratégias militares. Eu luto somente como um último recurso, quando todas as outras opções falharam. Eu acho que as pessoas que estão muito dispostas a saltar para uma briga geralmente possuem segundas intenções ao fazer isso.

Frank sentou-se novamente na cadeira de Ethan, as sobrancelhas comprimidas enquanto eu considerava o seu próximo ataque. — As suas conexões com o Prefeito Tate não fez nada para ajudar a Casa.

— O Prefeito Tate tinha intenção de usar os vampiros para os seus próprios propósitos. Ele criou um império de drogas ilegais usando a sanção de seu posto. Não há nada que eu poderia ter feito para impedir isso. Mas eu descobri, e coloquei um fim. E por causa do meu trabalho, ele não está mais produzindo drogas ou usando drogas para controlar os vampiros.

— O seu envolvimento levou às mortes de dois Mestres vampiros.

Eu considerei uma variedade de respostas... dar um chilique; oferecendo uma prova da minha inocência, que eu fiz tudo que era possível; reclamar sobre a falta de apoio do GP quando as coisas estavam ruins em Chicago. Mas eu desconsiderei estas opções.



Eu sabia o que havia acontecido naquela sala, e eu tinha um bom palpite de que o GP também sabia. Eles podem ter apoiado a Celina, e eles podem ter esperado por uma rápida assimilação em Chicago, mas eles não eram burros. Eu não iria jogar o jogo deles, e não iria entregar para eles a estaca para me apunhalar.

— Eu tenho certeza que você foi bem informado sobre o que aconteceu na casa do Prefeito. — eu disse educadamente. — Há alguma informação específica que você precise que eu forneça?

Frank olhou para mim por um longo momento. Não, não *olhou* para mim... ele me *considerou*. Ele me considerou, me avaliou, estimou quem eu era e do que eu poderia ser capaz.

Ele não era somente um contador das Casas. Ele era um contador de vampiros.

— Merit, eu vou ser franco.

Eu tive que morder meus lábios para não fazer um comentário sarcástico inapropriado sobre o nome dele.

— O GP existe para garantir que nenhum indivíduo vampiro ou Casa desequilibre a balança contra o resto de nós. A Casa Cadogan, no entanto, é uma criança problema. Você já possui um demérito em seu arquivo, o que significa que você sabe muito bem como o GP se sente a respeito do caos que esta Casa tem causado.

Eu “ganchei” aquele demérito porque me meti em uma briga induzida pelas drogas que colocou a Casa Cadogan na página principal. Foi coincidência eu estar lá, mas o GP havia estado procurando por alguém a quem culpar. E não era sobre isso que tudo isso estava acontecendo?

— Eu imagino que o GP não está contente com o fato de que os vampiros estão agora fora do armário. — eu ofereci. — Mas isso foi um feito da Celina. Nem o Ethan ou a Casa Cadogan tiveram algo a ver com isso. Se você quer culpar alguém, faça uma visita a Casa Navarre.

— Ah, mas não é como se eu pudesse falar com Celina, não é?

Meu peito se apertou, eu respondi com uma acrimônia. — Já que eu a estaquei depois que ela matou o meu Mestre, não. Você não pode falar com ela.

— Este é o seu lado da história, claro.

O cabelo na minha nuca se arrepiou. — Este é o *meu* lado da história? *Foi* isso que aconteceu.



Franzindo, Frank mexeu em seu cabelo. — Nós recebemos outra informação.

— De quem? Havia apenas cinco de nós naquele lugar, e dois deles estão mortos.

Ele olhou para mim por um momento, apenas por tempo suficiente para a lâmpada acender.

— Você falou com o Tate.

— Falamos. E ele nos contou uma história interessante sobre você invadir o escritório dele e ameaçando-o e ao sócio dele. De acordo com o Tate, todo o drama que ocorreu foi um feito seu, as mortes são sua responsabilidade.

Eu emprestei um *Ethanismo* e arqueei uma sobrancelha sarcástica para o Frank. — Eu interrompi o Tate abrigando um fugitivo e controlando a Celina com drogas e magia. Celina tentou me matar. — a próxima parte foi difícil de dizer e mais difícil ainda de admitir. — Ethan pulou na frente da estaca para me salvar, mas Celina continuou vindo e eu a matei em defesa própria.

— Isso soa terrivelmente conveniente para mim. Eu não suponho que você tem alguma noção de subir na cadeia de comando da Casa?

Eu levei um momento para me recompor, e então olhei para cima para o Frank novamente. — Eu não tenho interesse em ser Mestre da Casa Cadogan.

— Não foi isso que o Tate sugeriu. Ele sugeriu, de fato, que você tem um plano específico para lidar com o resto da hierarquia da Casa.

Meu sangue ferveu. Seth Tate e eu definitivamente iríamos trocar algumas palavras. — Tate mentiu, e eu não tenho nada a não ser respeito pelo Malik. Tate é aquele com uma agenda secreta. E com todo o respeito, a morte do Ethan aconteceu há dois meses. Se você tivesse alguma dúvida legítima sobre os eventos daquela noite, o GP teria ou me excomungado ou me estaqueado já.

A expressão de Frank se endureceu, seus olhos se achatando com desgosto. Eu paguei o blefe dele, desafiando-o a mostrar suas cartas. Ele era um representante do GP, mas talvez tivesse ainda menos provas contra mim, Ethan e a Casa do que eu havia pensado.

— O GP agirá como julgar conveniente.

Como nunca antes, eu tive uma empatia súbita com o Jonah, Noah, e todos os outros envolvidos na Guarda Vermelha. Era precisamente essa atitude que eles estavam lutando contra... o senso de que o GP era infalível, e o fato muito real de que não havia outros para controlar o poder deles.



— Eu tenho certeza que sim. — eu disse.

Frank apertou sua mandíbula por um momento antes de retornar a sua atenção para a pilha de papéis em sua frente. Ele os juntou e os prendeu juntos, e então os deslizou para o lado, em outra torre de papel.

— O GP está muito perturbado pelas ações desta Casa. Sob a minha autoridade, ela irá operar como deveria... uma Casa de doze. Ela não fará um espetáculo de si mesma. Está entendido?

— Perfeitamente.

— Nós nos falaremos de novo. — ele me assegurou, e acenou uma mão desdenhosa.

Eu entendi isso como a minha dica para sair; levantei, empurrei minha cadeira para trás, e segui para a porta.

— Merit.

Como eu fiz em tantas outras ocasiões, olhei para trás do batente da porta do escritório que uma vez havia sido de Ethan. Mas a sala, com suas torres de papéis e um intruso ignorante, era diferente agora.

— De uma forma ou de outra. — Frank disse. — A verdade irá aparecer.

— Eu espero que sim. — eu disse para ele. — Eu realmente espero.

O amanhecer estava a caminho, mas o sol não havia subido ainda. Encontrei os livros que havia deixado na biblioteca do lado de fora da minha porta, então os carreguei para o meu quarto. A fome estava me atormentando, a comida chinesa havia me deixado com lombrigas, então perambulei até a cozinha para ver qualquer coisa que estivesse no estoque que fosse de livre acesso e comível que o Frank permitia.

Por curiosidade, eu também chequei a geladeira, que estava normalmente cheia de sangue. Desta vez, havia apenas três tristes pacotes de sangue Blood4You na prateleira de cima. O fato de que Frank pensou nisso para privar de sangue os vampiros... tornando-os conscientes de cada respiração de como eles tinham obrigações para com ele... me encheram com uma onda de raiva. Era simplesmente sádico.



Mordendo os lábios, contemplei devorar um dos pacotes. Minha fome ainda não havia aparecido totalmente, mas estava começando a corroer o meu peito. Eu também teria que enfrentar a sereia do lago amanhã, e só Deus sabe o que isso poderia envolver. Eu precisava de sangue... mas eu odiava tirar um pacote de outra pessoa. Por outro lado, uma Sentinela louca por sangue não iria ajudar ninguém.

Eu peguei um pacote da geladeira e me preocupei em matar a minha outra fome. Abri um armário aleatório e fiz uma careta para a vista. Igual a Lindsey havia previsto, as comidas eram todas da fazenda e cultivadas à sombra, cheia da melhor qualidade orgânica e sem um *quê* de saturado e hidrogenado em vista.

— Miserável, não é?

Eu olhei atrás de mim. Margot, a cozinheira principal da Casa, estava parada no batente da porta com uma expressão severa. Ela usava sua roupa branca de chef e tamancos de borracha, seus cabelos com cachos escuros brilhando, as franjas pontudas descansando entre seus olhos âmbar iguais a um gato. Seus olhos, no entanto, pareciam aquosos, e eles estavam marcados por círculos escuros.

Este era um efeito do racionamento de sangue?

— É miserável. — eu concordei.

Margot empurrou um carrinho para a cozinha, a prateleira superior e inferior estava carregada de lanches saudáveis e os tipos de legumes crocantes que só tinham um gosto bom quando eram afogadas em um molho cremoso.

Eu sei que não sou um modelo para a alimentação saudável. Mas fui cuidadosa com o meu peso a minha vida inteira. Agora, por causa do meu metabolismo vampírico, eu não podia ganhar uma grama. Eu considerava isso um desafio.

— Eu gosto de cozinhar. — ela disse, abrindo um armário e enchendo as prateleiras. — E eu gosto das minhas frutas e vegetais, mas isso não significa que não goste de carboidratos prontos de vez em quando.

— Eu tenho certeza que ele acha que está fazendo a coisa certa.

Margot pausou, com um pacote de petiscos de frutas secas naturais na mão que provavelmente tinham gosto de isopor, e olhou para mim. — Você realmente acredita nisso?

— Infelizmente, sim. Eu acho que ele realmente acredita que está fazendo tudo de acordo com o GP.



Ela abaixou a voz. — Então talvez seja com o GP que nós deveríamos estar discutindo.

Eu fiz um som de concordância.

Margot encheu o armário, e então abriu a porta da geladeira. — Não tem muito sangue. — ela disse, franzindo enquanto olhava para os pacotes que restavam.

— Racionando, eu presumo.

— Você estaria certa. Ele reduziu as nossas entregas do Bloodf4You em quarenta por cento.

— Eu acho que ele está esperando que alguém perca as estribeiras. — eu previ baixinho. — Que alguém irá atrás de um humano, ou ficará louco por causa da fome na frente de uma câmera.

— Para que ele possa provar para o GP o quão cheio de falhas a Casa é. Convencê-los de entregá-la para sempre para ele.

Eu assenti. Margot e eu dividimos um olhar, antes de ela de repente se iluminar.

— Talvez eu possa ter uma coisinha que irá te animar, na verdade. — ela disse, ajoelhando-se para procurar na prateleira de baixo do carrinho. Quando ficou de pé novamente, ela tinha uma caixa lustrosa nas mãos.

— Mallocakes! — eu sussurrei; meus olhos provavelmente se iluminando como velas romanas. Não teria me surpreendido se as minhas presas tivessem descido por pura excitação. Mallocakes eram os meus bolinhos para lanche favoritos; barras de chocolate com um recheio esponjoso de creme de marshmallow.

— Contrabando. — ela corrigiu, e então puxou uma tira de papel da caixa e tirou um Mallocake. Com muita reverência, ela o entregou para mim. — Eu apenas sou corajosa o bastante para trazer escondido um desses de cada vez. — ela disse baixinho, escondendo a caixa novamente na desordem da prateleira inferior. — Mas nós todos precisamos de alguma coisinha que nos ajude a passar o dia. E se é isso que é necessário, então que seja. Você me encontre quando precisar de uma dose.

E então começou; eu pensei; a primeira onda de uma revolução contra a opressão, lutada com xarope de milho e chocolate.

— Eu agradeço isso. — eu disse. — E o seu segredo está seguro comigo.

Margot rolou seu carrinho de volta pelo corredor. Eu segui para o meu quarto e tomei o sangue imediatamente. Encarei o Mallocake na minha mão por um momento,



mas no final o enfiei dentro de uma gaveta. Haveria um momento em que, sem dúvidas, eu precisaria mais disso do que agora.

Chicago, especialmente com os vampiros, só parecia funcionar dessa forma.



Capítulo 6

Nenhum Homem (ou mulher) é uma ilha.

A mensagem do meu avô veio durante o dia, enquanto eu estava dormindo, felizmente livre de pesadelos. Peguei o celular assim que o sol se pôs novamente, a mensagem dizia: STREETERVILLE HELIPONTO. 21h00min CST.

Como se esperava, meu avô tinha conseguido encontrar um helicóptero, e também um gosto para usar termos militares.

Pela época do ano, o sol descia um pouco mais cedo e as noites eram mais longas, o que me deu mais tempo para me preparar antes da viagem para a ilha, que era em poucas horas. Primeiro ponto da lista, falar com as pessoas que iriam me ajudar.

Eu liguei primeiro para o escritório do Ombud. Jeff atendeu no primeiro toque.

— Merit!

— Hey, Jeff não creio que o lago magicamente se consertou?

— Nem tanto, parece exatamente o mesmo, mas ainda está puxando magia como um Hoover.

— Incrível — e se não cuidarmos disso, e rápido, não haverá qualquer tipo de magia deixada em Chicago.

— O que fizeram com as ninfas?

— Não é bom, mas poderia ser pior. Nós as movemos em torno até encontrar um lugar com certo equilíbrio, não podíamos movê-las para muito longe do lago, ou elas ficariam mais fracas por causa da distância. E nem poderíamos deixá-las muito perto porque ficariam fracas por causa do vácuo. Finalmente as movemos para um dos condomínios do seu pai, seu avô fez os acertos.



Que generoso o meu pai, mas, sem dúvida, tem algo por trás disso, seja para ganhar um favor de um grupo sobrenatural novo para ele... ou para ganhar um favor comigo. Eu ainda não o perdoei por subornar Ethan para me transformar em uma vampira, Ethan não aceitou, porém não diminuiu a dor da traição.

— Vocês encontraram alguma coisa em sua pesquisa?

Jeff bocejou. — Não encontramos nada, nossa melhor teoria é que isso seja um novo tipo de feitiço.

— Sabemos que Catcher não está envolvido, e Mallory está surtando com os seus exames. Simon é o outro único feiticeiro na cidade. Você acha que ele poderia ter algo haver com isso?

— Simon? Eu não sei. Catcher pesquisou sobre o seu passado quando ele se tornou o tutor da *Mal*. Pelo que eu ouvi, ele teve uma infância difícil, e limpo enquanto esteve como aprendiz com a Ordem. Eu não acho que ele encontrou algo suspeito, mas isso realmente não ajuda. Catcher não gosta de Simon.

— Percebi. — eu disse.

— Então, de qualquer forma, encurtando a história. Estamos em um beco sem saída. Talvez a sua conversa com Lorelei vá esclarecer as coisas. Está empolgada com a viagem?

— Eu ficaria mais empolgada, se esta fosse uma visita casual, e não uma viagem para uma ilha isolada para resolver um problema com magia que possa ser ela quem tenha causado.

— Eh, facinho. — Jeff disse.

— Vamos ver sobre isso. Mas esse não é o verdadeiro motivo pelo qual eu liguei. Preciso de um favor.

— Além do passeio de helicóptero?

— Além disso. Eu preciso falar com Tate.

Silêncio.



— Você tem certeza que é uma boa ideia?

Eu podia ouvir a pergunta que ele não estava fazendo. Você tem certeza que é uma boa ideia visitar o homem responsável pela morte do seu amante? Mas eu já tinha pensado nisso.

— Claro que não é uma boa ideia. — eu disse. — Mas ele conversou com o GP, e está espalhando boatos sobre o que ocorreu naquela noite. Ele não é do tipo que desperdiça energia a menos que haja algo para ele, e eu quero saber o que é.

— Ele poderia estar atraindo você para visitá-lo

— Ele provavelmente está. Mas isso não torna a visita menos necessária.

— Okay. Vou falar com Catcher e Chuck. Existem protocolos, eu imagino.

— Entendido. Mas ele está causando problemas para a Casa, assim eu não posso simplesmente deixar isso para lá. Faça o melhor que você puder.

Nós nos despedimos, e eu desliguei com Jeff, mas a chamada me deixou com uma persistente preocupação. Eu não estava louca sobre a ideia de visitar Tate. Eu tinha certeza que ele não é humano, e eu já estava indo visitar uma criatura mágica desconhecida essa noite. Poderia visitar duas.

— Você é adulta. — eu lembrei a mim mesma. — Você é adulta.

Já que eu estava bancando a adulta, liguei para Mallory.

Ela tinha sido grossa quando eu falei com ela antes, mas como sua melhor amiga era meu trabalho checá-la. Desde que eu não reivindiquei a herança da minha família (exceto os favores em nome da família, coisa que eu realmente gosto), Mallory tem sido minha única família. Infernos, tínhamos sido a família uma da outra, mas ter perdido Ethan me lembrou de quanto eu preciso dela.

Claro, eu não fiquei exatamente surpresa quando o telefone foi quase imediatamente para o correio de voz.

— Ei, sou eu. — eu disse a ela. — Só liguei para te desejar boa sorte com seus



exames. Chutar os traseiros, e impressionar Simon, e se tornar uma feiticeira real, ao vivo, e todas as outras porcarias inspiradoras. Vai, Mallory! E agora soou como uma adolescente alegre, que eu definitivamente não sou mais, vou desligar agora. Ligue quando puder.

Encarei o telefone fechado e em silêncio lhe desejei boa sorte, vi o estresse de Mallory há algumas semanas, chorando por causa do estresse do trabalho que estava fazendo e a dor física. Aparentemente, canalizar o poder através do seu corpo era uma tarefa difícil. Certamente não era algo que eu queria para mim. Lidar com vampiros já me dá bastante trabalho.

Com minhas tarefas feitas, tomada banho e vestida, não sabia exatamente o que vestir para acusar alguém de arruinar a água corrente de Chicago, mas eu acho que um conjunto de couro é um pouco agressivo. Optei pela jaqueta de couro, com jeans e uma camisa de mangas compridas. Minhas botas e minha medalha de Cadogan eram meus acessórios, juntos com o meu punhal. Percebi que levar uma estaca de 32 polegadas provavelmente não era a entrada mais diplomática.

Quando estava pronta, me dirigi a Sala de Operação para fazer uma atualização com Kelley. Ela estava sentada na mesa de conferência, revendo algumas informações em um tablet. Lindsey estava em uma das estações de computador, Juliet não estava à vista.

— E aí, senhoras?

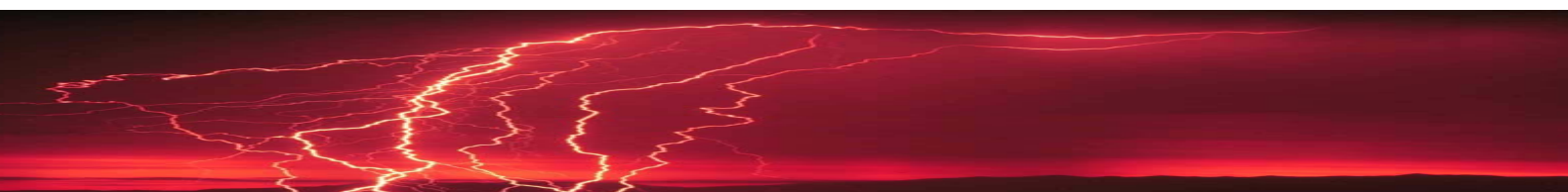
Kelley ergueu os olhos do seu brinquedo. — Boa noite, Merit. Frank encontrou você?

— Infelizmente, sim; — eu disse, checando meu arquivo na parede de informações. Normalmente recebemos *Dailies*, atualização sobre visitantes na casa notícia e acontecimentos. Desde que estamos com falta de pessoal, eles estão mais próximos de *semanários*, e Kelley nos bipava se alguma coisa precisava ser informada imediatamente.

— Ele questionou a minha capacidade de servir, a decisão de Ethan em me nomear, e todas as outras decisões enquanto estava no comando da Casa.

— Oh. — ela disse com um sorriso falso. — Então as coisas de sempre.

— Muito bonito. — sentei-me na mesa. — Perguntou também sobre a noite que



Ethan morreu.

Eu vi, pelo canto do olho, os ombros de Lindsey enrijecerem, ela me olhou com preocupação em seu rosto, e eu acenei em agradecimento.

— Como se vê. — eu disse. — Tate deu ao GP uma versão diferente dos fatos.

— Por que, em nome de Deus, o GP conversou com Tate sobre aquela noite? Quero dizer, as fitas comprovaram o seu envolvimento com as drogas. Por que eles levam em consideração a palavra dele sobre a sua?

— Porque ele não é eu. E por alguma razão qualquer, eles não confiam em mim.

— Idiotas. — Lindsey murmurou.

— Concordo. Mas nós ouvimos de Darius, Charlie, e agora Frank que o GP realmente acha que nós estamos criando problemas. Eles têm essa ideia que nós somos cowboys no deserto americano, criando problemas com os seres humanos.

— Em vez de colocar a culpa disso em Celina? — Kelley perguntou.

— Exatamente o que eu penso. Assimilação silenciosa só é uma estratégia viável se nós não tivéssemos sido arrastados a pontapés e gritos para fora do armário.

Kelley suspirou e bateu as unhas vermelhas na mesa. — E, no entanto, o que podemos fazer sobre isso? Sempre que o GP obtém informações, eles simplesmente ignoram.

— Temos defeitos. — disse Lindsey.

O olhar de Kelley caiu em Lindsey. — Não diga isso em voz alta. — advertiu. — Só Deus sabe quão seguro está a Casa com ele aqui.

— Isso é mesmo uma opção? — perguntei calmamente. Eu tinha lido uma curta versão do *Canon*, as leis ligadas aos vampiros norte americanos, mas não lembro que ler algo sobre uma defecção. Não que o GP fizesse publicidade para esse tipo de coisa.

— Apenas duas vezes na historia do GP. — Kelley disse. — E nunca em uma Casa americana.





— Nunca diga nunca. — Lindsey murmurou.

— Lindsey. — advertiu Kelley novamente, desta vez com um tom de autoridade em sua voz.

Lindsey olhou para trás de seu computador, sobrancelhas levantadas.

— O que? Eu não tenho medo de falar em voz alta. Esta casa é regida pelo GP. O GP deveria supostamente manter a Casa estável e protegê-la? É o que esta acontecendo? Infernos que não. Em vez disso, eles estão criticando e investigando os nossos vampiros, quando deveriam estar trabalhando para manter esses humanos loucos longe de nós.

Ela apontou o monitor a sua frente, ambas, Kelley e eu nos aproximamos para ver melhor. A tela mostrava a calçada da frente da Casa, onde o número de manifestantes parecia ter triplicado desde o amanhecer. Eles estavam marchando para cima e para baixo com cartazes responsabilizando a Casa Cadogan pelas águas escuras do lago. Como se nós tivéssemos criado o problema, em vez de tentar impedir.

— Eles nos culpam. — eu concluí. — Eles não têm provas que temos algo haver com o lago; eles apenas não têm ninguém para culpar. Por isso estão aqui.

— Oh, não. — Kelley disse. — Essa não é a única razão. — ela caminhou de volta a sua mesa, mexeu um pouco em seu tablet, e o entregou a mim.

Na tela mostrava um vídeo da Prefeita Kowalczyk, vestindo um terno razoável, com seus cabelos castanhos, em pé na frente de um pódio.

— Conferência de imprensa? — eu perguntei.

— Oh, sim. — Kelley disse. Então apertei na tela para iniciar o vídeo.

— *Você sabe o quê?* — a Prefeita questionou, inclinando-se sobre o pódio. — *Eu não me importo. Vocês não me elegeram para esse cargo, para gastar o meu tempo cedendo para interesses de grupos especiais. E, tenha certeza, meu amigo chicagense, que estes vampiros são um grupo especial. Eles querem ser tratados de forma diferente. Eles querem que as regras que se apliquem a nós não se apliquem a eles.*

— Isso era mesmo em inglês? — perguntei calmamente. Suas habilidades



linguísticas, contudo, manteve-se.

— *Há mais nessa cidade do que um bando de rebeldes, antiquados, tem gente trabalhadora. Que sabem que nem tudo é sobre vampiros. E esta é uma daquelas coisas. O lago é nosso. O rio é nosso. Para eles é sobre turismo, sobre pesca. Eu não permitirei que esta cidade seja cooptada. E eu vou dizer uma coisa, a lei do registro vai ser a melhor coisa que já aconteceu nessa cidade.*

— Blá blá blá. — Lindsey murmurou. — Responsabilize os vampiros em vez de trabalhar para reparar o problema. — Kelley pausou o vídeo. — A Prefeita Kowalczyk tem um círculo eleitoral diferente. — ela disse — E uma perspectiva muito diferente das coisas.

Lindsey murmurou. — Uma perspectiva ingênua.

— Seja como for. — eu disse. — É a perspectiva que ela acha que a cidade progredirá. E eles vão acreditar nela. E é por isso que precisamos estar à frente delas. — mas enquanto eu encarava a imagem no nosso mais novo inimigo político, eu vi algo ainda mais perturbador.

— Kelley, aumenta a imagem.

Havia uma confusão em sua expressão, mas ela fez. E atrás de Diane Kowalczyk, em toda sua glória preta, estava McKetrick.

— Este é McKetrick. — eu disse apontando para a tela.

— Você tem certeza? — perguntou Kelley, inclinando a cabeça para a imagem.

— Positivo. É difícil esquecer alguém que apontou uma arma para o seu rosto. Bem, quem ordenou que apontassem uma arma para o seu rosto, de qualquer maneira.

— Merda. — disse Kelley estranhamente. — Assim o nosso inimigo paramilitar fez um amigo político.

— O que pode explicar de onde as suas piores ideias vêm. — eu sugeri. Meu estômago embrulhou com o pensamento, McKetrick e seu ódio teriam a legalidade política em Chicago. — Adicione isso a sua lista de informações. — Kelley disse a Lindsey. — Um aliado político de Kowalczyk. E ele tem bastante influência para ficar no pódio ao



lado dela.

— Esta noite esta cada vez melhor. — eu disse, então olhei para Kelley. — E por falar em ideias horríveis, eu vou ver Tate, e nós vamos ter uma conversinha sobre o GP e o que ocorreu na Creeley Creek.

— Existe a possibilidade que isso seja parte do seu plano, mentir para o GP para você soltá-lo.

Isso soou como a preocupação de Jeff, e eu decidi que estavam um tanto corretos.

— Estou contando com isso. — eu disse. — Mas eu acho que quanto mais rápido eu fizer uma aparição, mais rápido vamos descobrir o que ele esta tramando.

— Não é como se ele fosse desistir voluntariamente do seu plano. — disse Lindsey.

— Não, não é. — eu disse. —Depois disso, assumindo que não vá usar seu poder para me transformar em um estúpido zumbi. Estou indo ver a sereia.

Kelley concordou. — Boa viagem, Sentinela.

Não era certo se Deus existia, e tivesse os olhos no drama de Chicago. Mas em todos os casos, eu fiz uma pequena oração. Não poderia fazer mal.

Eu encontrei uma mensagem de voz enquanto caminhava das escadas até o meu carro.

Era Jeff, com instruções. Eu tinha que encontrar Catcher e meu avô em uma instalação do CPD¹⁶ perto do lago, em uma parte industrial da cidade cheia de torres enferrujadas e fábricas de tijolos em ruínas. Não era exatamente um local acolhedor para conversar com Tate, mas que, sem dúvida, representava uma baixa ameaça pública. Eu tinha advertido os oficiais do CPD que o tinham levado para o interrogatório para serem

¹⁶ CDP – Chicago Police Department – Departamento de Polícia de Chicago



cuidadosos. Eu não tinha ouvido histórias de policiais ou guardas sendo enganados e fazendo suas solicitações, talvez seja esse o “por que”.

Tate definitivamente não era humano. Ele confessou tudo. Embora Celina Desaulniers estivesse parcialmente drogada enquanto estava submetida a ele, ele também usou algum poder próprio para fazer isso. Mas que poder? E o quanto ele pode manejar?

Francamente, nós não tínhamos ideia, e isso não era exatamente reconfortante. Mas o que poderíamos fazer?

Assim que pisei na noite fria de outono, fui atingida pelos gritos dos manifestantes. Havia toneladas deles lá fora, segurando cartazes que falavam sobre a minha condenação eterna e gritando xingamentos. O que há com os humanos que fazem esse comportamento aceitável?

Mas eu não era mais humana, de modo que a etiqueta vampírica ganhou. Mesmo enquanto gritavam comigo, eu consegui não oferecer um gesto obsceno no caminho até o carro. A autossatisfação não fez diminuir a picada.

Eu dirigi para o sudoeste, o endereço indicado por Jeff tinha me levado a uma estrada de terra, que terminava em uma cerca de arame com dez pés de altura.

Cautelosamente, eu saí do carro e andei em direção a cerca. Uma onda de advertência de repente encheu o ar. Empurrando o medo para baixo, e desejando que Ethan estivesse ao meu lado, eu entrei.

A cerca cercava uma série de seis edifícios de tijolos, com tamanhos diferentes e nenhum padrão aparente. Eu supus que era uma usina. Independente do que eu propusesse, claramente estava vazio há algum tempo.

Eu já visitei o escritório do Loop do CPD. Os suspeitos que foram registrados lá podiam estar com pouca sorte, mas o local era agradável. Era novo, limpo. Do jeito que um Departamento de Polícia deve ser.

Este lugar, por outro lado, tinha um ar de desespero nele. Ele me lembrou de uma foto que eu tinha visto de um prédio abandonado na Rússia, uma estrutura projetada e construída para um tipo diferente de regime, deixado sozinho para apodrecer quando a sua filosofia foi abandonada.



Eu não poderia imaginar Tate, que usava todas as coisas luxuosas e gourmet, ficando excitado sobre estar aqui.

Girei na construção de pedras a minha esquerda. Catcher e meu avô chegaram em um carrinho de golfe. Catcher, com toda a sua personalidade agressiva, estava dirigindo. Embora seu olhar dissesse que não tinha dormido nem um pouco desde a noite passada. Meu avô estava segurando, com os nós dos dedos brancos, a barra acima da sua cabeça, eu acho que ele não estava impressionado com a condução de Catcher.

— Este é o local onde vocês estão mantendo Tate? — perguntei subindo para o banco de trás do carrinho. Catcher se afastou quase imediatamente, fazendo uma curva tão fechada que eu quase caí. Aprendi a lição, segurei na barra, também.

— Até sabermos mais sobre o que ou quem ele é. — meu avô disse por cima do som do motor do carrinho e o cascalho. — Nós tomamos todas as precauções.

Examinei a paisagem enquanto nós passávamos, desde o monte de lixo até as pilhas de tijolos e metais enferrujados que uma vez tinham sido uma fábrica. — Vocês não poderiam encontrar um lugar mais afastado do que esse?

— Terceira maior cidade do país. — disse Catcher. — Nós aceitamos o que conseguimos.

— Que é?

— Um pedaço de terra que a cidade assumiu quando os antigos inquilinos desocuparam. É uma antiga fábrica de cerâmica. — meu avô afirmou. — Eles a usaram para fazer tijolos e telhas aqui.

— O que significa lotes de espessura, a prova de fogo, e edifícios isolados. — supus.

— Exatamente. — meu avô disse.

Dirigimos-nos (provavelmente duas vezes mais rápido que o recomendado) ao redor do complexo, circulando ao redor até chegarmos a um terreno muito irregular, paramos em um edifício com grandes portas amarelas que tinha enormes números pretos.



— Estes eram os fornos a lenha. — meu avô explicou enquanto descemos do carrinho.

— Interessante. — eu disse. *Assustador* foi o que pensei.

Silenciosamente, eu os segui por um caminho estreito ao lado do forno. Paramos em frente a um pequeno edifício, mas muito bonito construído no meio de um círculo feito por resto de edifícios.

A construção não poderia ter mais do que quarenta pés quadrados. Nas portas e em cada esquina estavam fadas de guarda, deixando poucas dúvidas sobre a sua finalidade.

Meu estômago começou a se agitar com a antecipação, eu olhei para o meu avô.

— Ele está lá dentro?

— Ele está. Isto costumava ser o escritório da fábrica, divide-se em dois quartos. Ele está em um sozinho.

O telefone de Catcher começou a tocar, ele o puxou, olhou para ele e sorriu.

— Meio que é um mau momento para mensagem sexy, não é?

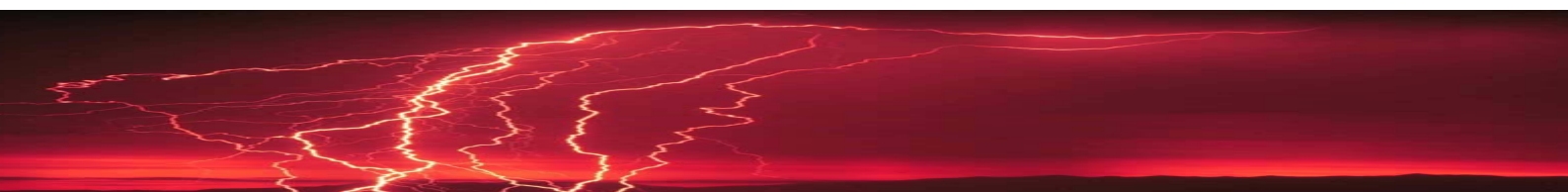
Ele rolou os olhos e me mostrou a tela do telefone. Tinha uma foto de um quarto de tijolos vazio, a não ser por um colchão no chão e uma pequena pia em um lado.

— A cela de Tate. — explicou. — Desde que ele saiu do quarto, eu estive procurando-o.

— Inteligente. — meu avô disse.

— Pode ter acontecido alguma coisa com ele. — Catcher explicou, guardando o telefone de novo. — O quarto está vazio. Mesmo que ele não tenha uma assinatura de magia, não que dizer que ele não tenha poder. Você vai ter que entregar todas as suas armas, não queremos que elas caiam nas mãos erradas. — ele explicou. — Se você precisar de ajuda, estaremos na sala ao lado.

Eu hesitei, mas levantei meu pé e tirei meu punhal da bota. O pensamento de um jogo de gato e rato sobrenatural com Tate sem armas não era muito animador. Mas



Catcher tinha um ponto. Se Tate me controlar e tomar meu punhal, ele seria uma ameaça muito maior não só para mim, mas também para as fadas, ou qualquer um mais que ele possa controlar.

Catcher pegou o punhal com um aceno, seu olhar passou através da gravura no final.

— Você vai ficar bem lá dentro, bebê? — meu avô perguntou. Havia preocupação em sua voz, mas não acho que ele estava preocupado comigo. E sim com Tate, afinal se não fosse pelas manipulações dele, Ethan ainda estaria vivo.

Por um momento eu considerei a sua pergunta. Honestamente, não sabia se iria ficar bem. Eu sabia que precisava falar com ele. Eu também sabia que ele era muito perigoso. Enquanto ele era um político com os melhores interesses para Chicago em mente, ele também tinha sido um traficante e manipulador. E tinha escrito o roteiro do drama que ocorreu em seu escritório dois meses atrás.

Medo e raiva lutaram. Eu era esperta o bastante para estar com medo de quem Tate era e o que poderia fazer. Suas motivações eram opacas, mas certamente para interesse próprio, e eu não tinha dúvidas que ele jogava comigo de acordo com o humor e para o seu divertimento. Só em pensar nisso deu um nó de tensão no meu estômago.

Mas por baixo do medo tinha um núcleo de fúria derretida.

Fúria que Ethan tinha sido tirado de mim pela necessidade que Tate tinha de jogar um jogo infantil. Fúria por Ethan ter ido e o Tate continuar vivo, preso em uma prisão anacrônica. Fúria por não ter conseguido parar o jogo de Tate antes de sua jogada final, e que ainda hoje ele tenta prejudicar a minha posição na Casa.

Eu não era criança, e nem era Celina. Não ia matá-lo por vingança, ou para vingar a morte de Ethan, ou por estar puta por ele ter tirado algo de mim. Que bem poderia fazer a violência a não ser expor a mim e a minha fúria?

Não. Tate já tinha causado drama suficiente, e hoje eu não estava indo para dar-lhe a satisfação de me atrair para a violência. Hoje à noite, nós falaríamos sobre o GP, e a fraude que ele estava executando atualmente. Se Deus quiser, quando eu passar pela porta, e olhar em seus olhos pela primeira vez desde a morte de Ethan, vou ficar bem, pensei, arrumando a conclusão lógica na mente.



— Sim, eu preciso fazer isso. — eu disse ao meu avô. — Tate não iria mentir para o GP sem um plano, e eu quero saber o que é. Da última vez nós estávamos demasiadamente atrasados. Eu não vou ser enganada por ele novamente. Vou ficar bem. — acrescentei. Cruzando meus dedos para que não estivesse mentindo para ele, ou para mim mesma.

Com um sorriso de desculpa, ele puxou um pacote de seda azul anil do bolso do seu colete. — Isso pode agudar um pouco. — ele disse, segurando-o na palma de uma mão e retirando a seda com a outra.

Com muito cuidado, ele retirou o forro de seda, eu imaginei que iria me mostrar a mais extravagante das bugigangas. Sobre a almofada de seda estava um retângulo de madeira fortemente granulado de três centímetros de comprimento. O acabamento brilhou de tão liso. Uma metade da madeira era mais escura que a outra, como se as duas partes tivessem sido fundidas juntas e as bordas cuidadosamente arredondadas, em uma forma fluida e orgânica.

— O que é isso? — perguntei.

— Nós chamamos isso de “madeira da preocupação”. — meu avô disse. — É um tipo de bloqueador de magia. Nós não estamos inteiramente certos de que tipo de magia Tate poderia estar trabalhando. Mas acrescentando a sua imunidade ao glamour, isso deve mantê-la segura de qualquer tipo de magia que ele possa tentar.

— As fadas carregam também. — Catcher disse.

Meu avô estendeu a mão, e eu peguei a madeira da almofada de seda. Estava mais quente do que eu esperava, e mais suave ao toque. A madeira tinha sido cuidadosamente polida, deixada áspera o suficiente para que parecesse madeira, e não plástico. Encaixava-se perfeitamente na palma da minha mão.

De uma maneira estranha, era tranquilizador, reconfortante da mesma maneira que as orações poderiam ser. Coloquei a madeira no bolso, pensando em como manter Tate inconsciente dela o maior tempo possível.

Meu avô acenou com um gesto, então recolocou o pedaço de seda no bolso. Com uma mão em minhas costas, me acompanhou até a porta, onde a fada me olhou.

— Nós estaremos aqui fora, se você precisar de nós. — meu avô me lembrou.



— Ok. — eu disse. Soltando uma respiração. — Eu estou pronta.

Somente o primeiro passo vai sugar, lembrei-me, e me dirigi para dentro.

Havia muita gente bonita que tinha sido bem sucedida, atores, astro do rock, modelos. Mas havia, provavelmente, muitos que tinham desperdiçados seus dons genéticos em drogas, crimes, luxúria, ganância, e vários outros pecados capitais.

Tate, infelizmente, caiu na última categoria.

Ele tinha escalado rapidamente a escada política, sua boa aparência o ajudou a conquistar uma ninhada de eleitores de Chicago. Mas não estava satisfeito com uma carreira política meteórica, ele tinha negociado tudo em uma chance de controlar os vampiros, e acabou com um macacão laranja que não era tão lisonjeiro como tinha sido seu Armani.

Ele estava sentado em uma mesa de alumínio, uma perna cruzada sobre a outra, cotovelos em cima da parte de trás da cadeira, e olhos atentos verificando a sala... e em mim quando entrei.

Ele parecia um pouco mais magro desde a última vez que o vi, suas maçãs do rosto um pouco mais marcadas. Mas seus cabelos ainda estavam escuros e perfeitamente organizados, e os olhos ainda em um azul penetrante. Seth Tate era do tipo bonito de doer, e era uma pena que toda a sua beleza se desperdiçasse em uma parte só da cidade.

Exceto a parte que ele é um assassino bastardo.

Havia também um leve cheiro de limão e açúcar no ar, esse sempre era o cheiro ao redor de Tate. Não era desagradável, muito pelo contrário. Só não era o tipo de perfume que se esperava de um homem com o sangue frio como Tate.

Um formigamento de magia no ar, no entanto, parecia muito apropriado. Esta foi a segunda vez que eu tinha sido capaz de detectar a magia de Tate, ele tinha feito um ótimo trabalho para escondê-la antes. Eu odiava a sensação: oleosa, pesada e velha, como



o incenso que você encontraria no santuário de uma igreja gótica.

— Bailarina. — Tate disse.

Eu dançava quando era mais jovem, e Tate tinha me visto de sapatilhas de ponta e tutus. Ele tinha decidido usar *Bailarina* como um apelido. Claro, desde que esse homem era o responsável pela morte do meu amante e Mestre, eu não estava interessada em seu uso familiar.

— Eu prefiro Merit. — eu disse, tomando a cadeira a sua frente. A cadeira de alumínio estava fria, cruzei os braços sobre o peito, tanto por causa do frio como proteção contra a magia no ar.

Enquanto tomei o assento, a porta de aço do quarto foi fechada em um baque que estremeceu um pouco a sala. Meu estômago deu um salto com os nervos.

Nós sentamos em silêncio por um momento, Tate olhando para mim com concentração.

A pressão da sala de repente aumentou, e o cheiro se tornou mais forte, tão exageradamente doce e azedo, o suficiente para fazer água na boca. A sala parecia balançar para frente e para trás. Não era como qualquer outra magia que eu já senti. Esta era de um calibre diferente. De uma idade diferente talvez. Como se a magia tivesse nascido em uma época diferente, em uma Era antiga.

Coloquei uma mão na cadeira em que estava sentada para não cair, e a outra no meu bolso onde estava a madeira da preocupação. Mantive meu olhar treinado fixo em Tate, como uma bailarina que fixa o olhar em um ponto para não ficar tonta, e apertei a madeira tão forte que temia que ela quebrasse sob meus dedos.

Após alguns minutos, o balanço parou e a sala aclarou novamente.

Tate sentou-se pesadamente em sua cadeira, e franziu a testa para mim. Foi quando percebi o que ele estava tentando fazer. — Você estava tentando usar glamour em mim?

— Ineficaz, parece. Madeira da preocupação?

Eu sorri educadamente, e me foquei para ficar calma. Eu não tinha certeza se era



a madeira ou a minha resistência natural ao glamour, mas não estava prestes a dar essa satisfação a ele. Deslizei a mão do meu bolso novamente. — Uma dama nunca revela seus segredos.

— Hum. — ele disse, se mexendo um pouco na cadeira. Ele cruzou os braços sobre o peito e olhou para mim, cabeça inclinada me estudando. Cada vez que ele se mexia, um pouco de magia pairava através do ar. Ele tinha escondido antes, no entanto, não estava tão incomodado agora. Eu não tinha certeza se isso me fez sentir melhor ou pior.

— Eu me perguntava quando viria me visitar.

— Tenho certeza que você fez. Mas para ser honesta, passei um tempo decidindo o que fazer com você. — inclinei para frente cruzando as mãos sobre a mesa. — Devo começar te culpando pela morte de Ethan? Ou por colocar a culpa da morte de Ethan em mim e dizer ao GP que meu objetivo era me tornar Mestra da Casa Cadogan? Ou talvez por ter mentido para mim sobre o meu pai? Você me disse que ele pagou o Ethan para me transformar em uma vampira.

— Eu tinha uma autoridade muito boa.

Levantei minhas sobrancelhas em questionamento.

— Com certeza. — ele permitiu. — Ela estava sob influência no momento...

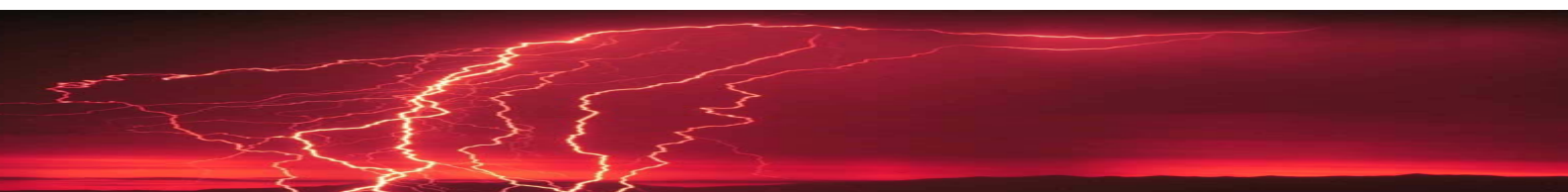
— Celina dificilmente era uma fonte de informação confiável. Especialmente quando você estava manipulando-a com magia.

Tate revirou os olhos. — Será que temos que saltar para isso? Não vai perguntar como eu estou? Ou como é a vida preso aqui dentro? Será que somos tão íntimos que não se incomoda com as educadas formalidades?

— Você fabricou drogas, deixou os vampiros viciados nela, facilitou a morte de dois vampiros. E me culpa por todas as acima. Então porque eu deveria ser educada com você?

— Essa foi uma semana muito ruim. — foi tudo o que ele disse.

A observação foi insensível, mas o tom foi sincero. Eu tinha sentido, ele não estava



brincado. Talvez tivesse seu próprio drama mágico.

— Você disse ao GP que eu arquitetei as mortes de Ethan e Celina para poder assumir a Casa. — eu disse. — Eles já estão procurando uma desculpa para me chutar para fora, e você está dando o motivo a eles.

— Você nunca imaginou como seria a Casa Cadogan se você estivesse no comando? E eu não disse que você arquitetou as mortes. — ele disse. — Eu disse que você foi a responsável por elas. E você foi. Se Celina não te odiasse tanto, ela não teria entrado no jogo. E se Ethan não tivesse te salvado, ele estaria vivo. E se você não tivesse entrado no jogo, Celina estaria viva. Portanto, você é responsável por suas mortes.

Sua voz era tão calma, que era difícil dizer se ele realmente acreditava nisso ou estava tentando me irritar. Mas eu me forcei a ficar calma.

— Nesta análise você ignora seu papel, é claro. Se não fosse por suas manipulações, nada disse teria acontecido.

Ele levantou um ombro. — Você tem a sua verdade, eu tenho a minha.

— Há apenas uma verdade.

— Isso é ingênuo, não é? Merit, não há nenhum dano para mim em insinuar que você estava envolvida com as duas mortes. E se isso criar qualquer dúvida razoável para apoiar a minha liberação, que seja. — Tate se inclinou para frente. — A questão real, claro, é por isso que você está aqui. Porque eu não posso imaginar que você viajou para essa parte da cidade, no meio da noite só pra desabafar comigo ou se queixar que estou mentindo.

Ele tinha um ponto. Não era como se eu pudesse convencê-lo a chamar o GP e mudar a sua história, ele não faria isso, e eles não iriam acreditar nele de qualquer maneira. Então, por que eu estava aqui? O que esperava conseguir? Queria confrontá-lo sobre aquela noite?

Talvez isto não fosse sobre o GP, talvez isto fosse sobre mim. Talvez eu temesse que Tate estivesse certo, que ele não era o responsável pela sua morte.

— Eu posso ouvir você pensando do outro lado da mesa. — ele disse. — O silêncio é o melhor que você pode fazer; então você não é tão interessante como eu imaginava.



— Dois vampiros estão mortos.

—Você sabe quantos seres viveram e morreram desde a origem deste mundo, Merit? Bilhões. Muitos bilhões. E, ainda assim, você dá pouca importância para suas vidas, apenas porque você não os conheceu. Mas dois vampiros que viveram mais do que sua parte dos anos morre, e você os lamenta na terra, por assim dizer?— ele estalou a língua. — Quem está sendo ilógico agora?

Levantei-me e empurrei minha cadeira de volta. — Você está certo. — eu disse. — Talvez seja egoísta afligir-se. Mas não vou pedir desculpa por isso.

— Grandes palavras. — ele disse.

Eu caminhei até a porta, depois me virei e o olhei, o playboy de macacão laranja. — Talvez, no fundo, eu quisesse que você admitisse para mim o que você tinha feito e que você mentiu para o GP. Talvez eu quisesse que você assumisse a responsabilidade por suas mortes.

— Você não pode obter o perdão de mim.

— Eu sei. — e eu fiz. Eu sabia que vir até Tate não ia mudar qualquer coisa, e que não ia assegurar meu medo secreto que a morte de Ethan foi por minha causa. Depois de tudo, se não tivesse sido por mim...

Havia muitas verdades sobre aquela noite, e Tate não poderia aliviar o peso da minha própria culpa. Mas eu tinha certeza, que tinha ido ao seu escritório para deter a distribuição das drogas, para ajudar a Casa, e para ajudar os vampiros da cidade. Seja qual for a decisão do GP, eu sabia o que tinha acontecido naquele quarto, e não estava indo ser julgada por um crime que eu não tinha cometido.

Olhei novamente para Tate, e senti um pouco do peso do meu peito aliviar.

Ele sorriu. — Aqui estamos. — ele disse, com a voz um pouco mais profunda, e seus frios olhos azuis brilhando com prazer. — Agora nós estamos de volta ao interessante outra vez. Você veio aqui porque não está com medo. Porque tanto quanto você acha que confiou em Sullivan, você é a sua pessoa. Eu sempre soube isso sobre você. Para melhor ou pior, seu pai fez você a mulher que você é hoje. Talvez ele fosse frio. Mas você é autossuficiente por causa disso.



Uma onda de magia espessa passou pelo ar novamente, ele falou as palavras, soando um pouco como uma sabedoria transmitida do mentor ao estudante. Isso só me confundiu mais.

— O que você quer de mim?

Seus olhos brilharam. — Absolutamente nada, Merit. Exceto que você seja quem você é.

— Um adversário apropriado. — vendo a expressão gelada em meu rosto ele se sentou em sua cadeira, com uma expressão presunçosa no seu rosto.

— E eu acho que eu vou aproveitar essa rodada particular.

Eu tive a nítida impressão que eu não faria.

— Eu não estou comprometida em jogos com você, Tate.

Ele estalou a língua. — Você não vê Merit? O jogo já começou. E eu acredito que seja a minha jogada.

Havia algo reconfortante sobre o cascalho áspero sob os meus pés e o ar no outono. O ar da sala tinha sido pesado, a magia de Tate enervante. Tomei algumas respirações profundas e tentei acalmar meu coração que batia rapidamente.

Catcher e meu avô ficaram a poucos metros de distância do prédio e andaram em minha direção quando eu saí.

— Você está bem? — meu avô perguntou.

Nós paramos juntos a trinta pés do edifício. Eu olhei para ele. De longe parecia tão inócuo, apenas um pequeno edifício de tijolos que uma vez abrigou cartões de pontos e faturas. E agora, detinha um ser sobrenatural de origem desconhecida.



— Eu estou bem. — disse a ele. — Fico feliz por estar aqui fora de novo. Havia muita magia lá dentro.

— Magia insidiosa. — explicou Catcher. — Raramente você sente, até que seja tarde demais. Você aprendeu alguma coisa útil?

— Não, ele jogou timidamente. Embora ele parecesse realmente acreditar que eu fui a responsável pelo que aconteceu naquela noite.

O que parecia ser o suficiente para satisfazer ambos.

Silenciosamente, subimos novamente no carrinho de golfe e fizemos nosso caminho de volta até o portão. A brisa estava forte. Eu apertei a minha jaqueta, não tinha certeza se era pela proximidade do inverno, ou pela experiência, que tinha me gelado até os ossos.



Com isso feito, fui para o heliporto que meu avô indicou para encontrar o helicóptero que me levaria à ilha de Lorelei.

Meu pai, um membro do Conselho de Crescimento de Chicago, tinha lutado por dois anos para obter um heliporto instalado na Streeterville, uma área ao norte do centro de Chicago ao longo do lago, apesar das preocupações por esta área ser cheia de arranha-céus para fornecer um serviço de segurança. Esse heliporto foi notícia nos últimos quatro meses. Demorou para os políticos decidirem que era eleitoralmente arriscado vetar o heliporto ou permiti-lo. Como frequentemente acontece quando o dinheiro está envolvido, o CCC ganhou, e o heliporto foi instalado.

Estacionei na frente de um prédio elegante, e prateado que abrigava a pista e entrei. O segurança anotou meu nome, e, em seguida, enviou-me para o elevador.

As portas se abriram no último andar do edifício, em um grande círculo de asfalto com o grande 'H' no meio. O piloto me cumprimentou com um aceno, essa era a única maneira que dava para se comunicar dado ao vento e o barulho das hélices, que já estavam girando.

Ela fez um sinal para eu ir em direção à porta indicando que eu colocaria os fones



de ouvido quando estivesse lá dentro, acenei e corri em direção ao helicóptero, abaixando mais do que provavelmente precisava para evitar as hélices, mas por que arriscar? Quando coloquei o cinto e os fones de ouvido, decolou e a cidade desapareceu abaixo de nós.

Quarenta e dois minutos mais tarde, nós nos aproximamos da ilha. Eu não esperava que fosse visível até tocarmos o chão, mas as luzes do helicóptero passaram sobre uma enorme onda, os restos das embarcações tinham sido jogados sobre a borda da ilha da sereia.

Graças a Deus nós não viemos de barco.

A ilha estava coberta de árvores, a não ser por duas pequenas clareiras, uma revelou uma estrutura, provavelmente a casa de Lorelei, e uma área menor mais perto da costa. Nós pousamos, a piloto desligou o helicóptero, e tirou os fones de ouvido.

— Isso é assustador. — ela disse, olhando para a escuridão e depois para mim. — Eu tenho outro voo para fazer em algumas horas. Você acha que é tempo suficiente para você fazer o que precisa?

— Eu certamente espero que sim. — eu disse, então sai do helicóptero. Olhei para ela. — Se eu não voltar a tempo, você deve ir, chame o meu avô e traga as tropas.

Ela riu como se eu estivesse brincando.

Infelizmente, eu não estava.

Um caminho levava para a floresta, e eu não pude deixar de pensar em *Dorothy*, *Chapeuzinho Vermelho* e todos os outros que temiam por onde andavam. Mas a piloto tinha um cronograma a cumprir, então eu precisava começar o show.

Dei um passo, depois outro, até que a clareira desapareceu atrás de mim e eu estava cercada por uma floresta viva e cheia de ruídos. Os animais ainda estavam se preparando para o próximo inverno se arrastando pela vegetação rasteira, e a copa das árvores criava um padrão no chão com a luz do luar.

Lembrando-me que eu era um vampiro, e que tinha sentido de predador, deixei meus sentidos saírem. Minha visão noturna mais aguçada. Eu podia sentir o cheiro do solo úmido, o fraco almíscar dos animais nas árvores. O cheiro de fumaça acre e



esverdeada de resina fresca saindo do caminho que eu assumi, fosse a casa de Lorelei, alguém tinha estado cortando lenha, talvez.

A noite estava viva com coisa que muitos seres humanos raramente veem ou consideram; um mundo inteiro que se transformou, enquanto eles estavam inconscientes. Será que os assustaria, eu me pergunto, imaginar o quanto o mundo mudou enquanto eles estavam distraídos?

Andei pouco menos de dez minutos, o caminho mudou suavemente para cima, eu surgi em um platô que, durante o dia, provavelmente proporcionaria uma bela vista do lago. Considerei algo positivo, meu pai não sabia que a propriedade existia, ele teria destruído a casa de Lorelei para construir uma pousada de luxo.

A casa brilhava no meio da clareira, era baixa, com paredes de vidro que alternava entre faixas de madeira. A casa tinha poucas diferenças com a terra, como se ela pudesse simplesmente ter crescido lá, como se ela pudesse derreter de volta para o chão caso você virasse de costas por muito tempo. Um caminho de pedra conduzia pelo gramado para uma enorme porta de madeira, eu assumi que era a entrada principal.

Fiquei na borda da floresta por algum tempo, saboreando a ironia. Há poucos minutos, eu estava com medo de entrar na floresta, agora temia sair. Claro, eu estava, supostamente, imune ao canto da sereia de Lorelei, mas não que isso acalmasse os nervos. Eu tinha visto os barcos no litoral. O que havia acontecido aos seus capitães?

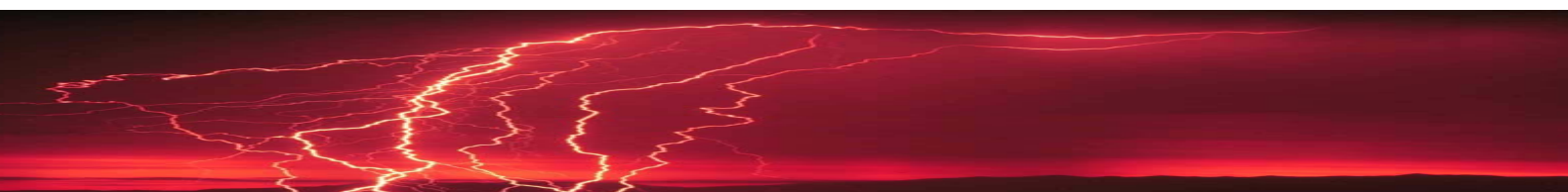
Em silêncio, enquanto esperava, ouvi o canto pela primeira vez. Soou como uma canção fúnebre de luto, cantada por uma mulher com a afinação perfeita e tom sensual.

A sereia.

Fechei os olhos e esperei por um momento..., mas nada aconteceu. Não me senti compelida a seguir a voz, ou viver o resto das minhas noites imortais em sua ilha. Exceto um pouco de tontura, mas isso era devido a falta de sangue, culpa do racionamento de Frank, tudo estava bem.

Soltei uma respiração, caminhei em direção a porta, e bati.

Não mais do que um segundo depois, uma mulher corpulenta que aparentava ter seus 50 - 60 anos abriu a porta, seus olhos se estreitaram.



— O quê?

Com certeza essa mulher, que usava uma camisa larga, calças de stretch e com um espanador de penas na mão, não era a sereia do lago. E o canto continuava em algum lugar da casa, então não poderia ser ela.

— Eu sou Merit. Estou aqui para ver Lorelei.

Ela parecia indiferente aos meus interesses e me olhava fixamente.

— Eu sou um vampiro de Chicago. — eu disse a ela. — Preciso falar com Lorelei sobre o lago.

Sem uma palavra, ela bateu a porta na minha cara. Pisquei em choque, depois mordi meu lábio por um segundo, considerando as minhas opções.

Eu poderia invadir a casa, mas tem uma regra de etiqueta que diz que os vampiros precisam de um convite para entrar na casa de alguém. Não ia ser uma coisa boa, se eu chateasse o espírito do lago por violar o protocolo.

Outra alternativa era que eu poderia fazer meu caminho de volta para o helicóptero, e avisar a piloto que ela teria um tempo de folga até o horário do seu próximo voo chegar.

Uma vez que nenhuma das duas opções poderia revolver meu problema atual, decidi ir para a terceira, pensar com um pouquinho de inteligência. Silenciosamente, nas pontas dos pés fui até a pequena janela do alpendre do outro lado e espiei dentro.

Eu tinha dado apenas uma pequena olhada nas pedras e madeiras antes de ouvir uma voz atrás de mim.

— Aham.

Pulei e me virei para encontrar a mulher que abriu a porta atrás de mim com uma expressão desconfiada e mostrando o espanador ameaçadoramente.

— Casa adorável. — eu disse a ela, ficando em linha reta novamente. — Eu estava apenas curiosa com o design de interiores. Com a madeira. E o mobiliário. — limpei a garganta culpada. — E tal.



A mulher revirou os olhos, pegou uma pena do espanador que estava fora do seu lugar e a ordenou. — Eu estou autorizada a convidá-la para a casa de Lorelei, a sereia do lago. Bem vinda a sua casa.

Suas palavras foram secas como um deserto, mas consegui o convite. Eu a segui para dentro.

O interior da casa era organicamente projetado como o lado de fora. A janela dava para um quarto de dois andares. Uma das paredes era feita de pedra do rio arredondada e tinha um gotejamento de água que escorria pelas rochas que corria em um estreito canal que passava pelo meio do quarto, onde desaparecia em uma calha infinitamente fina do outro lado.

Uma mulher curvilínea estava sentada no chão ao lado da calha, escorrendo os dedos por ela. Seu cabelo era escuro e estava puxado em um coque, e ela vestia apenas uma camisa cinza cintilante e jeans, seus pés estavam descalços. Seus olhos fechados, ela cantava baixo e claro.

Olhei para trás em direção a mulher com o espanador, mas tendo feito seu dever, ela se foi.

— Você é Lorelei? — eu perguntei calmamente.

Ela parou de cantar, abriu os olhos, e olhou para mim com os olhos chocolates.

— Querida, você está em minha ilha, e você sabe que há somente uma pessoa que eu poderia ser. É claro que sou Lorelei. — sua voz tinha um sotaque espanhol e um monte de sarcasmo.

Forcei um sorriso. — Oi, Lorelei. Eu sou Merit.

— Oi, você mesmo. O que te traz aqui?

— Preciso lhe fazer algumas perguntas.

— Sobre?

— O lago.



Seus olhos se estreitaram. — Você acha que eu tenho algo haver com as águas do lago?

— Eu não sei se você fez ou não. — admiti, ajoelhando-me ao lado do canal para que pudéssemos nos falar ao nível dos olhos. — Eu estou tentando descobrir o que aconteceu, e você pareceu um bom lugar para começar. Não é apenas o lago, você sabe, é o rio também.

A cabeça dela levantou. — O rio? Ele está morto também?

Nem a pergunta e nem seu olhar de derrota me confortou.

— É. — eu disse. — O rio e o lago estão sangrando para fora todo o poder de Chicago. As ninfas estão ficando cada vez mais fracas.

Estremecendo como se sentisse dor, Lorelei pressionou os dedos nas têmporas. — Elas não são as únicas. Eu me sinto como se tivesse acabado de fazer um deslocamento de quatro dias. Fraca. Esgotada. Tonta. — ela olhou para mim. — Eu não causei isso. Esperava que as ninfas tivessem as respostas, que elas estavam envolvidas em algum tipo de magia estranha, mas que poderia ser revertida.

— Elas pensavam o mesmo de você.

— Isso não é uma surpresa. — ela disse secamente.

— Vocês não se dão bem?

Ela deu uma risada. — Eu cresci perto de *Paseo Boricua*. Nascida e criada em Chicago meus pais são de Porto Rico. As ninfas não são exatamente um grupo diversificado. Elas me veem como uma estranha. Uma estranha em seu bonito e pequeno mundo de magia.

— Como assim?

Ela me olhou com curiosidade. — Você realmente não sabe, não é?

Eu balancei a minha cabeça, e ela murmurou algo em espanhol. — O lago fica preto e eu recebo vampiros, direto da linha de montagem. — ela disse, em seguida, e lançou seu próprio olhar apologético. — Sem querer ofender.



— Não ofendeu.

Lorelei suspirou e mergulhou sua mão de volta para água. Seus traços relaxaram como se tocando a água ela ficasse mais calma.

— Ser uma sereia não é como ser uma ninfa. — ela disse. — Elas nasceram para a sua própria função, suas mães são ninfas também. O poder de uma sereia não funciona dessa maneira.

Ela apontou para uma mesa do outro lado da sala. Apoiado sobre ela tinha um disco de ferro de cerca de seis centímetros de diâmetro. Havia algo escrito sobre ele, mas estava longe demais para ler.

— Piedra de Água. — ela disse. — A Pedra de Água. A magia da sereia é feita dentro dela.

Eu fiz uma careta para ela. — Eu não entendo.

— Para ativar a sua magia, você deve solicitar a pedra, mas ela só aceita certos proprietários. Uma vez que é sua, será sua até o próximo proprietário chegar.

— Então, você escolheu ser uma sereia?

Lorelei desviou o olhar, olhando para a água.

— Tecnicamente, eu tinha uma opção de aceitar a pedra e seus encargos. Embora, minhas opções fossem bem limitadas.

— E os barcos no litoral?

Ela olhou para trás com orgulho nos olhos. — Eu escolhi aceitar a pedra, mas eu trabalho um pouco diferente. Eu sou a sereia do lago, e tenho que cantar, mas escolhi o lugar mais isolado que pude encontrar. Rosa e Ian, meu marido, eles ajudam a direcionar os marinheiros de volta ao continente. Os danos aos barcos não posso fazer muita coisa. — ela sorriu um pouco. — Mas todo mundo tem seguro.

Eu não podia culpar essa lógica. — Quanto tempo você tem que servir como sereia?



— A Lorelei antes de mim, todos nós temos o mesmo nome para manter o mito vivo, viveu aqui 96 anos. É claro. — ela disse com um sorriso crescente. — Ela tinha 42 anos quando se tornou uma sereia, de modo que não é um privilégio ruim.

Porque eu tinha a sensação de que poderia ajudar, ofereci a minha própria historia. — Transformaram-me em vampiro sem o meu consentimento. Para salvar a minha vida, mas era algo que eu não tinha planejado. Isso foi uma surpresa.

Ela me olhava com interesse. — Então você sabe como é querer reescrever sua vida. Pensar em quem você era contra aquele que você deve se tornar.

Pensei em todas as coisas que eu tinha feito e visto nos últimos anos. A morte, a dor, a alegria. O começo... e os finais.

— Sim. — eu calmamente concordei. — Eu sei como é isso. — e o pensamento lembrou-me do meu propósito. — Lorelei, se não foi você quem causou isso, você tem ideia de quem seja?

— Se as ninfas não estão envolvidas nisso, se isso não foi causado por um espírito da água. Então acho que você precisa olhar de forma mais ampla.

— Tais como?

Ela desviou o olhar, a culpa em sua expressão.

- Lorelei, eu preciso saber. Isto não é apenas sobre as ninfas. As nossas Casas estão em jogo. Os seres humanos já estão culpando os vampiros, e se eles forem mais longe, posso garantir que a Lei do Registro vai ser aprovada.

— Há apenas mais um grupo como nós ligados ao mundo natural. — ela finalmente disse. — Nós encontramos nosso conforto e nossa admiração na água. No fluxo da mesma, o poder da mesma, sua capacidade de limpar e destruir. — fechou os olhos. — Eles encontram seu poder na terra. Eles valorizam os bosques, as florestas.

Meu estômago afundou. — Você está falando sobre os Metamorfos?

— O bando está em Chicago, não é?



— Porque nós pedimos para ficarem. Eles não fariam isso.

— Você acha que eles atacariam a sua Casa?

Tecnicamente, apenas um punhado de Metamorfos vingativos atacou a Casa, mas eu relevei. — Claro que não.

— Você não pode fechar os olhos para quem eles são e o que eles são capazes de fazer. Você está ciente da química entre ninfas e Metamorfos?

— É difícil não perceber.

— É por causa da química entre a terra e a água. — ela disse. — Uma espécie de união elementar. Talvez a doença da água seja porque tem muitos Metamorfos e ninfas na cidade.

Não que eu tivesse uma teoria melhor, mas parecia conveniente culpar os Metamorfos, um grupo com quem as ninfas e a sereia tinham claramente um relacionamento tempestuoso.

Um homem de repente entrou pela porta da frente, com um punhado de toras cortadas nas mãos.

Apesar do frio, ele usava apenas um jeans sujo, e seu torso nu estava encharcado de suor. Ele sorriu e continuou andando pela sala para o outro lado da casa.

Roupas sujas ou não, ele era negavelmente lindo. Era alto e bem definido, com cabelo ondulado curto e barba de um dia em seu queixo quadrado. Tinha longas e escuras sobranceiras, olhos profundos, sobre a covinha do queixo, lábios curvilíneos.

Quando ele desapareceu por uma porta do lado oposto da sala, olhei para Lorelei. Ela sorriu conscientemente.

— Aquele, naturalmente, é Ian. Nós estamos casados há quatro anos. Ele me conhecia antes de me tornar sereia, então está imune ao canto. Ele foi cuidadoso o bastante para me seguir até aqui do nada nesse pedaço de terra esquecida por Deus. Eu tento aceitar a minha muitíssima sorte.

Assim que ela começou a falar, colocou a mão na testa e se inclinou, claramente



com dor. A mulher que atendeu a porta entrou na sala murmurando algo em espanhol. Ela se inclinou ao lado de Lorelei, e colocou o braço sobre seus ombros.

— Fique bem, niña. — ela disse, e depois sussurrou mais algumas palavras que eu não consegui entender.

Levantei-me, tendo a dica. — Obrigada pelo seu tempo. Eu não quero incomodá-la mais.

— Merit. — olhei para trás. Lorelei tinha levantado a cabeça novamente, as faixas das lágrimas visíveis em seu rosto. — Se isso não mudar logo, será tarde demais.

Prometi a ela que faria o meu melhor... e depois eu esperava ter feito uma promessa que pudesse manter.

Eu saí da casa e caminhei novamente ao redor para o caminho. Ian estava fora de novo, bem como, o ar estava com o forte cheiro de resina fresca.

Machado na mão, ele estava na frente de uma tora virada. Uma segunda tora estava na vertical em cima desta. Ele levantou o machado acima da cabeça, seus músculos ondularam, em seguida, soltou o machado para baixo. A tora se dividiu corretamente, suas metades gêmeas caíram no chão. Ian colocou outra tora no toco, e depois olhou para cima. Sua respiração era nebulosa no frio.

— Você está aqui por causa do lago? — ele perguntou, enxugando o suor em sua testa.

— Estou.

— Isso não é culpa dela, você sabe. Nada disso. Ela carrega o fardo para outra pessoa, e agora esta doente ou pior, por causa desse fardo.

Ele balançou a cabeça novamente, então cortou a segunda tora em dois.

— Eu não vim acusá-la de nada. — eu disse. — Eu só estou tentando descobrir o que aconteceu. — ele levantou outra tora.



— Então descubra. E se você não conseguir, nós estaremos aqui quando o mundo acabar.

Sem uma boa resposta para isso, eu fiz meu caminho de volta até o helicóptero.



Capítulo 7

Mudança de Paradigma (ER)

A viagem de volta foi miserável. O vento nos pegou, e fomos lançados ao redor com força o suficiente para que as mãos do piloto ficassem brancas em torno do controle. Ela passou metade da viagem rezando baixinho.

Tenho certeza de que eu estava verde quando chegamos ao heliporto de novo. Eu fiz meu caminho para o meu carro sem incidentes, mas sentei no assento do motorista por alguns minutos, sem vontade de enfrentar o caminho de casa até que tivesse certeza que não ia estragar o estofado.

A última coisa que um Volvo quadradão, de vinte anos de idade precisava era o fedor de vômito.

Enquanto eu tirava um momento, eu verifiquei o meu telefone. Eu tinha perdido uma chamada de Jonah, e Kelley tinha deixado uma mensagem de voz verificando. Eu fiz o meu dever e liguei de volta para ela em primeiro lugar.

Ela atendeu ao telefone com um guincho. — Você é incrível!

— Eu sou.... o que agora?

— Você! O lago! Eu não sei como você fez isso, mas você é uma operadora de milagres!

Eu tive que sacudir a cabeça para recuperar o atraso. — Kelley, acabei de voltar para a cidade, e não tenho ideia do que está falando.

— Merit, você fez isso! O Lago voltou ao normal. Apenas de repente, boom, e a água está clara novamente e as ondas estão fluindo, assim como se nada tivesse acontecido. Eu não sei o que você disse a Lorelei, mas funcionou totalmente. Isso importou Merit. Você importou. Você sabe o quanto isso ajudou a Casa?



Os manifestantes teriam realmente ido para cima da casa esta noite. Isso pode tirar o GP fora de nossa volta completamente.

Eu só tinha estado fora do helicóptero quinze ou vinte minutos, no máximo, e o lago não tinha estado diferente do céu ou quando pousamos. Tanto quanto eu apreciei o louvor e a possibilidade de que eu estava dando a Casa uma possibilidade de respirar, eu estava cética. Eu acreditava em Lorelei, e não havia nada naquela ilha que me fez pensar que ela tinha algo a ver com o que tinha acontecido ao lago, muito menos que pudesse pará-lo uma hora ou mais depois da minha visita.

Outra coisa tinha que estar acontecendo.

— *Kel*, eu não tenho certeza que é assim tão simples. Quero dizer, estou feliz que o lago está de volta, mas eu não fiz nada, e acho que ela também não. Na verdade, eu acho que Lorelei não tinha nada a ver com o lago afinal. Ela está fraca, como as ninfas estão.

— Navalha de Occam¹⁷, Merit. A solução mais simples é geralmente o único e verdadeiro. O lago estava ruim, você conversou com Lorelei, o lago está de volta. Talvez você a tenha assustado. Não vamos olhar os dentes de um cavalo dado de presente, certo?

Eu fiz uma careta. Que essas coisas aconteceram de forma não significa que eles estavam relacionados entre si. Lorelei certamente não tinha trabalhado toda a mágica, enquanto eu estava lá. Ela teria tido tempo de fazer algo depois que eu a tinha deixado?

Esta não era a primeira vez que eu tinha sido presenteada com uma resposta que parecia muito fácil. Celina confessou seu envolvimento no comércio de **V**, enquanto estava em pé no meio de uma festa pública. Que brevemente parecia um final milagroso para nosso drama relacionado com a droga, pelo menos, até que descobrimos que ela tinha estado sob o polegar mágico de Tate.

Nada era tão fácil. Mas talvez, por agora, Kelley precisasse acreditar que estávamos fazendo a diferença, que nós tínhamos realmente conseguido resolver um problema. Toda a Casa precisava acreditar nisso. Talvez renunciando a verdade fosse ocasionalmente, a coisa certa a fazer, então eu dei a ela o que ela precisava ouvir.

¹⁷ É um princípio que geralmente recomenda selecionando entre as hipóteses concorrentes o que torna o menor número de novos pressupostos.



— Você provavelmente está certa. — eu disse. — Teria sido uma coincidência muito grande de outra forma.

— Certo? De qualquer forma, vá brincar! Pegue a noite de folga. Eu só estou emocionada. Excelente trabalho, Sentinela. E eu vou ter certeza que Cabot saiba disso.

O telefone ficou mudo, mas isso não fez nada para acabar com minha ansiedade. Se eu não podia discutir minhas descobertas na Casa Cadogan, eu gostaria de encontrar um público mais receptivo. Problema era o meu melhor público – o escritório Ombud – poderia não estar todo receptivo, também. Eu não estava entusiasmada com a ideia de dizer a Jeff que Lorelei culpou os bandos pelo lago, e decidi que a confissão precisava ser feita pessoalmente.

Dizendo-lhe que os shifters eram agora meus novos suspeitos não iria ser muito bom.

No meu caminho para o escritório do Ombud, eu chamei Jonah para checar. Ele respondeu ao primeiro toque.

— Bom feito no lago. — ele disse.

— Graças ao desempenho. Mas não era eu. Alguma notícia das ninfas?

— Ouvi dizer que elas estão ficando cada vez mais saudáveis e curadas a cada minuto e são grandes fãs de vocês agora.

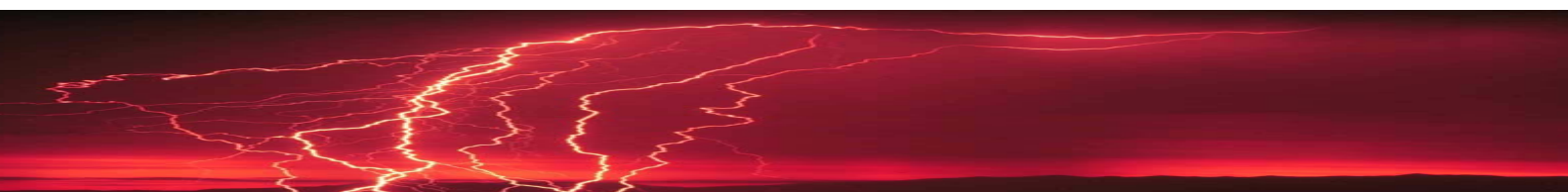
— Merda.

— Essa não era a reação que eu esperava.

— Estou arruinando a piada aqui, mas eu realmente não fiz nada no lago. Lorelei e eu só conversamos.

— Você só conversou?

— É isso aí. Ela também estava fraca e ficando mais fraca, e ela nega ter feito qualquer coisa para o lago. Eu tendo a acreditar nela.



— E eu estou supondo que você não vai se contentar com o fato de que o Lago voltou ao normal?

Eu não tinha certeza se eu deveria estar lisonjeada ou insultada pelo sentimento. Mas de qualquer forma, ele estava certo. — Você está correto. Eu vou visitar meu avô selecionar algumas coisas de seu cérebro. Você quer se juntar a mim?

— Não posso. Eu estou no meio de alguma coisa. Você quer se encontrar mais tarde para deliberação?

— Nós podemos fazer isso. Eu te ligo quando terminar.

— Vou trazer a pipoca. — ele prometeu, em seguida, desligou.

Eu mordi meu lábio todo o caminho para o escritório do meu avô no lado sul, forte o suficiente para que eu finalmente provasse o gosto metálico de sangue. O tempo do lago como um vácuo gigante de magia poderia ter acabado, mas eu estava convencida que este não era o fim da história. E se eu estava certa e a correção foi uma coincidência, tínhamos outra importante força de trabalho de magia na Cidade do Vento. Eu tinha medo de que iríamos descobrir em breve o “próximo passo” que Tate daria.

O tráfego estava tranquilo, então a viagem para o lado sul não demorou muito. O escritório do Ombudsman estava localizado em um prédio baixo de tijolos em um bairro de classe operária, residencial.

Eu estacionei na rua e me dirigi para a porta, toquei a campainha para sinalizar Jeff, Catcher, meu avô, ou Marjorie, secretária do meu avô, que eu estava lá.

Marjorie era uma mulher eficiente, e atendeu a porta da mesma maneira que ela atendeu ao telefone, entregando-me para outra pessoa o mais rápido possível.

— Boa noite. — eu disse a ela depois que ela codificou a porta e a segurou aberta para mim, mas pelo tempo que as palavras saíram, ela trancara a porta e estava voltando para seu escritório. Talvez a diplomacia sobrenatural enterrasse-a na papelada.



O edifício ostentava alguma decoração de 1970, Catcher e Jeff dividiam uma sala igualmente feia no corredor. Mesas de metal, provavelmente adquiridas de um leilão de excedente da cidade, e cartazes de ninfas do rio cobriam as paredes.

Encontrei Jeff e Catcher em suas mesas, mas eles estavam tão profundamente imersos em uma conversa; que não tinham sequer me ouvido entrar.

— Seu cabelo está muito mais escuro. — Jeff estava dizendo e, simultaneamente, digitando em um dos arco-íris de teclados que cobriam sua mesa. — Então, eu tenho certeza que nossos filhos teriam cabelo mais escuro, também.

— Isso não é necessariamente o caso. — Catcher discordou. Ele estava dobrando uma nota em um pequeno origami de alguma coisa.

— Quero dizer, eles poderiam obter seus genes. E seu cabelo é mais leve. Você é mais alto do que Fallon, também.

— Verdade. Verdade. — Jeff disse.

Isto era real? Estes dois seres mágicos, fodões estavam falando sobre como seus filhos se pareceriam?

Jeff inclinou-se e ofereceu um saco de pistache para Catcher. Catcher sorriu cordialmente e sem sequer um pequeno pensamento, largou o origami e arrancou alguns do saco. Jeff quebrou a casca de um e mastigou-a.

— Você já pensou em treinar baseball, esse tipo de coisa, quando você e Mallory tiverem filhos? Você sabe; fazer a rotina de pai mago com futebol?

Catcher jogou um pistache no ar e pegou-o em sua boca. — Embora esperando que eles não fritem o universo desde o primeiro dia? Sim, esse pensamento me ocorreu. — sentou-se em linha reta e olhou para Jeff. — Você pode imaginar alguma menina com os cabelos de Mallory? O loiro, eu quero dizer.

— De-Partir-Corações. — Jeff disse. — Você terá que manter uma espingarda na porta da frente só para afastar os jogadores. Ou, eu acho; você poderia ter Mallory fazendo isso por você.



— Eu poderia. — Catcher falou, então percebendo que eu estava na sala olhou para cima e diretamente para mim. — Vou fazer isso depois de eu dar um pontapé na bunda da Merit por espionagem.

Eu sorri e entrei, oferecendo a cada um, um aceno.

— Olá, papais orgulhosos de crianças ainda não nascidas.

As bochechas de Jeff floresceram carmesins. — Você poderia ter nos dado um aviso.

— E perder a discussão dos pais? Não, obrigada. Foi adorável. Você dois, sendo todo amigável e paternal.

— Eu acho que a sereia não afogou você? — Catcher perguntou secamente, trazendo-me de volta ao ponto.

— Nem perto. Ela foi muito boa, na verdade.

— Ela deve ter sido. — disse Jeff com um sorriso. — Quero dizer, você a convenceu a fazer a coisa certa. O lago está de volta ao normal.

— Graças a Cristo. — Catcher disse. — Será que ela vale a pena eu fazer uma viagem e pegar a confissão de que ela fodeu nosso lago?

— Na verdade ela não fez isso. — eu disse, puxando uma cadeira para mim. — Vamos chamar meu avô. Ele vai querer ouvir isso, também.

Eu não tive a intenção de arrumar uma cena dramática, mas eu queria todos na sala, ao mesmo tempo, quando eu lançasse os fatos sobre a nossa sereia do lago.

Depois de alguns minutos, o meu avô entrou, ofereceu-me um abraço e um sorriso. Mas, então, seus olhos mudaram; a alegria achatada enquanto se preparava para começar a trabalhar.

— Lorelei foi a sereia do lago desde que ela tomou posse da *Piedra de Água*, a pedra da água, que de alguma forma dá seu poder ao titular. Ela estava fraca, parecia muito horrível, na verdade, e parecia estar com dor. Ela realmente esperava que as ninfas tivessem sido responsáveis. Voamos de volta a Chicago, totalmente sem



interocorrências, e me disseram quando chegamos que de repente o lago voltou ao normal. Magicamente voltou ao normal.

Houve silêncio na sala.

— Não foi ela. — meu avô concluiu.

— A não ser que ela estivesse mentindo e trabalhasse um pouco de magia muito rápido.

Catcher franziu a testa e começou a balançar na antiga cadeira de metal do escritório, que guinchou a tempo de seus movimentos. — Então, estamos lidando com algo desconhecido.

— Ela tinha uma teoria. — comecei, e ofereci um olhar apoloético a Jeff. — Ela acha que é a combinação de shifters e ninfas na cidade que fez a mágica. Suas magias elementais trabalhando juntos ou um contra o outro, e o resultado de todo esse poder em um só lugar, ela analisou.

Jeff olhou surpreso. — Isso é novo.

— Isso é mesmo possível? — meu avô perguntou. — Que o número de pessoas criaria uma magia espontânea?

Jeff franziu o cenho e coçou distraidamente a cabeça. — Eu acho que é teoricamente possível, haver algum derrame de magia, mas você esperaria ver um aumento positivo em algo mágico, não chupar a magia fora da cidade.

— A menos que seja como o efeito de um tsunami. — Catcher sugeriu. — É possível que os shifters, estando juntos em um só lugar puxassem tanta magia, que o lago começou a puxá-lo de volta?

Jeff balançou a cabeça. — Se isso fosse verdade, teríamos mudança das correntes oceânicas cada vez que nos encontramos em Aurora ou em qualquer outro lugar. — ele olhou para mim. — Eu não estou ciente de qualquer instância de um vácuo mágico que está sendo criado porque muitos shifters se uniram. Esta seria a primeira vez.



Seu tom era cortês, mas sua expressão deixou claro que não comprava a teoria de Lorelei.

— Eu realmente não compro isso também. — eu disse. — Embora eu goste muito menos do fato de que não temos explicação para algo tão poderoso.

— Podemos não ter uma explicação. — o meu avô disse. — Mas pelo menos temos um alívio. Eu sei que os tempos não estão fáceis na Casa. Vamos fazer o trabalho pesado para o resto da investigação.

Meu lábio enrolou a menção implícita de Frank. — Não consigo programar o meu trabalho com base no que o GP poderia dizer. Eles vão me criticar de qualquer maneira, então eu tenho que fazer a coisa certa pela Casa e pela cidade. E se o pior acontecer...

— Merit. — Jeff calmamente disse: — Você não quer ser expulsa da Casa.

— Não, eu não quero. — eu concordei. — Mas não vou agir como se não tivesse nada acontecendo quando, claramente, algo está se formando. Não posso deixar que a cidade vá para o inferno, pois o receptor tem a cabeça de um burro. Desculpe vovô. — eu acrescentei sobre a linguagem.

Ele afagou minhas costas. — Vamos carregar o fardo. — ele disse.

— Você mantém sua cabeça para baixo e faça o seu trabalho. Eu sei o quão difícil tem sido para você ultimamente. Como deve ser difícil sem Ethan. Ele era um homem, um mestre bom para seu povo. Mas os tempos difíceis não duram para sempre e Malik precisará de você quando ele estiver livre e desembaraçado do receptor.

Foi um grande conselho, era apenas difícil de seguir.

Ethan não tinha exatamente me treinado para se sentar de lado e assistir a um problema acontecer. Ele me ensinou a criar estratégias e investigar. Um soldado. E o soldado se inclinava por que a pressão era muito alta? Claro, seguir ordens era importante, mas um soldado ainda tinha que confiar em sua própria consciência, certo?

Marjorie olhou para o escritório e bateu na porta aberta, preocupação em sua expressão. — Chuck. — ela disse. — Eu acho que é melhor você vir aqui.



Franzindo a testa, meu avô se levantou e caminhou até a porta. Depois de trocar um olhar, Catcher, Jeff, e eu o seguimos. Ficamos na porta, cada uma das nossas cabeças ao redor da moldura da porta em diversas alturas, como crianças em uma comédia pastelão.

Meu avô ficou no corredor, Marjorie ao lado dele, seus olhares sobre a porta da frente. Um anódino SUV preto estava estacionado em frente. Era o tipo de SUV que se movia na escuridão da noite, que você não sabia que estava chegando até os passageiros já estarem fora do carro com armas... ou pior.

— McKetrick? — eu me perguntava.

— Eu desejaria. — Marjorie cuspiu. — Pelo menos, então eu veria alguma ação.

Nós todos olhando para ela.

— Desculpe, desculpe. — ela disse com um espesso sotaque de Chicago, a palavra soou mais como - Désculpa - do que - desculpa.

— Despachar papéis sobrenaturais fica um pouco chato por aqui algumas vezes, sabe? Mas, não. Não é McKetrick, que eu entendo é uma pessoa muito má. Horrível. — ela cruzou. — Deus abençoe a todos nós. É a Prefeita.

— Desligue o alarme. — disse meu avô, e Catcher entrou no corredor, moveu-se para o teclado e codificou o bloqueio.

— Você sabia que ela estava vindo? — perguntei calmamente.

Meu avô balançou a cabeça. — É uma surpresa para mim.

Nós esperamos por sua chegada em um silêncio pesado, preocupante.

A Prefeita aparecendo sem aviso prévio no escritório do Ombudsman, provavelmente, não era um presságio de coisas boas.

Ela foi precedida para a porta por dois guardas de segurança. Quando abriram, ela entrou e olhou ao redor. Ela usava um terninho cor de vinho, com os cabelos presos na parte inferior em uma curva estranha, sua expressão de desdém. Bijuterias robustas estavam em torno de seu pescoço e pulsos, e havia anéis pesados em seus dedos.



Após um momento de revisão desdenhosa do escritório, ela fez contato visual com o meu avô. — Sr. Merit.

— Senhora Prefeita. — ele disse na saudação.

— Ouvi dizer que você e seus... funcionários... têm utilizado recursos da cidade para passeios de helicóptero privado.

Ele piscou de surpresa. — Senhora, se você tiver preocupações de natureza orçamental, podemos passar para o meu escritório e discuti-las.

— Eu estou um pouco apertada com a programação, Sr. Merit. Eu prefiro uma resposta agora.

Meu avô molhou os lábios, e depois continuou. — Conforme detalhado no meu relatório de requisição, nós precisávamos de uma carona para a Ilha Bear. Acreditávamos que sua residente poderia estar envolvida com o lago.

— E era ela?

Escolha suas palavras cuidadosamente, pensei. Você não quer dar-lhe a munição e a arma também.

— Como eu tenho certeza que você já viu, o lago está de volta ao normal.

Ela franziu a testa, e não era uma aparência atraente nela.

Diane Kowalczyk era o tipo de pessoa que parecia boa e, mesmo assim, não ótima, somente quando ela estava sorrindo com vigor político.

— Sr. Merit. — ela finalmente disse. — Meu trabalho não é desperdiçar o dinheiro do contribuinte para servir aos propósitos sobrenaturais. Meu trabalho é garantir que os recursos desta cidade estejam sendo usados com sabedoria.

— Minhas desculpas, Senhora Prefeita. — meu avô disse diplomaticamente. — Se você preferir, o custo de utilizar o helicóptero pode ser duplamente removido de nosso orçamento para o ano. Como sempre, teremos um excedente, e nós vamos devolver esse dinheiro para a cidade.



A Prefeita sorriu levemente e mesquinhamente. — Isso não será necessário. Você vê Sr. Merit, a partir de hoje, você não tem mais orçamento.

Meu queixo caiu, assim como Catcher, Jeff, e Marjorie.

O corredor desconfortavelmente se encheu de magia. A Prefeita e seus guardas pareciam alheios a ela, e ela olhou-nos para baixo com um brilho de triunfo do mal em seus olhos.

Para seu crédito, a expressão do meu avô manteve-se neutra.

— E o que isso significa, Senhora Prefeita?

— Isso significa que a posição Ombudsman fica suspensa. Seus funcionários estão em licença administrativa, e seu escritório estará fechado até novo aviso.

— Você não pode simplesmente... — Jeff começou, mas meu avô levantou a mão, e então ele me olhou orgulhoso.

— Eu segurei minha língua. — ele disse. — Muitas vezes, sobre muitos assuntos, tenho segurado a minha língua. Andei pelas ruas desta cidade por um tempo antes mesmo de você nascer nela, eu imagino. Cada homem e mulher que caminha nesta terra deve fazer seu próprio caminho. E eu vejo que você está tentando fazer o que você acredita que é correto. Mas você não poderia estar mais errada. As populações sobrenaturais desta cidade precisam de um amigo mais do que nunca. Agora é o momento de promover a compreensão mútua, e não deixar as populações sobrenaturais à deriva em um mar de hostilidade.

— Essa hostilidade é culpa deles e os seus encargos. — ela respondeu. — Eles fizeram a sua cama.

— O Prefeito Tate fez sua cama. — ele corrigiu.

A Prefeita revirou os olhos. — Esta cidade já não tolera o favoritismo, qualquer rótulo que você possa ter colocado sobre isso, e por mais bem que você venda esse favoritismo, o congresso não o suporta mais.



A demagogia em seu tom e o brilho em seus olhos tinha *Futuro Candidato Presidencial* escrito em tudo.

— E se os seres humanos nos atacarem? — perguntei a ela. — Se eles se reunirem com suas estacas e forquilhas ou suas armas e se levantarem contra as Casas, isso vai ser tolerado? Eles serão tratados com a impunidade?

Ela desviou o olhar para mim, o peão que a tinha incomodado com uma questão prática. — Esse é o tipo de exagero que transformou nossa cidade em motivo de chacota nacional. Este é o mundo real, e nós temos preocupações mais importantes do que se os vampiros merecem um tratamento especial.

— Nós vamos recorrer para o Conselho da cidade. — Jeff disse. — Vamos falar com o nosso vereador.

— E eles lhe dirão a mesma coisa que eu disse. É hora de priorizar, Sr. Merit. Isto é como eu estou começando esse processo. Você tem 24 horas para limpar seus escritórios e você pode recomendar o seu plano de eleitores sobre como tirar seus documentos de registro em ordem. Boa noite.

Com isso, ela girou nos calcanhares e saiu novamente, seus guarda-costas atrás dela.

— Eu não uso estas palavras. — Marjorie disse. — Mas essa mulher é uma puta fria como pedra.

Meu avô não seria superado por Marjorie no xingamento.

Ele soltou uma série de maldições, que eu nunca tinha ouvido antes. Havia palavras lá que eu não podia acreditar que ele já tivesse ouvido antes.

— Se ela pensa. — ele finalmente disse entre dentes: — Eu vou levar isso quieto, acho que ela terá outro pensamento. Não vou destruir todo o progresso que fizemos pela população sobrenatural desta cidade por causa de sua campanha presidencial.

— Ela não pode fazer isso. — Jeff disse. — Não de forma unilateral. Não está certo.



— Aquela mulher não poderia diferenciar “o certo” de um buraco no chão. — disse meu avô. — Mas eu serei amaldiçoado se esse for nosso fim.

Os cinco de nós ficaram em silêncio no corredor.

— Você sabe. — Catcher finalmente disse. — Pode haver um lado bom nisso.

— O que seria? — meu avô perguntou.

Catcher olhou para o meu avô com um brilho nos olhos.

— Toda decisão que você tomou nos últimos quatro anos você tomou com o Prefeito em mente. Nós estávamos em dívida com a posição, o que significa que qualquer um que estava no escritório estava em dívida. Podemos não ter mais patrocínio governamental, mas nós também não temos a repressão do governo. — Catcher disse. — Nós começamos com menos. Quatro anos atrás, não tínhamos contatos, sem amigos, e sem legitimidade. A população sobrenatural tinha medo de nós. Ela pode ser capaz de tirar os nossos recursos, mas ela não pode voltar no tempo.

Meu avô sorriu, só um pouco. — Sr. Bell, você pode ter um ponto aí.

Voltei para o meu carro, deixando Jeff, Catcher, Marjorie, e meu avô para embalar suas caixas e considerar as suas opções. Dado o brilho nos olhos do meu avô, eu não tinha dúvida de que ele encontraria outra solução. Os quatro e seu secreto empregado vampiro teriam, provavelmente, um novo escritório criado antes do sol nascer novamente. Gostaria de saber se meu avô faria bolo de carne para comemorar? Ele fazia um bolo de carne fantástico.

Bolo de carne em minha mente, eu retirei o meu telefone. Liguei para Kelley e avisei-a que meu avô pesquisaria mais profundamente o escurecimento do lago. Eu também tinha prometido uma deliberação para Jonah. E sim, eu deixaria o meu avô fazer o trabalho pesado sobre o problema do lago, mas eu não ia ignorar a situação, especialmente agora.

— Você acabou com o seu projeto? — perguntei quando Jonah respondeu à minha chamada.

— Eu acabei. Vamos nos juntar para a deliberação. Onde você está?



— Lado sul. Acabei de deixar o escritório do meu avô. Onde você está?

— Casa Grey. Eu não gostaria de te encontrar aqui, obviamente, e eu não vou a lugar nenhum perto de Cadogan. Manifestantes demais. — ele ficou quieto por um momento. — E sobre o Midway? Nós vamos ter alguma privacidade lá.

Midway Plaisance Park era uma tira de quilômetros de extensão de área verde que corria de leste a oeste através da cidade, perto do campus da U C. Tinha sido esculpida para a Exposição Colombiana em 1893, a Feira Mundial de Chicago que fez a “Cidade Branca”.

— Claro. — eu disse. — Estarei lá em quinze minutos.

— Vejo você lá então.

Eu desliguei o telefone e joguei-o no banco do passageiro, em seguida, olhei para ele por um momento. Era momentos como este que eu normalmente ligava para Ethan para um interrogatório. Mesmo que ele não soubesse exatamente o que fazer, ele teria algum tipo de sugestão. Ele tinha centenas de anos de experiência como vampiro e uma ridiculamente aguda percepção de política e estratégia, mesmo se isso lhe trazia problemas às vezes.

Tenho certeza de que Jonah teria conselhos valiosos, bem, eu não teria concordado com o encontro de outra forma. Mas Ethan e eu tínhamos uma camaradagem. Um estilo. Nós aprendemos a trabalhar juntos. Ethan e eu tínhamos uma intimidade nascida de experiências compartilhadas; Jonah e eu simplesmente não tínhamos. Talvez, se em algum estranho mundo novo eu aceitasse a oferta do GV e ele se tornasse meu parceiro, isso se desenvolveria. Mas esta noite...

Hoje à noite, eu sentia falta de Ethan.

Buscando o esquecimento, eu puxei o meu olhar do telefone e liguei o rádio. Snow Patrol explodiu pelos alto-falantes, e embora eu recusasse um volume um pouco menor do que os tímpanos tremendo, deixei alto o suficiente para limpar os pensamentos desagradáveis da minha mente. A banda cantava sobre bravura e tomar medidas difíceis, mesmo se estivesse com medo de fazê-lo. Fingi que o universo estava me desafiando a ser corajosa, entrar nesta nova vida, eu tinha feito isso antes. A última vez, da aluna de graduação para a guerreira da Casa Cadogan. Desta vez, a partir da companheira constante do Mestre da Casa para...



Para quê?

Enquanto eu dirigia no escuro, a canção cresceu, e eu concluí que era a questão crucial. O que eu seria sem Ethan? Quem eu seria sem Ethan?

Era provavelmente tempo para descobrir.

A Midway ligava-se no Parque Washington a oeste e ao Parque Jackson ao leste. Era delimitada pela arte, incluindo o memorial Masaryk, uma estátua de um soldado montado, na extremidade leste. O cavalo e o soldado estavam em cima de um pedestal formado por um conjunto regular de medidas concretadas e elevadas. Jonah ficou na frente do pedestal com os braços cruzados, olhando para ele.

— Você me chamou? — perguntei a ele, pulando os degraus.

Ele se virou. — Você já se perguntou se nós vamos chegar ao ponto onde somos considerados parte de Chicago? — ele fez um gesto em direção à estátua. — Quero dizer, o suficiente para que eles considerem memorizar um de nós? Que eles realmente estejam orgulhosos do que fizemos?

Sentei-me em um dos degraus, e ele se moveu e sentou-se ao meu lado.

— Esta cidade tem estado através de uma série de fases desde a conferência de imprensa de Celina. — eu disse. — Negação. Ódio. Celebridade.

— E agora de volta ao ódio?

Eu fiz um som de acordo. — Algo muito profundo teria que mudar antes que eles nos concedessem iguais aos seres humanos. — E por falar em igualdade. — eu disse, e enchi-o sobre a visita da Prefeita.

Seus olhos se arregalaram. — O escritório do Ombud; não podem fechá-lo. A cidade precisa. A população sobrenatural precisa. Eles confiam em seu avô. Eles acham que ele dá-lhes uma voz. Sem ele, as pessoas só sabem sobre encenqueiros, sobre Celina e Adam Keene.



— Eu concordo, mas não se preocupe. Quando eu saí, eles já estavam em uma tempestade de cérebros para bolar um plano para ajudar. Eles vão fazer o que eles têm de fazer; os contribuintes simplesmente não estarão pagando por isso.

Nós sentamos em silêncio por um momento, o ar fresco levantando arrepios ao longo dos meus braços.

— Eu estou supondo que você acha que alguma coisa está acontecendo com a água. — disse ele. — Algo além da sereia?

— Eu acho. É muito conveniente. Eu estava lá com ela, Jonah. E ela não estava trabalhando com qualquer magia.

— Assim, devemos continuar a procurar.

— Silenciosamente. — eu disse. — Deixar meu avô fazer o trabalho pesado, como ele disse. Há pressão demais em mim para estar mais ativa. Frank não está feliz de eu ser a Sentinela. Não me surpreenderia se ele tentasse me empurrar para fora da posição.

— Ele não tem o poder de fazer isso.

Eu dei-lhe um olhar seco. — Pode não haver uma regra no *Canon* que diz que ele pode, mas quem vai detê-lo? Ele tem a Casa como refém, e se isso ficar entre eu e a Casa, Malik tem que escolher a Casa. Como não poderia escolher a Casa?

Meu estômago afundou com o pensamento e não apenas da possibilidade de eu deixar de ser Sentinela, mas porque eu repreendi Ethan por ter de escolher entre eu e a Casa.

Eu sugeri que era errado da parte dele mesmo considerar escolher a Casa em cima de mim. Talvez eu não tenha lhe dado crédito suficiente, não porque eu teria concordado com a decisão, mas porque a decisão tinha sido mais difícil do que eu pensava.

— Onde você está agora?

Olhei para Jonah. — Só pensando.



— Sobre?

Eu desviei o olhar novamente, e ele deve ter entendido o embaraço na minha expressão.

— Ah! — ele disse.

— Ah! — e eu repeti com um aceno.

— Posso dizer-lhe uma coisa?

— Claro.

O quer que seja que ia dizer, demorou alguns segundos para ele trabalhar nisso. — Eu sei que nós não combinamos exatamente no início, principalmente por causa de minhas noções pré-concebidas sobre quem você era.

— E porque eu tinha esquecido que você se disfarçou como um ser humano para namorar minha irmã de 22 anos de idade.

— Isso também. — ele concordou rapidamente. — Mas isso não muda o óbvio.

— Qual é?

— Que você é bastante intrigante, Sentinela Merit, da Casa Cadogan.

— Obrigada. — eu disse, mas não conseguindo fazer contato visual.

Jonah colocou um dedo embaixo do meu queixo, virando minha cabeça então eu tive que enfrentá-lo. O toque do dedo enviou uma quente onda de poder direto na minha espinha.

— Que diabos foi isso?

Surpresa em seus olhos, ele puxou os dedos e olhou para eles antes de levantar o olhar para mim.

— Mágica complementar. — ele sussurrou. — Ouvi dizer que era possível, mas eu nunca vi isso. Vamps não são mágicos, por si só, você sabe. Nós sentimos isso.



Sentimos isso. Sabemos que esta em torno de nós. Nós perturbamos o equilíbrio quando estamos chateados.

O que não era exatamente como eu aprendi. — Pensei que vazasse mágica quando ficamos chateados?

Jonah balançou a cabeça. — A magia não vem de nós. Ela flui ao nosso redor. Fortes emoções de medo, raiva, luxúria, mudam a maneira como interagimos com ela, o envio de ondulações por ele. Não estamos fazendo a magia ou vazando ela. Estamos alterando as correntes.

— Eu entendo. — eu disse.

— Mas isto. — ele começou, pegando minha mão e traçando um dedo pela palma e enviando frissons de magia pelo meu corpo. — Isso é inesperado. A teoria é que alguns vampiros afetam a mágica em maneiras complementares, como se na mesma frequência. Parece que temos um pouco disso.

Novidade mágica ou não, isso soou como uma complicação que eu não precisava. E, no entanto, cada movimento de seus dedos causava arrepios na minha espinha e desligando a parte do meu cérebro que deveria estar pensando melhor.

— Tudo bem. — ele disse de repente, ficando de pé.

— Vamos voltar ao trabalho.

A mudança abrupta na conversa me surpreendeu novamente.

Ele deve ter pegado o choque no meu rosto, quando ele sorriu.

— Esta cidade é maior do que uma novidade mágica. Maior do que três Casas ou dois vampiros ou uma dor na bunda do Conselho. Eu não vou deixar as pequenas coisas.

Alívio em seu tom casual corria através de mim. — Eu estou agora no “pequenas coisas” ?

Ele sorriu. — E você tem mesmo um apelido. Estou pensando em *Baixinha*.

— Tenho 1,72 sem saltos.



— Não é uma descrição. É um apelido. Se acostume com isso, Baixinha.

Ficamos ali por um momento, esperando que a tensão evaporasse. Enquanto isso acontecia, sorríamos um para o outro.

— Não me chame de Baixinha. — eu disse a ele.

— Ok, Baixinha.

— Sério. Isso é muito imaturo.

— O que você disser, Baixinha. Vamos deixar pela noite.

— Tudo bem por mim.

Eu me preocuparia com a humilhação pela manhã.



Capítulo 8

Alegrinha

Eu sonhei na escuridão. Estava em cima do Centro John Hancock, de Chicago, o vento soprando ao meu redor. Uma lua amarela pendia baixa no céu, enorme, enquanto se balanceava bem em cima do horizonte, como se muito pesada para subir mais.

Ethan estava ao meu lado em um Armani preto, seu cabelo dourado preso na nuca, seus olhos verdes brilhando. — Olhe. — ele disse. — Está desaparecendo.

Eu segui o sentido da sua mão estendida e olhei para o céu. A lua estava mais erguida agora – pequena e branca no meio do céu – e uma das bordas finas, com formato meia lua, tinha escurecido.

— Um eclipse lunar. — eu disse, observando a sombra da terra atingir a face da lua. — O que isso significa?

— Escuridão. — Ethan disse. — Caos. Destruição. — ele olhou de volta para mim e apertou minha mão até doer. — O mundo está mudando. Eu não sei como. Eu não sei por quê. Ainda estou... reduzido. Você tem que achar a causa.

Eu não o levei a sério, oferecendo um sorriso. — Não é nada. Só um eclipse. Eles acontecem o tempo todo. — mas quando olhei novamente, a lua não estava desaparecendo atrás de um disco de sombras. O círculo tinha se modificado, as bordas se transformando em formas que, mais de perto, pareciam tentáculos, e não a suave curva da terra. Elas ondulavam pela lua como um monstro faminto interessado em devorá-la.

Meu peito se apertou com pânico, e eu apertei a mão de Ethan tão forte quanto ele. — Esse é o fim do mundo? — eu perguntei a ele, incapaz de desviar o olhar das sombras dançantes.

Ele não respondeu, não me confortou, de jeito nenhum.

Juntos, com dedos entrelaçados, observamos a lua desaparecer atrás da sombra do monstro. E assim que isso aconteceu, um vento frio começou a soprar, a temperatura caindo drasticamente.



— Você tem que impedir isso. — ele disse no silêncio.

— Não sei como.

— Então você deve achar alguém que sabe.

Olhei para ele, ali ao meu lado, cabelo esvoaçando. E conforme o vento aumentava; cada rajada mais forte que a anterior, eu o observei desaparecer atrás da sombra do monstro, até não haver mais nada dele.

Não havia som exceto o uivo do vento nos meus ouvidos, e ele gritando meu nome.

— *Merit!*

Meus olhos se abriram. Eu ainda estava na cama, quente embaixo dos cobertores no meu quarto gelado.

Coloquei um travesseiro sobre meu rosto e gritei; frustração puxando tanto meus nervos que me senti pronta para estourar. Esses sonhos estavam me matando.

Eu sempre tinha sido uma fã de arrancar o band-aid, lidando com a dor de uma vez, ao invés de sofrer até a morte por ardência. Esses sonhos eram tortura por mil memórias: Vendo seus olhos verdes, seu rosto, tudo isso sabendo que Ethan em meus sonhos era um modelo fraco do homem que eu conhecia.

Talvez eu precisasse de mais sono. Mais vegetais. Mais exercícios. Talvez eu precisasse de mais Mallory e menos vampiros, mais Wicker Park e menos Hyde Park.

Seja lá a razão, eu precisava de uma mudança. Afastei os cobertores e pulei da cama, depois coloquei uma camiseta de manga comprida e calças de yoga. Meu cabelo ficou preso, e eu desci as escadas para uma sessão de treinamento tão longa e brutal quanto fosse capaz. Por ser um treino, eu esperava que isso tirasse o luto de mim.

Vampiros tinham uma longa história de trabalhos em artes marciais em um estilo que misturava espadas, posturas defensivas, e ataques ofensivos. Nós praticávamos esses exercícios na sala de treinamento da Casa, um espaço gigante no porão que foi preparado para combate. As paredes eram alinhadas com placas de madeira e armas antigas, e tatames estavam espalhados pelo chão.

Tirei os chinelos que tinha adotado para a caminhada e pisei no tatame. A sala estava grande e silenciosa, e eu me senti estranha no meio dela sozinha. Tinha perdido um parceiro de treinamento em Ethan, e não tinha treinado com Catcher desde Ethan ter pegado o trabalho há um tempo. Eu treinava com os guardas da Casa às vezes, mas



estávamos com tanta falta de pessoal que longos treinamentos e sessões de exercício não apareciam muito.

Silêncio, eu decidi rapidamente, não ia ajudar hoje. Havia um sistema de som em um canto da sala, e eu fui passando pelos canais até achar um som raivoso alternativo (cortesia de Rage Against the Machine) e aumentei o volume. Depois eu voltei ao centro do tatame, mexi meus ombros, fechei os olhos, e fui ao trabalho.

Katas eram as formações básicas das nossas artes marciais, combinações curtas de socos, golpes, chutes, e afins. Coloque-os juntos, e você tem uma demonstração bem feroz das nossas habilidades. Com música tocando atrás de mim, usei golpes, giros, e saltos para tirar o luto de mim.

Treinamentos eram complicados. Alguns dias eram mais fáceis que outros. Alguns dias você se sentia tão leve quanto o ar; alguns dias você se sentia tão pesada quanto chumbo. Hoje era algo meio-termo. Era bom se mover, mas eu podia sentir a sede perturbante coçando embaixo da minha pele.

Lutei contra isso. Uma Sentinela fora de forma não ia fazer bem a ninguém. Dado os problemas que geralmente me metia, precisava ter certeza que meus músculos fossem aprimorados e minhas habilidades, afiadas.

Depois de uns vinte minutos, a porta abriu, e Luc entrou. Eu tirei minha franja suada do rosto.

— Ouvi a música do corredor. — ele disse. — Se exercitando?

Quando assenti, Luc andou até a borda do tatame e abaixou o olhar. — Há noites em que ele parece mais ausente que outras.

O luto em sua voz trouxe lágrimas imediatas aos meus olhos. Desviei o olhar para impedi-las de cair, mas não discordei do sentimento de apertar o coração.

— Há noites em que o mundo é completamente retorcido porque ele se foi. — eu concordei.

Luc cruzou seus braços sobre o peito e olhou ao redor do quarto para os objetos nas paredes. Ele gesticulou em direção a um escudo portando imagens de nós.

— Isso era de Ethan quando ele estava na Suécia.

Há mais de quatrocentos anos, Ethan tinha sido um soldado sueco, transformado em um vampiro durante uma batalha violenta.

— Brasão da família?



Luc assentiu. — Acredito que sim. Ele tinha sido uma maravilha de soldado, pelo menos até o ceifador pegá-lo. Duas vidas ao invés de nove, suponho. — ele riu sem alegria, abaixou o olhar, como se envergonhado por ter feito uma piada. — Bem, vou te deixar em paz.

— Todos nós sentimos falta dele. — eu o assegurei.

Ele olhou para mim novamente. — Eu sei Sentinela. — ele se virou, e saiu, e eu fiquei no meio dos tatames, fechei meus olhos, e deixei a música passar por mim. Tanto esforço para escapar do luto.

Um treinamento, um banho quente, e uma caixa muito pequena de Tipo A depois, eu decidi que outra maneira de sair do meu sofrimento seria focar em algo que não fosse eu mesma. Nesse caso Mallory, que estava agora no meio dos seus exames de aprendizes, parecia uma opção muito boa.

Quando estava vestida, dirigi até a lojinha fedorenta em um distrito comercial de Hyde Park e peguei um pacote de doces. Uma vela legal. Um copo com “M” escrito na superfície. Algumas nozes misturadas e frutas secas. Uma garrafa de água e algumas barras de chocolate.

Na verdade, o chocolate em si não era necessário; eu tinha deixado uma gaveta inteira de chocolate na cozinha para ela quando me mudei. Parecia improvável que ela já tivesse feito uma limpa. Mas esse chocolate tinha bacon. *Bacon*, pessoal.

Todas as gostosuras para uma pausa de estudos em mãos; coloquei meus itens no balcão.

Quando o caixa começou a me atender, decidi fazer uma enquete ao público. — Então, você está bem perto da Casa Cadogan. Tem vampiro vindo aqui muitas vezes?

O registrador apitou enquanto ele corria as barras de chocolate pelo escâner. — De vez em quando, sim.

— Eles são tão ruins quanto todo mundo diz?

— Os vamps? Nah. Eles não são ruins. Bem legais. Algumas das garotas não são ruins de encarar, entende o que estou falando? — ele sorriu abertamente.

— Obrigada. — eu disse, dando o dinheiro e pegando minha sacola — Direi ao resto das minhas amigas na Casa Cadogan que você disse isso.

Dei-o uma piscadela, e o deixei na loja com bochechas flamejantes.



Cheguei à casa de Mallory bem a tempo de ver seu tutor, Simon, saindo pela porta da frente. Ele estava andando pela calçada com um ritmo maroto em seus passos, o que combinou muito bem com sua ótima aparência de garoto-da-casa-ao-lado. Seu cabelo loiro era cortado justamente, seus olhos de um azul brilhante. Ele não era totalmente alto, mas parecia do tipo amigável e extrovertido que podia ter sido presidente de classe.

— Oi. — ele disse, semicerrando os olhos levemente. — Merit, certo? Você é amiga da Mallory?

— Sim. — levantei o pacote de prendas. — Só trazendo algo a ela. Ela está no meio de uma prova?

— Oh, não. Hoje não. Só estudando. Eu vim para ajudá-la com uma matéria complicada.

— Entendi. — Mallory tinha achado que Simon tinha uma vibração estranha, e Catcher claramente não era seu fã. Eu não captava a sensação ruim, mas pareceu estranho para mim que seu foco fosse os exames de Mallory, e não a água. Afinal de contas, ele era o representante oficial da Ordem em Chicago.

— Como a Ordem está se sentindo sobre os problemas do lago e do rio? Eles têm alguma ideia?

Ele piscou, como se a pergunta não fizesse sentido para ele. — O lago e a água? Concertaram, não é?

— Sim, mas ainda é estranho, não acha?

Ele olhou nervosamente para o seu relógio. — Desculpe ser rude, mas preciso ir. Tenho um encontro. Bom te ver de novo. — ele desceu a calçada em direção a um carro esportivo alemão estacionado na rua.

Observei até o carro desaparecer quando virou o quarteirão, ponderando sua reação, sua falta de preocupação porque o problema tinha sido “concertado”. Ele era um *feiticeiro*, e por todos os lados, isso era um problema mágico. Ele não tinha curiosidade sobre o que tinha acontecido?

Talvez ele só esteja feliz porque foi concertado, e estava focado o suficiente em passar *Mal* pelos exames.

Ou talvez ele soubesse exatamente o que estava acontecendo, e estava mantendo segredo.



De qualquer forma, achei sua reação suspeita, então a arqueei mentalmente, subi na varanda e bati na porta. Catcher abriu-a com sandálias marrons em seus pés, óculos, e uma *TV Guide* em mão. Talvez ele estivesse levando essas férias surpresas a sério.

— Grande noite?

— Eu passei as últimas quarenta e oito horas procurando em livros, tentando achar uma explicação para a água. Procurei em cada fórum online que pude pensar por referências a feitiços ou criaturas ou profecias que possam explicar o que está acontecendo. E a propósito, não tenho nada. Não dormi. Mal comi. Mallory está dando piti, e Simon está ligando para a minha casa a cada droga de cinco minutos. Eu preciso de uma folga, ou vou perder o controle.

Não havia como confundir a defensiva em sua voz ou os círculos negros sob seus olhos.

Eu tentei aliviar o clima, e apontei os sapatos caseiros, as últimas coisas que esperaria ver Catcher Bell usando. — E os sapatos? — perguntei com um sorriso.

— Minha casa, minhas regras. Esses sapatos são confortáveis. — ele disse. — Se vocês duas zanzassem pela casa, nuas e carregando arcos e flechas antes de eu me mudar, não é da minha conta.

O sarcasmo à parte, ele saiu do caminho para me deixar entrar.

— Como está a vida na Era pós-Ombudsman? — perguntei enquanto ele fechava a porta atrás de mim.

Ele sorriu um pouco. — Como eu disse; exaustiva, mas surpreendentemente bem organizada. Você sabe o quarto nos fundos da casa de Chuck que ele usa como depósito?

Eu sabia. Aquele tinha sido o quarto de tesouros da minha avó. Ela amava vendas de garagem, e inevitavelmente achou algo e pensou que uma de nós precisava. Um brinquedo de madeira para a filha de Charlotte, Olivia. Um mata-borrão antigo para Robert. Um livro de poesia para mim. Ela os mantinha em caixas ou sacos de papel em pilhas pequenas e distribuía-os durante visitas como o Papai Noel. Quando minha avó morreu, meu avô deixou o quarto e sua coleção valiosa de tesouros intactos. Pelo menos, ele tinha...

— Bem. — Catcher continuou. — Foi reorganizado. É agora o lar da Escola de Diplomacia Sobrenatural de Chuck Merit.

— Diga-me que você não vai chamá-la assim.



— É só um nome temporário. — ele me assegurou. — O ponto é: ainda estamos no mapa para pessoas que precisam de ajuda.

— E as pessoas que precisam da sua ajuda provavelmente não se importam se você está trabalhando em um escritório chique ou o quarto dos fundos.

— Exatamente. — Catcher retornou à sua posição no sofá, tornozelos cruzados na mesinha de café, *TV Guide* em uma mão, controle na outra, seu olhar na televisão sobre o topo dos seus óculos. Um guaraná de limão e uma travessa de pedaços de laranja estavam na mesinha de café na sua frente. Esse era um homem pronto para uma folga, ininterrupto por viagens à cozinha para um rango.

Eu presumi que essa era minha deixa. — Acredito que Mallory está em casa?

— Ela está no porão.

Essa era uma surpresa. Era uma armadilha de aranhas de Amityville lá embaixo. Não conseguia imaginá-la lá embaixo por qualquer motivo, muito menos estudando.

— Sério?

— É noite de química. Ela precisava de quietude e espaço para fazer bagunças. Não estava disposto a dar a cozinha.

— Então, que seja o porão. — eu disse, e fui até os fundos da casa. A porta para o porão sujo estava na cozinha, que também estocava os refrigerantes diet supergelados que Mallory geralmente tinha em mão. Peguei dois da geladeira e abri a porta do porão.

O cheiro de vinagre que evaporava das escadas fez meus olhos lacrimejarem imediatamente.

— *Mal?* — eu chamei. As escadas do porão eram escuras, mas um pouco da luz escapava da parte central do porão. — Tudo bem aí embaixo?

Ouvi o barulho do que parecia ser potes e panelas e então ela começou a cantar o refrão de uma música hip-hop com *mucho gusto*.

Considereei que estava tudo bem e comecei a descer as escadas.

Nunca tinha sido uma fã de porões. Antes dos meus pais se mudarem para a caixa de concreto moderno que chamavam de casa, em Oak Park, vivíamos em uma casa gótica em Elgin, Illinois. A casa tinha um século de idade, e parecia - e se sentia - como o cenário de um filme de terror. Era bonita, mas assustadora. Luxuosa, do seu próprio jeito, mas solitária.



A casa tinha um porão na qual minha mãe colocara o forno de cerâmica que ela tinha comprado quando cerâmica virou sua obsessão temporária. Ela mantinha o forno imaculadamente limpo, mas era o único item limpo no porão; o resto tinha sido escuro, frio, úmido, e cheio de aranhas.

— Não muito diferente desse aqui. — eu murmurei, finalmente alcançando o chão de concreto e espiando pelo canto.

Uma única lâmpada branca estava pendurada no quarto. Não havia sinal da fonte do cheiro de vinagre, mas estava definitivamente mais forte aqui. Mallory estava em uma mesa de trabalho gigantesca feita de *cavaletes* e pedaços de madeira compensada. Livros e travessas de pedaços não identificáveis estavam empilhados a um metro e meio de altura, assim como uma variedade de plantas preservadas. Algumas pareciam plantas de interior normais; outras tinham galhos mortais com pontas vermelhas ou galhos grossos que pareciam estar prestes a estourar de tanta água.

O cabelo azul-gelo de Mallory, agora aparecendo um pouco de loiro nas raízes, estava puxado em um rabo de cavalo, e fones de ouvido pretos cobriam seus ouvidos. Havia círculos escuros embaixo de seus olhos, e suas bochechas pareciam um pouco mais abatidas que o normal. Os exames deviam estar deixando-a no limite.

Ela soltava o refrão com velocidade sagaz enquanto examinava um livro grande que estava aberto na mesa a sua frente. Ela não estava prestando atenção enquanto eu olhava através do monte de caixas, mobília sem uso, e sacos de gelo derretidos que cobriam o chão do porão... e ela pulou quando coloquei uma lata de refrigerante na mesa.

— Jesus H. Roosevelt, Merit! — ela exclamou, arrancando os fones. — O que você está fazendo aqui? Eu quase te fritei.

— Desculpe. Você estava ocupada se comunicando com Kayne¹⁸. Qual é a desse cheiro?

Mallory apontou em direção a uma série de prateleiras de madeira enfiadas em um canto do outro lado da mesa. Tinha provavelmente oito pés de altura, e cada uma das prateleiras estava alinhada com fileiras de frutas e vegetais enlatados. Eu pude identificar pickles, maçãs, e molho de tomate. O restante das jarras era um mistério. Mas o cheiro de vinagre não, havia um lugar vazio na fileira dos pickles.

— Faltando uma jarra?

¹⁸ Músico.



— Eu explodi uma das jarras de pickles da tia Rose. — Mallory disse, olhando para seu livro novamente. Ela havia herdado a casa, e seus componentes, quando sua tia morreu há alguns anos. Já que as jarras tinham estado paradas no mesmo espaço, sem uso, *Mal* aparentemente não era uma fã das comidas enlatadas de sua tia.

— Eu nem sabia que isso estava aqui embaixo.

— Eu não levo nenhuma das jarras lá em cima. — ela disse duramente. — Elas não são muito boas. Eram maçãs salpicadas com alho.

Franzi meu lábio. — Horrível.

— Horrível para caramba. Depois disso, não abri outra jarra. Até ontem. E não foi de propósito.

— Engraçado os pickles não cheirarem a aneto.

— Sem aneto. — Mallory disse. — Só vinagre. Eu acho que o paladar da tia Rose era um pouco distorcido. Que pena ela não ter jogado um pouco de alho. E nem teria te incomodado, já que você não é esse tipo de vampiro.

Ela estava certa sobre o alho não ser o repelente dos vampiros do mito; pelo outro lado, o pensamento de um porão cheio de alho e vinagre não me animava pela visita, também.

— Isso é verdade. — derrubei o pacote de cuidados em um lugar limpo da mesa. — E falando em lanches, isso é para você.

Sem uma palavra, ela fechou seu livro, olhou dentro da sacola e tirou uma bolsa de nozes e frutas, que ela abriu com os dentes. Depois de colocar um pouco em sua mão, que estava seriamente rachada, assim como da última vez que eu a tinha visto, ela ofereceu para mim, e eu procurei até achar alguns cajus.

— Obrigada. — eu disse, aproveitando o barulho satisfatório quando os quebrei ao meio com meus dentes. — Como estão os exames?

— Complicados. Muita matemática. Não é igual aos exames que Catcher fez. — ela disse, com um pouco de irritabilidade. — Ele tem estado fora da Ordem durante anos. Ele não está exatamente apto a procedimentos de testes para feiticeiros.

Presumi que ela e Catcher tinham trocado algumas palavras sobre os testes. — Entendo. — disse neutramente.

Um grito baixo subitamente cortou pelo ar. Ouvi algo se arrastar pelo chão, e quase pulei na mesa, imaginando uma aranha do tamanho de um bastão de baseball.



Mas um gato pequeno e preto com coleira rosa apareceu debaixo da mesa. Estava sentado no chão ao lado de Mallory e olhou para mim, seus olhos verdes.

— Seu familiar? — ponderei, e Mallory assentiu. À sugestão de Simon, ela havia adotado um gatinho preto para ajudá-la a fazer seus deveres de feitiçaria.

— Esse seria Wayne Newton¹⁹, sim.

— Você chamou seu familiar de “Wayne Newton”?

— Eles têm o mesmo corte de cabelo. — ela disse secamente. Movi minha mão. Realmente, o pequeno gato tinha uma bolinha de cabelo negro entre suas orelhas.

— Huh. Parece mesmo mais calmo que da última vez que você o mencionou. — eu disse. Estiquei o braço para coçar Newton entre suas orelhas. Ele se esfregou contra minha mão, mas balançou um pouco enquanto o fazia; como se estivesse bêbado.

Olhei de volta para Mallory. — O que há de errado com ele?

Ela abaixou o olhar, e franziu para o gatinho. — Ela, não ele. E é o suco fermentado de pickles. Não consegui chegar a tempo, e ela estava lambendo.

— Pobre bebê.

— Eu sei. E é outro golpe contra a tia Rose. Eu nem acho que ela gostava de pickles, mesmo assim.

Aparentemente tedioso de mim e *Mal*, o gato foi embora. Mas havia um ritmo estranho e tonto na sua caminhada.

— Você está se sentindo melhor sobre as coisas que está fazendo? — Mallory tinha expressado preocupação antes sobre Simon apresentando-a a magia negra. Embora um feitiço a tivesse impedido de soltar todos os detalhes, ela claramente tinha algumas reservas éticas sobre isso. Eu a tinha encorajado a conversar com Catcher. Sabia que eles conversariam, mas talvez a conversa, ou o que veio depois, não saiu muito bem.

Ela bateu o dedo contra a capa vermelha de couro do livro que estava lendo, que estava escrito com letras douradas. Francamente, parecia exatamente o tipo de livro que um feiticeiro leria.

¹⁹ é um cantor e showman estadunidense, radicado em Las Vegas



— O mundo é o que é. — ela disse. — Só porque algo te deixa desconfortável não quer dizer que é ruim, sabe? Algumas vezes só leva um pouco de exposição para realmente entender. Eu estava um pouco paranoica antes.

Esperei por mais elaboração, mas foi tudo que ela disse. Para ser honesta, a resposta não me agradou. Lidar com algo desagradável era uma coisa. Mas decidir que não era tão desagradável, afinal de contas, era completamente diferente.

— Só um pouco paranoica? — suas mãos, rachadas e em carne viva, eram um efeito colateral da magia que estava praticando. Isso não parecia paranoia para mim; parecia causa e efeito.

— Está tudo bem. — ela disse, abaixando a mão com força suficiente para balançá-la. Pulei ao som, mas se ela estava tentando me fazer calar a boca, conseguiu. — Eu precisava do gato para me ajudar a direcionar a magia. E o que eu preciso é mais três deles para me ajudar a finalizar tudo isso. Há muito a fazer, muito a aprender, para uma pessoa só.

Essa não era Mallory, não a postura. Considerei Simon responsável; ela o tinha visto mais que todo mundo. Mas aqui estava só ela e eu, e eu não estava prestes a levar nossa amizade para o precipício por causa de algum stress temporário.

— Okay. — eu permiti. — Você sabe que se precisar de mim pode ligar a qualquer hora. Dia ou noite.

— Você vai responder seu telefone durante o dia? — ela disse sarcasticamente.

Não se você não perder a atitude, eu pensei, mas mantive o pensamento privado. *Ela estava lá por mim*, eu mentalmente repeti, e continuei repetindo até minha raiva diminuir.

— O que você precisar. — disse a ela.

Ela bufou e virou uma página no livro. — Eu tenho que voltar ao trabalho. Obrigada pela comida.

Franzi o cenho, tentando sem sucesso combater a sensação de que tinha sido dispensada. — De nada. Se cuide okay?

— Estou bem. Mesmo se ficar doente, poderia apenas desejar minha saúde de volta.

Quando estava claro que tinha perdido sua atenção, deixei-a com seus livros e plantas e pacote de guloseimas e uma oração secreta para que ela passasse por essa tempestade em particular.



Não gostava da sensação de que ela estava escondendo coisas, mas eu entendia o foco completo. Tinha dúzias de provas na faculdade e pós-graduação, e se preparar pedia aquele tipo de foco. Eu tinha que lembrar personagens, histórias, e detalhes, assim como modas, metáforas, e similaridades. Você tinha que mergulhar completamente nos livros para ter familiaridade o bastante para passar horas respondendo questões. Eu presumi dada sua atitude hoje, que exames de magia requeriam uma imersão parecida.

No caminho de volta, fiz um pitstop rápido na cozinha, abrindo a longa e lisa gaveta que acomodava minha coleção de chocolate. Eu fiquei um pouco entristecida ao descobrir que a maioria, se não tudo, ainda estava ali. Queria saber se Mallory ainda tirava chocolate dali depois de voltar do bar ou de uma sessão de academia, ou tinha usado as barras com alto teor de cacau para fazer seus famosos cupcakes trufados. Ao invés disso, a gaveta estava congelada, um pedaço de mim que ela e Catcher não foram capazes de assimilar em suas vidas.

Bem, se eles não fossem comer, eu iria. Procurei até achar algumas muito especiais – brownies especiais ordenados de uma padaria em New York, uma mini barra de chocolate favorito, e uma barra nova cheia de um dos meus cereais favoritos – e enfiei-as nos bolsos da minha jaqueta. Dado o banimento de todas as coisas deliciosas de Frank na Casa, eu ia precisar delas.

Com os bolsos cheios, fechei a gaveta novamente e voltei até a porta da frente. Catcher ainda estava no sofá, franzindo ao que parecia ser um filme Lifetime.

— O que tem de bom nisso? — eu pensei em voz alta, assistindo uma montagem de uma mulher se reconciliando com amigas, provavelmente depois de algum término de namoro ridiculamente ruim.

— Normalidade. — ele disse. — Essas histórias são melodramáticas, claro, mas os problemas são profanos. Eles são sobre amor e doença e dinheiro e vizinhos idiotas e ex-namorados bizarros.

— Eles não são sobre magia e irritantes vampiros e políticos horríveis?

— Exatamente.

Assenti em entendimento. — Eu tirei algumas coisas da gaveta de chocolate. Mas não acho que você vá sentir falta. Ei, você notou algo estranho sobre Mallory? Ela parece, não sei, muito focada. E não de um jeito bom, na verdade.

— Ela está bem. — foi tudo o que ele disse. Esperei por mais, mas não consegui nada além de tensão espessa e um pouco de magia apimentada. Ele pode ter discordado



verbalmente comigo, mas não havia nada em sua linguagem corporal que dissesse que ele estava okay com o comportamento dela.

— Tem certeza? Você falou com Mallory sobre Simon? E o que ele a está fazendo fazer? Eu tenho a sensação de que ela está fazendo coisas na qual não está confortável.

— Essa não é exatamente sua área.

Havia uma dureza em sua voz que eu não tinha esperado ouvir. Catcher pode ter sido brusco, mas ele também era, na maioria das vezes, paciente sobre problemas sobrenaturais.

— Verdade. — eu permiti. — Mas eu conheço Mallory. E eu sei quando ela está evitando algo.

— Você acha que eu não a conheço?

— Claro que conhece. Eu só a conheço de um jeito diferente.

Bem lentamente, ele me deu um olhar cheio de espinhos. — O que acontece nessa casa, entre nós, não é exatamente da sua conta, é?

Eu pisquei pelo coice, mas decidi dar a ele o benefício da dúvida. Afinal, ele tinha acabado de perder o emprego e sua namorada era uma grande bola de estresse.

— Okay. — eu disse, com a mão na maçaneta. — Ótimo. Tenham uma boa noite.

— Merit.

Olhei de volta.

— Antes de você ir... — ele começou, então umedeceu os lábios e desviou o olhar. Não era sempre que eu o via desconfortável em dar uma opinião, e isso me deixou nervosa. — Eu ouvi que você tem passado tempo com Jonah ultimamente. Tenho que admitir: não estou feliz sobre isso.

Como as notícias viajavam tão rápido? Era como estar no colegial de novo. — Estamos trabalhando juntos. — eu disse. — Ele é minha cobertura.

— Isso é tudo?

Eu devolvi a mesma expressão duvidosa que ele tinha me oferecido. — Isso é tudo?

— Eu sei que não era óbvio, mas Ethan e eu éramos próximos.

— Eu diria a mesma coisa.



— E você está respeitando sua memória?

A pergunta era tão bruta quanto um tapa, e tão surpreendente quando dura. — Não que seja da sua conta, mas sim, eu estou. E independentemente, eu tenho o direito de viver minha vida mesmo sem ele aqui.

Meu coração disparou com adrenalina, irritação e... mágoa. Esse era Catcher, o namorado da minha melhor amiga. Ele era basicamente um cunhado, e estava me acusando de desrespeitar a memória de Ethan?

— Essa foi uma coisa horrível de se dizer. — eu disse, enquanto a irritação crescia.

Silêncio.

— Ele era um pé no saco. — Catcher disse. — Mas eu me acostumei a ele, sabe?

A mágoa diminuiu um pouco. — Eu sei.

Levou outro minuto para ele falar novamente. — Eu já te disse como Sullivan e eu nos conhecemos?

Eu balancei minha cabeça.

— A Ordem estava convencida de que não deveria haver feiticeiros em Chicago. Mas eu sabia, todos sabiam, que problemas sobrenaturais estavam aumentando antes de todo o resto. Sempre achei que a Ordem só não queria sujar suas mãos. Agora, eu acho que estavam com medo. De qualquer jeito, eu tinha uma profecia, e contei a eles. Contei a eles que precisávamos de feiticeiros aqui. Que era indispensável que tivéssemos feiticeiros aqui.

— Eles não acreditaram em você?

— Ou estavam em negação. E quando eu vim para Chicago de qualquer jeito, eles viram isso como um furo na cadeia de comando, e me expulsaram. Eles me deixaram sem um patrocinador, e me acusaram de arrogante, de tentar usurpar a autoridade da união. Como um ato de cortesia, liguei para as Casas e os avisei que estava chegando. Eu não queria que minha chegada abalasse. Scott não conversaria comigo; ele não queria se envolver com os problemas da Ordem. Celina me ofereceu um encontro, mas isso foi, na verdade, um exercício de autoabsorção.

— Não é muito surpreendente.

Ele fez um som de concordância. — Liguei para Ethan, dei a ele um aviso. Ele me convidou. Conversamos sobre Chicago, a Ordem, as Casas. Conversamos por horas. E no



— fim da conversa, ele ofereceu um lugar para eu ficar, na Casa Cadogan, até me arrumar em Chicago.

Catcher ficou silencioso por um momento, talvez deixando isso penetrar. Exceto que não me surpreendeu. Ethan era estratégico, e ele também era leal. Ele teria recompensado Catcher por ter seguido as regras, e teria tido a graça de oferecer a Casa depois.

— Isso foi há anos. — ele finalmente disse. — Anos antes de você se tornar uma vampira, anos antes de você conhecer Mallory. Anos antes de você se mudar de volta para Chicago. Anos antes da cidade se virar contra si mesma.

— Anos antes de perdermos Ethan. Mas nós o perdemos.

— Eu sei, — Catcher disse. — Eu sei que ele se foi, e sei que seu relacionamento foi complicado até o final. Mas no fundo, ele era gente boa.

— Eu sei que ele era.

Catcher assentiu, e o silêncio reinou por um momento.

Mas antes que eu pudesse falar, meu celular tocou. Tirei-o do meu bolso e olhei para a tela. Era Jonah.

— Oi?

— Você olhou para fora recentemente?

— Não em algumas horas. Por quê?

— Vá e olhe.

— É uma piada? — eu perguntei a ele. — Estou meio que em algo importante.

— Estou sendo totalmente sério. Vá olhar lá fora. Olhe o céu e a lua.

— Ligo-te de volta. — eu disse a ele. Guardei meu telefone e olhei de volta para Catcher. — Com licença por um instante. — eu disse, abrindo a porta e olhando para fora.

Congelei. — Oh, meu Deus! — eu murmurei, e ouvi Catcher se movendo atrás de mim.

O céu estava vermelho rubi. Não o nascer do sol ou um rosa de pôr do sol, mas *vermelho*. Um vermelho escuro e profundo de coca cherry ou mogno. Uma lua vermelha



brilhante pendia baixa no céu, e raios brancos brilhantes cruzavam-no com frequência alarmante.

Mallory tinha feito uma profecia sobre uma lua vermelha antes, algo sobre a queda dos “reis da Cidade Branca”. Havia uma época em que partes de Chicago tinham sido chamadas de “Cidade Branca”. Essa era a lua que ela tinha falado? Se sim, quem eram os “reis” destinados a cair?

Meu estômago se revirou em aviso. Eu tinha sonhado sobre uma lua, mas isso tinha de ser coincidência. Porque se não fosse, e o resto do sonho não tivesse sido coincidência também...

Balancei minha cabeça. Isso era um desejo dirigido pelo luto e uma perda de tempo ridícula que só ia fazer eu me senti pior – ou estúpida – a longo prazo.

— Jesus Cristo. — Catcher murmurou, parando atrás de mim na porta. — O que, em nome de Deus, aconteceu?

— Vou te dizer o que aconteceu. — eu disse, pegando meu telefone para ligar de volta para Jonah. — Nossa segunda crise na semana.

Lago morto. Céu vermelho.

Pelo menos só acontecia uma crise de cada vez.



Capítulo 9

O Conte de Fadas

Exceto que não era uma crise de cada vez. Eu alcancei Jonah no meu caminho para a Casa, o rio e o lago estavam novamente pretos e ainda sugavam a magia da cidade como se estivesse saindo de moda. O que significava não apenas que tinha um problema não resolvido, toda a situação estava crescendo. Eu senti uma sacudida real de medo. Eu não tinha a menor ideia pra onde isso estava indo.

Quando ele me encontrou em Cadogan, nos juntamos com dezenas de outros vampiros que estavam no gramado atrás da casa, olhando para o céu. E não éramos os únicos. Eu não passei em uma única casa no caminho entre Wicker Park e Hyde Park que as pessoas não estivessem do lado de fora, dedos apontados para cima ou mãos sobre a boca em estado de choque.

Um relâmpago branco brilhou no céu, e o barulho do trovão abafou os sons da cidade. Não havia nenhuma nuvem de tempestade a vista, e eu podia ouvir todas as acusações silenciosas dos chicagenses: *Essas coisas não aconteciam antes dos vampiros.*

O que eles não estavam considerando, é claro, era que os vampiros e os outros já estavam em Chicago pelo mesmo tempo que os seres humanos, e isso não tinha nada haver conosco. Infelizmente, eu não sabia como provar isso a eles.

Eu tinha enviado um torpedo para Malik pra dizer que eu estava levando um vampiro da Casa Grey para Cadogan, e ele ofereceu a mão para Jonah quando nos juntamos a ele e Luc no pátio da Casa.

— Eu suponho que não há ninfas da lua por aí, que poderia ser responsável por isso? — Eu perguntei. — Ou talvez Bruxas do Vento? Doentes da atmosfera?

— Não que eu saiba. — Malik disse.

— Eu também, — disse Jonah. — Mas nós claramente não podemos negar que há algo maior trabalhando aqui.

— A questão é o que fazer sobre isso, — Luc disse. — Especialmente dentro de nossos limites operacionais atuais.



Ele tinha apenas falado as palavras quando um raio disparou pelo céu. Nós, instantaneamente, caímos no chão, apenas a tempo para assistir a chama de plasma atingir os para-raios no telhado da casa acompanhado pelo estrondo mais alto que eu já ouvi.

O quarto ficou escuro. As luzes da Casa piscaram e apagaram, e depois voltaram no tom doentio de laranja, eu só vi as luzes de emergência nas simulações. Nós tínhamos dois geradores de emergência no porão para manter as luzes de emergência, o sistema e segurança, e o freezer de sangue durante uma falta de energia.

O silêncio que se seguiu foi preenchido pelos gritos dos seres humanos pelo quarto e o som das sirenes já posicionadas abaixo na estrada.

Ao meu lado Malik suspirou. — Nós não precisamos disso. Nem o drama, e nem o perigo.

Quando outro relâmpago iluminou o quintal, Malik lançou um olhar cauteloso por todo o gramado. A multidão de vampiros foi se dividindo para dar passagem de alguém. Depois de um momento, Frank se posicionou na nossa frente. Ele examinou o céu suspeitosamente, e depois olhou para Malik com desdém óbvio. Seus pensamentos eram fáceis de ler: *Malditos vampiros de Chicago. Incapazes de administrar seus assuntos.*

— O que é isso? — Ele perguntou. Não me incomodei em apresentar Jonah. Ele não parecia o tipo de se interessar pelos outros, e nenhum ponto em arrastar Jonah para os nossos problemas.

— Isto não é obra de vampiros, — Malik assegurou-lhe. — Nós não temos nenhuma informação além disso.

— Isso não vai ajudar na reputação da Casa, demasiadamente, — Frank disse.

— Não, não vai, — Malik concordou. — É por isso que vamos investigar a causa, a fim de limitar o efeito.

Você podia ver tudo, com exceção das rodas girando na mente de Frank. Mas pelo menos as rodas estavam girando. Este era geralmente o ponto no qual o capanga do GP nos culpava do que quer que seja que esteja acontecendo, independente do nosso papel, e nos fazia jurar não sair de casa para consertá-lo.

Não havia nenhuma maneira de vencer.

Mas Frank realmente parecia estar considerando o problema e nossas opções. Talvez ele fosse capaz de um pensamento independente, em vez de apenas culpar a Casa Cadogan.



— Há um grupo que você pode entrar em contato, — Frank disse.

Nós todos olhamos para ele com expectativas.

— Os Mestres do Céu.

Malik imediatamente sacudiu a cabeça. — Não.

— Quem são os Mestres do Céu? — Eu sussurei.

— As fadas, — Jonah sussurrou de volta. — As fadas mercenárias.

— Há uma razão para elas serem referidas como fadas mercenárias - Malik apontou. — Nosso relacionamento com elas é tenso, no melhor das hipóteses, e isso só é bom porque elas são bem pagas pelos seus esforços.

— Seja como for, isto é claramente dentro de sua competência. Não há grupo melhor para perguntar. Não há outro grupo para perguntar. Eu sugiro que você encontre um voluntário e o envie. Agora.”

Francamente, eu achei que era uma ideia estúpida. Nós já tínhamos conversado com dois representantes sobrenaturais, as ninfas e a sereia, e nenhum tinha a ver com os problemas que a cidade estava enfrentando. Seria uma visita a um grupo que já nos odiava e aumentando sua ira contra nós?

Malik, sempre diplomático, deu um aceno de cabeça respeitosamente para Frank antes de olhar para nós. — Vá com cuidado para o mundo das fadas. Elas são uma raça diferente de seres sobrenaturais, sem trocadilho. Elas têm expectativas diferentes, formalidades diferentes. Mas elas sabem das coisas. Ele está certo, vale a pena a viagem. Encontre-se com a rainha. Faça-lhe uma visita e descubra quem está fazendo isso.

— E faça-os parar, — Frank disse. “Qualquer coisa menos é inaceitável.

Com tudo organizado e ordens emitidas, Malik olhou para Luc. — Todo mundo de volta para dentro da Casa, não é seguro ficar aqui fora.

Jonah e eu compartilhamos um aceno com a cabeça e começamos ir para trás, para a Casa. Antecipação começou agitar em meu estômago, mas foram as palavras de despedida de Malik que desencadeou o pânico completo.

— E que Deus nos ajude.



As luzes de emergência não proporcionava uma iluminação muito boa, mas o suficiente para eu encontrar meu caminho para o andar de cima e pegar a minha espada e o punhal.

Jonah me seguiu por todo o caminho até o meu quarto, o que me surpreendeu. Eu não esperava que me seguisse, e eu certamente não o convidei. Mas com o tempo percebi que ele estava perambulando escada acima atrás de mim, lhe dizer para ficar parado era mais difícil.

Ele ficou no limite da minha porta, eu mandei uma mensagem para Catcher. Eu não estava exatamente feliz com Catcher agora, mas queria que um não vampiro soubesse que eu estava indo para o território das fadas. Sua resposta foi quase imediata: SEU FUNERAL.

Encantador.

Eu peguei o meu punhal e o coloquei em minha bota, então peguei a minha katana na bainha de seu suporte de parede horizontal. Que tinha sido presente de Luc, ele havia instalado um para Lindsey em um sábado chuvoso, e ela achou que era fabuloso o suficiente para eu precisar de um. Eu não podia discordar que era uma maneira maravilhosa de mostrar a espada. Mesmo em sua bainha era uma arma bonita, elegante e reluzente, a lâmina dentro era igualmente elegante, mas mortal e precisamente curvilínea.

— Seus quartos não são tão exuberantes quanto os nossos, — Jonah disse.

— Vocês têm menos vampiros e mais espaço, — eu apontei para fora, pegando o meu cinto e fechando a porta atrás de nós.

— Verdade.

Ele me seguiu de volta escada abaixo, mas me puxou para uma parada antes de irmos para fora.

— Eu realmente não sei onde a rainha das fadas vive, é um segredo que elas guardam com suas vidas. Se quisermos obter essa informação, vamos ter que lhes oferecer algo em troca.

Tanto para os sobrenaturais de Chicago que estamos juntos nisso. — O que será que elas querem?

— Metais preciosos ou pedras, — ele sorriu. — Elas ainda estão sobre o padrão ouro. Eu suponho que você não tenha qualquer localização ao redor?

— Ouro? Não, eu não. Deixei todas as minhas barras no meu quarto.



— Espertinha, — ele disse, mas estava sorrindo quando falou isso.

Enquanto eu considerava as nossas opções, eu distraidamente toquei na minha medalha de Cadogan em meu pescoço... e tive uma ideia.

— Siga-me, — eu disse a ele, nós descemos para o corredor principal da Casa, onde os escritórios administrativos estavam localizados. Agora que os vampiros foram direcionados de volta para a Casa, encontramos Helen em seu escritório. Seu escritório rosa Barbie.

A sala estava iluminada por velas, ela estava sentada atrás de sua mesa, usando um agasalho rosa, e cada fio do seu cabelo preso em seu lugar. Ela estava fazendo anotações em um bloco à moda antiga mergulhando a caneta de caligrafia. Ela olhou para cima quando nós entramos e baixou a caneta de volta para uma pequena jarra de vidro contendo tinta preta.

— Sim, sentinela?

— Eu não suponho que você tem algumas medalhas extras de Cadogan?

Alarme brilhou através de seus olhos, o que não era inteiramente inesperado. Já tínhamos perdido uma medalha de Cadogan em branco, que tinha sido roubada e usada por um ex-vampiro Cadogan para acusar a Casa em uma série de assassinatos. É essa razão pela qual ela ficou hesitante em jogá-las por aí agora.

— Nós fomos dirigidos pelo GP e Malik para visitar as fadas, — expliquei. — Para determinar como e onde fazer isso, precisamos conversar com as fadas no portão.

Ela balançou a cabeça em compreensão. — E elas exigem um pagamento para dar as informações. — Ela se levantou e caminhou até um armário de arquivo, em seguida, abriu a gaveta de cima. Mas antes de abrir, ela olhou para Jonah desconfiada.

— Ele é o capitão da guarda da Casa Grey, — eu informei a ela. — Ele tem sido fundamental para nos ajudar a resolver essas questões. Você sabe, cooperação entre as Casas, e tudo isso.

Ela assentiu, destrancou a porta, e tirou duas medalhas em brando de Cadogan, e me entregou. — Faça tudo o que você puder, — ela disse, com um tremor em sua voz. — É difícil saber como reagir ou o que eu deveria fazer... não sei o que está acontecendo.

— Eu acho que ninguém sabe, — eu disse, e lhe assegurei que iríamos fazer o nosso melhor. Mas isso não me fez menos nervosa pelo peso que foi colocado em nossos ombros. Não que eu deixaria me deter. Cadogan, pelo menos, estava com poucos guardas e mal tinha o suficiente para vigiar lá fora. Quem mais poderia fazer?



Medalhas na mão, caminhamos de volta para a porta da frente e fiquei na pequena varanda por um momento, observando as fadas no portão... e tentando arduamente se concentrar na tarefa em mãos e não no caos que nos rodeia.

— Eu estou supondo que você tem mais informações sobre as fadas do que eu, — eu disse a Jonah. — Você gostaria de lidar com isso?

Ele balançou a cabeça. — Eu posso levá-la. Embora eu nunca conheci Cláudia antes.

— Cláudia?

Ele sorriu. — A Rainha da Fadas. A que elas morreriam para proteger.

— É claro que elas iriam, — eu murmurei, em seguida, entreguei o ouro e o segui pela calçada.

Duas fadas macho estavam nos pontos do portão, suas características magras exageradas por seu cabelo longo, escuro, reto puxado firmemente para trás. Eram altos e esbeltos e vestiam trajes negros, e quando perceberam que nós estávamos nos aproximando, eles compartilharam um olhar não muito lisonjeiro.

Jonah foi direto ao assunto. — Nós queremos uma informação e temos um tesouro a oferecer.

O interesse em seus olhos era inconfundível, ela poderia se chamar “luxúria”. Eles tinham o mesmo olhar que você poderia ter visto em um jogador ao se sentar em uma mesa de sorte.

— Que tipo de tesouro? — perguntou uma das fadas.

— Ouro, — Jonah disse. Ele sacudiu um pouco as medalhas que estavam em seu bolso, e suas cabeças se contrairam um pouco com o som.

— Que informação? — a fada perguntou.

— Nós precisamos falar com a Rainha.

Silêncio.

— E se a Rainha não quiser fala com você?

Jonah lentamente ergueu seu olhar para o céu vermelho brilhante. — O céu está pegando fogo. Vocês são os mestres do céu, é o seu reino. Caso vocês tenham feito isso... — Jonah começou, mas um olhar ameaçador de uma das fadas o fez pausar. O olhar em



seus olhos deixou pouca dúvida de que eles estariam dispostos a percorrer a distância para defender a sua honra.

Mas isso não intimidou Jonah. — Se vocês tiverem feito isso, — Jonah repetiu. — Sua Rainha deve ter uma razão. De modo para acalmar os seres humanos, precisamos avisá-los sobre isso. E se sua Rainha não estiver envolvida, então ela saberá, sem dúvida, do que se trata. Nós procuramos o conhecimento, só isso.

As fadas trocaram um olhar. — Queremos ver o ouro. — Disse o falador.

Lentamente, como se deixando a excitação aumentar, Jonah puxou as medalhas do bolso. Elas balançaram em suas correntes e giraram um pouco. Os olhos das fadas foram à loucura.

— Você vai encontrá-la na torre da fortuna. — Disse a fada, alcançando com as mãos, mas Jonah levantou as medalhas.

— Mais, — ele disse. — É uma cidade grande.

— É a única torre remanescente do que uma vez fora forte. — Ele tentou alcançar as medalhas novamente, mas Jonah as puxou para fora de seu alcance.

— Há centenas de arranha-céus no Loop, — ele afirmou. — Uma torre de pé poderia estar em qualquer lugar. Isso é informação insuficiente para a quantidade de ouro.

As fadas estavam ficando tensas, eu podia sentir o aumento da magia no ar.

— Tem água, — disse a fada. — Terra, e céu.

— Mais uma vez, — Jonah disse firmemente depois de esperar um momento. — Isso poderia estar em qualquer lugar da cidade. Não significa nada para nós.

Mas eu toquei no braço de Jonah. — Tudo bem. Eu acho que sei onde é.

— Você tem certeza?

Olhei para a fada. — Era a casa do rei humano na cidade?

Quando a fada acenou de volta, eu puxei as medalhas da mão de Jonah e lhe entreguei. — Obrigada por fazer negócios. — Eu disse, em seguida, puxei Jonah, — vamos.

Sem objeções de Jonah, caminhamos para os nossos carros, subimos e estávamos a caminho.



Dirigí-mos-nos separadamente e estacionamos no meio fio. Saímos suspeitosamente de olho nas trilhas de raio que estavam criando um efeito de luz estroboscópica em todo o parque.

Havia um número de mansões em Chicago, que uma vez tinha sido o lar de famílias famosas. Durante a idade dourada da cidade, os empresários construíram as casas em torno do lago Shore Drive no bairro de Gold Coast (hoje o lar, coincidentemente, da Casa Navarre), proporcionando uma elegante vista do lago e acesso ao resto da cidade dos ricos.

Algumas daquelas mansões ainda estavam de pé, algumas tinham sido destruídas. Uma das mais famosas, a Mansão Potter, construída pelos ancestrais do ex-prefeito, tinha sido demolida quando ele se mudou para Creeley Creek.

Bem, na maior parte demolida.

A família Potter doou o terreno para a cidade, que foi transformado em, apropriadamente chamado, Park Potter. O único pedaço restante da mansão, de quatro andares de tijolos, era uma torre pontuda situada no meio do parque como uma lança.

— É isto? — Jonah perguntou.

O enchi sobre a história. — A torre foi construída por uma família com uma fortuna da fabricação, e é tudo o que resta da casa. Ela alcança o céu, é cercada por verde, e fica a 200 jardas do lago.

— Bem feito, Nancy Drew.

— Eu tento. A questão mais interessante é como o distrito do parque não sabe que a Rainha das Fadas mora em uma das duas torres?

— Mágica, eu imagino. Embora eu esteja surpreso por eles permitirem que sua rainha viva em uma casa construída por mãos humanas.”

— E por um bom motivo, — Jonah disse. — Você conhece o mito da troca?

Eu conhecia. Era uma história importante na literatura medieval, e alertava que as fadas, ocasionalmente, roubavam crianças humanas saudáveis, substituindo por crianças fadas doentes. Assim, como na história, todas as crianças humanas que



nasciam com características incomuns eram na realidade fadas crianças que tinham sido trocadas no seu nascimento. Os humanos os chamavam as crianças doentes trocadas, e as deixavam na floresta numa tática para recuperarem suas crianças humanas.

— Eu sei, — eu disse.

Jonah balançou a cabeça. — A coisa é, não é um mito. As histórias são os reais contos de fadas no sentido verdadeiro da palavra. Ele apenas tem o protagonista errado. Crianças fadas foram roubadas por seres humanos, e não o contrário. Às vezes, suas crianças eram substituídas por crianças humanas doentes; às vezes elas eram levadas por pais desesperados por uma criança.

— E porque as fadas eram, na melhor das hipóteses, mitos ou no máximo monstros na vida real, ninguém considerou a coisa como sequestro.

Jonah balançou a cabeça. — É isso aí. A desigualdade no tratamento com os sobrenaturais é secular. Em qualquer caso, eles provavelmente não ficaram felizes por estarmos aqui. Mantenha sua espada na mão, dedos sobre o aço todo o tempo. Aço e ferro resolve o mesmo problema, mantendo as fadas na baía.”

— Eu pensei que o objetivo desse esforço era para pedir ajuda.

—O objetivo deste esforço é descobrir se elas são culpadas. E pelo ponto de vista do Frank, também era para nós irritarmos as fadas para começar uma guerra.

— Como é que nós iniciando uma guerra com as fadas vai ajudá-lo?

— Chicago é a única cidade americana com três Casas de vampiros. Até New York e L.A. não podem sustentar isso. Nós estamos no lugar do poder vampírico dos USA, e Cabot sabe disso. A Casa Cabot é pequena. Elitista, e necessariamente de pequeno porte. Se ele ignorar a importância de Chicago...

— Ele aumenta o poder da Casa Cabot proporcionalmente. —Eu terminei. Eu sabia que tinha dado as doninhas muito pouco crédito.

— Precisamente. Eu diria que é parte de um plano de longo prazo para arrancar o controle da Casa Cabot para ele mesmo. Victor Garcia é o mestre atual. Ele é um bom homem, um líder sólido. Ele foi o braço direito de Cornelius Cabot, o que irritou Frank infinitamente. Frank era só um primo distante da árvore da família, mas ele pensou que tinha o direito a Casa. Que era seu direito de primogenitura.”

— E Cornelius discordou?



— Eu ouvi que o velho pensava que Frank era muito preso aos assuntos humanos para gerir eficazmente a Casa. Também estava preocupado com prestígio, carros rápidos e garotas humanas, o que não o fez exatamente um modelo da escola antiga, sob o radar, da Casa da costa leste.

— Deixe-me adivinhar, — eu disse. — O figura do GP é ambicioso e está disposto a jogar a bola, mesmo contra outra Casa. Por isso que o nomeou como receptor para a Casa Cadogan. Aquela figura aqui, conserta os parafusos das Casas de Chicago, ele ganha o apoio do GP, e que lhe posiciona perfeitamente no topo.

— Para mim, é assim que ele joga.

Eu soltei uma respiração. Tanto drama, e tão pouco foi realmente causado pela Casa Cadogan. Seja qual for o objetivo original do GP e do que o sistema das Casas poderiam ser, eles agora eram ferramentas para um narcisista e manipulador.

Talvez Jonah estivesse certo sobre a Guarda Vermelha.

— Será que eles não vão achar que é uma ameaça, se nós entrarmos com armas?

— Só se estivermos com sorte, — ele disse. — Vamos.

Relâmpagos piscaram em torno de nós, corremos em direção a torre. A parte externa era estreita e em ruínas. Uma porta aberta levava para uma escada em espiral com degraus de pedra antiga que não estava muito melhor que o exterior. Eu dei o primeiro passo, parando no primeiro degrau para ter certeza que a escada não desmoronaria debaixo de nós.

— Todo o caminho para cima?

— Sim. Eu presumo que elas prefiram viver acima do nível humano.

Ele começou a escolher seu caminho para cima ao redor do espiral. Eu agarrei o corrimão e comecei uma subida lenta atrás dele.

Depois de alguns minutos e as coxas queimando por causa da escalada, chegamos ao todo da escada.

Uma porta dava para a sala da torre. Era enorme, composta de longas faixas de madeira. Duas gigantes, circulares, dobradiças a ligavam a parede.

— Porta encantadora, — eu disse.

— Elas são conhecidas por seu amor a beleza, — ele disse, em seguida olhou para mim. — Você está pronta para isso?



— Eu estou trabalhando a partir do pressuposto de que isso está horrivelmente errado. Se sairmos daqui com os membros intactos e não com lascas de aspen em lugares desconfortáveis, estamos chamando de vitória.

— Bem colocado. — Depois de uma inspiração animadora, ele levantou uma mão, fechou em punho e bateu na porta.

Depois de um momento, a porta se abriu, com um grande som metálico. Um homem fada vestido com a mesma roupa preta e estrutura como aqueles que protegem a Casa, ficou parado na porta. Ele fez uma pergunta em uma linguagem rápida e gutural que eu não entendi, mas pensei que poderia ser gaélico.

— Nós perguntamos se a Rainha se designaria a nos ver, — Jonah disse.

Com um olhar desrespeitoso, a fada olhou para nós.

— Sanguessugas, — ele disse, a palavra, obviamente, como uma ofensa.

— Nós somos o que somos, — Jonah aconselhou. — Nós não estamos fazendo nenhuma tentativa de esconder. Nós estamos aqui como emissários dos vampiros.

Os lábios da fada se enrolaram com a menção de vampiros. — Espere, — ele disse, em seguida, fechou a porta na nossa cara.

— Como se pudéssemos fazer qualquer outra coisa, — Jonah murmurou.

— Não até pressionar a sua maneira para um enclave de fadas essa noite?

— Não está no topo da minha agenda, — ele disse. — Não que você não poderia encaixar, é claro.

— É claro, — eu permiti. Antes que pudéssemos continuar com o vai-e-volta, a porta se abriu novamente, e encaramos uma fada com os olhos escuros como um corvo.

Antes de um segundo ter passado, sua katana estava em meu pescoço, e um segundo guarda do sexo feminino estava posicionado atrás de Jonah, sua katana apontado para as suas costas.

— Vocês estão convidados para sua residência, — a fada disse. — E seria rude recusar a oferta.



Capítulo 10

A Festa de Chá dos Loucos Odiadores

Levantamos nossas mãos no ar.

— Dificilmente podemos dizer não a um convite tão doce, — disse Jonah secamente.

A fada baixou a espada apenas o suficiente para nos permitir passar, enquanto o que estava atrás de nós empurrou-nos nas costas como gado até que passamos pela porta. Uma vez na torre, eles fecharam e trancaram a porta novamente e ficaram tensos ao nosso lado, com as katanas prontas.

Eu não tenho certeza do que deveria ter esperado ver na casa de uma fada rainha no topo de uma torre. Mobiliário antigo e triste envolto em um tapete grosso de poeira e teias de aranha? Um espelho quebrado? A roda de fiar?

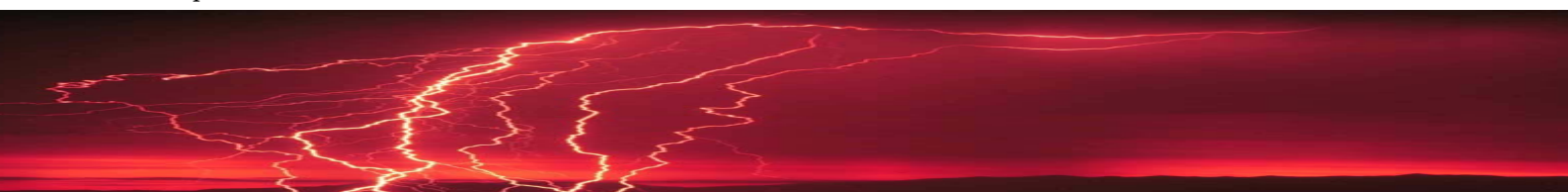
A sala redonda era maior do que deveria ser dada a estreiteza da torre, mas estava arrumada e decorada com mobiliário em madeira talhada simples. Havia uma cama de dossel no lado oposto da sala, as suas colunas redondas e caneladas estavam envoltas por trepadeiras floridas que perfumavam o ar com os aromas de gardênia e rosas. Uma mesa gigante de madeira tosca e branqueada pelo sol descansava nas proximidades. Havia cortinas de seda azul ao longo das paredes, mas nenhuma janela à vista.

O que eu achava que era um candelabro delicado pendia do teto; olhando mais de perto, percebi que era uma nuvem de borboletas monarca²⁰. Não havia lâmpadas no candelabro, mas brilhava com uma etérea luz dourada.

E katanas não eram as únicas armas em jogo. Ao mesmo tempo em que, de repente ouvi o som ecoando de uma canção de ninar tocada em um antigo instrumento de criança, a pressão na sala mudou. Um painel de tecido fino foi movido para o lado na cama de dossel... e ela surgiu.

A rainha das fadas era pálida e voluptuosa, com cabelo louro morango ondulado que caía para além de seus ombros. Seus olhos eram azuis escuros, e ela estava

²⁰ Espécie de borboleta, característica da América.



descalça, vestida apenas com um transparente vestido branco que não deixava nada de sua forma curvilínea para a imaginação. Uma coroa de folhas de louro cruzava sua testa, e um medalhão muito ornamentado de ouro descansava entre seus seios.

Ela caminhou na nossa direção com os ombros para trás e um porte inequivocamente imperial. Eu senti o súbito desejo de fazer a genuflexão, mas não tinha certeza da etiqueta. Era apropriado que um inimigo das fadas, um sangrador²¹, se curvasse perante sua rainha?

Ela parou a alguns metros de distância e eu me senti tonta novamente. Afastei a sensação e foquei a minha atenção em seu rosto.

Ela olhou para nós, e depois de um momento, levantou a mão com a palma para cima. Isso sendo a sua dica, os guardas levantaram suas espadas.

— E vocês quem são? — Ela perguntou, uma cadência macia da Irlanda em sua voz.

— Jonah, — disse ele, — da Casa Grey. E Merit da Casa Cadogan.

Ela uniu as mãos na frente dela. — Passaram muitos anos desde que nós permitimos que sangradores cruzassem o nosso limiar. Talvez os enigmas não sejam tão fortes como o foram uma vez. A magia já não tão boa em esconder. Os guardiões já não tão cuidadosos. — Seus olhos escureceram perigosamente, e eu decidi que não tinha interesse em ir contra Cláudia.

— Nós temos necessidade de falar com você, minha senhora, — disse Jonah. — E aqueles que ofereceram o enigma da sua localização foram bem recompensados por isso.

Por um momento eu vi a mesma avareza, a mesma luxúria pelo ouro, em seus olhos que eu tinha visto nos guardas.

— Muito bem, então, — ela disse. — Vocês estão aqui para discutir contratos? Parece que dinheiro é tudo sobre o que os vampiros e fae têm para falar estes anos.

— Não, — ele disse. — Estamos aqui para discutir os eventos recentes na cidade.

— Ah, sim, — ela disse com deliberação lenta. Ela se mudou para o outro lado da sala até chegar à mesa, em seguida, olhou para trás sobre o ombro para mim e para Jonah.

²¹ Do original 'bloodletter', que é um termo pejorativo para vampiros usado pelas fadas.



Ela era um grande espetáculo de se ver, como uma personagem arrancada de uma pintura de conto de fadas: a rainha das fadas escondida, igualmente etérea e terrena, olhando para os mortais com um convite inocente, atraindo-os para a sua floresta.

Eu tinha conhecido mulheres que usavam a sua sexualidade para sua vantagem. Celina, por exemplo, era do tipo que seduzia os homens para fazerem o que ela queria com a sensualidade explícita. Mas Cláudia cativava os homens de forma diferente. A sua sensualidade não era uma ferramenta, era um *fato*. Ela não tinha nenhuma razão para *tentar* seduzi-lo. *Você seria seduzido*. E se você fosse, Deus o ajude. Eu não podia imaginar que sucumbir às seduções da rainha dos Fae, acidentalmente ou não, fosse um curso seguro de ação.

Olhei para Jonah, perguntando se ele sentia a atração. Havia apreciação geral em seus olhos, mas quando ele olhou para mim, ficou claro que as suas engrenagens ainda estavam girando. Ele me deu um aceno de cabeça.

— Eu tenho outros meios à minha disposição para além da sedução, criança, — ela disse em um tom de repreensão, em seguida, tomou um assento em uma das altas e gastas cadeiras da mesa. — Vamos falar de muitas coisas. Mas primeiro, vocês vão se sentar. Vão se juntar a mim para o chá.

Eu tive um momento de pânico. O mito não dizia que você devia supostamente evitar qualquer alimento ou bebida dado a você por uma fada?

— Minha senhora, — disse Jonah com cuidado. — Temos necessidade de...

— Silêncio, — ela ordenou, a simples palavra transportando poder suficiente para levantar o cabelo na parte de trás do meu pescoço. — Falaremos das outras coisas em tempo útil. Se você pede uma bênção, deve dar uma bênção. Sentem-se à minha mesa, sangradores. Sentem-se, e vamos falar de amabilidades. Passaram muitas luas desde que eu compartilhei minha hospitalidade com a sua espécie.

Eu não estava entusiasmada com a demora, mas não achava que os dois mercenários com aspeto maldoso na porta permitiriam um desvio do plano.

— Ficaríamos honrados de nos juntar a você, — eu disse a ela, e seu riso tilintou através do ar.

— Então, ela fala, — disse Claudia, astuciosamente. — Estou contente por saber que você é mais do que a guarda e protetora dele, criança.

— Eu também, — respondi.



Enquanto caminhávamos para a mesa e nos sentávamos em nosso lugar, uma travessa de prata cheia de comida – crocantes pedaços de pão, cachos de uvas, garrafas de vinho – apareceu no meio dela. A travessa estava assentada sobre uma cama de pétalas de rosas em pálidos tons de rosa e amarelo, as cores pouco perceptíveis, mas inegavelmente existentes.

Eu a examinei com desconfiança, e não apenas porque ela queria tomar um lanche, enquanto o céu estava queimando em torno de nós.

Claudia encheu uma taça de prata de vinho para ela, então fez o mesmo para nós. — Bebam profundamente, — disse ela, — pois não há encantamento em minha hospitalidade. Se eu tivesse necessidade permanente de sua companhia eu poderia certamente garanti-la sem tais truques.

Ela levantou os olhos escuros para mim, e abriu a porta interior do poder que estava segurando dentro de si. Havia muito disso, e não era agradável. Claudia podia projetar sensualidade élfica, mas a magia por trás da porta era fria, escura, primal, e gananciosa. Ir contra Claudia, eu decidi, não era uma boa estratégia.

— Você é sábia, — ela disse no silêncio. Corei pela intrusão em meus pensamentos, mas me mantive calma. Eu estava assustada, no entanto, que ela pudesse ler mentes. Era um truque sobre o qual ninguém tinha me avisado, e certamente não tinha sido mencionado no *Canon*. Havia uma sereia em Lake Michigan, Tate tinha algum tipo de poder antigo, e as fadas podiam ler mentes. Talvez fosse a nerd de literatura Inglesa em mim, mas eu me lembrei de uma linha de *Hamlet*: — Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha a sua filosofia.

Jonah estendeu a mão e arrancou uma ameixa pequena do prato. Optei por uma uva quase tão grande como a ameixa era, quanto menores, menos encantamento por volume, eu imaginei.

E, dando crédito onde o crédito era devido, foi a melhor uva eu que já comi. Doce como uma uva poderia ser, com um sabor que cantava sobre a primavera, sol e pele beijada pelo sol. Se isso era encantamento, quero me inscrever.

Claudia olhou entre mim e Jonah. — São amantes, eu acho.

— Somos amigos, — disse Jonah, se mexendo um pouco em seu assento, descontente com a admissão.

— Mas você deseja mais, — rebateu.

Embaraço desceu, e Jonah e eu evitamos o contato visual.



Claudia tomou um longo gole de vinho e, em seguida, olhou para mim.

— Você está hesitante, porque perdeu o seu rei.

Eu peguei a expressão triste de Jonah com o canto do meu olho. A uva virou amarga na minha boca. — O Mestre da minha Casa, — eu corrigi. — Ele foi morto.

— Eu conheci o verdadeiro Mestre de sua casa. Pedro de Cadogan. Ele fez um serviço para meu povo, e foi recompensado na maneira do nosso povo. Foi-lhe dada uma jóia de grande renome e fortuna. Estava aninhada no olho de um dragão.

Eu tinha visto a recompensa no apartamento de Ethan. Era um ovo de esmalte em torno do qual estava enrolado um dragão adormecido. O olho do dragão era um grande e brilhante rubi. Ethan tinha guardado o tesouro numa caixa de vidro.

— O ovo do dragão passou para Ethan depois que Pedro morreu. Ele o apreciou muito. — A memória apertou meu intestino, e eu me forcei a continuar a falar, para manter as lágrimas à distância. — Mas me foi dito que o ovo foi um presente para Peter Cadogan por parte da realeza russa.

Claudia sorriu levemente. — Os mundos dos Fae não são limitados por fronteiras humanas. Somos realeza, independentemente do nosso entorno, rei ou czar, rainha ou czarina. Conheci muitos na minha vida.

— Isso deve ter sido fascinante, — disse Jonah, mas Claudia não se abalou.

— Nós pouco nos importamos com política, com mudanças de alianças e mudança de guardas. Essas coisas pouco importam para a longevidade, a lealdade, a honra. — Ela desviou o olhar, olhando fixamente através da sala.

Quando ela o fez, a comida na mesa desapareceu novamente, deixando apenas a dispersão de pétalas de rosas para trás. Estendi a mão e tracei o meu dedo sobre uma; eu não tinha certeza sobre os alimentos, mas a pétala era definitivamente real.

— As vidas dos seres humanos são transitórias, — ela disse. — Vocês conectam-se a eles, e só podem esperar o mesmo de suas próprias vidas.

— É por isso que estamos aqui, — Jonah lembrou. — Presumo que você sabe sobre o céu? — Eu percebi que ele manteve seu tom leve, com cuidado para não mencionar o fato de que meu mestre de fato enviou-nos aqui para acusar Claudia de estar por trás das transformações.

— O céu não é preocupação de vocês.



— É quando o céu está queimando e os humanos acreditam que os vampiros são responsáveis. E agora a água escureceu pela segunda vez.

Ela arqueou uma sobrancelha delicada. — Os problemas dos seres humanos não têm nada a ver com o céu. Nem são refletidos ali.

Jonah e eu compartilhamos um olhar. Ela estava inconsciente? Ela não tinha olhado para fora? Embora, agora que pensei nisso, eu não podia ouvir a queda de um raio na torre. O que era estranho.

Roubei um olhar para os guardas e verifiquei as suas expressões. Um pouco de culpa, pensei, e talvez um pouco de malícia. Talvez eles a tenham dissuadido de abrir a porta. Protegendo-a dos acontecimentos do exterior, semelhante a Rapunzel em sua torre.

— Minha senhora, — disse Jonah — com todo o respeito, você pode querer olhar para fora e ver o mundo por si mesma. O céu não está normal, e não sabemos por quê.

Houve indecisão nos olhos dela - somente por um segundo, mas ainda estava lá. O debate de se devia acreditar em um vampiro e passar por boba, ou recusar o pedido de Jonah e arriscar descobrir a mesma informação mais tarde.

— Não é tão fácil como isso, — ela disse. — Eu não posso olhar para fora. As regras do seu mundo não se aplicam aqui, não para mim.

— Quais são as regras? — Eu me perguntava.

Ela me deslizou um olhar de desdém. — Eu sou antiga, filha. Eu vivi mais vidas do que você pode até mesmo conceber. Mas nós não somos uma raça imortal. Eu sobrevivo na minha torre, porque estou protegida aqui.

Não muito diferente do retrato de Dorian Gray, pensei. O que explicava por que ela não sabia sobre o céu.

— No entanto, — ela disse, — eu tenho companheiros para me aconselhar de assuntos de que eu deveria estar ciente. — Ela ofereceu um olhar desagradável para os guardas, em seguida, atravessou a sala para uma mesa.

Ela pegou uma esfera de vidro transparente do tamanho de uma toranja e segurou-a na frente à altura do peito. Ela fechou os olhos e começou a murmurar palavras sob a respiração. A língua não era uma que eu tivesse ouvido antes, mas a sala se encheu novamente com magia empoeirada, a magia dos livros antigos e tapeçarias antigas.



Lentamente, ela lançou suas mãos, e a esfera flutuou no ar à sua frente, girando lentamente sobre um eixo invisível.

Ela abriu os olhos novamente e assisti-a girar. O que fosse que viu lá, ela não gostou.

Seus olhos se arregalaram, e ela soltou um grito de banshee. O feitiço quebrou, e o globo caiu no chão e se partiu espalhando vidro.

— O céu está sangrando! — Disse ela, em seguida, virou sua cabeça ao redor, com caracóis de um louro morango emoldurando seu rosto, para encarar seus guardas. Eles se encolheram ao ver sua expressão assassina.

— Eu vi, — ela disse. — Eu vi o céu sangrando, a água escura. A cidade escorre magia Elemental, e vocês pensaram não me dizer?

Os guardas se entreolharam. — Minha senhora, — um começou calmamente, — nós acabamos de descobrir, e não queríamos preocupar você.

— Você não queria me *preocupar*? Nós somos o povo do céu. Nós dominamos a lua e o sol. Você não acha que eu deveria ser chamada?

Meu estômago caiu e não apenas por causa da magia crescendo na sala. Esta era a nossa terceira tentativa de conectar os pontos sobrenaturais, e ainda não tínhamos conseguido fazê-lo. Não só não tinham sido as fadas a fazerem com que o céu mudasse, como a rainha nem sabia disso.

— Minha senhora, — começou o outro guarda, mas Claudia levantou uma mão. Ela fechou os olhos, sua expressão era de dor.

— Será que ela vai desfazer o feitiço? — Eu sussurrei, a esperança nascendo em meu peito.

Jonah balançou a cabeça. — Eu não acho.

Depois de um momento, ela abriu os olhos.

— Houve uma altura em que os fae eram livres para vagar, — Claudia disse. — Antes de a magia ser proibida. Quando o mundo era verde. O mundo não é mais verde, e eu sou relegada a minha torre. Os anos se passaram, e os fae mal recordam a forma do mundo verde. Eles estão enredados no drama humano assim como vocês. Eles acreditam que sabem como sobreviver. Eu tenho menos culpa? O mundo move-se lentamente aqui, e de vez em quando eu esqueço o prado e o campo.



Sem cerimônia, ela atravessou a sala para os guardas, o tecido transparente sussurrando contra a pedra com cada passo. Ela alcançou o primeiro guarda, o homem, pegou a sua katana com a mão, e antes que eu pudesse agarrar a minha espada, ela chicoteou-a através do ar.

Uma longa linha de vermelho carmesim apareceu na bochecha do guarda.

— Você me *falhou*, — ela disse com voz rouca.

O cheiro de sangue fae fluiu vindo do outro lado da sala, e meus olhos reviraram pela tentação do mesmo. Por mais que eu pudesse desfrutar de sangue ensacado e de vampiro, a fome que eles inspiravam não era nada comparada com o cheiro - do outro lado da sala - de algumas gotas de sangue de fada.

Minhas presas desceram. Eu me esforcei para manter o controle sobre a minha fome, para evitar atravessar a sala e pular na fada que estava sangrando para tomar um lanche. Graças às restrições de Frank, eu mal tinha bebido sangue nos últimos dias, e minha fome rugiu de volta à vida.

Eu apertei meus dedos em torno do punho da minha katana até minhas unhas começarem a morder minha mão, confiante de que se eu perdesse o controle, nós perderíamos as fadas... e, possivelmente, nossas vidas.

— Você desafia sua rainha, — Claudia disse a ele — e você vai suportar a cicatriz disso.

Ela deixou cair a espada no chão, onde a mesma saltou e chiou, o aço contra a pedra, e finalmente ficou imóvel, uma gota de vermelho pendurada na borda finamente afiada.

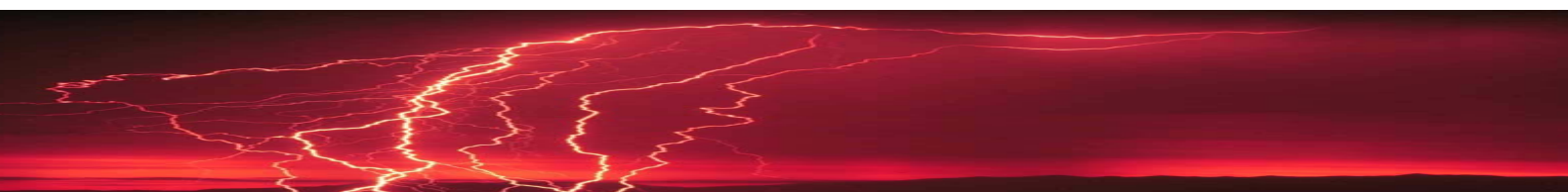
Claudia mudou-se para a guarda feminina, pegou a espada dela e repetiu o ato, o ar agora duplamente permeado com sangue e magia.

Eu tremi em antecipação. — Jonah.

— Merit, — ele rangeu para fora. — Aguenta. — Mas sua voz estava rouca, e quando olhei, vi que seus olhos estavam prateados, também.

Ninguém sabia sobre esta reação? Ninguém tinha pensado em nos alertar que, se as fadas mercenárias sangrassem – o que era provável tendo em conta que a violência estava em seus nomes – nós estaríamos em apuros?

A segunda espada atingiu o chão, e ambas as fadas ficaram sangrando, sua rainha à frente deles, os instrumentos de sua ira no chão.



— Você também vai ter a cicatriz, — disse ela. — Por se recusar a lembrar que eu e só eu sou sua rainha, a quem você deve toda a fidelidade. Vocês não tomam decisões pelos fae!

Suas palavras subiram para um crescendo. Os guardas caíram para o chão quando o poder na sala aumentou.

Eu lutei contra a vontade de me esconder, a fome de sangue demasiado forte.

Dei um passo. Estando o primeiro passo dado, o segundo, terceiro e quarto foram mais fáceis, e eu estava quase ao pé das fadas e o cheiro era delicioso...

— Merit! Não! — Jonah chamou meu nome, mas eu cruzei a sala tão rapidamente que a fada não teve tempo para reagir, apenas para lutar em meus braços quando me movi para uma mordida.

Eu estava lá e em sua garganta, meus dentes à mostra e pronta para morder. E não era um insulto ou uma ameaça ou um risco para sua vida. Era um elogio. Um elogio para o sangue que corria em suas veias, ouro líquido em seu valor... Mas Claudia não acreditaria em nada disso.

— Sangradora! — Ela gritou, e sem aviso, eu estava no ar e voando pela sala. Eu bati na parede de pedra atrás de mim com energia suficiente para forçar o ar dos meus pulmões e a luxúria de sangue para fora do meu corpo.

Minha cabeça gritava, meu corpo doía, meu peito arfava com o esforço de puxar o ar. Eu coloquei uma mão no chão e apenas consegui levantar a cabeça o suficiente para vê-la caminhando para mim.

— Você se atreve a buscar o sangue dos fae em minha casa? Na minha torre?

Claudia estava furiosa, seus olhos negros de raiva, e ela chegou perto de mim com tanta raiva que havia pouca dúvida sobre o que ela faria quando ela me alcançasse.

Mas depois ela foi impedida da minha visão. Jonah deu um passo entre nós, sua katana estendida.

— Se você tocá-la, eu vou acabar contigo, que se danem as repercussões.

Se eu não estivesse já no chão, você poderia ter me derrubado com uma pena.

— Você me desafia, sangrador?

— Eu desafio qualquer um que tentar machucá-la. Nós avisamos você de coisas que ninguém mais faria, e você já teve seu divertimento com a gente. Deixamos aqui a



balança equilibrada. E, além disso, ela é uma sangradora, o que faz com que ela seja uma parente para mim. Você faria o mesmo, fez o mesmo, para proteger o seu próprio povo.

Minha cabeça estava cambaleando com a verdade disso.

— Ela atacou a minha guarda, — Claudia persistiu.

— Porque você a provocou com sangue e violência, e você a atacou como vingança. Estamos quites. Como mestre do céu, você vai ver que é justo.

Silêncio, e depois um aceno. — Eu pouparei sua vida neste dia porque você fala a verdade. Registre-se que eu não tenho nada contra você ou a sua.

O acordo firmado, Jonah estendeu a mão para mim, e quando eu a peguei, ele me puxou para os meus pés. Cada osso e músculo doíam, e a sala ainda estava girando, embora eu não tivesse certeza se era uma réplica da sede de sangue, por ser jogada pela sala, ou a magia que ainda salpicava a sala.

Ele examinou meu rosto por lesões. — Você está bem?

— Eu estou bem.

— Prestem atenção a isso, sangradores, — disse Claudia. — Não houve encantamento. O céu não mudou porque alguém o desejou. Porque alguém o enfeitiçou por vingança ou amor ou poder. Se você olhar para o céu, você vê o sintoma, não o efeito.

— Então, o que causou este sintoma? — Jonah perguntou.

— Isso seria uma questão para aqueles que fizeram isso, não é?

Como eu tinha visto com os guardas, Jonah era gentil, mas não especialmente paciente, então eu entrei na conversa — Você tem alguma ideia do que poderia ter sido? Os humanos estão ficando inquietos, e a Prefeita procura nos punir por transgressões que não são nossas.

— A punição dos sangradores não é de meu interesse.

— Mais do que os vampiros são afetados, — Jonah persistiu. — O lago puxou magia de outros na cidade. Das ninfas. De feiticeiros. Foi perigoso e criou problemas para todos.

— Eu sou a Rainha dos Fae, sangrador, e não uma criança abandonada que procura o sangue dos outros para sobreviver. Eu tenho conhecimento do céu e domínio



sobre ele. Eu tenho uma legião de fae ao meu comando e Valkyrie para andar com eles. Não se atreva a me dizer o que é e não é perigoso.

Ela suspirou e caminhou de volta à mesa, onde se sentou. — O céu não foi queimado por mim ou os meus. Há magia no vento. Velha magia. Magia antiga. E não vamos ficar de lado enquanto essa magia destrói o mundo.

Meu coração começou a bater novamente, isso era uma pista com que eu podia trabalhar.

— O que significa? — Jonah perguntou.

Claudia sorriu tristemente. — O que significa que destruiríamos prado e campo nós mesmos antes de permitirmos essa fragmentada destruição.

— Você não pode destruir a cidade, porque não gosta da direção que está tomando.

— Se destruirmos a cidade, é só porque essa destruição é inevitável e nós procuramos um inferno misericordioso em vez de uma decadência dolorosa. Saiam agora, — disse ela, levantando-se da mesa e caminhando de volta para sua cama e sentando em cima dela. — Eu me cansei de vocês.

Os guardas se moveram na nossa direção, malícia em seus olhos. Eu tinha ofendido sua rainha, e era hora de pagar. Mas Claudia falou de novo antes que pudéssemos passar.

— Vampiros.

Olhamos para trás.

— A cidade está desequilibrada, — disse ela. — A água e o céu revelam esse desequilíbrio. Se você for salvá-la, deve fazer isso. Encontrar a doença, e devolver o equilíbrio. — Seus olhos viraram gelo e escuridão novamente. — Porque, se não o fizerem, então nós devemos fazê-lo. E eu acho que vocês não vão gostar da nossa cura.

Eu não tinha dúvida de que ela estava certa.



Capítulo 11

Querido John

Nós passamos pela porta e descemos as escadas, minha cabeça estava pulsando, mas a dor no corpo quase havia passado. Em algumas noites valia a pena ter uma cura rápida de vampiro, não obstante, a angústia de fada.

O céu vermelho sangue estava agora pontilhado com nuvens nervosas de tempestade, e relâmpagos ainda relampejavam em arcos grandes e brilhosos. Sem estarmos muito contentes em sermos alvos, nós decidimos nos reunir no meu carro.

Nós passamos pelo ar frio e a grama úmida e voltamos ao meu Volvo. Nós nos movemos silenciosamente, o ar entre nós carregado pelo que ele havia feito, e os meus sentimentos confusos a respeito. Era definitivamente bom estar viva, mas eu tinha antecedentes ruins no que se trata de auto-sacrifício. Ethan havia entrado na frente de uma estaca que era para mim porque ele tinha sentimentos por mim; o Jonah havia feito o mesmo?

Eu decidi me focar nas minhas ações perigosas ao invés das ações heróicas dele.

— Eu sinto muito, — eu disse para ele quando entramos. — O Frank está racionando sangue. Mas até mesmo, além disso, a fome foi avassaladora. Eu nunca senti algo tão forte. — Até mesmo a minha Primeira Fome, durante a qual eu ataquei o Ethan, não havia sido tão ruim. O guarda havia chegado bem mais perto de ter umas marcas de presas.

— O receptor cortou o suprimento de sangue de vocês? Ele está tentando incitar revoltas?

— Ou nos deixar loucos para atacar os primeiros sobrenaturais na nossa frente.

— Missão cumprida, — Jonah disse.

— Se os vampiros sempre reagiram assim ao sangue de fada, isso explica por que as fadas mantém sua distância e por que nós temos que pagar tanto para eles ficarem de guarda para a Casa. Este tipo de poder é perigoso. Infelizmente, não realmente nos ajuda com o maior problema.



— Descobrir o que diabos está acontecendo?

— Isso mesmo. Claudia mencionou umas duas vezes que ela não achava que isso era sobre o céu ou a água em si, mas que eles eram sintomas de um problema maior.

Eu assenti. E eu acho que ela tinha razão nisso aí. Ela acusou os guardas de não contar para ela sobre a magia Elemental. E se ela quis dizer literalmente?

— O que você quer dizer?

— Até agora, nós vimos à água e o céu afetados. Água e ar, - eu repeti, e assisti o entendimento atingir a sua expressão.

— Água. Ar. Terra. Fogo, - ele disse. — Os quatro elementos.

— Exatamente. Nós só vimos dois até agora. Se ela estava certa sobre estas coisas sendo sintomas...

— Então alguém está trabalhando com magia com efeitos elementares, — Jonah terminou.

Eu não estava inteiramente certa sobre o que significava ou quem poderia estar fazendo isso, mas a minha intuição estava me dizendo que nós estávamos no caminho certo. E depois da semana que nós tivemos, eu aceitaria qualquer vitória que nós conseguíssemos.

— Ela também culpou a magia antiga, — Jonah disse. — Magia antiga. Qualquer teoria do que isso poderia significar?

— Na verdade, sim. O que você sabe sobre o Tate?

— Seth Tate? — Ele deu de ombros. — Eu sei que acreditam que ele possui magia... que você já sentiu antes... mas ninguém sabe que tipo de magia é. Por quê?

— Porque quando eu o visitei, eu tive uma sensação de algo antigo. Um tipo diferente de magia. Mais perto do que eu senti perto da Claudia do que eu vi em outros vampiros.

— Ok, mas esta é a terceira vez que nós nos aproximamos de um grupo sobrenatural pensando que eles poderiam ter iniciado o problema. Nós estivemos errados nas três vezes.

— Eu sei. Nossa média de acertos é horrível. Mas como ela disse, nós estivemos olhando os sintomas, não a causa. Além disso, nós temos que tentar algo. Se nós não conseguirmos ligar isso a magia sobrenatural, então o que mais poderia ser?



— Radiação? Um tipo novo de arma? Aquecimento global? Ou se os sobrenaturais não estão fazendo isso de propósito, de repente é algum tipo de magia acidental de algum tipo?

Eu pensei a respeito da previsão da Lorelei de que a enorme quantidade de metamorfos na cidade estava fazendo exatamente isso – acidentalmente desequilibrando o mundo. Por outro lado, ela havia culpado os metamorfos quando a água havia sido o único problema. Desta vez nós tínhamos água e ar.

— Se Claudia estiver certa, — ele disse, — e isso é sobre algum desequilíbrio profundo na cidade, talvez a chave não seja quem. E sim *o quê*. Que tipo de magia seria poderosa o bastante para bagunçar tanto com a água quanto com o ar? Feiticeiros?

— Eu posso falar a favor do Catcher e da Mallory. Ele está exausto de trabalho neste problema, e ela está enrolada em seus exames. Além disso, até mesmo perguntar isso para eles iria deixá-los doidos. — E eu não precisava de mais loucura agora.

— Eu estava na verdade pensando sobre o único Feiticeiro autorizado pela Ordem na cidade.

— Você está falando do Simon? — eu perguntei. — Para te falar a verdade, quando eu perguntei a ele sobre a água, ele pareceu estar em negação sobre a coisa toda. Um pouquinho suspeito, sim, mas principalmente em negação. Isso poderia ser o disfarce para algum tipo de magia que ele esteja fazendo, mas não tive essa sensação. E se você é o único feiticeiro autorizado na cidade, você já é o cara mais importante do campus. Por que arriscar isso? Qual é o benefício? O prêmio?

— Seja como for, nós não temos muito mais com o que continuar. Poderia valer a pena pelo menos sentar com ele e falar sobre isso. Ver que informação ele, ou a Ordem, podem providenciar.

— Bem pensado. Eu verei se o Catcher pode marcar.

Um raio caiu nas proximidades, balançando o carro. Nós dois olhamos para fora da janela e para o céu, nuvens girando por ele.

— Se isso é um sintoma, — eu disse, — um efeito colateral, talvez nós possamos descobrir o seu início?

Ele olhou para mim. — O que você quer dizer?

— O efeito no rio parou nos limites da cidade, certo? Então dificilmente o céu estará vermelho em todos os lugares. E se há limites, talvez haja também um centro. Um ponto de origem.



— Como um enorme tornado sugando tudo no centro da cidade?

— Espero que não assim, mas essa é a ideia, sim. Se nós não conseguirmos encontrar as pessoas responsáveis por isso, talvez nós possamos encontrar a localização deles. Nós podemos dirigir através de diferentes bairros para ver se há um foco, e nós cobriremos mais território se nós nos separarmos. Se nós encontrarmos algo, nós podemos nos encontrar no tal lugar?

— Isso soa como um plano decente, — Jonah disse, mas ele não fez nenhum movimento para sair do carro. Ele estava esperando que eu falasse algo sobre o que aconteceu na torre? Oferecer agradecimento... ou talvez fazer um comentário irônico?

Eu xinguei silenciosamente, e me lembrei de que o ponto era o que ele havia feito – não o porquê dele ter feito. — E obrigada, por falar nisso, por me defender.

— De nada, — ele disse. — É parte e parcela de ser o parceiro de alguém.

— Nós não somos parceiros ainda, — eu o lembrei, pensando na Guarda Vermelha.

— Não somos? — Ele olhou de volta para mim, e estava claro que ele não estava pensando na GV, mas havia algo muito mais fundamental em sua mente. Seus olhos mudaram, e então sua mão estava atrás da minha cabeça e ele estava se inclinando na minha direção, me empurrando na direção dele, e antes que eu pudesse pará-lo, seus lábios estavam nos meus, sua boca insistente.

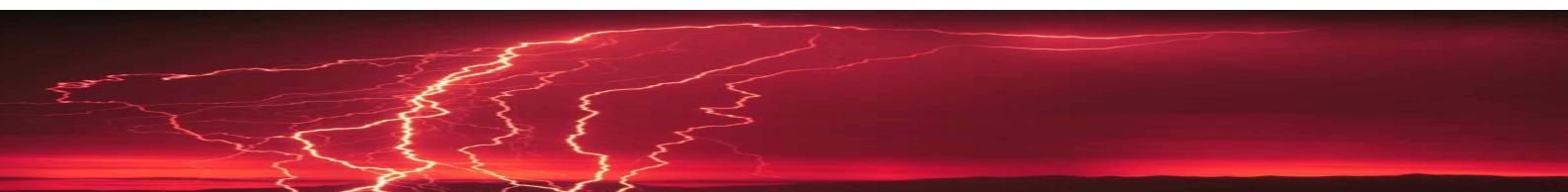
Jonah me beijou com a intimidade de um amante e a confiança de um desafiador ao trono, me desafiando a pensar para fora da caixa que eu havia construído ao meu redor.

E por um momento, eu o deixei.

A sensação era tão boa de ser querida, de ser necessária, de ser desejada por alguém novamente. Não fazia muito tempo desde que o Ethan havia morrido, mas Ethan e eu não ficamos juntos por muito tempo, se é que alguma vez nós tenhamos ficado juntos mesmo.

E o beijo foi de... torcer os dedos do pé. Jonah não era um novato, e ele usava cada parte de seu corpo para a sua vantagem, seus dedos no meu queixo, sua língua provocando a minha, seu corpo se movendo cada vez mais perto, uma sugestão de coisas que ele poderia oferecer: calor, o consolo do toque; outro tipo de intimidade.

Mas um choque de culpa revirou o meu estômago. Eu não estava pronta.



Eu me afastei e me virei, cobrindo a minha boca com uma mão. Fora apenas um beijo, não iniciado por mim, e certamente não era nenhuma violação de qualquer promessa que eu havia feito. Mas meus lábios estavam inchados, e a minha pele estava corada, e havia uma bola de calor na boca do meu estômago. Mesmo sendo inesperado, e mesmo Ethan ter morrido há um tempo, a minha reação parece ter sido como uma traição à memória dele.

— Você não está pronta, — ele disse baixinho.

— Não estou. Sinto muito... mas não estou.

Suas próximas palavras me surpreenderam quase tanto quanto o beijo. — Não, eu sinto muito, — ele disse. — Eu não deveria ter forçado. É só que... eu não esperava isso. Eu não esperava encontrar uma conexão.

Eu olhei de volta para ele novamente, meu coração se acelerando por causa do desejo nos olhos dele e a repentina sensação de pânico que apertou o meu peito. — Eu estou lisonjeada, mas...

Ele ergueu uma mão e sorriu gentilmente. — Você não tem que se desculpar. Eu me arrisquei, e a hora não é certa. Sem falta, ou dano. — Ele limpou a garganta, e então acenou confiantemente. — Vamos apenas nos esquecer da humilhação temporária e voltar ao trabalho.

— Você tem certeza?

— Certeza, — ele disse com um aceno, e pegou o seu telefone, um bolachão dourado brilhante, para dar notícias a Scott Grey. Eu fiz o mesmo e mandei uma mensagem para a Kelley, aconselhando-a que nós não havíamos descoberto nada útil, e que a Claudia aparentemente nem sabia a respeito do céu.

A resposta dela me gelou: - OS PROTESTANTES DOBRARAM POR CAUSA DO CÉU. TODOS OS VAMPIROS ESTÃO DE GUARDA. FADAS EXTRAS ESTÃO NO PORTÃO. A GUARDA NACIONAL LIGOU. HUMANOS ACREDITAM QUE O APOCALIPSE É EMINENTE, - foi a resposta imediata.

Eu murmurei um xingamento.

— O quê? — Jonah perguntou baixinho, mas eu ergui uma mão enquanto eu digitava uma resposta para a Kelley.

— RETORNAR PARA CASA? — eu perguntei para ela, — OU CONTINUO PROCURANDO?



— A CRISE ESTÁ SENDO CONTROLADA, — ela respondeu. — CONTINUE PROCURANDO.

Eu podia definitivamente continuar procurando. Era o ‘encontrar’ que estava sendo difícil. Com a mensagem enviada, eu guardei o telefone novamente e atualizei o Jonah.

— Humanos acham que o fim está próximo, — eu disse para ele. — Os protestantes na Casa Cadogan dobraram novamente.

Alarme relampejou em seus olhos. — Nós precisamos voltar?

— Kelley disse que ela está no comando e quer que nós continuemos procurando. Você acha que seria possível que o Scott fizesse uma ligação, talvez mandasse alguns guardas para lá?

Ele respondeu sem hesitação, mandando uma mensagem imediatamente em seu telefone.

— Feito, — ele disse depois de um momento, guardando o telefone novamente. — Scott está avisado. A Casa Grey está calma, e ele entrará em contato com a Kelley e oferecerá alguns amigos.

A Casa Cadogan não possuía alianças com as outras Casas em Chicago; talvez nós pudéssemos tornar a Casa Grey uma aliada, mesmo que as circunstâncias não sejam as ideais.

— Eu vou voltar para o Loop. Vou procurar por algo que pareça um foco, e eu ficarei próximo da água no caso de haver uma ligação que nós não saibamos entre a água e o céu. Por que você não vai dirigindo por esta parte da cidade? Vasculhe o restante da Gold Coast e do Jackson Park. Ligue-me se você descobrir qualquer coisa.

Ele assentiu. — Claro, — ele disse, e então saiu do meu carro e entrou no dele. Eu me senti estranha em deixá-lo depois do beijo, mas o que mais eu poderia fazer?

Não havia muita coisa que poderia ser feita em uma noite.



Quando eu estava no meu caminho para o Loop, eu liguei o aquecedor no máximo. Apesar de eu me sentir um pouco claustrofóbica na torre, havia algo estranhamente calmante sobre aumentar o calor em uma noite fria. Já houve noites frias durante a faculdade... noites quando a Mallory havia ficado até tarde trabalhando ou em um encontro com algum bonitinho do escritório de advocacia ou de serviços financeiros... quando eu dava um tempo nos estudos e entrava no meu carro e dirigia pela cidade. Eu sabia que estradas possuíam menos tráfego e relativamente menos luzes, eu usei a saída para me distrair, para me esquecer de mim mesma, esquecer tudo exceto a estrada na minha frente.

Ocasionalmente, eu trazia junto um livro em áudio, o décimo segundo ou décimo terceiro volume de uma série de mistério ou de ação de longa duração que aparentemente eu não conseguia parar de comprar, mesmo que os livros tenham se tornado cópias formuladas dos que vieram anteriormente. Eu aumentei o som da mesma forma que eu havia feito com o calor, e dirigi através de Chicago... algumas vezes entrando em Indiana, algumas vezes entrando em Wisconsin, algumas vezes passando pelo campo de Illinois... só para ter um pouco de tempo longe.

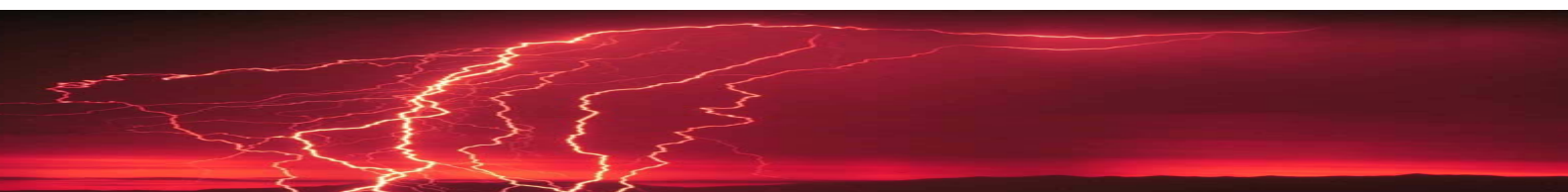
Isso, claro, não era uma daquelas vezes. Eu não tinha tempo para um passeio, e a viagem não era relaxante. A cidade ainda estava cheia de grupos de pessoas amontoadas nas calçadas ou nas varandas, encarando tentativamente o céu, tirando fotos com os celulares e câmeras.

Não tinha jeito de que a 'Crise em Chicago!' não fosse a história principal em cada canal de notícias no país, especialmente se a Guarda Nacional estiver envolvida. Todos eles estariam procurando por uma razão para o céu e a água, e eu não tinha absolutamente nada para oferecer a eles. Eu gostaria de ter as respostas que eles estavam procurando.

Eu cruzei o rio, uma fatia lustrosa e preta igual tinta, e dirigi de volta para o Loop. Os prédios eram mais apertados aqui, mas o céu parecia tão vermelho quanto estava em Potter Park, os relâmpagos frequentes da mesma forma. Nem mais, nem menos.

— Droga, — eu xinguei baixinho. Era provavelmente uma das poucas vezes que outra pessoa fora um meteorologista ou caçador de tempestades havia lastimado a falta de um tornado gigante, como o Jonah havia comentado, em uma área populosa. Mas teria me dado uma resposta. E estas eram poucas e bem distantes uma das outras estes dias.

Ao invés disso... havia perguntas. Perguntas sobre mim. Perguntas a respeito dos feiticeiros. Perguntas sobre a Casa e a equipe. Perguntas sobre a cidade e se eles tinham



confiança em deixar que nós vivêssemos as nossas próprias vidas sem garantias constantes que nós não pretendíamos mal nenhum.

Depois do que eu havia visto esta noite... uma rainha das fadas disposta a ferir quem trabalhava para ela porque eles não haviam levado estes problemas até a sua atenção rápido o bastante... talvez eles estavam certos. Talvez nós não deveríamos ser confiados.

Deus, eu estava começando a me deprimir.

Sem qualquer opinião melhor, eu estacionei e desliguei o carro. A cidade estava relativamente silenciosa, mas a noite ainda carregava um silencioso *zumbido*. Havia uma energia em Chicago. Mesmo não sendo a cidade que nunca dorme, nós certamente éramos a cidade que nunca descansava.

Pensando que a katana era muito pequena para o meu gosto para ser um pára-raios, eu tirei a espada e a deixei no carro. Humanos já estavam com medo de nós; não havia razão em irritá-los quando nós tínhamos outros problemas para resolver.

Eu estava há uma quadra da State Street, então eu andei até ela, ficando próxima da beirada dos prédios enquanto procurava por qualquer coisa que pudesse estar errada. As ruas estavam relativamente vazias exceto por alguns frequentadores de bares e pessoas procurando no céu meteoros ou alienígenas ou alguma outra explicação para a sua cor.

Eu segui a State Street até o rio, observando o formigamento estranho de seu vácuo mágico cada vez mais poderoso, e andei pela ponte, parando no meio para dar uma olhada. O rio se esticava a minha frente e atrás de mim... uma artéria congelada e negra que cortava o centro. O céu estava uniformemente vermelho acima, com nuvens pesadas também tingidas de vermelho por... sei lá o quê. O efeito colateral de alguma maldição, algum amuleto antigo, algum feitiço amargo?

Infelizmente, eu não tinha ideia. Se houvesse um, eu não o havia encontrado. Nada parecia diferente aqui fora. Não havia feiticeiros lançando feitiços no céu. Não havia dragões cuspidores de fogo. Tate, até onde eu sabia, não havia escapado e vindo para o Loop para nos transfixar com a sua magia estranha.

Enquanto nenhum destes acontecimentos teria sido exatamente bem-vindo, pelo menos eles teriam sido *acontecimentos*. Dicas de respostas.

Eu andei de volta para o meu carro, pausando na parada de ônibus e sentando-me no banco vazio. A cidade estava passando por desastres naturais sem uma causa óbvia, e aparentemente estes eram apenas sintomas de algum problema maior. Como



eu deveria desvendar isso? Vampiros podiam sentir magia, mas somente se estivesse realmente perto. Isso estava além das minhas especialidades. Eu precisava de um adivinho... bruxos que andavam por aí com ramos bifurcados e procuravam nascentes escondidas... exceto que isso seria para achar magia.

Eu me sentei reta e peguei o meu telefone. E já que ele era o mais próximo de bruxa da água que eu tinha, eu liguei para o Catcher.

— Você ainda está viva.

— Da última vez que eu chequei. E aqui está um fato para acrescentar a sua base de dados... o sangue de fada transforma os vampiros em completos doidos.

Eu escutei o ranger da cadeira dele enquanto ele se levantava. — Você derrubou sangue de fada?

— Na verdade, não. Claudia, a rainha, ficou irritada com seus guardas. Eles ainda não haviam contado para ela a respeito do céu.

Ele deu um assovio baixo. — Já que o céu ainda está vermelho, eu presumo que as fadas não eram o problema.

— Elas não eram. Já são três foras. Os sobrenaturais da água não mexeram com a água; os sobrenaturais do céu não mexeram com o céu. Claudia acredita que nós estamos vendo os efeitos de um problema mágico maior com magia elementar como os sintomas visíveis.

Eu escutei o suspiro dele pelo telefone. — Magia elementar, — ele disse. — Eu deveria ter somado dois mais dois. Eu deveria ter pensado nisso.

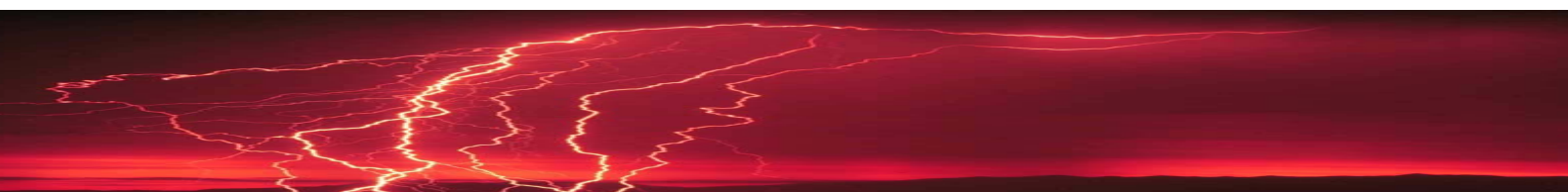
Meu coração acelerou... nós estávamos chegando a algum lugar? Ele tinha uma resposta? — Isso significa algo para você?

— Isso dá um contexto à magia. Mostra-nos o padrão.

— Se há um grupo, uma espécie, uma pessoa que usa este padrão?

— Não especificamente. Mas isso prova que a magia está envolvida.

Eu revirei meus olhos. Nós já não tínhamos descoberto que a magia estava envolvida? Não obstante as sugestões de Jonah, parecia improvável que os humanos haviam simplesmente ligado um botão que havia transformado o céu em vermelho e mandado relâmpagos para cruzá-lo.



Como se estivesse irritado com o pensamento, um raio de repente atingiu um carro a três quadras descendo a rua. O alarme do carro começou a gorjear em aviso. Eu me encolhi de volta no ponto de ônibus, desejando que eu já estivesse de volta no meu carro. Eu *odiava* relâmpago.

— Eu não suponho que você tem uma ideia melhor do que Tate possa ser? Claudia ficou mencionando magia antiga, e foi essa a sensação que eu tive dele.

— Magia antiga não me surpreenderia, — Catcher disse, — apesar de que isso não seja uma classificação mágica em si. Que a magia dele parece que é ‘antiga’ não assinala o que ele é ou quem ele possa ser.

Claro que não. Isso seria muito fácil. — Então nós precisamos trabalhar este ângulo e tentar descobrir. Você consegue me colocar para dentro para que eu possa falar com ele de novo?

Catcher assoviou. — Já que o nosso escritório foi oficialmente debandado, nós não estamos exatamente na lista de visitantes aprovados para entrar na instalação secreta que está guardando o nosso ex-prefeito. Nós podemos ser capazes de pedir alguns favores, mas isso levará tempo.

— Faça o que você puder. Eu não estou chegando a nenhum lugar rápido. — Apesar de que havia um grupo que eu poderia investigar. — Eu sei que essa pergunta vai magoar, mas eu preciso de respostas de qualquer forma. E quanto a Ordem? — Eu mordisquei o meu lábio em antecipação a uma resposta sarcástica. Mas não foi isso que eu recebi. Catcher havia mudado o seu tom.

— Eu estive quebrando a cabeça, — ele disse, e eu podia ouvir isso na exaustão rouca de sua voz. — Mas não consigo pensar em nenhuma forma na qual eles possam estar envolvidos. Eu só não sei que vantagem eles veriam em fazer isso. Eles podem ser ingênuos, mas eles não são diabólicos.

— E quanto ao Simon?

— Eu não sei como o Simon passa os seus dias, Merit, a não ser monopolizando quase todo o tempo da Mallory e cada grama da energia mental dela. Ela parece ser o foco número um da atenção dele. Além disso, ele é o rei da cidade agora. Por que causar problema?

— Eu pensei a mesma coisa.

— Mantenha o seu pessoal calmo e fora do radar do Simon. Ele pode ter boas maneiras, mas ele ainda é um membro totalmente treinado da Ordem, e uma interferência vampírica somente irá irritá-lo. Deixe-me dar uma olhada nisso.



— Eu vou enrolar, — eu avisei e o lembrei, — mas o Frank é ansioso, e você sabe o tipo de pressão que ele está colocando em cima do Malik. Humanos estão ficando doidos, e a Guarda Nacional está a caminho da Casa Cadogan. Quem quer que seja que esteja envolvido nisso, nós precisamos de provas, e nós precisamos disso rápido.

— Eu vou lidar com isso. Onde você está de qualquer forma?

Eu decidi não contar para ele que eu estava empoleirada em uma parada de ônibus na State Street porque eu não tinha melhores idéias. — Eu estou brincando de Sentinela, — eu disse para ele. — Ligue-me assim que você tiver algo.

Catcher grunhiu a sua concordância, e o telefone ficou mudo. Eu o guardei novamente e olhei a noite. O barulho começou a rolar pela rua enquanto um desfile de seres humanos vestidos de branco caminhava na minha direção. Eles carregavam pôsteres e cartazes brancos anunciando o apocalipse e recomendavam passagens da Bíblia para leitura imediata. Os avisos estavam rabiscados com tinta vermelho sangue, gotas marcando as beiradas das letras. Eles pintaram os cartazes com pressa, frenéticos para fazerem a diferença antes que fosse tarde demais.

— Antes que os vampiros destruam o mundo, — eu murmurei baixinho.

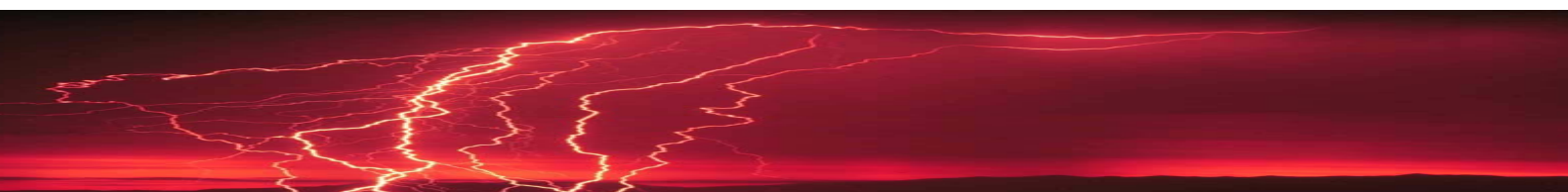
Os humanos poderiam estar certos a respeito do fim do mundo; não era essa exatamente a informação que eu não estava sabendo. Mas eu estava bem confiante de que eles teriam mais palavras para mim se eles me pegassem aqui sozinha, então me enfiei de volta no canto e assisti enquanto eles passavam, um coro grego avisando da tragédia eminente.

Alguns minutos depois eles desapareceram de vista e a rua estava silenciosamente novamente. Eu fiquei de pé e estiquei as minhas pernas, mas bem enquanto eu me preparava para deixar a parada de ônibus, uma sequência de raios brancos disparou pelo céu e a chuva começou a cair em pesados lençóis.

— Claro que iria chover, — eu resmunguei.

Eu fiquei de pé na entrada do ponto de ônibus por mais alguns momentos, chuva espirrando nas minhas botas, esperando por uma parada na chuva torrencial e desejando, mais uma vez, que Ethan estivesse aqui comigo. Ele saberia o que fazer, teria algum plano de ataque em mente.

Eu sei que este fardo era meu para carregar; eu só esperava que eu tivesse o músculo para carregá-lo e o cérebro para desvendar isso.



Tão rápido como começou, a chuva diminuiu e parou. Quando eu pisei na rua, peguei o cheiro de água, da cidade e enxofre, mas havia mais outra coisa: os cheiros de limão e açúcar, os mesmos cheiros que eu havia sentido ao redor do Tate.

Claudia pensou que a magia era antiga, e agora a chuva tinha o cheiro do Tate? Isso não poderia apenas ser coincidência.

O amanhecer estava se aproximando, mas sabia exatamente onde eu precisava ir amanhã à noite. Espero que o nome do meu avô ainda carregue um pouco de prestígio, e que eles consigam ser capazes de conseguir que eu veja o Tate novamente.

Ainda com medo do relâmpago, eu corri de volta para o meu carro, a minha pele ainda zunindo por causa do ozônio no ar. Eu havia acabado de colocar a chave na trava quando o cano de uma arma foi empurrado contra a minha bochecha.

— Olá, Merit, — McKetrick disse agradavelmente. — Quanto tempo sem nos vermos.



Capítulo 12

Felicidade é uma arma quente

Eu olhei para o metal frio e escuro apontado para o meu peito. A arma era longa e mais grossa que um revólver, mais parecida em tamanho com um rifle com um cano enorme.

Eu ergui o olhar. McKentrick sorriu convencidamente. Ele era um homem bonito, com cabelo escuro curto, maçãs do rosto esculpidas, e um corpo que não deixava a desejar. Seus olhos eram grandes e exóticos, mas sua boca era retorcida em crueldade – e havia uma nova cicatriz sobre seu lábio superior que não tinha estado lá da última vez que o vi.

— Mãos para o alto, por favor, — ele disse agradavelmente.

Pela segunda vez na noite, ergui minhas mãos para o alto. Não é irônico que eu tinha deixado minha espada no carro para não assustar os humanos? E aqui estava ele, apontando uma arma para o meu peito.

— McKentrick, — eu disse, como um cumprimento. — Você pode mover a arma, por favor?

— Quando é tão efetiva em chamar sua atenção? Acho que não. E caso você tente algo pelo bem da causa, nós estamos usando uma nova variedade de balas. Algo um pouco menos que ferro-e-aço. Algo um pouco mais de madeira. Um novo processo que combina o impacto de uma bala com a reação química de álamo. Tem sido muito efetivo.

Um calafrio passou por mim. Se ele tinha conseguido transformar álamo – a única coisa que, se atravessado pelo coração de um vampiro, nos reduziria a pó – em balas, e sabia que era “efetivo”, quantos vampiros tinham morrido nos testes?

— É assim que você ganhou a cicatriz? — Eu ponderei em voz alta.

Seu lábio superior se curvou. — Eu não sou da sua conta.

— Você é da minha conta quando tem uma arma apontada na minha direção, — eu disse, e considerei minhas opções. Tentar arrancar a arma de sua mão com um chute planejado poderia dar certo, mas ele era um ex-militar e, sem dúvidas, habilidoso no



combate corpo-a-corpo. Além disso, o “poderia dar certo” carregava um alto risco que eu levasse uma dose de álamo no coração e terminasse em uma pilha de cinzas. Também havia uma probabilidade muito boa que ele tivesse homens esperando nas proximidades com armas parecidas.

Muitas mortes já tinham ocorrido ultimamente, então eu rapidamente decidi que bancar a mártir não era uma opção. Em vez disso, optei por conseguir o número de informações que pudesse.

— Estou surpresa por você estar aqui hoje, — Eu disse a ele. — Você não deveria estar alertando as pessoas sobre o apocalipse? Ou talvez saindo com a prefeita? Nós te vimos na conferência de imprensa.

— Ela é uma mulher com um plano para a cidade.

— Ela é uma idiota que é facilmente manipulada.

Ele sorriu. — Suas palavras, não minhas. Embora ela tenha provado ser receptiva à minha posição sobre vampiros.

— Assim eu tenho visto. Eu presumo que você é um dos cérebros por trás da lei de registro?

— Não sou um fã, — ele disse.

— Sério? Pareceu que manter chips nas nossas atividades seria algo do seu gosto.

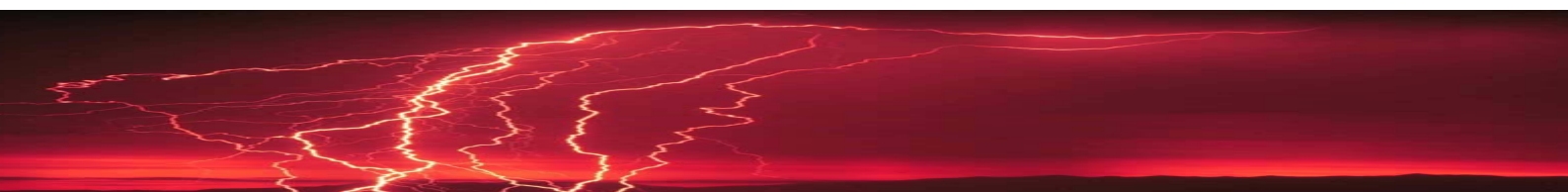
— Isso é pensar a curto prazo, Merit. Se você permitir que aberrações sobrenaturais se registrem, você aprova sua existência. — Ele balançou sua cabeça como um pastor. — Não, obrigado. Esse é um passo dado na direção errada.

Eu não estava exatamente ansiosa para saber o que McKentrick definia como a “direção certa” da cidade, mas ele não me deu a graça de seu silêncio.

— Há somente uma solução para a cidade : limpeza. Se livrar dos vampiros. Isso resolve o problema do apocalipse. Para limpar a cidade, precisamos de um catalisador. Se livrarmos a cidade de um vampiro que é conhecido pelo público, podemos ter alguma chance.

Meu estômago despencou. McKentrick não estava planejando tirar os vampiros da cidade.

Ele queria exterminá-los, começando comigo.



Com a arma apontada para mim, eu não tinha muitas opções. Eu não podia pegar meu celular, e gritar pelos humanos mais próximo só os colocaria na linha de fogo. Eu não podia correr esse risco. Com minha força evoluída de vampiro, poderia vencer McKentrick em um combate corpo-a-corpo, mas ele raramente viajava sozinho. Ele geralmente vinha com um bando de caras igualmente fortes, usando preto, e embora eu não tivesse visto-os ainda, não podia achar que não estivessem ali esperando por mim.

Então eu optei por usar um dos meus melhores talentos – teimosia.

— O que exatamente você espera que vai ganhar me matando? Você só vai enraivecer os vampiros e provocar humanos que não querem assassinatos em sua cidade.

McKentrick pareceu magoado pela acusação. — Isso é incrivelmente inocente. Claro, existem alguns em Chicago que não percebem a magnitude do problema dos vampiros. Mas é só isso. As pessoas precisam de algo em comum, Merit. Você é o ponto em comum.

— Você quer dizer, as cinzas que eu vou me tornar? Você sabe que é só isso que vai sobrar, certo? Uma pilha de cinzas, bem ali, na calçada. — Eu gesticulei o concreto abaixo de nós. — Não é como se você fosse ter o corpo de um vampiro caído. Acredite em mim – eu já vi acontecer.

Eu murmurei uma desculpa silenciosa para a memória de Ethan por minha indiferença, mas dado a contração no maxilar de McKentrick, eu continuei. — Vai parecer mais um aspirador sendo limpo do que um vampiro empalado, e isso não vai dar um bom ibope. Você nem está na primeira página.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que há uma multidão de humanos do lado de fora da Casa Cadogan agora mesmo protestando contra a nossa existência, e a Guarda Nacional está a caminho. Por que você não está com eles? Conhecendo-os? Recrutando almas com mentes em comum? Oh, — eu disse, balançando a cabeça. — Eu entendo. Você não gosta de pessoas, assim como não gosta de vampiros. Você só está bancando o herói. Ou o que você imagina que seja um herói. Eu pessoalmente não acho que genocídio é terrivelmente heróico.

Ele me deu um tapa no rosto forte o bastante para fazer minha cabeça latejar, e eu imediatamente senti sangue.

— Eu não vou, — ele disse ameaçadoramente, se aproximando ainda mais de mim, — deixar alguma vadia com presas me desviar da minha missão.



Minha raiva – auxiliada pela minha fome – começou a se espalhar pelos meus membros em um impulso gloriosamente quente que expulsou o tremor dos meus ossos.

— Sua missão? Sua missão é assassinato, McKentrick, simples assim. Não vamos nos esquecer disso. E eu aposto que o que você sabe sobre mim “ou sobre vampiros” caberia na ponta de um alfinete.

— Olhe para o céu, — ele disse, pressionando o cano da arma no meu peito. — Você acha que isso não tem a ver com você?

— Na verdade, não tem nada a ver conosco, — eu disse a ele, mas o poupei dos detalhes sobre outros grupos que poderiam estar relacionados com isso. Não tinha necessidade de colocá-los no radar de McKentrick, também.

— Como não tem nada a ver com vocês? O que mais poderia ser responsável por isso?

— Aquecimento global? — Eu sugeri. — Você já reciclou hoje?

Isso me custou um soco no estômago que me deixou no chão, de joelhos. Eu tossi um pouco, exagerando o golpe. É claro que tinha doído – mas não tanto assim. Eu acho que ele pegou leve no soco. Talvez socar uma “vadia com presas” fosse mais difícil do que estapeá-la no rosto. Ele achando que eu fosse mais delicada do que realmente era só seria vantagem minha.

— Você é um sádico, — eu cuspi.

— Não, — ele disse pacientemente, — Eu sou realista. Você me deixa violento. Você me faz lutar uma guerra que eu não deveria lutar.

— Culpar a vítima está tão fora de moda, — eu disse a ele. Preparei-me para um chute, mas nada veio. Em vez disso, ele se ajoelhou, suas sobrelombas franzidas em preocupação.

— Você não entende.

— Eu entendo. Você é um egoísta, e você acha que sabe mais que todo mundo em Chicago. Mas na verdade, McKentrick, você é um egoísta covarde. Você está lutando para tirar nossos direitos, mas somos nós que estamos tentando resolver o problema. Seu ego te cegou. Eu sinto pena de você, na verdade.

Esse aparentemente foi o fim de sua paciência. Ele se levantou novamente, colocou dois dedos na boca e assoviou. Dois homens em roupas pretas correram na nossa direção. Um apontou outra arma de cano grosso para mim, enquanto o outro me levantava e prendia meus braços para trás.



Eu o xinguei – alto – e pisei no seu pé, mas o cano da arma de McKentrick no meu queixo foi um bom impedimento de violência.

— Coloque-a no veículo, — McKentrick disse. — Vamos levá-la de volta para as instalações.

Ver “as instalações” com certeza me ajudaria a acabar com as atividades de McKentrick, mas era improvável que eu fosse sobreviver à visita. Entrar naquele carro era uma sentença de morte, então eu lutei com tudo que tinha. Contorci-me nos braços do idiota, e enquanto ele se esforçava para me manter de pé, mudei meu peso e desferi um chute na arma de McKentrick. Voou da mão dele. Ele imediatamente foi atrás dela.

O aperto do brutamonte se afrouxou no caos, e com um chute rápido em suas jóias e um circular que acertou na mosca, o coloquei de costas no chão.

— Esse é um dos meus golpes favoritos, — Eu disse a ele, pensando em uma conversa que tinha tido com Ethan. Que pena que eu estava lutando sozinha dessa vez.

— Peguem-na, — McKentrick disse, tendo pego a arma e começado a andar na minha direção, com os braços estendidos.

Eu me virei para correr e dei de cara com brutamontes número dois. Olhei para ele, sorri um pouco, e ofereci outro chute abaixo do cinto. Esse era esperto o bastante para antecipar o movimento. Ele o bloqueou, mas ele não era o primeiro a bloquear um dos meus chutes. Desviei-me de um soco, e enquanto estava abaixada, empurrei um punho na sua canela. Quando ele recuou de dor, pulei e executei um chute crescente perfeito que o colocou no chão.

Agora eram dois brutamontes no chão com chutes bem executados, mas eu nem tive tempo de comemorar a vitória antes de um golpe nos rins me derrubar novamente.

Eu olhei para trás.

McKentrick estava ali, arma apontada, seu braço tremendo com fúria óbvia.

— Eu já me *cansei* de você, — ele disse, seu dedo no gatilho tremendo.

Depois de levar uma surra de Celina em outra noite chuvosa, tinha feito uma promessa a mim mesma. Então eu me levantei e olhei para ele, me forçando a ficar calma – e firmar minhas pernas para que não tremessem.

— Se você vai me empalar, — eu disse a ele, — vai fazer isso enquanto me olha nos olhos. — Preparei-me para o choque: para sentir a dor aguda de estilhaços se ele não acertasse meu coração, ou me perder completamente se sua mira fosse certa. Eu era corajosa o bastante para admitir que as duas coisas pudessem acontecer.



Ele estendeu a arma em direção ao meu peito, bem acima do meu coração.

Tentei uma última jogada. — Sou grata por isso, sabia.

Eu o observei lutar contra a curiosidade, mas mesmo assim, fez a pergunta. — É grata pelo o quê?

— Pelo o que você está fazendo. — Eu dei um minúsculo passo a frente, pressionando meu peito no cano da arma. — Tornando-me uma mártir. Quer dizer, eu sei que você vai ter que inventar alguma história sobre como eu tentei te machucar e você salvou Chicago de mim. — Diminui um pouco o tom da minha voz. — Mas os sobrenaturais saberão, McKentrick. Os vampiros. Os metamorfos. Eles gostam de mim. E eles não acreditarão em você.

Eu fiquei na ponta dos pés e olhei-o bem nos olhos. — Eles vão te *achar*.

A raiva era engraçada – podia te ajudar, ou podia te machucar. Podia arruinar sua compostura, e fazer você piscar.

McKentrick piscou.

— Sua vadia, — ele disse, dentes rangidos. — Eu não vou deixar você arruinar essa cidade. — A arma vacilou, tremendo em sua mão só um pouquinho. Eu tomei a oportunidade, batendo embaixo da arma e arrancando-a da sua mão. Ela voou pelo ar e se arrastou pelo concreto.

Ele mergulhou em sua direção.

Eu daria crédito onde fosse merecido: McKentrick era maior e mais forte que eu. Mas eu era mais rápida.

Cheguei lá antes que ele, passei os dedos pelo asfalto para me assegurar que a arma estava segura em minha mão, e quando ele me alcançou, apontada em sua direção.

Seus olhos se arregalaram. — Você está arruinando essa cidade.

— É, você disse isso. Eu gostaria de apontar, entretanto, que os vampiross não estão parando civis e ameaçando-os, ou apontando armas em seus rostos.

Ele rosnou, cuspiu alguns xingamentos, e ficou de joelhos. — Isso te faz se sentir mais poderosa? Comigo de joelhos na sua frente como algum tipo de humano bajulador?

— Não. E você sabe por quê? — Eu desferi um golpe com a arma em sua têmpora que o colocou no chão e o fez perder a consciência. — Porque eu não sou você.



Eu fechei meus olhos por um momento – só para ter um tempo para respirar – e os abri de novo ao som de pneus cantando.

Olhei para trás. Os dois brutamontes tinham desaparecido, e a caminhonete estava arrancando pela rua.

— Isso é que é lealdade, — murmurei, e olhei para McKentrick e ao redor da vizinhança. O ponto de ônibus estava a alguns metros de distância, mas o céu ao leste estava começando a clarear. Eu não tinha muito tempo, então eu precisava de cobertura.

Relâmpagos ainda sendo disparados ao nosso redor, eu arrastei McKentrick no ponto de ônibus e o levantei em um banco. Peguei meu celular.

Catcher respondeu com uma pergunta. — O que você quer, Merit?

A casa inteira estava aborrecida essa semana, e eu estava começando a ficar sem paciência com o clã Bell/Carmichael. Ainda assim, eu tinha trabalho para fazer.

Dei a ele o meu endereço. — Se pode chegar aqui rápido o bastante, encontrará McKentrick no ponto de ônibus, desmaiado.

— McKentrick? — ele perguntou, sua voz repentinamente desprovida de sarcasmo. — O que aconteceu?

— Ele e dois dos seus homens me abordaram no Loop. A mesma história sobre odiar vampiros e querer todos eles fora de Chicago. Mas com uma mudança muito ruim. Ele tinha, ou pelo menos disse que tinha, balas de álamo. Eu consegui pegar uma de suas armas, mas não seus homens, que fugiram. Ele também citou algum tipo de instalação. Eu espero que ele te dê algum tipo de detalhe.

— Isso ajudaria. Você está interessada em prestar queixas contra ele por agressão?

— Só se precisar disso para mantê-lo preso.

— Não deve ser preciso, — Catcher disse. — Se você se lembrar, nós não somos mais associados com a cidade. Isso só é um bando de caras tendo uma conversa amigável fora dos registros. Engraçado como a Constituição não é mais um problema.

Talvez não, mas isso não significava que meu avô não poderia ficar com problemas por sequestro. — Essa é a sua decisão. Mas eu não sei por quanto tempo ele vai ficar desmaiado, e já que a cidade vai se levantar daqui a pouco, talvez você deva dar um aviso ao Detetive Jacobs. Você não quer que um policial comum do CPD o encontre antes que você chegue aqui.



Jacobs conhecia meu avô, e tinha me questionado depois que uma dose de V, a droga que Tate comerciou para vampiros, transformou o bar da Casa Cadogan em uma cova mortal. Jacobs era cauteloso e detalhista, e ele estava honestamente no lado da verdade e justiça. Não existiam mais tantas pessoas assim, então eu o considerava um aliado.

— Eu vou passar a ideia a Chuck, ver qual direção ele quer seguir. Eu sei que ele quer ficar no lado bom do CDP, mas essa nova liberdade recente que a prefeita nos deu deve ser testada.

Ouvi sons de movimento. — Estamos saindo agora, — ele adicionou. — Devemos estar aí em vinte minutos.

— Já é quase amanhecer, então eu estou voltando para a Casa. E falando na sua liberdade recente, alguma sorte em arranjar um segundo encontro com Tate?

— Estou trabalhando nisso. Estou apostando no capital político que temos, mas os burocratas são gananciosos. Kowalczyk's deixou-os nervosos. Vou te avisar amanhã à noite.

— Ficaria grata. Ei – já que estamos no telefone, você já sentiu algum odor estranho ao redor de Tate?

— Eu tento não cheirar os políticos e convictos.

— Estou falando sério. Sempre que estou perto dele, sinto o cheiro de limão e açúcar. E um tempinho atrás, depois da chuva, eu senti de novo – como se houvesse algum tipo de magia parecida saindo da chuva. Como se ele estivesse envolvido nisso de algum modo.

— Choveu um pouco aqui, mas eu não cheirei nada. Eu não colocaria muito crédito em cheiros. Além disso, Tate está preso. O que ele poderia fazer?

Ou assim ele disse. Eu sabia que tinha alguma coisa nessa história, mas deixei passar. – Tenha cuidado. Seja gentil com o nosso soldado.

— Não que ele mereça, — Catcher disse, e desligou.

O limite do céu agora indo para um tom de amarelo, guardei o telefone novamente e deixei McKentrick no ponto de ônibus, parecendo um festeiro que se divertiu demais.

Que sorte a dele.



Capítulo 13

A melhor parte sobre acordar... É sangue do tipo “A” na sua xícara.

Liguei para Kelley no caminho para dar a ela uma atualização sobre McKetrick e que cheguei à Casa um pouco perto do amanhecer para meu conforto. Corri do meu carro para a Casa, percebendo a minha exaustão pelo sol e que os manifestantes tinham se acalmado, sem dúvida graças a duas dezenas de membros da Guarda Nacional camuflados, que ficaram em igual número de pontos em torno da cerca.

Eu imediatamente me dirigi para cima para cair na cama, mas parei no piso do segundo andar, e lancei um olhar para o terceiro andar acima de mim. Antes de julgar melhor, eu estava sonolentemente subindo as escadas para o terceiro andar, então na ponta dos pés pelo corredor até a suíte da consorte. . . e ao quarto de Ethan.

Eu estava na frente das portas do seu apartamento por apenas um momento, antes de levar minha mão até a porta e minha testa na madeira fria. Deus, eu o perdi. O beijo de Jonah poderia ter sido glorioso para um momento de esquecimento, mas seu rastro foi muito pior, afundando-me em pensamentos sobre Ethan. Sem aviso, a porta abriu. Levantei-me novamente, meu coração batendo forte. Eu não fui ao seu quarto desde a noite que ele tinha sido morto. Alguns de seus bens pessoais tinham sido colocados em caixas, mas o quarto tinha sido fechado. Frank tinha escolhido outro e Malik e sua esposa tinham permanecido em seus próprios. Eu tinha evitado o apartamento de Ethan completamente, pensando que era melhor sofrer longe do que se tornar um fantasma, assombrando seu quarto para preservar as memórias. Mas esta noite, depois de raios e de fadas rainhas, beijos e as armas, eu precisava de um tipo diferente de esquecimento.

Eu empurrei a porta aberta, e caminhei para dentro. Por um momento, eu só fiquei na porta, com os olhos fechados, bebendo do aroma familiar. Seu cheiro, foi abrindo caminho para os perfumes de limpeza e poeira, mas ainda permanecia lá, leve e fresco, como os sussurros de um fantasma. Abri os olhos, e fechei a porta atrás de mim, e examinei o quarto. Era muito bem decorado, com móveis europeus e mobiliário caro, mais como um quarto de hotel do que o quarto de um Mestre vampiro. Atravessei a sala de estar para o segundo conjunto de portas duplas. Estes levavam para o quarto de Ethan. O sol agora acima do horizonte, eu andei para dentro e chamei o persistente



cheiro dele novamente. Antes que pudesse pensar melhor, meus sapatos e jaqueta estavam no chão e eu estava rastejando em sua cama, as lágrimas derramando da sensação familiar da roupa de cama e o cheiro daquele que antes a encheu.

Eu pensei nas poucas vezes que fizemos amor, a tenuidade e alegria delas, e o sorriso peculiar e provocador que ele me deu quando estava satisfeito com algo que eu tinha feito. Ou algo que ele tinha feito para mim. Seus olhos eram tão brilhantemente verdes, a perfeição da sua boca, seu corpo tão finamente lavrado como qualquer estátua de mármore. Envolto no cheiro dele, eu sorri e saboreei as memórias. Lá, em sua cama em seu quarto escuro, caí no sono. Estávamos em um cassino, rodeada por uma cacofonia de chips eletrônicos e luzes piscando, empurrada por um desfile de garçonetes com bandejas de bebidas em copos pequenos. Sentei na frente de uma máquina caça-níquel com mostradores girando incrementos aleatórios, ocasionalmente, para mostrar uma desaceleração e uma única imagem. Uma estaca. Uma gota de chuva. A onda de fogo. Ethan estava ao meu lado, uma moeda de ouro entre o polegar e o dedo indicador. Ela girou lentamente, a luz capturando cada rotação.

— Dois lados da moeda, — ele disse. — Errado e certo. O bem e o mal.

Ele ergueu o olhar para mim. — Nós todos temos escolhas, não é?

— Escolhas?

— Entre a coragem ou a covardia, — sugeriu. — Ambição ou contentamento.

— Eu acho que sim.

— Qual será a sua decisão, Merit?

Eu sabia que ele queria dizer algo importante, algo pesado, mas eu não poderia dizer o que era.

— Que escolha tenho que fazer?

Com um movimento de seu polegar, ele bateu a moeda para o ar. O teto parecia aumentar à medida que a moeda voou para cima, de modo que se a gravidade não tinha trabalhado sua magia peculiar, a moeda poderia ter subido para sempre e nunca tocar o teto. Mais ela caiu, cara e coroa e cara novamente, pegando a luz a cada rotação.



— Desaparecendo, — Ethan disse.

Eu assisti a moeda se tornar menor à distância, aumentando para o infinito.
— Não está desaparecendo, — eu disse a ele. — Ainda está lá. Está ainda girando.

— Não a moeda. Eu.

O medo em sua suave voz chamou meus olhos de volta para ele. Ele estava olhando para suas mãos, agora a palma para cima na frente dele. Tendo jogado a moeda no ar, Ethan estava começando desaparecer, as pontas de seus dedos se dissolvendo em cinzas que caíam sobre o tapete abaixo de nós.

— O que está acontecendo com você? — Eu não podia fazer nada, exceto olhar como seus dedos desapareciam um milímetro de cada vez. Ao invés de gritando de horror ou tentar pará-lo, eu só olhei com fascínio clínico, observando meu amante lentamente ser apagado em nada.

— Eu fiz a minha escolha. Eu escolhi você.

Freneticamente, o medo crescia no meu intestino, eu balancei a cabeça.

— Como faço para parar isso?

— Eu não acho que você pode. É natural, não é? Que todos nós viremos cinzas. Pó. E nós somos afastados de novo. Sua atenção foi subitamente desviada. Ele olhou para cima e para algo do outro lado da sala, o seu olhar se alargando mais.

— Ethan? — Seus olhos voltaram aos meus.

— É muito perigoso. Não deixe eles fazerem, Merit.

— Fazer o quê?

— Eles vão levar vantagem. Eu acho que eles estão tentando agora. Ele olhou para suas mãos, agora a meio caminho de se transformarem em cinzas.

— Eu acho que é onde estou indo.

— Ethan? Eu não entendo.



— Eu sou apenas cinzas, — ele disse. Ele olhou para mim novamente, e eu senti meu próprio pânico, finalmente aumentando no medo.

— Ethan.

Sem aviso, a desintegração acelerou, e ele começou a sumir completamente, seu último movimento foi gritar meu nome.

— Merit!

Eu acordei em um suor frio e um emaranhado de cobertores no meu estômago. Demorou um pouco para eu lembrar que tinha sido apenas um sonho. Que o horror não era real, mas que ele ainda estava desaparecido.

Os pesadelos estavam chegando mais rápido agora, sem dúvida o resultado do estresse que estava sentindo. Eu não tinha resolvido o problema ainda, e havia dois perigos potencialmente mais elementares. Talvez um maior dos perigos à espreita, lá fora. Terra e fogo.

Deus me livre, eu poderia descobrir alguma coisa antes da cidade ser queimada.

Quando meu coração desacelerou novamente, me desembaracei do cobertor e caminhei até a janela do quarto. As persianas automáticas, que a cobriam durante o dia tinham sido levantadas, revelando um céu gloriosamente escuro, um par de estrelas a espreita.

O céu estava de volta ao normal, o que provavelmente significava que o lago e rio estavam também.

Se Claudia e Catcher tivessem razão, - e a magia era elementar e seguindo uma espécie de padrão - o alívio seria apenas temporário. Nós tínhamos visto a do ar e da água. A terra e o fogo não poderiam estar muito para trás. Mas, mesmo um alívio temporário levou um pouco do calor para nós.

Voltei para meu quarto. Com Tate na minha agenda, e uma mensagem de Catcher confirmando nossa segunda reunião, eu tomei banho e me vesti com meu couro. Eu não estava tentando impressionar Tate com a minha noite perspicácia nos negócios, o que era sobre a fixação de problemas sobrenaturais. O pedaço de madeira, é claro, estava de volta no bolso.



Jonah, por outro lado, não tinha ligado. O que me incomodou um pouco. Eu esperava que ele não iria me evitar porque eu o rejeitei. Nós éramos um time verde, mas um dos bons. E enquanto estava começando a aprender que eu poderia ser uma Sentinela, eu faria isso muito melhor com um parceiro. Pensando na miséria do amor, liguei para Mallory. Ela levou cinco toques para responder, e mesmo assim ela não estava entusiasmada.

— Eu estou no meio de alguma coisa.

— Então não atenda ao telefone na próxima vez, — eu brinquei, mas o comentário ainda picava.

— Desculpe, — ela disse e parecia que ela quis dizer isso.

— Eu estou nervosa e a cada exame fica um pouco pior, você sabe? E depois eu estou loucamente cansada, e estou quase no fim da minha paciência. Eu só quero que todo esse processo acabe. Eu não me importo se eu passar. Eu só quero que seja feito.

Eu podia ouvir a exaustão em sua voz, e na velocidade de suas palavras. Não me surpreenderia se ela estivesse tomando bebidas energéticas.

— Estou te ouvindo, — eu disse. — Eu tenho uma missão para executar, você tem uma pausa depois?

— Eu começo o meu próximo exame em poucos minutos.

— Isso é péssimo.

— Nem me fale sobre isso. E para adicionar insulto à injúria, Catcher está sendo uma gigantesca dor na minha bunda agora. Eu não acho que ele tem alguma ideia do estresse que estou passando.

Sua voz estava irritada, e eu me perguntava se algum de nós sabia o estresse que ela estava passando. Diferente de Simon, que parecia estar dirigindo isso.

E enquanto eu a tinha no telefone. . . — Ei, eu sei que você está com pressa, mas há algo que você pode dizer sobre o que está acontecendo na cidade agora com o lago e céu? Eu entendo que é ligada à magia dos quatro elementos - água, ar, terra e fogo. Você aprendeu qualquer coisa sobre isso?



Sua resposta foi rápida e furiosa.

— Jesus, Merit. Como muitas vezes antes, como você sabe que o problema da cidade esta ligado aos feiticeiros? Você fez isso com as drogas, também.

— Eu me pergunto sobre um monte de coisas, — disse, lembrando-me do estresse que ela estava.

— É o meu trabalho me perguntar sobre as possibilidades, e depois descobrir a verdade.

— Oh, então estamos nas possibilidades?

Eu não tinha ideia do por que estávamos discutindo. Eu certamente não a tinha acusado de nada. Ela estava me chicoteando porque tinha pensado a mesma coisa, ou porque ela estava estressada?

— Não é como se eu estivesse lá fora, apenas fazendo travessuras aleatoriamente, — ela disse, antes que eu pudesse responder. — Ou pesquisando pedaços de magia aleatórios. Eu estou fazendo exames, Merit.

Desde quando o trauma da cidade era pedaços de magia aleatórios? O comentário foi irritante, mas eu fiquei calma.

— Eu sei que você não está. Não estou acusando você de nada. Mas há algum tipo de magia trabalhando aqui que eu não entendo. Eu só pensei que talvez você saberia.

— Você sabe sobre o que eu sei, Merit? Eu sei sobre sigilos, algoritmos mágicos e auras. Isso é o que eu sei.

— Você sabe o quê? — Eu disse a ela, obrigando-me a permanecer calma.

— Eu vou deixá-la ir para que você possa voltar a estudar. Ok?

— Talvez seja uma boa idéia. E talvez você deve segurar seus telefonemas e as acusações até que meus exames terminem.

O telefone ficou mudo, me deixando de olhos arregalados, perturbada e completamente sem palavras.



Lindsey escolheu aquele momento para aparecer no meu quarto. — Café da manhã?

Eu segurava o telefone. — Mallory apenas desligou na minha cara!

Lindsey franziu a testa, entrou e fechou a porta atrás dela.

— O que você fez?

— Nada. Quer dizer, eu perguntei se ela sabia alguma coisa sobre o lago e o céu, mas nada além disso.

Lindsey assobiou.

— Caminho para jogar suave.

— Era uma pergunta legítima. E ela é uma das três únicas pessoas na cidade que saberia.

— Verdade. Eu realmente não tenho um gancho nesta luta. Eu só não quero ser aquela a me meter em problemas de relacionamento dessa vez.

Esse comentário sugeriu que ia ser seguido por detalhes que eu não queria ouvir, mas também soou como um grito de ajuda.

— O que você fez?

Ela não perdeu tempo. — Resumindo: relações são difíceis, eu não jogo limpo, e sou a pessoa mais difícil que ele conhece.

Eu fiz uma careta e concordei com ela sobre o primeiro e último. Seu quarto era um tumulto de coisas, e não em uma maneira organizada.

— Você não joga limpo?

Seus ombros caíram. — Eu podia ter feito referências de terminar quando nós brigamos?

— Caramba.



— Yeah. É que eu simplesmente nunca faria isso de verdade, você sabe? Não um relacionamento sério como esse. Às vezes me sinto como se houvesse todo esse medo engarrafado, e ele tem que ir para algum lugar. Eu me convenço de que não vai durar.

— Ele ama você.

— Eu sei. Mas ele pode parar algum dia. E um dia, ele poderia ir embora, e então como eu ficarei? Estou totalmente enrolada nele, e não posso desembaraçar-me. Ela caiu de costas na cama.

— Estou cansada, estou sobrecarregada, estou forçosamente subnutrida, estou estressada, e tenho um namorado. Um *namorado* Merit, com seus próprios problemas, e a única coisa que quero fazer é devorar sorvete. E vamos encarar que o único problema que isso vai resolver é “ei, minha calça está muito apertada!”. E isso não é um problema que eu quero agora.

Ela se levantou e mostrou sua barriga. Sua minúscula barriga, apenas a pele da barriga.

— Sério? — Perguntei-lhe, minha voz seca como torrada.

— Sim, eu apenas - Eu nunca costumava ser uma garota. Eu era Lindsey, a guarda da casa Cadogan e toda a merda gostosa. Eu estava na capa do *Chicago Voice Weekly*, pelo amor de Deus. Eu *sabia* que eu parecia bem. E agora eu estou preocupada sobre como está meu cabelo? E se estas calças jeans parecem fodidamente boas.

— Elas realmente fazem.

— Elas deveriam. Elas custam 200 dólares.

— Por um jeans?

— Elas levantam o bumbum. — Para provar o ponto, ela virou-se e me deu uma pose digna. Mas eu não estava impressionada.

— Elas são jeans. Elas são feitas do mesmo jeito que o resto das calças jeans no mundo.



— Se elas fossem Puma, você não estaria reclamando o preço. — Ela tinha um ponto.

— Continue, — eu magnanimamente ofereci.

— O ponto é, eu não costumava me preocupar com essas coisas. Eu me importava, mas não me preocupava com isso. Não me preocupava com o que esse cara poderia pensar de mim porque eu não me importava com o que ele pensava de mim, sabe? E agora. . . Ela balançou a cabeça como se desgostosa com ela mesma.

— Agora você pensa em outras pessoas em vez de si mesma?

O estreitamento de seus olhos era a última coisa que vi antes de um travesseiro me dar um tapa na cara.

— Ai — eu, instintivamente, disse, colocando a mão na minha bochecha. — Mesmo que eu mereci, *Ai*.

— Você vê o meu ponto?

— Eu vejo o seu ponto. Mas talvez não seja uma coisa ruim. Quero dizer, não é para tanto que você está se tornando neurótica ou qualquer coisa. Você gosta de Luc, e você quer que ele goste de você de volta. Você quer ser validada.

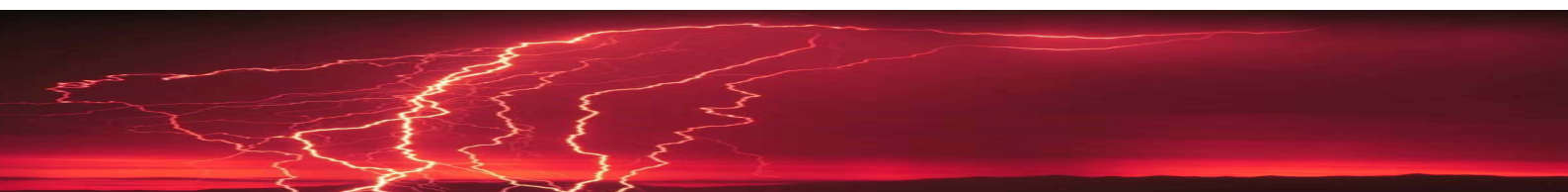
— Eu acho.

— Então, se concentre na parte de Luc, em vez da parte Lindsey. Eu quero dizer, ele esta provavelmente fazendo a mesma coisa. Perguntando se as suas botas estão brilhando o suficiente ou o que quer que um cowboy-vampiro deve se preocupar.

— Sexo. Como já discutimos, eles frequentemente se preocupam com sexo. — Eu pressionei meus dedos nos meus olhos.

— Você sabe, eu me mudei da casa de Mallory apenas para que pudesse evitar conversas como esta.

— Não, você saiu da casa de Mallory para que você pudesse evitar ver Catcher em cuecas boxer. Que, francamente, é loucura. Esse menino é delicioso.



— Eu o vi nu, mais do que eu vi em cuecas boxer. E bonito ou não, às vezes eu só quero sentar com minhas sobras de comida chinesa sem a sua bunda nua passeando pela minha cozinha. — Lindsey gargalhou e sentou-se novamente.

— Então, realmente é uma questão de higiene.

— Realmente é. — Ficamos em silêncio por um momento.

— Será que ele vale a pena? — Eu finalmente perguntei.

— O que você quer dizer?

Lembrei-me da noite que eu tinha ido para Ethan, finalmente certa de que ele estava disposto a aceitar-me por quem eu era e que eu poderia fazer o mesmo para ele. Não haveria nenhuma dúvida então, nenhum medo. Apenas aceitação do risco que estava tomando e com a confiança que valia a pena. Que teria valido a pena. Levou tempo para eu chegar lá, e para Ethan estar pronto para um relacionamento. Talvez se tivéssemos começado mais cedo teríamos tido mais tempo juntos, mas não havia nenhum ponto em lembrar isso agora. Ele tinha ido embora, exceto nos meus sonhos, e esses foram se tornando muito traumáticos para querer reviver.

— Eu acho, — eu finalmente disse: — Que chega um ponto onde você está disposta a correr esse risco. Onde você sabe que ainda pode se machucar a longo prazo, mas você decide que vale a pena.

— E se eu nunca chegar lá?

— Então seja honesta com ele. Mas não fique com medo de tomar a decisão. Tome a decisão com base em quem ele é, e quem você é quando está com ele. Em quem ele ajuda você a ser.

Ela balançou a cabeça, uma lágrima escorregando do seu olho. Eu tive a súbita sensação que a decisão viria mais fácil e mais rápido do que ela poderia ter imaginado.

— Você vai ficar bem, — Eu pronunciei, em seguida, dei-lhe um abraço.

— Ele ama você, e você o ama, e um dia, se tivermos sorte, as coisas vão voltar ao normal por aqui. — Ela cruzou uma perna sobre a outra.



— Como seria isso?

— Você me diz. Eu suponho que é como era a vida antes de Celina foder as Casas.

— Ah, sim. Os dias felizes de. . . Deus, aqueles dias foram muito chatos, agora que penso nisso.

— Dane-se se você fizer isso, dane-se se você não fizer.

— A grama é verde, — ela concordou, então me deslizou um olhar.

— Agora que trabalhamos através de meus problemas de relacionamento, Você está pronta para falar sobre Jonah?

O que eu queria fazer era cortar a conversa pela raiz.

— Não há nada para falar.

— Olhe, — ela disse em seu tom macio.

— Eu não estou dizendo que agora é o momento para que você encontre um parceiro para a eternidade. Mas talvez seja tempo para que você considere considerar alguém. Um amigo. Um amante. Um amigo com benefícios.

Ela bateu no meu ombro brincando.

— Jonah é como, quero dizer, Jesus, Merit. Ele é loucamente bonito, inteligente, ele tem a confiança de toda a sua casa, e ele aprecia você.

— Ele não é Ethan.

— Isso não é justo. Não houve Ethan antes dele, e não haverá Ethan depois dele. Mas Ethan se foi. Eu não estou dizendo que você deve esquecer que ele existiu. Só estou dizendo que a eternidade é um tempo longo. E talvez você poderia considerar a possibilidade que existem outras pessoas que poderiam se tornar uma parte da sua vida se você deixar.

Ficamos ali sentadas em silêncio por um momento.



— Ele me beijou.

Lindsey ofereceu um guincho digno de golfinho.

— Eu sabia que ele faria. Como foi isso?

— O beijo? Ótimo. Meu pesar após o fato? Menos agradável.

— Eek, — ela disse.

— O que você fez?

— Eu tipo me esquivei dele? — Eu pensei que colocá-lo em forma de pergunta faria soar um pouco menos ruim. Talvez não surpreendentemente, isso não aconteceu.

— Má impressão, Sentinela. Má impressão. Você ainda falando em termos?

— Possivelmente não, mas isso vai mudar. Tem que mudar, uma vez que ele é o único parceiro que eu tenho no momento.

— Verdade. Os tempos são difíceis, os guardas e os parceiros estão escassos, e os humanos são bebês chorões. Quero dizer, nós estivemos aqui, tanto tempo quanto eles. Quer apostar que a taxa de homicídios entre os humanos é muito maior do que entre os vampiros? Nós não somos os únicos a causar problemas nesta cidade.

Ela se levantou e passou as mãos para baixo na frente de sua corpo, soprando alto quando ela fez isso.

— Eu estou calma. Estou calma. Eu também estou com muita fome. Você está pronta para o café da manhã?

Eu balancei minha cabeça.

— Eu não tenho tempo. Estou visitando o prefeito.

Ela assobiou baixo.

— Mais uma vez? Você até que não é difícil para um encontro?



— Eu acho que ele pode ter informações sobre o que está acontecendo.

Enchi-a com a minha teoria de limão e açúcar. Ao contrário de Catcher, ela achava que havia mérito na idéia. Mas que não impediu-a de seu objetivo.

— O prefeito ou não, mesmo os vampiros têm que comer. — Bateu um dedo contra sua cabeça.

— Empática, lembra? Eu posso sentir como você está com fome. E se você vai descobrir o que diabos está acontecendo aqui, você precisa estar pronta para isso. Você não pode parar de comer só porque está cansada. Só vai fazer você mais cansada.

Eu não discordo que ela tinha um ponto, mas eu queria esse importante feito mais cedo ou mais tarde. Por outro lado, eu tinha uma tendência de correr até estar literalmente doente, até estar na cama por uma semana com um vírus que bateu completamente na minha bunda. Uma semana sem dormir, comendo mal e estresse tendem a fazer isso com uma menina.

Eu não tinha certeza se vampiros podiam pegar resfriados, mas provavelmente não seria muito responsável da minha parte testar essa teoria agora.

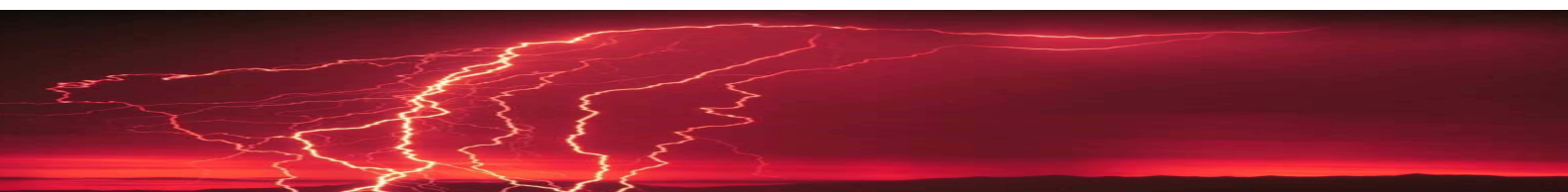
Caminhamos para baixo e fomos para a cafeteria. Infelizmente, Juliet e Margot estavam certas sobre a nova escolha nutricional de Frank: ovos; peru; bacon; salada de frutas orgânicas, e um mingau de grão que parecia servido em um orfanato.

— Ugh, — eu comentei, mas peguei os ovos, frutas e peguei uma caixa de sangue. Pegamos nossa comida e fomos para uma mesa junto com Margot e Katherine, outra Noviciada com um ímpio senso de humor e uma voz fabulosa.

— Então tem sido uma semana muito estranha. Como está indo lá fora? — Margot perguntou, escolhendo através de sua tigela de frutas.

— Eu estive procurando nas ruas. Mas não tenho certeza que estou fazendo progresso.

— Isso é tudo que você pode fazer, — Margot disse, apontando para mim com um garfo. — Além disso, as coisas voltaram ao normal por agora. Talvez eles vão ficar desse jeito.



Eu não apostaria nisso, mas eu balancei a cabeça em acordo. Margot me deu um olhar malicioso.

— Ouvi dizer que você está trabalhando com Jonah, o capitão dos guardas da Casa Grey. Você não quer compartilhar todos os detalhes?

Eu senti meu rosto quente. — Não muito, — eu disse, esperando que Lindsey não abrisse a boca. Eu estava orgulhosa, ela mordeu o muffin com óbvia deliberação, e ficou em silêncio.

— Estamos apenas trabalhando juntos.

— E o que está em sua agenda para o dia? — Katherine perguntou.

— Vou me encontrar com o prefeito, na verdade. Bem, o ex-prefeito.

— Você acha que ele transformou o céu e o rio? — Margot perguntou.

— Eu acho que a informação continua apontando em sua direção.

— Você já falou com Cabot ultimamente? — Lindsey perguntou. Eu balancei minha cabeça, meu estômago resmungando com simpatia com a menção do seu nome.

— Não desde que ele nos enviou para falar com as fadas.

— Provavelmente ele descobriu uma maneira mais fácil de se livrar de vocês, — Katherine resmungou.

— Não seria surpresa para mim, — eu concordei.

— O que ele fez agora?

— Agora ele está fazendo vista grossa sobre nossas habilidades. Estratégia, Físico e Psíquico. Diz que está revendo nossos arquivos para assegurar que estamos devidamente categorizadas.

— Ele esta avaliando se somos ou não ameaças, — eu murmurei.



— E provavelmente é culpa minha. Quando nos conhecemos, eu lhe disse que era um Físico Forte. Ele provavelmente não gostou da lembrança de que somos realmente competentes aqui na casa Cadogan.

— Ele é uma obra de arte, — concordou Margot.

— E nós queremos escapar dele por algumas horas. — Ela apontou para mim com um garfo.

— Qual é o seu cronograma esta noite? Estamos pensando em uma maratona de Evil Dead e Army of Darkness. — Eu pisquei.

— Assim como, os filmes de Bruce Campbell? — Elas ficaram em silêncio.

— Mostre um pouco de respeito Merit, — disse Lindsey, com mais de um delito.

— Você já foi ultrapassada por um demônio Candarian? — Olhei entre todas elas, tentando trazer à tona se estavam brincando ou eu tinha pisado em algum tipo de Bruce Cult Campbell.

— Não nas últimas horas.

— Sim, bem, não é muito engraçado, não é? Com os olhos loucos e membros incontroláveis. — Estremeci, e eu honestamente não poderia dizer se ela estava falando sério.

— Você está brincando, certo? — Eu perguntei calmamente.

— Quero dizer, eu pensei que você estava brincando, mas algumas coisas muito estranhas se passam em Chicago, e eu não li o Canon inteiro ainda, então talvez eu só perdi o capítulo demônio Candarian? — Ela conseguiu uns bons 15 segundos antes de não conseguir segurar o riso.

— Oh, meu Deus, totalmente. Mas eu quase não fiz. Seriamente, embora, eu amo os filmes. Você não?

Alcancei-a e dei alguns socos no braço dela enquanto o resto da mesa gargalhou.

— Vou deixar você saber, — eu disse.



— Faça isso, — ela exclamou: — Eu me senti uma bem sólida dica da irritação de Cabot. — Ela bateu a testa novamente, que era aparentemente o código internacional para “Eu tenho poderes empáticos e sei como usá-los.”

— No caso dele estar procurando uma saída para suas obsessões. — ela disse, — você pode querer tomar esse café da manhã para ir. Ouvi que ele fez três noviciados chorarem ontem.

Ela não teve que me dizer duas vezes. Eu balancei a cabeça e agarrei minha caixa de bebida, em seguida, pulei da mesa.

— Se ele chamar uma assembléia para anunciar que está deixando Chicago, guarde uma cadeira pra mim.

— Você vai ser a primeira que chamaremos, — Lindsey disse.



Capítulo 14

Privilégio da Prefeitura

Quando estive vestida, alimentada, e com a katana, eu voltei novamente para frente da Casa. Eu estava no meu caminho para o escritório de Malik – eu havia pensado que deveria fazer o relatório diretamente para ele – quando eu escuto gritos.

Eu não gosto da ideia de gritos na vizinhança do meu Mestre, então eu coloco uma mão na katana para mantê-la balanceada e corro pelo corredor. Eu encontro Luc e Malik no escritório dele. A porta está aberta, e eles estão de pé no meio da sala, ambos com os braços cruzados. Suas expressões estão vazias enquanto eles escutam as notícias de um sistema de som bem caro. Ambos olham para mim e oferecem um aceno de reconhecimento.

— E este homem, — diz a mulher no rádio, eu imaginei que eles estavam falando do prefeito, — este colega meu, foi *abordado* pelos vampiros na *rua*. E então ele foi questionado pela polícia como se ele fosse o culpado. O que esta cidade está se tornando se estes são os tipos de problemas que nós temos que enfrentar nas nossas ruas agora?

McKetrick. Eu fecho meus olhos pesarosamente. Não só porque ele foi solto – e lá se foi esse plano – mas porque eu caí direitinho no jogo dele. Pode ter certeza, eu era culpada somente de descer a rua e me defender, mas ele tinha amigos nos altos escalões, e sua versão dava uma manchete mais interessante.

Kowalczyk começou novamente. — Eu estou, entretanto, muito feliz de anunciar que até o final da noite, o registro sobrenatural será *lei*. Até o final da noite, nós teremos a autoridade para rastrear a localização de sobrenaturais em toda a cidade, e eles não serão mais capazes de surpreender os cidadãos na rua.

Com uma expressão doentia, Malik se estica e desliga o rádio.

— Aquela mulher dá um maldito trabalho, — Luc cuspiu. — Quem ela pensa que é, e quão estúpida ela é, que acredita em McKetrick? — Ele soltou uma respiração e



entrelaçou suas mãos no topo de sua cabeça. — Ela é uma fascista com uma vontade de ser presidente, e ela não vai parar.

— Não enquanto há notícias a serem feitas, — Malik concordou. Ele olhou para mim. — Kelley me contou o que na verdade aconteceu, que você combinou para Catcher pegá-lo. Tenho esperanças que ele pelo menos conseguiu informações úteis antes de liberá-lo?

— Eu vou voltar a visitar o Tate. Catcher deverá estar lá, e eu perguntarei os detalhes.

— Você acha que o Tate está envolvido? — Luc perguntou.

— Eu acho, que no mínimo, ele sabe o que está acontecendo. — Eu conto para eles sobre a magia antiga que Claudia mencionou e os aromas de limão e açúcar que Catcher ainda não estava convencido que significavam alguma coisa.

Mas isso não pareceu abalar o Malik.

— Você é Sentinela desta Casa por uma razão, Merit. Ele confiava em você. Eu confio em você. Luc confia em você. Os seus instintos são bons. Siga-os onde eles levarem, e nós iremos te apoiar em qualquer resultado.

Ele pode ter assumido as rédeas da Casa em circunstâncias lamentáveis, mas sem dúvida alguma ele era um Mestre.

O segundo verso de como chegar ao Tate foi praticamente como o primeiro, com exceção pela parte sobre cuidadosamente contornar os homens com as armas de grande porte que ficam na frente da Casa.

Eu dirijo em direção ao lago e encontro o Catcher no portão da fábrica. Ele parece exausto, e não tenho certeza se os problemas na cidade ou a bruxa dele são responsáveis por seus olhos vermelhos.

— Eu ouvi que o McKetrick está de volta na rua.



— Eu ouvi a transmissão, — ele murmurou. — Nós não tínhamos um local seguro para a interrogação. Nós chamamos o Jacobs, que o arrastou para dentro. Ele o questionou a noite inteira, nos deixou assistir. — Isso explicava a exaustão, eu pensei. — Pelo menos até a prefeita ligar e falar para Jacobs deixá-lo ir. Eu suponho que ele trotou até o escritório dela e inventou aquela história.

— Você conseguiu tirar alguma coisa dele?

— Não muito... mas não tenho certeza que ele tenha muita coisa para esconder. McKetrick é bem direto sobre a sua posição a respeito dos vampiros. Genocídio é uma palavra forte, mas eu não a descartaria no que diz respeito a ele.

— Vamos esperar que Kowalczyk seja inteligente o bastante para não cair na conversa dele. Por um acaso ele não revelou a localização das instalações dele?

— Não. Mas ele ofereceu suas impressões digitais e um pouco de DNA, e nós temos outra amostra de uma arma que você trouxe. Isso nos dá algo para trabalharmos se ele começar a armar confusão.

— Eu suponho que isso é algo, — eu concedi, mas me perguntei se os dados tinham valido o risco. McKetrick iria ficar *puto*, e o episódio só iria ligar McKetrick e Kowalczyk juntos. Ela havia resgatado-o, e isso não iria ser algo que nenhum deles iria esquecer.

Ele parou na frente do prédio, e eu percebi que guardas uniformizados do DPC, e não as fadas, estavam fazendo a segurança do prédio.

— Isso é uma má ideia, — eu disse baixinho, observando os oficiais, que pareciam todos novatos que acabaram de sair do treinamento... e sem dúvidas não possuíam defesa contra qualquer magia que Tate possuía.

— Eles são a razão pela qual nós estamos conseguindo entrar, — Catcher disse. — Chuck serviu com um dos avôs, e ele pediu um favor. Os garotos de azul são leais uns aos outros.

— Talvez sejam, — eu disse. — Mas estes garotos não são páreo para Tate. Ele foi capaz de manipular Celina, e ela era tão teimosa e esperta quanto é possível.



— Não há outra escolha, - ele disse. - Chuck teve que lutar para manter o Tate separado do resto da população prisional. Para te falar a verdade, eu não tenho certeza se é melhor ou pior que Tate não seja mais prefeito. Ele começou forte o bastante... abriu o escritório do Ombudsman. Ele era um grande apoio ao Chuck.

— Até ele começar a produzir drogas e tentar controlar os vampiros?

— Tem isso, — Catcher concordou. — Eu não estou dizendo que aquelas foram boas ações. Eu só acho que elas são anomalias no grande esquema que é Tate.

Eu não discordo que a mudança foi estranha, mas pensei que isso revelava as verdadeiras intenções que Tate não estava mais conseguindo esconder. - Intenções, - eu pensei, era a palavra chave.

Eu pulo para fora do carrinho, recolho minhas armas, e então olho para Catcher. — Você vai ficar aqui?

Ele já está tirando um livro e folheando as páginas. — Aqui mesmo esperando, igual à música diz. Eu estou observando a Ordem.

Dada a sua óbvia exaustão e esforço sem igual, eu consigo não fazer uma piada infantil sobre os 'anais' de uma organização com o acrônimo U-ASS²².

— Isso parece bem razoável.

— Nós veremos, — ele balbucia em resposta, mas ele já está olhando as páginas.

Eu sigo para a porta. O garoto de uniforme me oferece uma saudação, e então abre a porta do prédio. Um segundo uniformizado está de pé igual em direção à porta de aço que dá para o escritório.

— Senhora. Tenha cuidado lá, — ele diz, e quando eu asseguro a ele que tomarei, ele abre a porta e me deixa entrar.

Ela fecha imediatamente atrás de mim.

Eu pulo um pouco, o que não era exatamente a facada de coragem que havia esperado usar para este encontro.

²² Ass em inglês significa bunda.



— Eu não mordo, bailarina, — Tate diz docemente. Em seu macacão laranja, ele está sentado na mesa de alumínio novamente. Já que ele claramente não vai usar o meu nome, eu não me importo em corrigi-lo. Eu também já decidi que é inútil fazer jogos com um mentiroso, então me sento do lado oposto a ele e vou direto para os negócios.

— É você que está manipulando a cidade nesse momento?

Ele olha de volta para mim, com a cabeça levemente inclinada, sua expressão inescrutável. — Eu não sei sobre o que você está falando.

O tom dele é igualmente opaco. Eu não conseguiria dizer se ele estava sendo sarcástico ou se realmente estava surpreso com a minha pergunta.

Eu decido que não há motivo para não colocar todas as minhas cartas na mesa... não quando a cidade está em jogo.

— O lago está morto. O céu ficou vermelho. Eu entendo que nós estamos vendo magia elementar, sintomas que estão aparecendo porque a cidade está desequilibrada. Nós já vimos água e ar até agora. Fogo e terra poderiam ser os próximos.

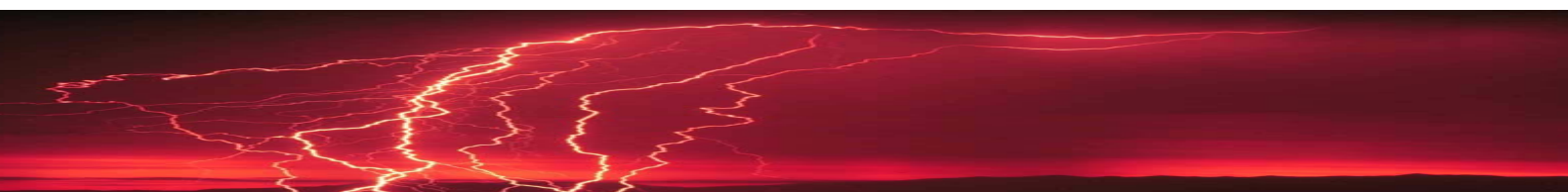
— E?

Eu pauso, escolhendo um tom para oferecer junto com a minha teoria. Eu opto por um tom ‘Mais astuto que você’ do Ethan. — É a coisa mais estranha, Tate. Toda vez que eu estou na sua presença, eu sinto o cheiro de limão e açúcar... como biscoitos assando.

A expressão dele permanece sem emoção, mas suas pupilas se estreitaram minimamente. Eu estava chegando em algum lugar.

— Ontem, enquanto o céu estava vermelho, choveu. E eu senti o cheiro de algo. — Eu entrelacei minhas mãos juntas na mesa, e me inclinei para frente. — Eu sei que você está fazendo isso. E você irá me contar como parar isso, ou nós iremos lutar. Aqui e agora.

Ok, eu posso ter exagerado um pouco nesta última parte, e não só porque eu não tinha armas e não estava inteiramente certa do que ele poderia fazer. Mas Tate ignorou a minha bravata.



— Se eu sou o realizador destes eventos, como, exatamente eu consegui fazer isso da minha humilde casa?

— Eu não havia chegado exatamente nesta parte.

Ele fez um som de desdenho. — Você não chegou a *nenhuma* parte. Você dificilmente poderia estar mais errada, e isso traz um mau presságio maior para a cidade do que qualquer outra coisa. Não é de minha natureza produzir este tipo de magia.

— O que você é? — eu perguntei a ele.

— Se esta magia não é minha, por que isso importa?

— Como poderia *não* importar?

Tate fez uma careta e se mexeu em sua cadeira. — Humanos tem um desejo irritante de agrupar os seus colegas homens e mulheres em categorias. De dar a eles um tipo, e dar a tal tipo um nome, para que a definição ‘eles’ seja outra coisa. ‘Eles’ não são quem ‘nós’ somos. Francamente, eu acho este esforço exaustivo. E eu sou o que sou, da mesma forma que você é quem você é.

Uma confissão de Tate... de sua identidade mágica e de sua responsabilidade para com a água e o céu.. teria sido bom. Mas eu sabia quando forçar e quando ouvir. E mesmo se ele não fosse confessar, ele parecia honestamente acreditar que entendia o que estava acontecendo. Isso definitivamente valia o meu tempo.

— Se você não tem nada a ver com tudo isso, então me conte quem tem. Explique para mim o que está acontecendo.

Lentamente, um sorriso curvou seus lábios. — Agora isso é interessante. Você me pedindo informações. Por um favor, eu te dou.

— Não é um favor se eu estou ajudando a salvar a cidade que você fez um juramento para proteger.

— Juramentos são superestimados. Você também os jurou, não foi? De proteger a sua Casa?



— Eu fiz, eu tenho protegido, — eu grunhi. Ele não tinha expressamente sugerido que eu havia quebrado o meu juramento, presumivelmente por não ter protegido o Ethan, mas isso estava implícito nas suas palavras.

— Humm, — ele disse evasivamente. — E se eu te desse essa informação, qual seria o meu incentivo? O meu pagamento? O meu prêmio?

— O bem público?

Ele riu com vontade. — Você me diverte enormemente, bailarina. Você realmente diverte. E enquanto eu gosto de Chicago, há muitas outras cidades no mundo. Salvar esta aqui dificilmente é incentivo o bastante para o tipo de informação sobre a qual você está falando.

Não me surpreendia que ele quisesse pagamento pela informação. Mas eu não queria oferecer um prêmio sem um pouco de negociação.

— Eu não te devo nada, — eu disse para ele. — Se qualquer coisa, você me deve. Você é responsável pela morte do meu Mestre.

— E a morte do seu inimigo, — ele apontou. Ele se inclinou para frente por cima da mesa, com as mãos esticadas em cima do tampo da mesa, e me encarou como se eu fosse o objeto do experimento psicológico dele. O que provavelmente eu era. — Te incomoda que você matou? Que uma vida foi extinta pela sua mão?

Não morda a isca, eu me lembrei. — Te incomoda que você foi a causa verdadeira da morte dela?

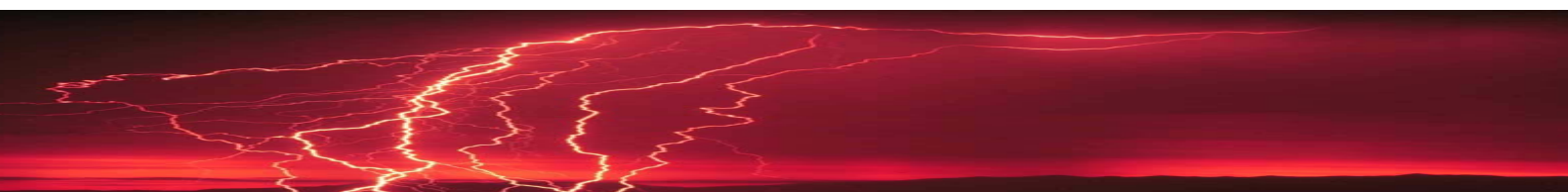
— Não vamos entrar em uma discussão filosófica sobre causas.

— Então vamos concordar que você me deve uma, e você pode me dizer agora o que você sabe.

— Tática interessante, mas não.

Provavelmente não era surpresa que a sua ética questionável não o levava a me ajudar por vontade própria. — O que você quer?

— O que você tem?



Eu pensei sobre a pergunta. Honestamente, eu não tinha muito. A minha adaga e espada estavam lá fora com o Catcher. Eu não tinha muita coisa de valor além das pérolas da família no meu quarto e a bola de beisebol autografada que o Ethan me deu, e eu não iria desistir disso.

Enquanto eu considerava a pergunta, toquei sem perceber a medalha de Cadogan ao redor do meu pescoço. Os olhos de Tate se arregalaram com o movimento.

— Isso seria um preço interessante.

Instintivamente, eu curvei meus dedos em volta dela. A expressão dele era guardada, mas claramente sincera. Eu não tinha certeza a respeito de sua motivação, mas diferentemente das fadas, eu não achava que o interesse dele era o ouro. A medalha possuía propriedades mágicas? Eu nunca havia pensado em perguntar. Independentemente, era preciosa para mim.

— De jeito nenhum você vai conseguir isso aqui.

— Então nós não temos mais nada para conversar.

Eu me lembrei da primeira vez que eu fiz uma barganha com uma criatura sobrenatural. — E quanto a eu te dever um favor? Uma vantagem de alguma forma? — Essa oferta funcionou com o Morgan Greer, agora Mestre da Casa Navarre, mas Tate não pareceu impressionado.

— Você é uma vampira. Você poderia renegar a sua oferta.

— Eu nunca faria isso, — eu disse, mas já que não havia maneira de saber que tipo de favor o Tate iria extrair, eu silenciosamente admiti que houvesse uma possibilidade de que eu não o cumpriria.

Tate sentou-se. — Nós terminamos aqui. Você pode resolver este problema sozinha. Talvez um de seus amigos possa te ajudar. Eles são feiticeiros, não? Eles devem ser capazes de explicar as coisas para você.

Deveriam ser capazes, mas estavam perdidos, eu pensei.



Eu toquei o pingente novamente, percorrendo a ponta do dedo pelas letras esculpidas. A medalha havia sido minha desde que eu fui Recomendada a entrar na Casa... promovida de Vampira Iniciada para Novata e dada a posição de Sentinela.

Ethan havia prendido esta medalha ao redor do meu pescoço. Desde a morte dele, eu raramente a tirava. Mas os problemas que Chicago enfrentava e seus sobrenaturais eram maiores do que eu ou o Ethan ou um pequeno pedaço de ouro, então eu cedi.

Sem uma palavra para o Tate... apesar de que eu podia sentir a satisfação presunçosa dele do outro lado da mesa... eu desprendi a medalha e a deixei cair na minha mão.

Tate esticou sua mão aberta para recebê-la, mas eu balancei minha cabeça.

— Informação primeiro, — eu disse para ele. — Preço depois.

— Eu não tinha ideia que você era tão... *obstinada*.

— Eu aprendi com o melhor, — eu disse, sorrindo docemente. — Vá logo.

Tate considerou a barganha por um momento, e finalmente assentiu.

— Ótimo. O trato está feito. Mas como você pode imaginar, eu não recebo visitas frequentemente. Eu estou tomando a estrada mais longa. Além disso, você está claramente e lamentavelmente mal informada a respeito do mundo sobrenatural.

Eu não consegui evitar um suspiro. Ter Tate fazendo uma palestra longa sobre história não era o topo da minha lista de coisas para se fazer esta noite. ('Salvar a cidade', era na verdade o número um daquela lista.) Por outro lado, ele estava provavelmente certo. Eu estava mal informada.

Enquanto ele possa ter planejado pegar a estrada mais longa, ele não perdeu um momento para ficar confortável em sua cadeira e distribuir a sua sabedoria.

— A magia não nasceu na véspera da criação dos vampiros, — ele palestrou. — Ela existia há milênios neste plano e outros. O bem e o mal vivem juntos em um relacionamento um pouco mais, digamos, simbiótico do que este. Eles eram parceiros, nenhum melhor do que o outro, coexistiam em paz. Havia uma justiça certa no mundo.



A magia era unificada... escuro e luz. Bem e mal. As distinções não existiam. A magia somente *era*. Nem moral ou imoral, mas amoral, como era para ser. E então em um dia vermelho, os humanos decidiram que o mal não era meramente o outro lado da moeda... era errado. Mal. Não a outra metade do bem, mas o seu oposto. Sua apoteose.

Tate desenhou um quadrado no tampo da mesa com um dedo. – O mal foi considerado uma contaminação. Ele foi retirado do bem, separado.

Mallory havia me contado uma vez que a magia negra era como uma grade de quatro quadrantes que estava acima das quatro Chaves. Parece que a explicação dele estava bastante precisa.

— Como a magia foi separada? — eu me perguntei.

— Cuidadosamente, - ele disse. — Houve inúmeras repetições. Deuses foram divididos em duas metades; um moral, um imoral. Lados foram escolhidos, e anjos foram separados em verdadeiros ou caídos. E mais importante, alguns diriam, o mal foi colocado em um compartimento que iria segurá-lo. Ele foi dividido apenas para uns poucos que iriam procurar empunhá-lo.

— E qual era o compartimento?

— É chamado de *Maleficium*.

— E o que isso tem a ver com a cidade? Disseram-me que nós estamos vendo os efeitos no lago e no céu porque os quatro elementos... terra, ar, fogo, e água... estão desequilibrados.

— Como eu mencionei, isso é típico instinto humano... criar categorias para explicar o mundo e culpar o desconhecido em uma interrupção nas categorias. Mas as categorias não explicam as coisas; elas as descrevem. Você já ouviu falar no mito das quatro Chaves?

— As quatro divisões da magia? Sim, mas eu nunca as ouvi sendo referidas como ‘mito’.

Tate revirou os olhos. — Isso é porque os feiticeiros não são honestos com eles mesmos. Cada categorização da magia... por Chaves, por elementos, por signos astrológicos, que seja... é somente uma maneira de ordenar o universo para os



propósitos da prática deles. Cada seita cria suas próprias divisões e distribui propriedades mágicas para essas divisões. Mas as divisões não importam.

Eu achei essa revelação surpreendentemente decepcionante... do que a filosofia mágica que Catcher havia passado a mim aqueles meses atrás não era muito precisa, ou pelo menos era apenas uma de muitas ideias semi-precisas.

— O ponto, Merit, não é que os sistemas mágicos estão incorretos... mas que eles simplesmente não são importantes.

— Então o que é?

— A distinção entre a escuridão e a luz. — ele colocou uma mão esticada na mesa. — Presuma que esta mão é o mundo inteiro de magia. — Ele abriu seus dedos. — Chame cada dedo de uma Chave, um elemento, uma gaveta, o que você quiser. O nome não importa. O ponto é, qualquer que seja o nome das categorias, as categorias são todas partes de um único sistema.

— Claro, — eu disse com um aceno.

— Agora, imagine que o sistema é rasgado em dois por aqueles que decidiram que o bem e o mal são anátemas um do outro. — Sua mão esquerda estava reta na mesa, ele colocou sua mão direita alguns centímetros acima dela. — Cada mão é agora metade da magia no mundo. O mundo continua a funcionar como nós o conhecemos somente enquanto aquelas duas camadas permaneçam balanceadas.

Meus pensamentos pararam de rodopiar caoticamente e caíram em ordem. — Que é a razão pela qual o lago parou de se mover e o céu ficou vermelho... porque as leis naturais estão bagunçadas.

— Eu não diria ‘bagunçadas’. Eu diria ‘passando por uma reorganização’.

— Então as ninfas, a sereia, as fadas. Eles realmente não tiveram nada com isso?

— No máximo, jogadores pequenos.

Eu suspiro, me reorganizo e continuo. — Por que as coisas ficariam desbalanceadas?



— Porque a magia branca e negra está sendo misturada. Porque as separações entre elas foram violadas. Há uma variedade de razões, eu suponho, para empregar magia negra. Assassinato. Prender alguém a um serviço. A criação de um familiar. Profecia, para aqueles que não possuem o dom. Conjuram demônios. Fazer comunhão com criaturas de outros mundos.

— Então quem está fazendo isso? E como eu conserto isso?

— Como você conserta? — Ele soltou uma risada. — Você não *conserta* isso. Não é um parafuso que precisava ser apertado. Simplesmente *é*. Alguns diriam que é um retorno para o mundo original. O Primeiro Mundo. Aquele Que Existiu e Deveria Existir Novamente.

Havia um brilho de autossatisfação em seus olhos que sugeria que ele estava ansioso para tal dia. Parece claro que ele pensava que o mundo estava pronto para mudança.

— Não seria um retorno à guerra? — eu me perguntei. Para o Armageddon?

Ele estalou a língua. — Isso é uma visão tão ingênua. O bem e o mal existem juntos há eternidades antes dos humanos... ou vampiros, por falar nisso... vieram a existir. Não insulte o que você não entende.

Eu ignorei a provocação. — E o *Maleficium*. Onde eu posso encontrá-lo?

Ele sentou-se novamente em sua cadeira e jogou um braço em cima das costas dela. — Pronto, pronto, bailarina. Eu não posso te dar todos os meus segredos, posso?

— Você está usando o *Maleficium* para fazer magia sozinho? Para trazer a nova ordem mundial?

Ele sorriu para mim através de olhos semicerrados. — Eu faria tal coisa?

Sim. E você mentiria a respeito.

Ele inclinou a cabeça para o lado com um interesse óbvio. — Depois de tudo que eu te dei, você me acusa de desonestidade?



— Você mentiu a sua vida inteira. Que você tinha o bem-estar da cidade no coração. Que você estava tentando ajudar os vampiros. Que você era humano.

— Sim, bem. Amoralidade era mais fácil antes da má intenção ser atribuída a ela.

Eu revirei meus olhos. — Se você não tem nada a ver com isso, por que as fadas acham que magia antiga está envolvida? E por que a cidade está cheirando a limão e açúcar depois que choveu?

— Só porque eu não fiz a mágica não significa que eu não possa aproveitá-la. O *Maleficium* é magia antiga. A recombinação do bem e do mal deixa a sua marca no mundo natural... a água e o céu. Ele também deixa a sua marca no vento. Na magia latente no ar. Eu não posso ser culpado por querer prová-lo, posso?

— Como você pode provar a magia no ar de toda a cidade?

— Há mais no universo, Horácio, do que você possa ver ou acredita que possa ser verdade.

— Estou ciente, — eu disse secamente.

— O ponto é, a magia não precisa de uma estrada.

— Se você não está com o *Maleficium*, quem está?

— A Ordem mantém possessão dele. O guardam, se você prefere.

O meu estômago se revirou com borboletas. Eu iria ter que voltar até o Catcher e acusar um feiticeiro de bagunçar com o *Maleficium*. Sim... talvez Mallory estivesse distorcendo o mundo natural em seus quinze minutos de tempo livre a cada dia.

Bem, independentemente de eu gostar da resposta dele, eu não podia culpá-lo por não cumprir com a sua palavra. Eu coloquei a medalha na mesa e a deslizei na direção do Tate. Sem olhar para trás, eu me levantei da cadeira e andei em direção à porta.

— Obrigado pela recompensa, — Tate disse. — E volte sempre.



Francamente, eu ficaria muito bem se eu nunca tivesse que vê-lo novamente. Mas eu duvidava que eu tivesse tanta sorte.



Capítulo 15

Pássaro Negro

Catcher se encontrou comigo no carrinho de golfe bem ao lado da porta. Eu entrei, e ele saiu em direção ao portão.

— O que aconteceu com o seu medalhão?

— Eu o troquei por alguns feijões mágicos, — Eu disse nervosamente.

Ele assoviou baixinho. — É bom que esses feijões sejam ótimos.

— O júri ainda está decidindo. Tate concorda que os problemas do céu e da terra são causados por um desequilíbrio mágico — basicamente alguém misturando o bem e mal muito deliberadamente. Ele não está convencido de que a mudança seria ruim. Ele mencionou o *Maleficium*. Você sabe algo sobre isso? Tem alguma chance dele tê-lo pego?

A sobancelha de Catcher se franziu, mas ele balançou a cabeça. — A Ordem tem o *Maleficium*. Está em Nebraska, a trinta pés embaixo de uma fazenda, e trancado a sete chaves pela Ordem.

— Desculpe-me, — eu interrompi. — O silo?

— Silo de mísseis abandonados. Nebraska está no meio do país, então está cheia de munições estratégicas de defesa da Guerra Fria. Você sabe – longe o bastante do litoral para que você possa manter as coisas importantes ali.

— Se você está dizendo. É seguro?

— Eu posso dizer muitas coisas sobre a Ordem – e acredite em mim, eu tenho muitas palavras em mente – mas eles não permitiriam que o *Maleficium* saia do silo. Tate só gosta de ver você sofrendo. Esse homem é sádico.

— Ele teve sucesso, — eu disse. — Eu estou sofrendo. Se ele não tem o *Maleficium*, ele pode estar trabalhando por alguém. Ele teve outras visitas?



— Você é a única que permitimos a entrada.

Aquela teoria já era. — Então pela minha estimação, eis o que restou: Ele diz que não está envolvido, e eu tendo a acreditar. E da última vez que conversamos, você também acreditou. — Eu me preparei. — Se não é Tate, e se o *Malificium* está envolvido, e se a Ordem tem o *Maleficium*... — Eu deixei-o completar as lacunas.

— Não sou eu, ou Mallory.

— Eu sei. Mas isso só deixa uma pessoa. Simon é a única pessoa em Chicago que está oficialmente associado com a Ordem. Isso também não o tornaria a única pessoa em Chicago com acesso ao *Maleficium*?

Catcher não respondeu.

— Qual é a história entra você e Simon? — Eu perguntei.

Catcher parou o carrinho de golfe em frente ao portão em meio a pedras e cascalhos. — O problema, — ele disse, — não é histórico.

— Nós já passamos dessa fase de vinganças pessoais.

— Não é uma droga de vingança pessoal! — Catcher gritou, batendo seu punho no painel de plástico do carrinho. — Eu queria protegê-la disso. Eu não a queria lidando com os podres da Ordem, lidando com as políticas da Ordem, lidando com os idiotas da Ordem. Ela está surtando, e nós dois estamos exaustos, e ele está lá dentro com ela – lá embaixo com ela – todo santo dia. Só Deus sabe o que ele está enfiando no cérebro dela.

— Mallory nunca seria infiel, — eu disse quietamente.

— Infiel ao nosso relacionamento? Não, ela não seria, - ele concordou. – Mas há várias maneiras de virar uma pessoa contra outra, Merit. Se alguém que você amasse estivesse sofrendo lavagem cerebral, o que você faria?

— Lavagem cerebral? Você está exagerando, não é?

— Ela parece à mesma pessoa para você?



Ela não parecia à mesma, na verdade, desde que conheceu Simon, o que suportava minha teoria de que Simon estava envolvido.

— De um jeito ou do outro, Simon é a chave nisso. Se você não consegue falar com ele, então arranje um encontro comigo.

— Simon não se encontrará com um membro da Casa. A Ordem não vai permitir. Há um processo formal que tem de ser seguido só para fazer o pedido, o que eles não vão aceitar.

— Eu já conversei com ele antes.

— Casualmente. Você está falando sobre fazê-lo responder a vampiros sobre seus atos. É diferente.

Minha paciência com feiticeiros – incluindo Catcher – estava acabando. Eu saí do carro, e olhei de volta para ele. — Se eu não posso me encontrar com ele, então que você o faça.

O maxilar de Catcher ficou tenso. Ele bateu seus dedos no volante, aparentemente pronto para eu ir embora.

Pelo menos eu podia fazer um favor a alguém.

Com outra interrupção na ação – já que eu, com certeza, não iria interrogar Simon sem Catcher como retaguarda – liguei para Kelley e ofereci uma atualização. Eu a avisei sobre o *Maleficium* e nossa nova teoria que a reunião do bem e do mal estava causando os problemas da cidade.

Também liguei para Lindsey, que confirmou que a maratona de filmes de Bruce Campbell ainda estava de pé. Eu não tinha tempo para um filme, exatamente, mas estava estressada, cansada e precisava de comida de verdade. Se um filme estivesse rodando durante a refeição, que seja. Com o jantar na cabeça, parei em um caminho de taco no caminho de volta para Hyde Park e pedi o máximo que caberia em uma sacola, o que eu achei que não irritaria tanto Frank se eu fosse pega com fast food dentro da Casa.

Voltei e estacionei, e então andei para a Casa, passando por manifestantes que cantavam ritmicamente, e homens e mulheres estóicos uniformizados. A Casa estava silenciosa quando entrei, só alguns vampiros perto dos quartos da frente. Havia um tipo



de solenidade na Casa sob o comando de Malik, e eu não tinha certeza se isso era porque a Casa refletia sua personalidade solene, porque os vampiros ainda estavam de luto, ou porque estávamos sob a ocupação do GP.

Uma mistura dos três, talvez.

Sem meu medalhão, mas com o contrabando, subi as escadas até o quarto de Lindsey, no terceiro andar. Não me preocupei em bater, mas abri a porta cuidadosamente – geralmente havia vampiros espalhados em cada espaço e canto disponíveis, e se você não fosse cuidadoso, bateria na cabeça de alguém, sem querer.

O quarto escuro estava, como sempre, cheio de barulho por causa da televisão pequena de Lindsey, e cheio de vampiros. Lindsey, Margot, e Katherine tinham lugares na cama, e alguns vampiros que só via no corredor estavam amontoados no chão, talvez quinze no total? Essa era, com certeza, uma violação da regra de Frank contra se reunir em grupos maiores que dez.

Viva a revolução!

Eu atravessei o caminho cheio de Novatos, distribuindo tacos embrulhados em papel como um Papai Noel culinário, e eventualmente parando em um lugar vazio no canto mais distante do quarto. A vampira ao meu lado sorriu e ofereceu um de seus travesseiros, que eu peguei com um —obrigada— sussurrado.

Um filme de terror depois, eu cheguei a duas conclusões:

Um: Eu amava meus amigos.

Dois: Eu ainda não entendia.

Nós tínhamos acabado de limpar o quarto de embrulhos de taco e vampiros quando o beep de Lindsey e o meu apitaram simultaneamente.

Eu tirei o meu e chequei a tela. —SALA DE TREINAMENTO— estava escrito, com um —ROUPA DE TREINAMENTO— em seguida.

Olhei para Lindsey. — Sobre o que é isso?

— Tenho certeza que Frankfurter tem alguma lição vital que quer nos ensinar.



— Infelizmente, Frankfurter não pede nossos conselhos, — Eu disse. — E eu apóio o uso de — Frankfurter — completamente.

— Sabia que você apoiaria, — ela disse, andando em direção à porta do banheiro, provavelmente para colocar as calças de yoga necessárias. — Ele podia aprender muita coisa de duas vampiras grandes e hip's.

— Você começou sua própria sitcom²³?

— Acredito que sim. Eu estou a um diálogo espirituoso e a um especial depois-da-escola do Emmy. Você sabe, caso esse lance de guarda vampiro não der certo.

Fiz um som de concordância e fui até a porta para que pudesse me trocar. — Frank ainda está aqui, — eu apontei. — Há uma chance muito boa que esse lance de guarda não dê certo para nenhuma das duas.

O fato dela não discordar dizia muito.

Quando trocada, em tops pretos esportivos e calças de yoga, eu me encontrei com Lindsey, Juliet e Kelley na sala de treinamento.

Estávamos descalças, nas bordas dos tatames, esperando a chamada por armas – ou o que quer que Frank tivesse em mente. Ele estava no meio da sala – e no meio dos tatames – ainda em ternos e sapatos chiques.

Lindsey quietamente estalou a língua. — Luc não vai ficar feliz em ver Frank de sapatos nos seus tatames.

— Não, — eu sussurrei em concordância. — Isso não vai acabar bem. Não que ele possa fazer algo sobre isso.

Malik e Luc estavam juntos no outro lado da sala, magia irritadiça transbordando. A sacada que circulava o quarto estava enchendo de vampiros, suas expressões variando de curiosos para preocupados. Eles claramente não confiavam em Frank, tanto quanto nós.

²³ *Sitcom – Situation Comedy. Geralmente uma série de TV com humor, que usa situações do cotidiano.*



Quando a sacada estava cheia, Frank pigarreou alto e lançou adagas com os olhos em direção aos vampiros até todos estarem sentados. Então ele abaixou o olhar para nós quatro.

— Eu decidi que, visando o melhor para a Casa, o teste físico semestral seja feito hoje.

Silêncio exasperado descendeu sobre a sala, pelo menos até os sussurros começarem. Os comentários quietos dos Novatos ecoavam os meus: Esse não era o momento para colocar os guardas da Casa em teste. E mesmo se falhássemos, quem nos substituiria?

Isso tinha todas as evidências de uma tentativa de nos acusar de incompetência – ou fazer eu parecer pior do que Frank já achava que eu era.

Luc foi o primeiro a falar. — Você quer dar um teste a elas? Isso é ridículo. Eles precisam estar lá fora defendendo a casa, não lidando com besteiras burocráticas.

— Infelizmente, — Frank disse, — Eu não pedi, e nem preciso, da sua opinião. Como o GP tem repetidamente tentado enfiar nessa Casa, essa Casa e sua operação é o seu primeiro – e único – trabalho. As complicações da existência humana não são.

— E como você e o GP estão bem cientes, — Luc cuspiu de volta, — a cidade está despencando, um pedaço de propriedade privada de cada vez, e você não acha que devemos nos preocupar com isso? Você não acha que devemos estar lá fora, nas ruas, lidando com isso?

— Luc, — Malik disse, colocando uma mão no braço de Luc. — Agora não.

Suas palavras sugeriam que Luc mostrasse respeito por Frank, mas suas próprias emoções estavam claramente se rebelando. Era evidente no franzido de sua sobrancelha, na tensão em sua postura e na vibração de magia tensa perto dele.

O conflito que Malik encarava era óbvio – apoiar seus guardas e o segundo no comando, ou obedecer ao conselho responsável pela existência de sua Casa e a proteção de seus vampiros.

Às vezes, você tem que perder uma batalha para ganhar a guerra.



— Sr. Cabot, — Malik disse no silêncio tenso. — Prossiga.

Frank assentiu pomposamente, mas o resto dos vampiros obedeceu a ordem de Malik, e aquietaram imediatamente. — Como eu estava dizendo, vocês serão testadas e avaliadas em várias formas de aptidão e resistência física. Se você se recusar a participar, será retirada da sua posição na Casa. Se você falhar, será retirada da sua posição na Casa.

A sala ficou mortalmente silenciosa, todos chocados. Ele ergueu o olhar diretamente para mim.

— Vocês foram classificadas como Físico Muito Forte. Vamos ver se isso é mesmo verdade. — Frank olhou para o seu relógio. — Vocês começarão...

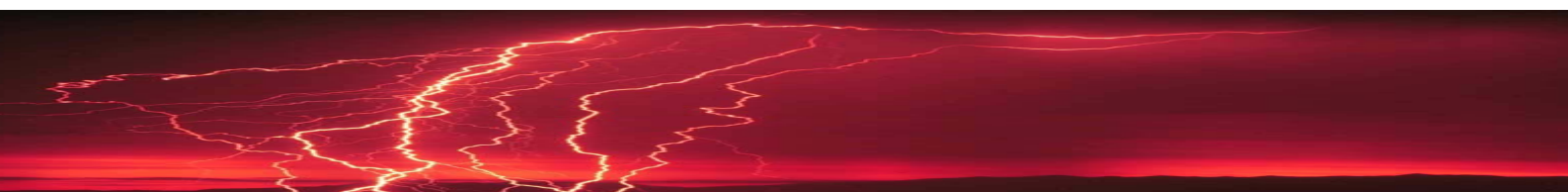
— Isso não pode ser verdade — Kelley pediu, mas ela foi silenciada por um olhar fulminante.

— Vocês começarão, — Frank disse novamente, — agora.

Testar a força e resistência de um vampiro era complicado, principalmente se os vampiros fossem guardas de uma das Casas mais velhas do país. Nós obviamente éramos fortes, rápidas, e flexíveis. Tínhamos sido treinadas em combate, com e sem espadas, e tínhamos corrido uma grande quantidade de milhas. Tínhamos feito milhares e milhares de flexões no chão e sentadas, push-ups, e trações. Nós quatro provavelmente poderíamos nos exercitar pela eternidade. Mas Frank não estava interessado na eternidade.

Frank estava interessado no que poderíamos fazer agora, com meias rações de sangue, determinada por um regime provavelmente criado nos anos 50. Nossa força foi forçada jogando bolas e pesos gigantescos de ferro pelos terrenos de Cadogan. Tirando uma janela quebrada – elas eram *muito* difíceis de mirar – conseguimos passar seus marcos arbitrários.

Nossa flexibilidade e velocidade foram testadas com cordas de pular, que deveríamos usar com repetições mais rápidas que o nunca. Nós engatinhamos de bruços pelo jardim, pulamos pneus de caminhões que ele tinha separado para a tarefa, e corremos de um lado para o outro até nossas pernas ficarem dormentes. Ele nos enviou à piscina, congelando no frio de novembro, e nos fez nadar até nossas peles estarem brancas e nossos dentes batendo do frio.



Nós saímos da piscina com roupas e cabelos ensopados, fumaça saindo dos nossos corpos, e ódio por Frank crescendo em nossos corações.

Frank carregava uma prancheta, e fazia anotações enquanto passávamos por seus obstáculos, seu olhar desdenhoso, como se estivéssemos falhando em alcançar qualquer critério mental que ele tivesse estabelecido.

Não que isso fosse surpreendente. Ele não podia ter achado que esse era o melhor momento para testar os três guardas e meio restantes na Casa Cadogan. A Casa estava em paz só porque tínhamos pagado os subordinados de Claudia para nos proteger, e era uma perda de tempo tentar provar algo que ele nunca ia aceitar. Se passássemos ou falhássemos... ainda estaríamos falhando.

Mas mesmo o treinamento sendo exausto, ainda era só um treinamento. Doloroso, sim. Cansativo, sim. Mas como em qualquer treinamento, você alcançava um ponto em que se desligava e caía no ritmo. Nós éramos vampiros, e dos fortes, e isso significava algo. Éramos fortes, rápidos e flexíveis, não importando as críticas de Frank.

E não éramos as únicas que achávamos isso. As notícias do teste se espalharam pela Casa. Lentamente mas certamente, uma parte dos vampiros de Cadogan começou a se espalhar pelo jardim. Eles formaram um círculo protetor enquanto trabalhávamos, ocasionalmente nos dando caixas de sangue e garrafas d'água, como voluntários de maratonas.

Estávamos engatinhando de bruços pela grama pela segunda vez quando Margot e Katherine apareceram na beira da multidão.

— Nós temos algo para vocês, — Margot disse, olhando ao redor sorratoriamente para localizar Frank.

Lindsey, seu cabelo molhado e grudando da piscina, e seu rosto cheio de sujeira e suor, ergueu o olhar do chão. — Ele está atendendo uma ligação de Darius, — ela disse, — então se isso vai contra uma das suas regras, vamos logo.

— Podemos fazer isso, - Katherine disse, e um semicírculo de vampiros a cercaram para nos encarar enquanto atravessávamos o chão. — Nós achamos que um pouco de música pudesse ajudar.



Katherine cantou uma nota para testar sua afinação, que era tão perfeita quanto um piano de classe ajustado. Ela piscou, e sem mais, Katherine e o resto do seu clube glee de vampiros começaram a cantar —Black Bird—, dos Beatles.

Semanas e semanas do comportamento abusivo de Frank tinha afetado a Casa. Quando Ethan tinha sido Mestre, a Casa Cadogan foi mais que uma estrutura; tinha sido um lar. Eu esperava que Malik pudesse transformá-la desse jeito novamente, mas como Frank tinha deixado bem claro, seu objetivo era derrubar a Casa Cadogan, tijolo por tijolo, vampiro por vampiro.

Mas enquanto estava deitada de bruços na grama fria e orvalhada, não podia me sentir mais próxima desses vampiros. Lágrimas começaram a descer pelo meu rosto, e eu não era a única comovida. Havia caminhos de lágrimas no rosto de Lindsey, e Kelley estava mordendo o lábio para segurá-las.

Quando a assembléia chegou ao seu ápice, o resto da centena de vampiros no jardim juntaram-se a ela, suas vozes um coro contra a idiotice. Suas vozes um coro para a Casa, e para nós, e para tudo que Ethan tinha tentado criar.

Para a família que ele tinha tentado nos transformar.

Magia se ergueu e espalhou, decorando meus braços com arrepios, e eu disse uma oração silenciosa de —obrigada— para o universo. Frank podia ser um estúpido, mas ele tinha conseguido nos reunir mesmo depois da morte de Ethan ter nos separado.

O coro tinha acabado de finalizar a música quando Frank emergiu da multidão novamente. Os vampiros se mexeram nervosamente enquanto ele colocava suas mãos nos bolsos e nos supervisionava com desdém.

— Não estou certo se shows estão no espírito das regras. Isso é um procedimento de teste, não uma festa.

Malik, que também estava na beirada da multidão, se virou para considerá-lo. — Pode não estar no espírito das regras, — ele disse, — mas também não é contra elas. E isso, como você nos lembrou, é o importante. As regras.

Frank encarou Malik por um momento... mas ele não discutiu. Talvez ele conseguisse escolher suas batalhas, afinal de contas.



Infelizmente, eu estava errada novamente. Tendo testado nossa agilidade, força, e energia, Frank decidiu testá-los tudo de novo.

Ele nos levou ao canto mais longe dos terrenos da Casa, onde quatro postes de madeira do tamanho de postes de telefone tinham sido cravados no chão. Eles tinham quatro pés de altura e talvez uns vinte e cinco centímetros de diâmetro.

— Juliet, Kelley, Lindsey, Merit, — ele disse, apontando para os postes em sucessão. — Fiquem em cima dos seus postes.

Todos olharam para ele por um segundo, provavelmente pensando a mesma coisa: *Desculpe-me, você quer que eu fique em cima de um poste?*

— Isso não foi um pedido, — ele disse, em um tom irritadiço de líder tão errado que ele tinha de ameaçar as pessoas para seguirem suas ordens.

Todos dividiram um olhar, mas sem uma opção melhor – a não ser perder nossas posições na Casa – nós obedecemos.

Eu pulei no poste e circulei-o com meus braços para não cair de novo. Em joelhos e tornozelos instáveis, com braços estendidos, eu lentamente me levantei, e olhei para Frank.

— Isso testa sua resistência, sua força, seu equilíbrio, — ele disse.

— O que devemos fazer, exatamente? — Julie perguntou.

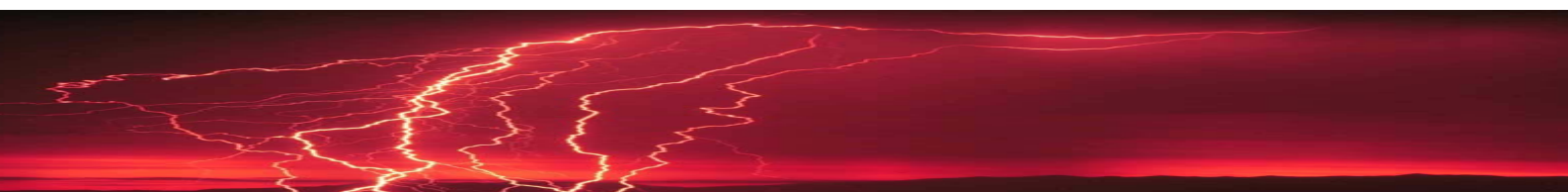
— Você fica aí, - Frank disse, — até não conseguir mais.

— O Sol vai nascer em breve, — Lindsey apontou.

— E você vai ficar aí até não conseguir mais, — Frank repetiu.

Eu olhei para Malik. Ele assentiu para mim, um reconhecimento de que ele interferiria se fosse necessário. Fechei meus olhos em antecipação do drama e rezei por força, para lidar com isso.

E então, com três horas faltando para o amanhecer, ficamos nos postes, no meio do Hyde Park, e esperamos o Sol nascer.



Por quase três horas, ficamos nos nossos postes – vampiros sendo usados como peças em um jogo político que não tinha nada a ver conosco. Era injusto, claro, mas certamente não a primeira vez que as pessoas tinham sido usadas e manipuladas para cumprir algum objetivo político. Esse não era, tecnicamente, o mecanismo de cada ditador e demagogo na história? Usar as pessoas para alcançar algum presumidamente fim político?

Há três horas havia quatro de nós. Agora tínhamos sido reduzidas a duas. Kelley tinha tropeçado e caído do seu poste conforme a escuridão começou a dar lugar ao amanhecer e exaustão finalmente a venceu. Lindsey, cansada e desidratada, tinha tido uma câimbra e se contorcido no chão.

O teste, quaisquer seu propósito, estava entre mim e Julie.

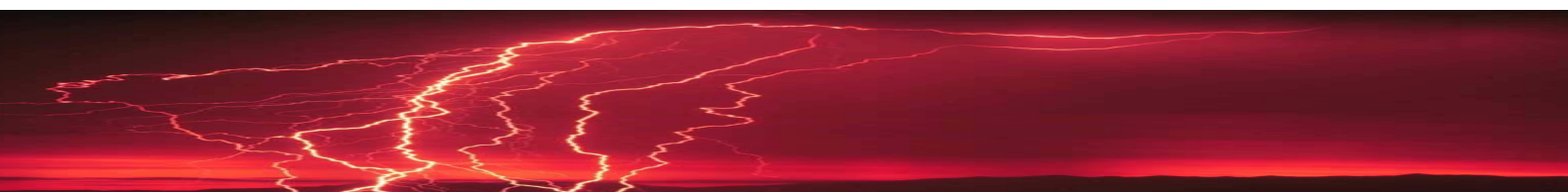
Ficamos em silêncio, ela do formato élfico e feições delicadas. Eu, com o equilíbrio fortuito de uma ex-bailarina, mas ainda dolorida e dura. Juliet tinha colocado sapatos de tênis para as partes de corrida do teste, mas eu ainda estava descalça, e mal conseguia sentir meu pé, as câimbras há muito tendo se dispersado para dormência. Cada músculo do meu corpo doía do esforço de me balançar no poste, e eu sabia que ficaria machucada quando a tarefa tivesse acabado.

O céu ao leste estava começando a adquirir um tom de laranja, Os vampiros que tinham ficado conosco do lado de fora se abrigaram em pedaços de sombra, que os protegeriam do sol nascente.

Nós não tínhamos tal opção.

Frank entrou no jardim, uma caneca pretensiosamente delicada em sua mão. Ele tinha entrado e saído da Casa para nos verificar, provavelmente para se assegurar que não estivéssemos caído dos postes ou tendo intervalos proibidos. Eu não tinha respeito por um inspetor que não se incomodava em manter vigília sobre os exames que ele decidiu serem cruciais para a Casa.

Malik, pelo outro lado, ficou na nossa frente, de costas para o leste, braço cruzado sobre seu peito. Ele parecia obviamente cansado, seus olhos inchados de exaustão, mas ele tinha ficado conosco. Ele tinha tomado conta de nós. Era como a promessa de um pai para seus filhos que, mesmo não podendo enfrentar o teste por nós, ele resolutamente tinha nos suportado enquanto passávamos por ele.



Esse homem era um Mestre de vampiros.

Ele observou Frank suspeitosamente enquanto cruzava o jardim. — O Sol está nascendo, — Malik disse. — Se há um objetivo nesse teste, você deveria alcançá-lo agora.

— Claro que há um objetivo, — Frank respondeu. — Isso é um teste de resistência. A resistência não é simplesmente ficar em cima de um poste; isso não é uma tarefa muito complicada, exatamente. A resistência é ficar em cima de um poste, no Sol.

Julie e eu trocamos um olhar nervoso. — Mas isso vai nos matar, — ela disse.

Estávamos parcialmente protegidos pelas árvores no fundo do jardim, mas quando o Sol nascesse, os raios de luz iriam se mover através do quintal, se aproximando mais de onde estávamos... E Julie estava mais perto deles do que eu.

— Isso é ridículo, - eu disse, e pude ouvir a histeria na minha voz. — Ela está mais próxima que eu. O Sol vai queimá-la antes que sequer chegue a mim.

— Foi por sorte, — Frank disse. — Ela sorteou a posição que está. Ninguém é culpado disso.

Mas isso simplesmente não era verdade. Frank tinha nos direcionado a nossos postes.

— Eu não posso acreditar que o GP permitiria tal coisa, — Malik disse. — Não a qualquer vampiro que fez juramentos a sua Casa, que juraram protegê-la.

Frank inclinou sua cabeça para Malik. — Você não acha que encarar o Sol é uma habilidade importante para um vampiro? Você não acha que é uma situação que eles podem encontrar?

— Pelo amor de Deus, — Malik disse, seus olhos se estreitando, — se eles tiverem que enfrentar isso, seria pelas mãos de um inimigo, não de uma organização que existe para protegê-los.

E isso, eu pensei, resumia perfeitamente o que eu tinha visto do GP. Pode ter sido estabelecida há tantos anos para proteger vampiros, mas organizar Casas, e para



colocar ordem, mas pelo o que eu tinha visto de Darius West e esse monstro, só estava interessado em provar um ponto político.

Talvez fosse a hora de repensar meu envolvimento na Guarda Vermelha. Talvez, agora que Ethan se foi e Malik estava com a arma apontada para ele, fosse a hora de pensar em dar um passo para proteger todos os vampiros, não só os que estavam na Casa.

Conforme o Sol alcançava o horizonte e luz atravessava o quintal, o caso em favor da aliança com o GP ficou mais forte.

O raio de luz do sol se estendeu, intensificou, alcançando o poste de Juliet e subindo pelo lado. Horrorizada, eu encarei enquanto as pontas dos seus sapatos de tênis começaram a ficar vermelhas.

— Juliet? Você está bem?

Lágrimas começaram a cair pelo seu rosto, mas ela entesou o maxilar e manteve sua posição em silêncio estóico. Ela devia estar com uma dor tremenda, e ainda assim ela ficou em cima do poste, se recusando a se submeter.

Sua fome também parecia ter vencido; seus olhos ficaram pratas e suas presas abaixaram, o predador acordado pela dor, fome, e exaustão.

Eu olhei para Frank, que estava bebendo de sua caneca, completamente indiferente a sua agonia. — Você tem que parar isso. Não pode ver que ela está em dor?

Ele só ergueu uma sobrancelha arrogante.

— Ótimo. Se você não fizer algo, então eu vou. Eu desisto do teste. — Eu fiz um movimento para descer do poste, mas suas palavras me paralisaram.

— Mantenha sua posição, Merit. Mantenha sua posição nesse poste, ou sua posição como Sentinela será removida imediatamente. O mesmo se aplica à Juliet. Se vocês não podem respeitar a importância do bem comum sobre qualquer vampiro, nenhuma de vocês merece sua posição.

Um soluço ecoou de Juliet enquanto eu encarava Frank. — Você não pode me desfazer Sentinela. Ethan me deu essa posição. Só Malik pode tomar essa decisão.



— Oh, mas eu posso, — Frank disse. — É a minha responsabilidade colocar essa Casa em ordem. Um vampiro que voluntariamente sai do teste – que se recusa a se aguentar pelos seus irmãos e irmãs – não é um vampiro que tem os melhores interesses da Casa em mente.

Eu olhei para Juliet, que estava tremendo intensamente em dor, suas mãos ao redor de sua cintura enquanto soluçava.

— Juliet, desça daí!

— Eu não p-p-posso, — ela gaguejou. — Eu não posso deixar de ser um guarda. É tudo que eu conheço. Essa Casa é a minha vida.

Ela não teria uma vida se eu não agisse. A punição era injusta, mas era mais injusto Juliet sofrer em dobro – das queimaduras do sol e a perda de sua posição na Casa.

Era uma decisão fácil, mas isso não significava que as repercussões seriam fáceis de aguentar. Ethan tinha me nomeado Sentinela. Ethan tinha me Recomendado nessa Casa e me colocado nessa posição. E mesmo eu não estando preparada para aceitá-la naquela época, era minha posição agora. Minha para ter. Minha para proteger.

E assim como meu medalhão de Cadogan, minha para desistir.

Eu encontrei o rosto de Malik na multidão, e quando ele assentiu para mim, eu ergui minhas mãos no ar. — Eu renuncio, — eu disse. — Eu renuncio. Juliet ganha. Desça ela daí!

Houve uma correria louca até o poste de Juliet. Luc esticou o braço e a agarrou e a carregou até a Casa, seguido por um rio de vampiros procurando a cobertura das sombras. O sol estava nascendo, e minhas capacidades estavam acabando. Eu estava tremendo de exaustão, mas consegui descer sem cair no raio de luz que estava se aproximando – só para encarar Frank, que estava na minha frente com uma expressão alegre no seu rosto.

— Tem jeitos mais simples de me fazer desistir, — Eu disse a ele, e aproveitei ver o sorriso tirado do seu rosto. Tinha sido ele que se assegurou que eu ficasse no poste mais seguro, para que eu tivesse de renunciar para proteger alguém de se queimar. Eu acho que era um elogio ele pensar que eu me sacrificaria... e que ele me



achou perigosa o bastante para preferir deixar a Casa sem uma Sentinela, ao invés de me deixar na posição.

— Eu não sei o que você está falando.

— Eu duvido disso, — Eu disse, — mas isso é entre você e sua consciência. — Apressei-me ao lado de Malik, que agora estava no batente da porta da Casa, tendo certeza que todos entrariam com segurança.

Frank foi o último a entrar, e ele o fez bem antes do Sol encher o jardim com luz. Felizmente, as cortinas da Casa já estavam fechadas.

Eu fiquei parada dentro da quietude fria da cozinha por um momento com meus olhos fechados, aproveitando a escuridão.

Quando eu abri meus olhos, Malik era o único vampiro a vista.

— Sinto muito, — eu disse a ele. — Pode não ter sido a coisa certa a se fazer pela Casa – renunciar minha posição – mas eu não consegui só ficar ali e vê-la passar por isso.

— Foi a coisa certa a se fazer, — ele assegurou. — Isso dito, com Cabot aqui...

Ele não precisou terminar o ponto. Eu não podia ser Sentinela enquanto Frank – e o GP – tivesse controle da Casa.

Oh, como as coisas tinham mudado. Em alguns meses, Ethan tinha perdido sua vida e um novo Mestre tinha sido instalado. E sumariamente substituído. O escritório do Ombud tinha sido desfeito. Eu tinha sido retirada da minha identidade como uma Sentinela.

Mas assim como não havia escolha há meses, quando Ethan tinha me nomeado à posição, não havia escolha agora, exceto aceitar as mudanças e lidar com elas tão graciosamente possível.

Mesmo agindo sozinha, eu agiria com bravura. Uma Sentinela em coração e mente, mesmo não-oficial.

Eu assenti. — Eu entendo.



— Ethan teria ficado orgulhoso de você hoje, Merit. Eu estou orgulhoso de você, assim como os outros vampiros dessa Casa. Você jogou o jogo de Cabot do único jeito respeitoso possível, mesmo o resultado sendo predeterminado.

— Porém, o resultado é o mesmo. A Casa foi deixada sem uma Sentinela.

Malik sorriu suavemente. — A renúncia só se estendeu à sua posição atual. Você não pode ser Sentinela, pelo menos não por enquanto. Mas ele não colocou nenhuma restrição no seu serviço como guarda.

Embora exaustão estivesse começando a me derrubar, eu consegui sorrir. — Muito criativo, Liege.

— Eu tenho meus momentos.

Eu voltei ao meu quarto, quase inconsciente pelo sol, e entrei nos lençóis frios e ásperos e o escuro confortante que me esperava lá. Eu não estava exausta demais para chorar quando minha cabeça atingiu o travesseiro, fúria, frustração e luto escapando agora que eu tinha conseguido acabar os testes.

Luto, porque em uma única noite que tinha perdido minhas conexões a Ethan e à Casa: o laço que tínhamos quando ele me nomeou Sentinela, e o medalhão que eu tinha usado como símbolo dos meus juramentos.

Eu ainda ficaria como guarda pela Casa, e não havia como negar a importância desse papel. Mas parecia que outro pedaço de Ethan tinha sido arrancado de mim.

E isso doía tanto quanto todo o resto.



Capítulo 16

Uma casa dividida

Eu acordei de um sono felizmente sem sonhos com o mesmo humor negro que eu estava quando caí inconsciente algumas horas atrás. Eu considerei me fingir de doente e me esconder na cama embaixo das cobertas durante todo o dia, mas isso não iria resolver meus problemas ou da cidade.

Quando eu me levantei e tomei banho, também considerei ligar para Mallory. Eu não tinha dúvida que ela estava estressada com os exames, mas não tinha certeza se deixá-la eremita enquanto ela estudava era a melhor coisa a fazer. Por outro lado, ela me disse especificamente para não incomodá-la até que ela terminasse os exames.

Isso ainda doía.

Claro, não era a primeira vez que tínhamos um desentendimento. Havia um garoto que ela namorou que eu achava desagradável, e ela tendia a dar aos meus pais mais crédito do que eu. Tínhamos nos distanciado quando me tornei um vampiro e não me ajustei graciosamente a minha nova vida. Seu treinamento de aprendizes em Schaumburg não tinha feito muito por nossa agenda social.

Mas nós sempre conseguimos superar. Eu só podia esperar que desta vez não fosse diferente, que mesmo com a magia e exames entre nós, conseguíssemos nos encontrar de novo.

Depois de atirar o telefone em minhas mãos por alguns minutos, eu decidi não ligar. Se ela realmente precisava de espaço, eu daria a ela. Deus sabe que ela teria feito a mesma coisa por mim.

Mas, enquanto ela podia me evitar, Catcher não podia. Eu disquei o seu celular e o peguei no carro.

— No caminho para casa do seu avô, — disse ele.

— Ainda trabalhando não oficialmente?

— A menos que nós ouvimos algo diferente da cidade, o que parece extremamente improvável, ‘não oficial’ é a nossa atuação permanente. Infelizmente, —



ele acrescentou enquanto uma buzina soava no fundo, — o tráfego para o seu avô é muito pior do que para o escritório. Leva-me o dobro do tempo para chegar lá.

— Não há uma parada El²⁴ para sua casa?

— Eu prefiro o meu carro, — ele disse planamente. — O que está acontecendo na Casa Cadogan hoje à noite?

— Bem, devido a eventos infelizes, não sou mais Sentinela. — Eu o enchi com os testes de qualidade de Frank e meu fracasso forçado.

— Elegante, — ele disse. — Faz Darius West parecer um total pêssego.

— Eu não iria tão longe, mas você tem algo aí. Você teve uma chance de conversar com Simon?

— Eu tive. Ele está tão mistificado quanto nós. Ele diz que não ouviu nada sobre o Maleficio e que este está são e salvo em Nebraska. Fora de uma abundância de cautela, a Ordem estabeleceu uma comissão para analisar as coisas, e eles estão a caminho. Ele também acha que Tate está blefando, e ele colocou algum material em sua teoria de limão e açúcar. Ele diz que a nova 'magia forense' reconhece traços de evidências mágicas como odor.

O tom de Catcher gritava "sarcástico", mas havia também uma pitada de "inveja" lá. Catcher não era um membro da Ordem há algum tempo, então essa era a razão que ele não seria atualizado sobre as últimas informações e técnicas. Ele claramente tinha questões não resolvidas com a Ordem. Talvez enterrada sob sua irritação que Mallory estava aprendendo sobre magia de Simon estava um pouco de ciúme mágico.

— Quanto tempo até que Mal termine os exames?

— Uns dois dias, mas a programação é fluida. Simon está aparentemente tentando mantê-la na ponta dos pés²⁵. Ouça, eu acabo de entrar na garagem. Eu te ligo se houver notícias.

— Eu aprecio isso, — eu disse, e ele desligou. Eu não tinha dúvida que eu falaria com ele novamente. Se eu aprendi alguma coisa nos meus meses como um vampiro, era que o drama estava em oferta ilimitada.

Eu encontrei uma pilha de livros da biblioteca fora da minha porta de novo, todas referentes a inexplicáveis acontecimentos históricos. O bibliotecário parecia

²⁴ (também escrito, L, EL, ou L, de "elevado" – sistema de trânsito rápido (trens e metrô) que serve a cidade de Chicago e alguns de seus subúrbios)

²⁵ forçar alguém a continuar dando toda a sua atenção e energia para o que está fazendo.



pensar que o desaparecimento de Amelia Earhart²⁶ e o Triângulo das Bermudas estavam relacionados com os nossos problemas com o céu e a água. Eu estava sentada no chão, até a cintura em teorias mágicas da conspiração, quando meu telefone tocou.

Salva pelo gongo, pensei, e o puxei para fora. Quando vi o número de Jonah na tela, eu o abri.

— Oi, — eu disse cuidadosamente, não tendo certeza do seu humor, já que não tínhamos falado desde o beijo - e nervosa que ele estava ligando para transmitir uma nova crise. Eu realmente poderia usar uma pausa.

— O que você está fazendo? — ele perguntou.

— Lendo. O que você está fazendo?

— Estou no Benson's. Traga seu traseiro aqui e me compre uma bebida.

Benson's era o bar da Casa Grey, localizado do outro lado da rua do Campo Wrigley.

— Eu não vou te comprar uma bebida.

— Eu tenho certeza que eu lembro de você me devendo uma bebida. Especialmente depois que você totalmente me rejeitou quando eu abri meu coração para você.

Eu não poderia deixar de sorrir, e apreciei que ele tinha quebrado o gelo.

— Não me lembro de isso acontecer dessa maneira.

— Então você estaria incorreta.

— Eu tenho certeza que você está tendo alucinações, — eu disse, mas olhei abaixo para os livros e decidi que não podia ler mais teorias loucas esta noite. Eu precisava de uma mudança de cenário, mesmo que a mudança começasse comigo comprando uma rodada apologética para o meu parceiro.

— Eu vou estar aí em cinco, — disse a ele, então fechei o telefone e o deslizei de volta no meu bolso. Agarrei a minha jaqueta, dei a Kelley uma atualização, e saí.

O Benson's estava situado num edifício estreito que encarava a parte de trás do Campo Wrigley. Assentos do estádio foram instalados sobre o telhado para que os fãs dos Cubs sem bilhetes pudessem obter uma vista da ação dos bancos. O bar estreito

²⁶ foi pioneira na aviação dos Estados Unidos. Amelia desapareceu em julho de 1937 no oceano Pacífico enquanto tentava realizar um voo ao redor do globo. Foi declarada morta em janeiro de 1939



também estava repleto de tantas mesas quanto os proprietários podiam ajustar. Esse era o primeiro território de torcedores dos Cubs, afinal de contas, e as pessoas que não poderiam caber em Wrigley ainda queriam estar tão perto da ação quanto possível. O bar poderia ficar abafado em dias de jogo, mas definitivamente havia algo a ser dito sobre se apertar em um bar com amigos próximos (e completos estranhos) para torcer pelos Cubbies. Benson's até mesmo tinha uma bebida relacionada ao escudo dos Cubs – uma dose com camadas de álcool azul e vermelho. Tinha gosto de xarope para a tosse, mas nós bebíamos pela cor - não pelo sabor.

O Benson's estava cheio de recordações dos Cubs, e embora a temporada dos Cubs tenha sido há algum tempo, o bar ainda estava lotado hoje à noite. Que lugar melhor para passar o fim do mundo do que com seus amigos mais próximos e sua bebida favorita? Desde que os humanos não tinham conhecimento que o bar era afiliado com a Casa Grey, ou vampiros em geral, a clientela era uma mistura de humanos, vampiros e provavelmente alguns sobrenaturais que eu nem sabia que existiam.

Eu avancei através dos corpos até que tive um vislumbre de Jonah de pé em um canto de trás. Ele usava uma T-shirt de manga curta com gola V sobre jeans e uma barba por fazer de alguns dias. Seria uma mentira negar que ele era bonito, e quando ele olhou para cima para ver-me atravessar o bar, eu poderia ter imaginado - em outro tempo e lugar - me aproximar dele em um bar por uma razão completamente diferente.

— Hey, — ele disse quando eu o alcancei. — Você conseguiu não ser capturada pelos descontentes. Bem feito.

Havia um brilho irritantemente atraente em seu olhar, mas desde que ele teve uma boa atitude sobre o beijo, eu decidi deixá-lo ficar com ele.

— Ha ha, — eu disse. — E sim. Eu consegui não ser capturada pelos descontentes.

Jonah fez um gesto para o homem ao lado dele, que era um pouco mais baixo que Jonah e tinha um curto cabelo louro platinado. — Merit, Jack, — ele disse. — Jack é um guarda da Casa. Somos amigos há anos. Jack, Merit.

Jack, cujos brilhantes olhos azuis estavam pintados com kohl²⁷, me examinou. — Você é - exatamente o que eu esperava, — ele disse, numa voz que soava ligeiramente do Sul.

Eu sorri hesitante. — Obrigada, eu acho?

— É totalmente um elogio. Você é adorável, e eu amo franjas.

²⁷ tipo de delineador utilizado geralmente pelas mulheres do Oriente



Havia algo completamente desarmante sobre Jack. Seu sorriso era enorme, e ele dava a impressão de que não se incomodava de dizer coisas que ele não queria dizer, o que fez o elogio muito mais significativo.

Mas eu não tinha certeza de como me sentia sobre o fato de que ele sabia como eu parecia. Jonah tinha falado sobre mim?

— Obrigada, — eu disse. — Espero que eu não tenha interrompido alguma coisa?

— Nós estávamos falando sobre espadas duplas, — disse Jonah, então enfiou a mão no bolso de trás para sua carteira. — Você precisa de uma bebida?

— Ainda não, obrigada. O que são espadas duplas?

— Usar duas katanas de uma vez, — Jack explicou. — Eu acho que é uma técnica de circo. Completamente inviável e usada apenas para show e intimidação.

— E eu acho que o nosso amigo Jack aqui é cheio de merda, — Jonah acrescentou, — e katanas duplas são a próxima grande tendência no treinamento das artes marciais.

— Juro por Deus, você é um teimoso, — Jack disse, revirando os olhos. — Quando foi a última vez que estive envolvido em uma batalha e por acaso tinha duas espadas à mão?

— Eu iria se fosse o armamento padrão.

— Exatamente o meu ponto, — Jack disse, oferecendo-me uma piscadela. Eu ofereci um sorriso de volta.

— Olha, — Jonah disse, — eu estou falando de escopo. E no campo de batalha, vale tudo.

— Incluindo espadas duplas? — eu me perguntei.

— Incluindo espadas duplas, minha amiga-de-uma-katana.

Jack fez um som de dúvida, mas tilintou sua garrafa de cerveja contra a de Jonah com bom humor. — Acho que se tudo mais falhar, podemos pular as espadas duplas e triplas e ir direto para as quádruplas.

— Hooah, — eles cantaram alto juntos, e tilintaram suas garrafas novamente.

Caras eram apenas completos mistérios para mim, e eu olhava em branco para ambos.



— Você sabe sobre as Quatro Espadas, certo? — Jonah perguntou.

Eu balancei minha cabeça.

— Posso te dar uma palestra sobre ser um total noob?

— Eu realmente queria que você não fizesse. Eduque-me, mas só se você pode fazê-lo sem comentário editorial.

Jack sorriu. — Eu sabia que ia gostar de você. Eu sabia.

— Era uma vez, — começou Jonah, — em um reino muito, muito distante, vivia um Samurai. Ele acreditava que estava destinado a viajar pelo mundo e ajudar aqueles que precisavam dele. Como um Samurai, ele viajou com quatro espadas ao seu lado, cada uma representando um dos quatro elementos do mundo - ar, fogo, terra e água.

Havia muito disso circulando nestes dias.

— O Samurai viajou o mundo para educar os outros sobre esgrima e, finalmente, desembarcou na Europa.

— Este era o Samurai que treinou vampiros como lutar com katanas, — eu disse, estragando sua piada.

— Era, — Jonah disse. — Mas você sabia que Scott era o vampiro que conheceu o Samurai e introduziu o ofício para todos os outros? E que essas mesmas quatro espadas estão penduradas na Casa Grey?

Olhei entre Jonah e Jack. — Isso é verdade?

Jack tocou meu braço. — Essa história é verdade, mas não acredite quando ele começa em sobre como ele salvou todos os órfãos em Kansas City no momento que o Godzilla ia devastá-lo.

— Era uma aldeia isolada e um leão da montanha escapou, — Jonah corrigiu. Se ele estava dizendo a verdade, achei que foi dramático o suficiente.

Jack acenou para longe a correção e olhou para o relógio. — Eu tenho que correr. Se o mundo está acabando, eu quero estar nos braços de um ente querido quando isso acontecer. Ou pelo menos Paul, — ele acrescentou com um resmungo.

— O fim do mundo iria resolver o problema Paul, — Jonah ofereceu. — Então iria terminar com ele.

Jack fez um som duvidoso. — Ele já prometeu me assombrar no inferno se descer a isso. E um término iria junto também.



— Cale a boca ou vire homem, Jack.

— Eu vou cortá-lo, — Jack disse com um sorriso, apontando um dedo feroz na cara de Jonah. Mas sua expressão dissolveu. — Vejo você amanhã à noite, companheiro²⁸. As trimestrais estarão em sua mesa.

— Agradecido, — disse Jonah.

Jack abriu seus braços, e então me abraçou. — Adorável conhecê-la, Merit. Cuide do nosso capitão, — sussurrou, deixando-me com um rubor.

— Problemas de relacionamento? — eu me perguntei, esperando que Jonah não tivesse ouvido esse comentário, enquanto observávamos Jack desaparecer na multidão.

— Drama sem fim, — disse Jonah. — Eu não sou, como você deve ter percebido, um fã de drama. Jack tem uma tolerância muito maior. A tolerância de Paul, infelizmente, é ainda maior.

— Jack parece ser um cara confiável, apesar do drama.

— Jack é a lealdade personificada, — disse Jonah. — Eu aprecio a lealdade.

— É um grande traço de personalidade.

— Eu tenho uma sensação que você não tem visto muito disso ultimamente.

A percepção era certa - e um pouco assustadora por isso.

— Eu não sou mais Sentinela.

Ele congelou. — O quê?

Contei-lhe sobre Frank, sobre os testes, sobre tudo o que aconteceu na noite anterior.

— Eu sou um guarda agora, — eu admiti, então franzi o cenho. — Bem, eu estou agindo como um. Eu não fui oficialmente nomeada, tanto quanto estou ciente. De qualquer maneira, vou ser honesta - isso parece um rebaixamento.

— Eu podia ver isso. — Então seu sorriso ficou um pouco autossatisfeito demais para o meu conforto. — Como capitão da guarda, isso me faz o seu superior?

— Definitivamente não, — eu disse, apontando um dedo em seu peito. — Eu não preciso de chefes adicionais na minha hierarquia, muito obrigada.

²⁸ hoss no original - apelido coloquial do Sul para parceiro, um termo de amizade.



— Apenas checando. De qualquer forma, sinto muito que Cadogan está passando por essa porcaria. Se não você, seríamos nós ou Navarre. O GP está só... bem, você sabe a minha teoria sobre isso.

Eu abri minha boca, depois fechei de novo, debatendo o que dizer e como por para fora o que eu precisava. Eu decidi ir de uma vez. — Podemos falar sobre alguma coisa?

— É sobre a minha efervescência?

— É sobre a GV.

Suas sobrancelhas levantaram em interesse. — Você sabe como conseguir a atenção de um garoto.

Eu olhei para longe, então de volta para ele novamente. — Eu acho que é hora de eu tomar algumas medidas para proteger a casa. O PG está colocando os meus colegas, meus amigos, em perigo. Não está certo, e se há algo que eu possa fazer para ajudar, eu vou fazê-lo. Então, eu gostaria de participar da Guarda Vermelha.

Jonah ficou quieto por um momento. — Essa é a única razão que você devia dizer sim. Se você dissesse sim por qualquer outra razão, eu teria dito não.

Eu olhei de volta para ele. — Sério?

— É um compromisso de vinte anos, a GV, e é um caso sério. Não queremos pessoas que se juntam porque eles têm vendetas. Não queremos pessoas que se juntam porque odeiam autoridade. Queremos protetores. Guardiões. Pessoas que reconhecem a injustiça no sistema e são movidos para pará-la.

— Essas são boas razões.

— Elas são. E agora sei que seus motivos são semelhantes. Vou precisar fazer um telefonema e passar a palavra para cima da cadeia, mas para todos os efeitos, você está dentro. — Ele sorriu para mim, e desta vez havia algo mais sério em seus olhos. Não flerte. Não amizade. Parceria.

— Vamos trabalhar juntos, — ele disse. — É um relacionamento próximo, e tem que ser um de confiança. Você pode confiar em mim?

Olhei para ele por um momento, sem querer dar uma resposta sem ter pensado a sério. Eu considerei o que eu sabia dele, e considerei às vezes que ele já tinha sido o meu apoio. Em uma rave em Streeterville, quando nós salvamos uma jovem humana. Na Claudia, quando ele pisou na minha frente para me manter fora de perigo.



Ele poderia ter suas reservas, mas ele tinha apostado tudo quando contava.

— Eu confio em você, — eu disse.

Ele assentiu, e ofereceu sua mão. — Então eu estou profundamente honrado em recebê-la, Merit, na Guarda Vermelha.

— Só isso? — Não que eu tinha imaginado uma faixa e um desfile, mas parecia digno de, pelo menos, uma cerimônia ou um broche ou algo assim.

— Vamos montar uma cerimônia mais formal depois que eu avisar Noah. Isso vai demorar um pouco para organizar. Nesse meio tempo... — Ele mexeu os dedos, esperando por um aperto de mão.

Minha promessa já feita, nós apertamos as mãos.

Ao fazer isso, eu me desfiz da minha suposta lealdade pelo PG. Frank poderia ter tido a intenção de reduzir minha influência sobre a Casa. Na verdade, ele só conseguiu me trazer mais perto dos meus companheiros Noviciados e me fazer lutar mais forte por eles.

— Isso parece aconchegante.

Nós dois olhamos para trás, onde um vampiro alto, de cabelos escuros levantou-se, os braços cruzados, a malícia mal escondida em sua expressão.

— Olá, Morgan, — eu disse, pensando que Paul provavelmente apreciaria seu senso de drama.

Morgan Greer, Mestre da Casa Navarre, era sem dúvida bonito – atraente de uma forma sedutora, escura. Seu senso de humor equilibrava a sua boa aparência dissoluta, mas sua imaturidade negava ambos, na minha opinião. Por todas as contas, ele tinha tudo o que um Mestre poderia desejar - saúde, aparência, dinheiro e poder. Mas ele tinha a atitude de um adolescente amargo, mal humorado.

Hoje à noite ele usava uma camisa de botões sobre calças jeans confortáveis e botas. Seu cabelo escuro e ondulado batia em seus ombros, e ele parecia que não se barbeava há algumas semanas. Suas bochechas estavam magras-supermodelo, o que acrescentou uma borda afiada ao seu atrativo.

Eu não tinha falado com ele desde a morte de Ethan e Celina; eu não tinha certeza de como ele se sentia sobre qualquer uma, mas imaginei que as emoções seriam mistas, na melhor das hipóteses. E esta noite, ele estava em uma posição que eu não tinha visto antes - ele tinha um encontro.



A garota ao lado dele era alta e magra, com cabelos longos e escuros e um rosto exótico. Ela tinha combinado leggings escuras e um top de grandes dimensões (sem dúvida, de alguma boutique de alta costura), com saltos cinco polegadas e brincos candelabro. Ela parecia uma modelo em um vá-ver, e eu senti uma pequena pontada de ciúme antes de me lembrar que eu não poderia me importar menos.

Seu olhar roçou em mim, então Jonah, pousando em mim novamente com desgosto óbvio. — Você não perde tempo, não é?

Jonah deve ter sentido o flash rápido de magia que eu joguei para o ar, porque ele colocou uma mão de aviso no meu braço. Eu dei a sua mão um tapinha rápido de conforto.

— Estamos trabalhando, — eu disse, tentando manter a compostura e não entrar em um jogo de gritos com um vampiro emocionalmente atrofiado.

— Eu tenho certeza. Qual é a ocasião?

Havia sarcasmo suficiente em sua voz que eu não poderia dizer se ele estava tentando me provocar, ou honestamente não tinha noção dos eventos em Chicago.

— Certamente você não perdeu o pouco sobre o lago ficando preto e o céu ficando vermelho?

— Isso não tem nada a ver conosco.

Ah, então esse era o seu jogo - a ignorância deliberada. Ele conhecia os fatos, mas ele estava jogando de animal de estimação do PG e fingindo que isso não tinha nada a ver com vampiros.

— Só porque os vampiros não causaram os problemas não significa que não temos um papel em corrigi-los.

— Por que deveríamos? Por que não deveríamos focar em nossas próprias casas?

Aparentemente orgulhosa da sua resposta, a garota ao seu lado me ofereceu uma sobrancelha arrogante.

— Porque se a cidade cai, — Jonah disse, — as Casas caem com ela.

— Chicago não vai cair, — disse Morgan.

Jonah deu um passo à frente. — Porque as outras Casas assumem seu papel. — A implicação em sua declaração foi clara - Navarre não estava fazendo a sua parte.



As bochechas de Morgan coraram. — Você não tem ideia do que minha Casa está ou não fazendo por esta cidade.

— É exatamente esse o meu ponto, — Jonah disse. — Nós não temos ideia, embora não haja certamente nada que podemos ver agora.

— Lembre-se do seu lugar, vampiro, — Morgan reprimiu. Foi o mesmo aviso que Ethan tinha oferecido a Morgan quando Morgan ficou loquaz. Ao contrário de Ethan, Morgan não teve êxito.

— Com todo o devido respeito, Sr. Greer, eu devo a minha fidelidade a Scott e a Casa Grey. Se você tiver preocupações sobre a minha obediência, você pode levá-las até ele.

Morgan estava obviamente fumegante, enviando nuvens de magia irritada no ar. Mas sob essa irritação estava algo diferente. Uma pitada de medo, talvez? Isso iria tomar um pouco de investigação, mas mais tarde. Uma crise de cada vez.

Aparentemente feito com a reunião, Morgan virou as costas e foi embora. Sua namorada ficou para trás e me deu uma avaliação visual não-muito-lisonjeira.

— No caso de haver qualquer questão, — ela disse, — você deve manter suas mãos longe dele.

— Longe de Morgan?

Ela me deu um balanço de cabeça perverso.

— Fique tranquila, Morgan não está mesmo no meu radar. Mas boa sorte com ele. — Você vai precisar, eu pensei, da primeira vez que ele tiver um ataque de ciúmes ou começar a fazer beicinho sobre alguma desfeita detectada.

Não é que eu achava que Morgan era um cara mau, mas o garoto amava drama.

O encontro murmurou algo pouco lisonjeiro. Sendo uma pessoa superior, eu apenas sorri de volta para ela. Mas a reação de fantasia ainda se desenrolava em minha mente - aquela em que eu a colocava no chão com apenas um dedo em um dos seus pontos de pressão²⁹ e a segurava lá até que ela pedisse desculpas pelo desrespeito.

Talvez Ethan estivesse certo. Talvez ser um vampiro fosse arrancar a humanidade para fora de mim.

²⁹ pontos onde se pode efetuar um golpe para causar um efeito além de simplesmente dor. Alguns, quando atingidos, podem causar inconsciência; outros, dormência e perda momentânea de movimento; e existem até aqueles que podem causar morte



Após mais alguns segundos de olhares desagradáveis, ela se virou e desapareceu na multidão. Jonah e eu ficamos ali por um momento olhando para ela. Desta vez, ao invés de esperar seu golpe, eu joguei no ataque.

— Nós só namoramos por algumas semanas.

Ele sorriu um pouco. — Eu sei sobre a barganha, — ele disse. — Noah e Scott estavam no meio da multidão.

Eu tinha esquecido sobre isso. Noah e Scott tinham ambos estados presentes quando Morgan tinha aparecido na Casa Cadogan.

Eu tinha cedido, e embora Morgan pudesse ser incrivelmente charmoso, ele era muito imaturo para ser um concorrente.

— Como está Noah estes dias? — me perguntei. Noah era um guarda, mas eu não tinha ouvido falar dele desde que Jonah tornou-se meu contato primário. Ele era também o líder de facto³⁰ dos vampiros Rogue de Chicago, aqueles que não estavam ligados a uma Casa em particular.

— Ocupado. Os Rogues sempre ficam nervosos quando as Casas estão em apuros. Eles temem retaliação do PG contra eles, ou confinamento, se esta é a maneira que vai.

— Razão número quatro para juntar-se a GV, — eu murmurei.

Diversão em seus olhos, Jonah deslizou-me um olhar. — Quais eram as primeiras?

— Ajudar as casas, ter um parceiro confiável, e aquelas T-shirts 'Midnight High School'. Eu consigo uma dessas?

— É claro. Você apenas tem que encontrar algum lugar privado para mantê-la.

Eu não tinha considerado isso - que haveria equipamentos GV, materiais, documentos que eu precisava manter em segredo mesmo dentro do meu próprio quarto. Eu teria que refletir sobre isso.

Jonah esfregou as mãos. — Que tal uma bebida agora?

— Sim, por favor, — eu concordei, mas antes que eu pudesse fazer um pedido, eu tive uma vibe muito ruim. O edifício vibrou um pouco. Apenas por um momento, mas eu teria jurado que senti alguma coisa.

³⁰ expressão latina que significa "na prática", "na teoria", tendo como antônimo de jure, que significa "pela lei", "pelo direito")



— Você sentiu isso?

— Senti o que?

Eu congelei, e depois de um momento me perguntei se tinha imaginado. E enquanto eu estava lá esperando, aconteceu de eu olhar para um copo de água sobre uma mesa de bar ao nosso lado. O estrondo começou profundo e baixo, enviando ondulações sobre a água.

— Jonah-

— Eu vi isso, — disse ele, depois parou. — Talvez sejam apenas dinossauros realmente grandes.

— Ou mágica realmente grande, — eu terminei. — Eu acho que nós precisamos ir lá fora.

Eu podia ver na cara dele que ele não queria acreditar que algo estava lá fora, mas ele tinha um dever a cumprir, por isso ele estava disposto a dar uma olhada. — Vamos.

Nós deslizamos através dos corpos e mesas - os humanos e vampiros aparentemente alheios aos estrondos - e saímos para o ar frio de novembro...

E não vimos nada.

Festeiros andavam para cima e para baixo na rua. O tráfego era leve, mas havia alguns carros para fora e ao redor.

— Eu sei que eu senti alguma coisa, — eu disse, examinando a rua de um lado para o outro.

Dei mais um passo para frente e fechei os olhos, baixando algumas das defesas que eu usava para manter a massa de informação que invadia o cérebro de um vampiro sob controle. Por um momento, não havia nada... Apenas os cheiros e sons típicos de uma noite de outono em Chicago. O ar cheirava a pessoas e alimentos e graxa. Sujeira do estádio. Fumaça do trânsito.

Meus olhos fechados, minha cabeça inclinada para trás, senti o estrondo novamente, o chão vibrou debaixo de mim vertiginosamente.

— Merit! — Jonah gritou. Abri os olhos bem a tempo de ser arrebatada para trás enquanto ele envolvia um braço em volta da minha cintura e puxava.



O asfalto se dividiu, uma montanha de 6 metros de largura de terra irrompeu no meio da rua em frente a nós.



Capítulo 17

Eu senti a terra se mover

— Que diabos foi isso? — Ele Perguntou, quando vimos esta nova montanha explodir no meio da Wrigleyville. O asfalto rachado em torno dela se moveu, parando o tráfego e virando carros nas laterais da estrada. Alarmes de carro e buzinas começaram a soar pela calçada quando o caos entrou em erupção, pessoas correndo de bares e gritando. Tanto como atordoados demais para se mover, estávamos na calçada, o braço de Jonas ainda em torno de mim, olhei para ele. Arrisquei um olhar para o céu, e vi exatamente o que eu esperava ver. Estava vermelho flamejante, novamente, o céu com um relâmpago iluminado a piscar dentro das nuvens. E eu apostaria um bom dinheiro que os lagos e os rios estavam de volta ao preto e chupando magia.

— Esta é a terra. — Eu disse.

— Eu conversei com Tate. Os problemas ocorrem quando alguém mistura mágica do bem e do mal e um balanço de elementos é jogado fora no processo.

— Vamos deixar de lado o fato de que você foi ver Tate sozinha novamente. — Jonah disse. — Por enquanto. O Maior ponto é quem ou o que for responsável por esses problemas está fazendo novamente.

Antes que eu pudesse responder-lhe, o barulho recomeçou.

— Jonah, — eu avisei, e ele me soltou, e houve a próxima erupção.

— Eu senti isso, — ele concordou, e nós assistimos horrorizados, como outra montanha perfurava através da calçada em frente de um escritório imobiliário para baixo do quarteirão. Antes que pudéssemos reagir, um terceiro seguiu, há um par de blocos abaixo da estrada.

— Eles ainda estão vindo.

— E eles estão se dirigindo em direção a casa Grey, — ele freneticamente disse, puxando o seu telefone. Ele discou um número, mas então amaldiçoou.

— Eu não consigo linha.



— Vai, — eu disse a ele. — Volte para sua casa. Leve os seus vampiros com você, se você acha que precisa de ajuda.

Quando ele olhou para mim, pela primeira vez, vi o medo em seus olhos.

— Eles vão nos enterrar com isso, Merit. Eles vão nos enterrar.

O peso em meu estômago não discordava, mas ele não precisava ouvir isso agora.

— Trabalhe o problema, — eu disse a ele. — Trabalhe o problema, porque essa é a única coisa que você pode fazer. Não se preocupe sobre o próximo até que este esteja resolvido. Apertei seu braço.

— As coisas vão piorar. Considere uma inevitabilidade e sabe que eu estarei lá para ajudar a trabalhar o problema quando ele vier.

Por um segundo, ele fechou os olhos, evidentemente com alívio em seu rosto. Talvez ele precisava de um parceiro por um longo tempo. Talvez Jonah precisasse de alguém para confiar, também.

— Eu vou estar na Casa, e eu vou fazer meu caminho de volta aqui uma vez que esteja confiante que as coisas estão bem.

Eu dei-lhe um aceno de cabeça, e ele correu de volta para Benson para agarrar as tropas. Eu olhava para a destruição na minha frente, sem saber o que fazer.

— Oh, meu Deus! — Alguém gritou.

Eu virei minha cabeça na direção dos gritos. A erupção do terceiro tinha aparecido diretamente debaixo de um sedan, e o ocupante, uma mulher que eu adivinhava estar no final de vinte anos, havia subido para fora do carro e estava empoleirada no topo da montanha de asfalto e solo. Que provavelmente tinha uns 40 pés de altura, a altura de um edifício de 4 andares. Dentro de uma fração de segundo, seu pé escorregou e ela caiu sobre uma borda de asfalto, se balançando com nada abaixo dela, além de veículos e a rua. Eu comecei a correr.

— Estou indo! — Eu disse a ela, com uma multidão de seres humanos reunidos abaixo, as mãos sobre bocas, apontando para o céu.

— Somente se segure!

Enquanto o trovão ribombou, eu subi a antiquada forma com minhas próprias mãos. E as coisa não foram fáceis. O morro era coberto por pedaços de asfalto partido sobre terra solta e rocha, de modo que a montanha inteira era escorregadia. Era impossível avançar sem regredir um pouco para trás, e eu perdia o meu ponto de apoio



a cada poucos segundos. A mulher gritou novamente, claramente aterrorizada, isso com unhas sujas e botas escorregando, eu mantive meus olhos na terra diante de mim e me movi, muito lentamente para cima, finalmente no planalto de asfalto. Chutei meus pés para o lado, e quando eu tinha certeza de que era estável o suficiente, me arrastei com as mãos e os joelhos em direção a menina. Eu podia ver os dedos sujos, com as unhas sangrando na beira do asfalto.

— Estou aqui. — Eu disse a ela. — Eu estou aqui. Eu coloquei a barriga perto da borda e olhei por cima. Nós estávamos a 40 pés do chão. Supondo que eu lembrava de como saltar com segurança, a queda não me incomoda. Mas nesta altura, ela não seria tão fácil. Encontrei-a e agarrei o pulso. Ela soltou e afrouxou seu aperto no asfalto com a mão, o que tornaria mais fácil para mim puxá-la para cima, mas deu-me o fardo de todo seu peso. Não é que ela fosse pesada, ela era uma menina, mas estávamos ambas penduradas sobre um quadrado de asfalto ligadas apenas pelos nossos dedos ao redor de pele e suor.

— Não se solte, — eu disse a ela. Seu rosto ficou vermelho com o esforço, mas ela conseguiu. Eu tinha a força para levantá-la, mas sua pele estava úmida de suor, e meus dedos estavam escorregando. Isto não era um bom trabalho.

— Qual é seu nome?

— Miss-Missy. — Ela gaguejou.

— Missy.

— Missy, eu preciso que você faça algo para mim, ok? Eu envolvi outra mão ao redor do pulso. Sua mão escorregou outros centímetros, e um relâmpago iluminou o céu.

Ela gritou, e eu vi o pulso de medo em seus olhos.

— Oh, Deus. Oh, Deus. Oh, Deus.

— Missy, me escute. Missy. Missy! — Eu repeti o nome dela até que ela encontrou meu olhar novamente.

— Eu posso ajudá-la aqui, mas eu preciso de você para me ajudar também, ok? Eu preciso que você me dê sua outra mão. Seu olhar deslizou para unhas irregulares, que estavam mal segurando a beira do asfalto.

— Eu não posso.

— Você pode, — eu lhe segurei. — É absolutamente possível. E eu sou forte o suficiente para agarrá-la e puxá-la para cima, mas eu preciso de sua ajuda ok?



Ela escorregou outro centímetro, e enquanto a multidão abaixo gritava, eu lutei de volta com o meu próprio pânico crescente.

— No três, — Eu disse a ela.

— Eu quero que você me dê a mão esquerda. Você pode fazer isso. Eu sei que você pode. Ok?

Ela balançou a cabeça.

— Eu não sou forte o suficiente. Eu não sou forte o suficiente.

Eu não tenho certeza se ela escorregou ou se soltou, mas eu estendi a mão e agarrei a mão dela, assim que as pontas dos dedos perderam contato com o asfalto. Com ambos os punhos na mão, eu me preparei e a puxei para cima e sobre a borda. Ela imediatamente colocou os braços em volta de mim.

— Oh, Deus, obrigada. Obrigada.

— De nada, — eu disse, ajudando-a a assumir um assento na borda. Ela abraçou-me em um abraço, lágrimas fluindo agora, e eu a deixei chorar até que ela se acalmou o suficiente para me soltar.

— Você fez muito bem, — eu disse a ela.

— Eu ainda tenho que descer, — ela disse. — Eu estava apenas indo comprar leite. Na loja. Apenas leite. São os vampiros, não é? Isto é culpa deles?

Meu peito ficou frio, mas eu empurrei para baixo a explosão de raiva e meu desejo de discutir com ela. Este não era o momento, nem o lugar. Olhei ao redor. Bombeiros com escadas estavam se movendo em direção a nossa montanha. Eles fizeram contato com os olhos comigo, e o sinal de que eles estariam acima. Olhei ao redor do resto do Wrigleyville, que parecia um desastre com área de dunas de terra e asfalto e carros, pessoas sangrando, poeira e fumaça em toda parte. Olhei de volta para Missy.

— Há dois bombeiros vindo te pegar, — eu disse, apontando para eles.

— Você ficará bem aqui, até que eles cheguem? Eu preciso voltar ao trabalho. Pode haver outras pessoas que precisam de ajuda.

— É claro. Deus, obrigada, obrigada.

— De nada. Eu cuidadosamente me levantei novamente, mas me virei de volta para ela.



— Eu sou uma vampira, eu disse a ela. — Nós não causamos isso, mas estamos tentando pará-lo. — Sorri gentilmente. — Tudo bem?

Seu rosto ficou um pouco mais pálido, mas ela balançou a cabeça.

— Ok, okay. Com certeza. Obrigada.

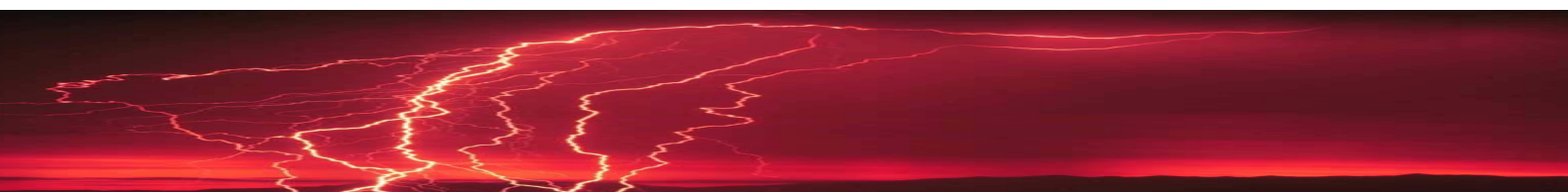
— De nada.

Com um sorriso final, tomei o primeiro passo verdadeiramente terrível que transformou-se no oh-meu-Deus-que-foi-foda voltar para o chão. Eu caí com uma mão no chão, e levantei o olhar para olhar de volta para Morgan. Ele estava na borda da multidão, seu traje e botas ainda perfeitamente limpos. Aparentemente, ele não se preocupou em ajudar. Eu balancei minha cabeça com tristeza, e esperava que ele estivesse envergonhado por sua inação. E se ele não estava, se havia algum motivo mais profundo, melhor para a sua inação do que a sua recusa em sujar suas roupas extravagantes, eu ia ter que investigar isso também. Eu ia ter que descobrir o que diabos estava acontecendo na casa Navarre. Mas, novamente, era um problema para outro dia.

Levantei-me e olhei em volta. Morgan poderia não estar disposto a agir, mas Ethan tinha me ensinado melhor. Mesmo que eu tivesse que ir sozinha, eu não ia ficar parada e deixar que alguém mais fizesse o meu trabalho por mim. Eu andava pela montanha de sujeira e voltei a trabalhar. A terra parou de roncar, mas havia dezenas de carros derrubados ou abandonados e muita terra no meio da Wrigleyville. O dano não foi arquitetônico, mas as estradas e calçadas em quatro quarterões tinham ido para o inferno. E não foi o único; havia bolsões por toda a cidade. Felizmente, eu não tinha ouvido falar de qualquer fatalidade, mas as lesões e danos aos carros, estradas e propriedade iriam ser ruim o suficiente para nós. Eu estava imunda, fria, e quando o escopo da destruição e da possibilidade de graves consequências para os vampiros, tornou-se claro, eu fiquei cansada.

Isso não era culpa nossa. Não havia evidência de vampiros terem algum papel no que havia acontecido em Wrigleyville. Mas eu não tinha sido capaz de pará-lo, e o peso sentou-se pesadamente em meus ombros e no meu intestino. Eu investiguei e entrevistei, as hipóteses e teorias. . . e eu estava de mãos vazias. Tate sabia demais para me despedir do envolvimento dele, mesmo que eu não estava inteiramente certa do que era. E enquanto eu pensava que Simon era a chave para o *Maleficium*, eu não podia chegar perto o suficiente para descobrir.

Isso teria que mudar.



Eu precisava de um pouco de tempo e espaço a partir do caos, então eu caminhei até a rua a poucos quarteirões até que os sons e o cheiro de novo, terra úmida começou a desvanecer-se. Cheguei às barricadas que o CPD tinha estabelecido na beira da destruição, e era ruim o fato de que o meu avô já não podia mostrar-se a estes eventos em uma capacidade oficial, quando eu parei.

A poucos metros de distância da barricada, o meu pai estava na calçada debaixo, vestindo uma camisa e um blusão PROPRIEDADES MERIT. Ele estava na supervisão dos homens que estavam descarregando o plástico envolto das embalagens de garrafas de água para a calçada, onde uma mulher que eu reconheci como uma administradora no escritório do meu pai entregou. Andei em direção a eles, e esperei até que os trabalhadores deixassem o meu pai sozinho.

— O que você está fazendo aqui?

— Serviço público, — ele disse. — O escritório está apenas acima da estrada, e nós estávamos com o caminhão pronto para uma conferência em um edifício em Naperville. Nós decidimos que poderia ser colocado em um melhor uso, por isso corremos aqui pra baixo.

A razão podia ter sido legítima, mas eu ainda questionava seus motivos. Eu não poderia ajudá-lo, meu pai despertava o pior em mim. Eu sempre fui uma estranha, onde a minha família estava envolvida, e o negócio com Ethan não tinha ajudado. Meu pai achava que ele estava me fazendo um favor me dando uma imortalidade que eu não tinha pedido, mas que não tornava menos que uma violação.

Ele fez um gesto atrás de mim, e eu olhei para trás. Empoeirados, homens e mulheres estavam em pé ou sentados no meio-fio nas proximidades bebendo água.

— Este foi um bom pensamento, — eu disse. — Mas você não pode usar pontes que foram queimadas há muito tempo.

Ele usou um estilete para cortar o plástico de um novo pacote de garrafas e passou um para mim.

— Esta é a diferença entre você e eu: eu me recuso a acreditar que pontes foram queimadas. Cada momento é uma nova oportunidade.

Eu aceitei a garrafa de água, e deixei isso se colocasse como qualquer agradecimento adicional. Atravessei a rua para a calçada e me sentei, meus músculos doloridos do esforço. Eu tinha tomado um gole só quando Jonah se sentou ao meu lado. Ele parecia tão sujo como eu, faixas de lama e sujeira em seu jeans e camiseta.

— Tudo bem na casa Grey? — Eu perguntei.



— Yeah. O dano não se estendeu tão longe. Ele olhou a rua, os olhos estreitando quando viu o caminhão.

— Será que o seu pai de repente se tornou caridoso?

— Não é sem um motivo. Alguma sugestão?

Jonah pegou a garrafa de água de mim e tomou um longo gole.

— O que foi isso?

— Enquanto você está ocupado com minhas costas, não se surpreenda quando os familiares estiverem lá para me esfaquear.

— É pra isso que os parceiros são, — assegurou. — Bem, isso, e tirar você fora de Doged, quando as coisas começarem a ficar feias. Ele apontou para alguns seres humanos do outro lado da rua que estavam começando a olhar para nós com olhos tortos. Talvez eles nos reconheceram como vampiros, talvez eles não o fizeram. De qualquer maneira, eles não estavam entusiasmados com a destruição em seu bairro, e parecia que eles estavam procurando alguém para culpar.

— Vamos para a casa Grey, — ele disse, uma mão no meu cotovelo para me ajudar.

— Vamos para lá e vamos fazer um plano e começar a descobrir algo sobre essa coisa.

— Você acha que vai ser assim tão fácil?

— Nem perto, — ele disse.

— Mas minha regra é: Faça um plano. Eu acho que um plano é melhor do que nada.

Os vampiros de Scott Grey estavam tomando turnos auxiliando no rescaldo da destruição, e ele tinha estabelecido comida e estações de ajuda no átrio aberto da Casa para qualquer vampiro na vizinhança que precisasse de uma pausa. Ele também me deu um local tranquilo para ligar para Catcher.

— Como estão as coisas para o norte? — ele perguntou.

— Muito ruim, — eu admiti, e dei-lhe o reconhecimento do terreno... e a magia.

— Parece que Claudia estava certa e que estamos olhando para magia Elemental. Da água e do Ar.



— E agora a terra, — Catcher terminou.

— Yeah. Não vi qualquer indício que desta vez Tate está envolvido, mas sua teoria de desequilíbrio mágico está parecendo mais plausível. E se ele estiver certo, isso significa que alguém tem o *Maleficium*. Eu quero conversar com Simon.

— E a sua sugestão é para passar pelos filhos da puta da Ordem?

— Lembre-lhes que o mundo pode estar chegando ao fim. Diga-lhes que acho que o *maleficium* está sendo trabalhado. Tenha o meu avô falando com eles, ou diga-lhes que o ex-prefeito pode ou não ter algum tipo de mágica antiga ou estar tentando trazer uma nova era do mal. Diga-lhes o que quer que você deseje. Mas faça-os entender.

Ele murmurou alguma coisa sobre as mulheres e hormônios, mas quando ele desligou o telefone, eu decidi que tinha feito o meu ponto. Jonah entrou pela porta.

— Encontrou alguma coisa?

— Essa maldita burocracia vai me matar esta semana. Catcher está me dando problemas sobre como conseguir um encontro com Simon.

— Nós provavelmente poderíamos tentar novamente com Tate, também.

Eu não queria fazer isso, mas eu estava ficando sem opções. Passei alguns minutos dando a Kelley e Malik uma atualização, e recebi um texto exatamente como eu tinha previsto:

SIMON. UMA HORA.

COMPANHIA DE ABASTECIMENTO JENKINS .

— Companhia de abastecimento Jenkins? — Jonah perguntou quando eu mostrei a mensagem.

— O que é isso?

— Eu não tenho ideia, — respondi.

— Vamos descobrir.



Companhia de abastecimento Jenkins, era uma loja de ferramentas não muito longe do Hyde Park. Antes de se dirigir pra lá, ficamos fora por um momento apenas analisando o prédio. Era uma mom and pop stores ³¹ de armazenamento, com um sinal vermelho acima da porta em letras cursivas. Não havia muitos carros no estacionamento, mas as luzes ainda estavam acesas, assim nos dirigimos para dentro.

Como lojas de ferramentas, ela cheirava a borracha, tintas e madeira. Um homem mais velho de cabelos brancos e óculos quadrados estava perto de uma caixa registradora, e ele acenou para nós quando entramos.

Nós oferecemos sorrisos e passamos por ele para um corredor de acessórios para o frio, pás, luvas, derretedores de neve e snowboarders. Todas as necessidades de um inverno de Chicago.

Não havia nenhum sinal imediato de Simon, mas havia ligeiro rastro de magia na loja. Fiz um gesto para Jonah, e o segui como um cão de caça.

Encontramos Simon e Mallory juntos em um corredor com pequenas ferramentas, martelos, chaves de fenda, esse tipo de coisa. Eles estavam carregando itens em uma cesta.

Jonah e eu trocamos um olhar, então fizemos o nosso caminho pelo corredor. Simon olhou para cima enquanto caminhávamos na direção dele. Ele usava uma camisa pólo e jeans, e parecia completamente inócuo. Mas não havia dúvidas sobre a preocupação em sua expressão. Era a preocupação com o que estava acontecendo, ou porque ele foi pego?

Mallory também parecia pior pelo desgaste; os exames tinham claramente acabado com ela. Ela parecia cansada, e sua camiseta e calças jeans pareciam estar mais folgadas do que o habitual. Eu sempre ganhara peso durante os exames, muitas pizzas tarde da noite e sorvetes. Ela sorriu um pouco para mim, depois cruzou os braços, escondendo as mãos. Ela mal fez contato visual.

Meu estômago se enrolou com os nervos. Talvez Simon sabia algo sobre o *Maleficium* e ela não conseguia nos dizer.

³¹ No original: Mom and pop stores são empresas que pertencem e são operados em um único local. Ao invés de ser parte de uma cadeia nacional, essas lojas oferecem uma alternativa de compras para os consumidores que desejam lidar com empresas que são nativas de uma determinada cidade ou vila, e onde os proprietários do negócio são membros da comunidade local .



— Quanto ruim está lá fora? — Simon perguntou.

— Muito ruim, — eu disse. — A limpeza vai levar um tempo.

— Não houve fatalidades, certo?

— Nenhuma, — Jonah confirmou.

— Lesões menores e maiores nos danos à propriedade. O que você está fazendo aqui?

— Conseguindo suprimentos, — ele disse, em seguida, apontou para Mallory.

— Os exames, a Ordem não vai permitir que os exames sejam suspensos. Se pararmos, ela falha. Mas nós estávamos pensando que poderíamos usar o último exame para ajudar a limpar. Mover as montanhas, nos seus locais.

Curioso, eu espiei na cesta de Mallory. Que detinha velas, sal, e um par de lápis de construção. Nada perigoso, pelo menos, do que eu poderia dizer, e coisas que parecia muito Bruxa. O tipo de coisa que você pode ter usado para trabalhar um feitiço que encontrou na Internet.

— Achemos que eles estão seguindo um padrão elementar, — Jonah afirmou.

— Água, ar e terra agora. Você sabe quem pode estar fazendo isso?

— Eu estive pesquisando, — disse Simon. — E eu sei que Catcher também. Eu não encontrei nada ligando a estes tipos de problemas.

— E sobre a Ordem?

Simon e Mallory trocaram um olhar, e depois Simon olhou em volta preocupado como se esperasse alguém para irromper pela porta atrás dele.

— A Ordem tomou uma linha dura, — disse Simon, inclinando-se conspirando para frente, e não havia dúvidas quanto ao medo em seus olhos.

— Eles acham que não há magia antiga envolvida além da magia que existia antes da Ordem ser organizada. Este não é seu território, e eles não querem nada com isso.



— O que você sabe sobre o *Maleficium*?

— Não diga isso em voz alta, — Simon sussurrou. — Isso é material perigoso. A Ordem ficaria louca se eles escutassem a menção do nome.

— Tudo bem, — eu disse. — Chame do que quiser. É possível alguém estar usando isso agora para trabalhar algum tipo de magia? Isso poderia estar em Chicago?

— Isso está trancado a sete chaves, — ele me assegurou. — Não é nem mesmo possível.

Jonah franziu a testa para ele.

— Então, como você explicaria o que está acontecendo?

— Não é um feiticeiro, — Simon disse lentamente, — Então isso tem que ser Tate.

Eu não discordo que estávamos ficando sem opções. Eu só não estava convencida que Simon não estava envolvido. Se eu tivesse aprendido qualquer coisa nos últimos meses, foi que as coisas raramente eram tão simples quanto parecia. Simon foi muito rápido, com as respostas, também positivo em seus fatos. O mundo sobrenatural raramente era preto ou branco.

Mas se ele estava dizendo a verdade, e ele já não reconhece esse princípio, não havia esperança para ele agora. Assim eu ofereci-lhe um sorriso vago, então verifiquei Mallory. Ela finalmente fez contato com os olhos, seu olhar desafiador, como se ela estivesse me desafiando a acusá-la de alguma coisa. Talvez ela não estava escondendo nada. Talvez ela ainda estivesse irritada com o telefonema que tivemos outro dia, interrompendo seus estudos para acusar feiticeiros de estar envolvido nos acontecimentos de Chicago.

Seus olhos se deslocaram para algo atrás de mim, e eu olhei ao redor. Catcher andou pelo corredor, seu passo determinado e nenhum amor perdido em sua expressão. Ele olhou para mim e Simon, e eu não tinha certeza se ele estava chateado ou apenas sentindo particularmente protetor.

— O que você está fazendo aqui? — Mallory perguntou, obviamente intrigada.



— Eu pensei que eu ia lhe dar uma carona para casa, — Catcher disse. — Você terminou por hoje, certo? — ele olhou incisivamente em Simon, e tornou óbvias suas suspeitas.

— Terminamos, — disse Simon. — Mal, eu vou ver você amanhã à noite.

— Com certeza, — ela disse com o que parecia um meia-forçado sorriso. Mas isso não impediu o rosnado agressivo na direção do Catcher. Ele a levou com carrinho de compras com uma mão e colocou a outra mão em suas costas, onde ele a guiou longe de Simon e em direção à frente da loja.

— Acho que o estresse está afetando ambos, — disse Simon.

— Eu acho que isso é provavelmente verdade, — eu concordei.

— Bem, eu preciso pegar algumas coisas aqui para Mallory trabalhar amanhã. Entre em contato se houver alguma coisa que podemos fazer para ajudar.

— Com certeza, — Jonah disse, e nós vimos ele andar para trás pelo corredor.

— Ele é tão ingênuo? — Eu perguntei.

— Eu não tenho certeza. E fez Catcher apenas brincar de namorado ciumento?

— Ele está lutando com alguns demônios emocionais agora.

Ficamos ali em silêncio por um momento.

— Se for Tate, — Jonah disse, — vamos ter que pegá-lo por conta própria. Meu estômago resmungou.

— Posso pegar um cachorro quente antes de nós salvarmos o mundo?

— Definitivamente, — disse ele. — Você pode pagar.

Ele andou em direção à porta. Eu o segui.

— Por que eu tenho que pagar?



Ele empurrou a porta aberta, segurando-a, assim eu poderia passar.

— Porque você é minha nova parceira. É costumeiro.

— Vamos usar outro costume. — sugeri, recuando para o exterior. — O cara paga.

— Vamos conversar no carro.

De alguma forma, com o Armageddon em nossas mentes, nós atacamos os cachorros quentes e conversamos. Mas quando chegou a hora, eu decidi que eu ainda ia fazê-lo pagar.

Jonah me levou de volta para a Casa, o meu carro ainda estava em Wrigleyville, mas eu ia ter que esperar um pouco. Provavelmente, o caos ainda estava por lá, e eu não tenho tempo para lidar com a polícia e o trânsito.

Encontrei Kelley, Juliet, e Lindsey na Sala de Operações, na mesa de conferência, todos os olhos na tela gigante. Outro noticiário mostrava a destruição em Wrigleyville acima de uma legenda que culpava inteiramente a nós. Não é exatamente surpreendente, mas ainda prejudicial. Nós tínhamos sido os primeiros na cena; nós fomos os que salvaram seres humanos. Independentemente de tudo isso, a lei de registro tinha passado, e éramos inimigos em nosso próprio país.

Kelley, se virou para mim. Eu estava ainda lamacenta e suja, e, provavelmente, não parecia grande coisa.

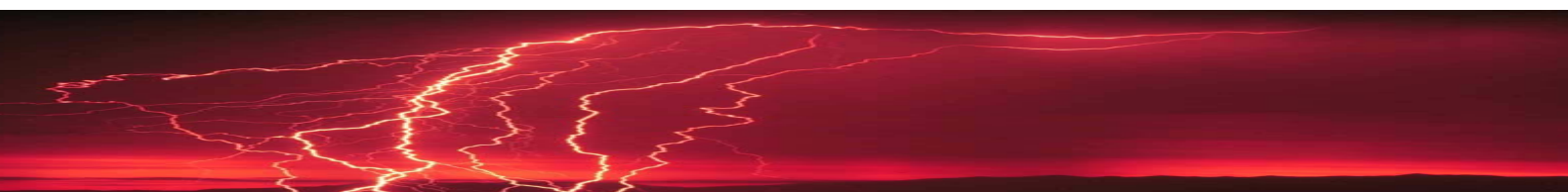
— O que você aprendeu com Simon?

— A Ordem acha que isso é coisa de Tate. Com base em nossa última conversa, Tate acha que isso é uma questão do *Maleficium*. Simon está convencido de que o *Maleficium* está seguro e sadio, e Mallory não pode parar os exames porque a Ordem não faz exceções.

Sentei na mesa ao lado de Lindsey.

— Em outras palavras, eu não tenho nadinha.

— Não, — disse Lindsey, colocando a mão no meu braço.



— Você só acha que não tem nada. A informação está lá fora. Você só não a viu ainda.

— Então, vamos olhar para a floresta. — Eu disse. Catcher uma vez usou o quadro branco para procurar por um padrão nas raves – orgias de sangue de vampiros – surgindo em toda a cidade. Tínhamos um equivalente computador, então eu peguei uma caneta e mudei a tela de entrada de um computador que estava na mesa de conferência.

— Ok, — eu disse, começando a esboçar o que sabíamos em uma cronologia que foi projetada na tela.

— Até agora nós vimos três dos quatro elementos. Água. Ar. Terra.

— Isso significa que o fogo é provavelmente o próximo, — disse Lindsey, então eu acrescentei "Fogo" e circulei.

— Tate diz que essas coisas estão acontecendo porque o equilíbrio entre o bem e o mal mudou e eles não estão em equilíbrio, e isso é perturbar as regras do mundo natural.

— Por que alguém está usando o *Maleficium*? — Kelley perguntou.

— Essa foi a teoria da Tate. — Rabisquei mais.

— Bem e mal foram divididos. Mal entrou no *Maleficium*. Bem ficou fora do *Maleficium*.

— Tate poderia estar usando o *Maleficium*? — Juliet perguntou.

— Eu nem tenho certeza como ele poderia, dado o seu entorno. Ele está sob um bloqueio muito forte e uma chave. E seu quarto está vazio. Catcher me mostrou uma foto.

— Bem, Lindsey disse — há alguma outra maneira que poderíamos empatar a magia? Não temos quaisquer outras provas? E qualquer outra coisa estranha acontecendo?

— Eu tenho tido sonhos horríveis, — eu disse sarcasticamente. Mas depois eu pensei sobre isso. . .



— Merit? — Lindsey calmamente perguntou depois de um momento. Meu coração começou a bater descontroladamente, e eu olhei para ela.

— Eu tenho tido sonhos com Ethan. Começaram algumas semanas atrás. Mas eu tive um monte só esta semana.

— Não há nada de errado em ter sonhos sobre Ethan, — Juliet disse.

— Você sabe, considerando o que aconteceu.

Eu balancei minha cabeça.

— Eles não são esses tipos de sonhos. Eles são grandes sonhos. — Compreendimento me atingiu. — E há sempre algo elementar neles. Houve uma tempestade, e um eclipse, e depois ele desapareceu em cinzas.

— O céu, água, terra, — disse Juliet, empalidecendo um pouco.

— Você está sonhando com as coisas que estão acontecendo na cidade.

Eu pensei de volta aos sonhos, e rapidamente rabisquei no cronograma. Quando isso foi feito, nós olhamos para a tela.

— Você sonhou com eles antes que aconteceu, — Lindsey disse calmamente.

— Mas o que isso significa? Que você está um pouco psíquica? Quero dizer, isso é possível, eu acho. Eu tenho habilidades loucas, afinal.

Eu fiz uma careta. Essa era uma explicação, mas não bastava para mim. Juliet calmamente ergueu a voz e fez a pergunta.

— Será que a magia, quem está fazendo isso e o que eles estão tentando realizar poderia estar afetando você separadamente? Através dos sonhos, eu quero dizer?

Silêncio.

— Eu não quero ser cruel — Lindsey disse, — Mas Ethan se foi. Estava lá, as cinzas. Você viu, e você viu colocarem as cinzas no cofre da Casa. Ela estava certa, então eu assenti.



— Eu sei.

— Espere, — disse Kelley. — Não vamos chegar à frente de nós mesmos. Assim nós pensamos que o *Maleficium* está ligado aos elementos. O que é exatamente?

— Tate disse que era um recipiente que possui o mal, — eu disse.

— Isso é tudo que eu sei.

Ela franziu o cenho.

— E nós estamos falando, do que, como uma urna? Um vaso? Você se lembra de vê-lo em qualquer lugar? Talvez em Creeley Creek quando você estava lá?

Quebrei a cabeça, folheando as imagens mentais das coisas no antigo escritório de Tate, mas não consegui chegar a qualquer coisa. Mas eu conhecia alguém que podia. Inclinei-me para o telefone de conferência no meio da mesa e liguei para o bibliotecário. Ele respondeu com seu título.

— Bibliotecário.

— É Merit. Tenho uma pergunta para você. O que você sabe sobre o *Maleficium*?

Seu silêncio foi chocante e forte, e então sua voz era surpreendentemente.

— Como você ficou sabendo sobre o *Maleficium*?

Olhei para Kelley, e quando ela deu de ombros, continuou.

— O prefeito Tate. Eu sei que é um recipiente que contém o mal, blah blah blah. Você tem mais alguma informação sobre isso? É grande? Pequeno? Uma caixa? Uma urna?

— Não é nenhuma dessas coisas, — ele disse.

— O *Maleficium* é um livro. Um livro de magia, para o qual nós somos os guardiões atuais. Minhas mãos tremiam na mesa pela súbita explosão de adrenalina.

— O que quer dizer nós?



— Nós, como a casa Cadogan. Foi dada a Ethan para guardar.

— Mas os feiticeiros todos pensam que a Ordem tem. Catcher mencionou algo sobre Nebraska. Como podiam não saber que está na casa Cadogan?

Ele fez um som de desdém.

— Se você tivesse um livro que contesse todo o mal do mundo e explicasse a sua utilização, você deixaria que os feiticeiros soubessem onde ele foi mantido? Você deixaria a Ordem, as mesmas pessoas que iria tentar usá-lo serem os seus guardiões? Eles ajudam a escolher os guardiões, mas eles são os últimos que deveriam ter a posse.

Ponto feito. Assim, para resumir, a Ordem não tinha o *Maleficium*. Estava são e salvo na Casa Cadogan. Pelo menos, era suposto estar. Mas se a magia que cruzou a fronteira entre o bem e o mal estava sendo trabalhada por toda a cidade para reunir o bem e o mal, talvez não estivesse tão seguro...

— Já que somos seus guardiões, — Eu calmamente comecei, — onde nós armazenamos o *Maleficium*?

— Eu não deveria dizer isso, você sabe. Mas dado o que está acontecendo lá fora. . . — Ele parou, e por um momento eu pensei que ele não iria confessar. Mas então ele disse às palavras que mudou tudo.

— O *Maleficium* está no cofre da casa.

Com a notícia em mãos, Kelley chamou Malik e Luc até a Sala de Operações. Frank, infelizmente, decidiu aparecer. Quando estávamos todos reunidos, Lindsey fechou a porta da sala novamente.

— Kelley? — Malik pediu.

— O que está acontecendo? — Ela olhou para mim.

— Isso é com Merti, — ela disse, e cedeu o lugar. Em sua homenagem, eu coloquei para fora.

— Sabemos que a casa Cadogan é a guardiã atual do *Maleficium*, o livro que contém o mal.



A sala ficou em silêncio. Frank se gabou um pouco sobre magia e segredos, mas eu continuei meus olhos treinados em Malik e eu vi no segundo que ele decidiu contar-nos a verdade.

— Nós somos os guardiões, — Malik concordou, segurando uma mão para silenciar Frank.

— É sempre passado de um guardião para outro em segredo. A casa McDonald tinha no passado. O temos agora.

— E ele é armazenado no cofre? — Eu perguntei. Depois de um momento, Malik assentiu.

— Eu acho que nós precisamos verificar o cofre.

— Por quê? — Malik pediu.

— Eu soube que os eventos que temos visto refletem um desequilíbrio entre o bem e o mal,— expliquei. — O bem e o mal usados para serem unidos. O mundo como nós o conhecemos agora existe apenas porque o bem e o mal estavam separados uns dos outros. O mundo mantém suas regras apenas enquanto eles permanecem em equilíbrio, opostos de igual força.

— E quando eles estão desequilibrados, — Luc disse, — O natural do mundo dá errado. Terra. Ar. Água.

— Exatamente, — eu disse com um aceno de cabeça.

— O malefícium fala da divisão entre o bem e o mal, e identifica os feitos mágicos a serem realizado, exige cruzar a fronteira entre o bem e o mal. A mistura de bem e magia negra.

— Então se você acha que o mundo natural está desfazendo, alguém deve estar usando o *Malefícium*, — disse Luc.

— Isso é uma teoria interessante, Merit, mas não houve ninguém na Casa desde que Tate emitiu a proibição sobre os humanos apenas o Sr. Cabot e os vampiros da Cadogan. E nenhum de nós seria capaz de usá-lo eficazmente.



Por um momento, eu pensei que ele estava certo, mas meu estômago de repente, enrolou com o medo, toda a respiração me deixando. Luc, eu percebi, estava errado, absolutamente errado.

— Merit, — questionou.

— Você está bem?

Olhei ao redor da sala, minha cabeça girando com horríveis possibilidades.

— Havia mais alguém na casa. Todos os olhos se voltaram para mim.

— Merit? — Malik questionou. Eu mal podia fazer-me dizê-lo. — A semana depois da morte de Ethan, Mallory estava aqui. Foi concedida permissão para ficar no meu quarto comigo. Silêncio novamente.

— Merit, — disse Luc.

— Mallory não tomaria algo da Casa.

Não? Eu pensei sobre nossas conversas ao longo da semana passada, sobre as coisas que eu tinha visto e as coisas que tínhamos discutido. Sobre sua rachadas e agitadas mãos. Sua incapacidade de fazer contato com os olhos. Sua irritabilidade, e sua aceitação sobre a magia negra.

Será que eu fui tão estúpida? Tão ingênua?

Eu abri minha boca para falar, mas fiz uma pausa, considerando as implicações do que eu estava prestes a dizer. Se eu estava certa, meu relacionamento com Mallory nunca mais seria o mesmo.

Mas se eu estava certa, meu relacionamento com Mallory não tinha sido o mesmo em dois meses.

— Eu acho que a magia a mudou. Eu acho que o que ela está fazendo para esses exames ou qualquer coisa que ela vem fazendo em seu aprendizado, a mudaram. — Eu ofereci minha evidência, e depois chegou à parte mais condenável.

— Quando eu a visitei no início da semana, ela estava lendo um livro.



— A feiticeira com um livro? — Frank perguntou secamente. — Que surpreendente.

Desta vez, Malik não se incomodou em esconder quando rolou os olhos.

— Com o que o livro se parece?

— Era grande. — Fechei os olhos, imaginando-me ao lado de Mallory em sua mesa. — Couro vermelho, eu disse, — Com um símbolo de ouro na capa.

Como se eu tivesse apenas confirmado o seu pior medo, Malik esfregou as têmporas com uma mão, e então ele tirou uma chave quadrada em uma corrente de metal debaixo de sua camisa.

— Peço a Deus que você esteja errada, — ele disse.

— Vamos verificar o cofre.

— Isso é sem precedentes, — disse Frank — E altamente inadequado. As cinzas de um vampiro mestre estão contidas ali. Você não vai abrir o cofre da Casa. Malik olhou para ele com um olhar duro.

— Você é um representante do GP e um convidado nesta assembléia. Mas você não é um Mestre, e você certamente não é mestre *desta* casa. Você pode rever os protocolos e você pode testar esses vampiros. Mas você não vai, em hipótese alguma, emitir ordens para mim. Você não é meu mestre, Sr. Cabot, e eu recomendo que você não esqueça disso.

Com isso, Malik virou as costas e seguiu para a porta.

Um por um, o resto de nós o seguiu.

A viagem pelo corredor do porão para o cofre parecia um funeral. Havia uma santidade, a possibilidade de que a Casa havia sido violada, e por uma mulher que eu acreditava que era minha melhor amiga e que tinha sido minha irmã.

Malik deslizou a chave para o cofre. Desengatando o bloqueio com um clique audível. Ele levantou uma mão para a porta, mas parou por um momento antes de



segurar a alça, equilibrando-se. Depois de um momento, seus dedos tocaram o trinco e a porta estava aberta.

Malik estava em pé diante dele, bloqueando a visão interior, e em seguida saiu para o lado, seu olhar em mim.

Meu coração batendo descontroladamente, eu olhei para dentro.

A Esperança e o medo ao mesmo tempo floresceram.

O *Maleficcium* não era a única coisa que falta.

O cofre estava vazio.



Capítulo 18

Quem é cada bruxa?

Dez silenciosos minutos depois, tínhamos nos reunido na Sala de Operações. Todos exceto Frank, que tinha subido as escadas para fazer uma ligação, sem dúvidas para o GP.

O *Maleficium* tinha sumido.

As cinzas sumiram. Não – as cinzas de *Ethan* tinham sumido.

— Como ela pode ter feito isso? — Luc perguntou quietamente. — Não só pegar o *Maleficium*, mas roubar as cinzas? Isso não se faz. Não é certo. É sacrilégio.

— O que aconteceu, aconteceu, — Malik disse calmamente. — Mesmo o ato sendo horroroso, não podemos acusá-la do crime sem fatos. Não temos nenhuma evidência que ela fez isso. O mais importante, por quê? Por que uma feiticeira em desenvolvimento faria tal coisa?

— Eu não posso te dizer por que ela o fez, — Lindsey disse, dando as costas para o computador, seu rosto anormalmente pálido. — Mas posso confirmar que ela o fez.

Fomos todos até seu computador, onde Lindsey tinha colocado duas fitas da gravação de segurança. — Não monitoramos a câmera do porão frequentemente porque fica bem ao lado da Sala de Operações, — ela disse, — mas nós gravamos o vídeo. É ativado por movimentos, então não demorará muito para encontrar o que estávamos procurando.

O vídeo era preto-e-branco e granuloso, mas era impossível não ver Mallory Delancey Carmichael, ex-executiva que virou feiticeira, pegando o *Maleficium* do cofre.

— Como ela abriu o cofre? — eu perguntei quietamente.

— Magia, — Lindsey disse. — Eu adiantei o vídeo até essa parte. Deu-me calafrios.

— Ela só pegou o livro, — Malik apontou, mas Lindsey balançou a cabeça.

— Não, ela só pegou o livro *dessa vez*. Ela pegou as cinzas quatro dias depois. Fez o mesmo show duas vezes – a mesma magia, quero dizer.

— Por que o atraso? — Malik ponderou. — Por que correr o risco? Por que não pegar os dois ao mesmo tempo?



No silêncio, eu estava juntando minhas experiências com Mallory e Tate nos últimos dias – o que eu tinha aprendido de Tate sobre magia, e o que tinha visto de Mallory.

O resultado não parecia promissor.

— Porque ela não sabia se queria as cinzas, — eu disse quietamente, e olhei para Malik. — Ela provavelmente aprendeu sobre o *Maleficium* enquanto estava trabalhando com Simon. Ela já usou magia negra antes. Talvez usá-la a tenha deixado curiosa.

— Isso só explica o livro, — Luc disse.

Mas eu balancei minha cabeça. — Quando visitei Tate, ele listou alguns feitiços que poderiam requerer a mistura de magia que vimos essa semana. Um deles, — eu disse, — é criar um familiar.

— Um familiar, — Luc perguntou?

— Um tipo de assistente mágico, — eu disse. — Eles ajudam os feiticeiros a canalizar a magia que eles precisam usar. Um familiar dá extra capacidade a eles, como um hard drive mágico externo.

— Isso é um benefício assustador, — Luc disse. — Mas estou confuso – você acha que Tate está criando um familiar?

— Não Tate, — eu disse, nervos e estômago chocalhando. — Eu acho que Mallory está. Ela já usou magia negra antes, e já criou um familiar antes. Um gato. Mas não estava certo – tem algo errado sobre ele. Ela me deu uma desculpa, mas agora... não sei. E ela mencionou que queria ter mais dela para ajudar com a magia.

A sala estava quieta, todos considerando o que eu tinha dito.

— Uma feiticeira está sendo testada essa semana — eu continuei. — Uma feiticeira que sabe como criar um familiar, pelo menos em escala pequena, e que roubou um livro de magia que pode ajudá-la a fazer mais do que só tocar em magia negra. As cinzas de Ethan sumiram, e agora a cidade está se despedaçando porque magia boa e má estão sendo misturadas.

— Essa é uma ideia irracional, — Kelley disse. — Tentar reviver um vampiro para torná-lo um familiar.

— Infelizmente, — Malik disse, — não é tão irracional. — Ele olhou para mim. — Você sabe por que não há nenhum feiticeiro em Chicago, Merit?

Balancei minha cabeça.



— É um anacronismo da época em que relações entre vampiros e feiticeiros eram mais complicadas do que são hoje. Se as coisas estão indo do jeito que você sugeriu, não é a primeira vez que os feiticeiros tentam tal coisa.

A sala ficou silenciosa, todos os olhos em Malik.

— A criação de um familiar requer a aplicação de magia poderosa em algo – ou alguém – que o feiticeiro deseja ser um familiar. A capacidade de fazer esse tipo de magia é raro, e a capacidade do familiar depende do seu poder.

— Então um vampiro pode ostentar mais magia que um gato, — eu ofereci.

Malik assentiu.. — E um Mestre vampiro pode ostentar mais poder que um Novato recém-nascido. Da última vez que um feiticeiro tentou transformar um vampiro em um familiar, um vampiro da Casa Navarre foi capturado. Ela foi encontrada mais tarde no laboratório do feiticeiro, uma coisa irracional e mortal.

Eu tremi involuntariamente.

— O feiticeiro tem controle sobre o familiar, — Malik disse. — Eles se tornam animais de carga, na prática. Irracionais, sem vontade própria.

Mesmo uma parte de mim estando estática pela ideia de Ethan retornar, a esperança estava arruinada pela ideia de que Mallory estava tentando transformá-lo em um zumbi irracional. Eu repentinamente senti menos simpatia por seu estresse – e muito mais simpatia pelo gato.

— O feiticeiro foi identificado, e ela foi lidada pela Casa Navarre. E quando isso acabou, os vampiros proibiram a Ordem de trabalhar em Chicago.

Isso explicou porque a Ordem não tinha estado de acordo com a visita de Catcher a Chicago, e porque eles o expulsaram quando ele insistiu. Também dizia muito sobre Ethan – que ele concordou em abrigar Catcher após sua chegada, mesmo com o que os feiticeiros já tinham feito.

— Se um feiticeiro tentou isso antes, — Luc perguntou, — por que não tivemos os mesmos efeitos? Os desastres naturais?

— Nós tivemos, — Malik disse asseguradamente. — Nós tivemos o Grande Incêndio.

O Grande Incêndio de 1871 tinha destruído grande parte da cidade.

— A Ordem disse que era uma coincidência, — Malik disse, — mas tendo visto o que vimos essa semana, há uma polêmica enorme dizendo que eles estavam em negação naquela época.



— Mas você está falando sobre transformar um vampiro vivo em familiar. Ethan se foi, — Luc disse quietamente.. — Não resta nada dele exceto cinzas. Como ela poderia fazer isso?

— Se ele fosse humano, ela provavelmente não poderia, — Malik disse. — Mas vampiros são diferentes de humanos. Geneticamente. Fisicamente. A conexão entre a alma e o corpo é diferente – e é por isso que o corpo simplesmente vira cinzas.

— Isso é real, — Luc disse depois de um momento de silêncio, se benzendo. Era uma ação estranha para um vampiro, mas não havia dúvida na sinceridade em sua expressão.

Malik se levantou e empurrou sua cadeira. — Vou alertar a Ordem sobre a possibilidade de uma feiticeira estar tentando criar um familiar, usando as cinzas de um Mestre vampiro. Também vou alertá-los que ela pode estar usando o *Maleficium* para isso, e que suas tentativas podem interromper completamente a ordem no mundo natural. Isso resume tudo?

Com a culpa pesando nos ombros, eu assenti.

Ele olhou para mim. — Eu sei que ela é praticamente sua família. Mas esse é um crime que o GP não deixará passar em branco.

Eu assenti, e torci para não ter que ser o instrumento de sua destruição.

Eu esperei na lanchonete escura por uma ligação. Não consegui falar com Jonah ou Catcher, mas tinha deixado mensagens desesperadas para os dois.

E agora... eu estava esperando.

É claro que tinha de impedi-la. Eu tinha que impedi-la de terminar qualquer magia que ela estivesse tentando fazer. Eu tinha que manter a cidade a salvo, e não duvidava de que viver como um familiar irracional sob o controle de Mallory não era algo que Ethan queria. Ele era muito independente para abaixar a cabeça para alguém, muito menos uma mulher tão focada em atingir um objetivo mágico que estava disposto a destruir Chicago.

Como Catcher tinha deixado isso passar? Por que ele não tinha visto o que ela estava fazendo, o que ela estava se tornando? Por que ele não tinha a impedido antes que chegasse a esse ponto... antes fosse eu que tivesse de limpar isso?

Apoiei meus cotovelos na mesa e minha testa nas mãos, e lamentei minha sorte. Eu era um calibre-22, e era eu que deveria puxar o gatilho.

Meu telefone tocou, e eu olhei para a tela.

Mas não era Jonah ou Catcher.



Era Mallory.

Com os dedos trêmulos, abri o telefone. — Alô?

— Estou atrás da Casa. Encontre-me lá fora. Sozinha.

Desliguei o telefone novamente, mas não antes de mandar uma mensagem a Jonah dizendo o que eu estava fazendo. Enfiei meu telefone no bolso, e fui até a cerca, passei por uma área do jardim limpa, e escalei-a. Dessa vez, minha aterrissagem foi mais graciosa, mesmo uma feiticeira insana e com raiva sendo a única que estivesse vendo.

Ela estava na frente do carro de Catcher, um sedã. O azul do seu cabelo parecia mais apagado desde a última vez que a vi; agora estava quase completamente loiro. Seus olhos estavam vermelhos, e suas mãos juntas e tremendo. Ela parecia uma viciada em uma recaída.

Talvez ela fosse uma.

Meu temperamento esquentando, eu tive que me lembrar de que ela era a mesma pessoa, cabelo azul ou loiro, magia negra ou boa.

Mallory se afastou do carro e deu um passo a frente, carregando uma brisa oleosa de magia com ela. Fiquei onde estava. Tinha esperado sentir medo ou arrependimento, mas nenhum dos dois estava no topo da lista. Na verdade, eu estava puta por ela ter invadido a minha casa, roubado coisas preciosas, e determinada a usá-las em seus próprios propósitos narcisistas.

— O que você fez?

— Está me acusando de alguma coisa, vampira?

— Eu confiei em você. Eu te pedi para ficar comigo quando ele morreu porque eu precisava de você lá. Você violou essa confiança duas vezes.

— Não sei do que você está falando.

— Mentira. Você roubou coisas de nós, Mallory. De mim. Onde está o *Maleficium*, e onde estão as cinzas dele?

— Se foram.

Meus joelhos tremeram, e eu tive que pressioná-los juntos para ficar de pé. — Então você conseguiu transformá-lo em um familiar?

Ela desviou o olhar, mas eu vi a culpa em seus olhos. E foi aí que eu soube que isso era real, e ela tinha o feito sabendo completamente com o que estava lidando.



— Magia negra não é o que achamos que fosse, — ela disse.

— Não existe uma desculpa que você possa me dar agora.

— É injusto! — ela gritou na noite. — Você acha que é certo existir esse corpo inteiro de magia que eu não devo usar? Que eu não devo ter acesso? Você sabe como isso parece? Errado, Merit! Parece *errado* canalizar magia que é meio-certa. Que só é meio-feita. Bem e mal devem estar juntos. E se essa é uma maneira de fazer isso, então, por Deus, é o que eu vou fazer. Não posso viver assim.

— Você pode muito bem viver assim, como todos os feiticeiros da história. Não me venha na minha Casa e roube um livro do mal, e *depois* roube as cinzas do meu Mestre e tente transformá-lo no seu servo!

— Mas eu iria trazer ele de volta para você.

Eu congelei, mordendo meu lábio para impedir que as lágrimas caíssem. — Não quero ele de volta. Não desse jeito. *Não* vai ser ele. E não se eu tiver que te perder, Mallory. Você é minha irmã, em todos os sentidos.

Ela bufou. — Você me trocou por ele, e sabe disso.

— Não mais que você me trocou por Catcher. — Eu suavizei minha voz. — Ninguém trocou a outra. Nós crescemos, e crescemos para amar outras pessoas. Mas eu não o quero, não assim. E ele também não iria querer. — Eu a observei por um momento, realmente pensando se essa era a razão por ela ter feito essas coisas. Mesmo amando-a tanto quanto eu amava, não tinha certeza.

— Você não fez isso por mim, — eu disse.

— Mentira, — ela disparou, mas a palavra não tinha força. Ethan era uma peça no jogo, uma desculpa para ela nadar em magia negra. Talvez Simon fosse estúpido o bastante, inocente o bastante, para honestamente não saber o que ela estava fazendo. Talvez ele não tenha sabido que se envenenou em magia negra, e como um viciado precisando de uma dose, ela faria qualquer coisa para ter um pouco mais, sem se importar com as conseqüências.

— Você fez isso por você. — Eu me lembrei do que ela tinha dito sobre magia negra, sobre as pessoas não entendendo. — Você experimentou magia negra e gostou. Não a princípio, talvez, mas eventualmente você decidiu que gostou. Ethan pode ter sido um ganho, mas ele é uma desculpa. Sua desculpa por destruir a cidade.

— O que você sabe sobre isso? Sobre as forças dentro de mim? Eu sei as histórias da origem. Magia separada – bem do mal – como gêmeas forçadas a se distanciar. — Ela puxou sua camiseta. — Eu posso senti-las, Merit, e elas precisam se reunir novamente.



Ela fechou seus olhos e ergueu as mãos, e magia começou a fluir em um círculo enorme ao nosso redor. Podia sentir girando atrás de mim como um centrífugo, a força me empurrando contra ela.

— Mallory, pare o que está fazendo. Você está matando Chicago.

— O dano é temporário, — ela disse.

Observando-a ali, fazendo magia que parecia granulada, desconfortável, *má*, eu sabia que as repercussões seriam tudo menos temporárias.

— Isso vai concertar as coisas, — ela disse.

— Isso vai destruir as coisas, — eu corrigi.

Mas conforme a magia nos circulava em um espiral cada vez mais justa – a força centrífuga me deixando sem ar – ela balançou a cabeça.

— Estou cansada de me preocupar com o que todo mundo quer. Você. Catcher. Simon. Eu não fui responsável pela separação do bem e do mal. Mas eu serei responsável pela união dessa corrente. Pare de olhar as coisas a curto prazo.

Tentei minha estratégia final. — Mallory, eu estive sonhando com Ethan. Você o tem machucado. E se você terminar esse feitiço, vai incendiar a cidade, e vai ser o resto das Casas e eu que pagaremos por isso..

Ela sorriu tristemente. — Querida, quando chegar a esse ponto, eu já terei ido embora há muito tempo.

Ela ergueu seus braços, e a magia se apertou em um nó. Minha visão escureceu nas bordas, e depois completamente.

Pela segunda vez no ano, minha melhor amiga do mundo me nocauteou.

Eu me sentei bem a tempo de ver Jonah correndo na minha direção. Esfreguei minha cabeça, dolorida de onde eu tinha caído no chão, mas aliviada que eu só tinha estado inconsciente no tempo que demorou para ele chegar aqui.

Isso significava que eu ainda tinha uma chance.

Ele se ajoelhou na minha frente, pânico em seus olhos. – O que aconteceu?

— Ela confessou. Ela roubou o *Maleficium* e as cinzas de Ethan para tentar trazê-lo de volta como um familiar. Ela acha que eu quero isso – mas na verdade ela está obcecada com magia negra. Ela está viciada a ela, e acha que completar o feitiço vai balancear mal e bem novamente.



Ele me ajudou a levantar.

— Ela trabalhou magia em mim, me nocauteou. — Eu olhei para ele. — Ela se decidiu a fazer isso. Nós temos que achá-la, e temos que impedi-la. Se ela completar a magia....

Eu não termino a predição; dizer em voz alta não ia tornar a escolha mais fácil.

— Você tem ideia de onde ela foi?

Vasculhei meu cérebro, mas não conseguia pensar em nada. Os únicos lugares que eu sabia que ela tinha visitado recentemente eram a sua casa em Wicker Park e a loja de eletrônicos. Ela treinou em algum lugar de Sschaumburg e na academia de Catcher na vizinha River North, mas nenhum dos dois parecia provável para ela efetuar magia.

Mas se eu não conseguia encontrar Mallory, talvez eu pudesse encontrar o livro...

Tirei meu celular e liguei para o bibliotecário.

— O *Maleficium* se foi, — eu disse a ele, sem introdução. Mallory Carmichael roubou-o do cofre quando estava na Casa comigo. Não acredito que você tenha um jeito de rastreá-lo?

Mallory não gostaria do fluxo de palavras que passaram pelo telefone – ou dos comentários desfavoráveis sobre as propensões dos feiticeiros. Mas quando ele desabafou tudo, foi direto ao trabalho.

— Uma pessoa não guarda o *Maleficium* sem plano de emergência, — ele disse, e eu ouvi movimento do outro lado do telefone.

Soltei um suspiro de alívio. — Você tem um feitiço de rastreamento ou algo assim?

— Mais ou menos isso. Eu coloquei um chip GPS. Não disse isso à Ordem, já que eles teriam me crucificado por danificar o livro, mas isso não importa. É *exatamente* por isso que eu o fiz. Deixe-me ver a localização.

Enquanto ele trabalhava, olhei para o céu. Azul meia-noite estava começando a virar um tom doentio de vermelho. Não tinha dúvidas de que a água tinha escurecido, e as montanhas estavam se movendo em algum lugar na cidade.

Ela já tinha começado.

— Achei, — ele disse. — É perto, e não está se movendo.

— É uma cidade grande. “Perto” não vai me ajudar.

— Espere, estou reduzindo a busca. — Ele pausou. — O Midway! — ele finalmente exclamou. — Está no Midway.



Eu agradeci, desliguei, e aponte para a rua. — Ela está no Midway. Vou até lá agora. Encontre Luc e Malik e Catcher – diga a eles o que está acontecendo.

— Eu não quero que você a enfrente sozinha.

Eu olhei de volta para ele e sorri tristemente. — 67ª regra da Guarda Vermelha – confie em seu parceiro.

— Essa é a segunda regra, na verdade.

— Melhor ainda, — eu disse, forçando um sorriso.

O maxilar de Jonah ficou tenso, mas ele cedeu. — Então a encontre. Impeça-a. Não importa de que jeito.

Era exatamente disso que eu estava com medo.

Corri por quatro quarteirões, e parei no meio da rua, boquiaberta.

O Midway Plaisance inteiro estava em chamas. Não chamas laranja e douradas de um incêndio básico e mundano, mas de um azul translúcido que alcançava o céu com curvas parecendo garras. Não importando a aparência, o efeito era o mesmo que um incêndio normal: As árvores nas bordas do Midway tinham começado a rachar e soltar faíscas do calor.

O céu tinha se tornado totalmente escarlate, um vermelho pulsante e raivoso, sangrento como uma ferida aberta e diferente de tudo que eu já tinha visto. Raios estalavam no céu, arrepiando meus braços.

Abaixo de mim, senti um tremor leve. As montanhas estavam, sem dúvida, se erguendo em algum lugar. Conforme Mallory trabalhava sua magia, cada elemento estava ficando loucamente desbalanceado.

Caminhões de bombeiro vinham gritando pelas ruas, as sirenes ligadas. Eles estacionaram na borda do Midway e imediatamente começaram a jogar água no fogo; não mudou nada. As chamas rugiram como um tornado, furacões de calor que sopravam pelo parque, mais quentes e fortes conforme o incêndio crescia.

Encontrei Mallory em frente à estátua de Masaryk, uma pilha de livros e materiais aos seus pés. O objeto maior – o *Maleficium* – estava perto e brilhando, o texto esvoaçando na página. Seu cabelo loiro voava ao redor do seu rosto no fogo quente jogado pelo incêndio.

Ela parecia inconsciente ao perigo que estava criando, então eu não tinha dúvida de que ela destruiria a cidade se pudesse. Eu não sabia inteiramente completamente o que fazer. Não tinha espada e nem adaga. Talvez pudesse chegar perto o bastante para nocauteá-la ou



pelo menos corromper a magia, embora duvidasse que ela me deixasse chegar tão perto. Mas até a cavalaria chegar, eu tinha que tentar.

De jeito nenhum eu andaria entre ela e o incêndio, então corri ao redor da estátua e me aproximei por trás. Quando estava perto o bastante para ver o esmalte azul descascado em suas unhas, gritei seu nome.

Ela olhou para trás um pouco preocupada, murmurando palavras enquanto fazia o feitiço. —Um pouco ocupada aqui, Merit.

— Mallory, você tem que parar com isso! — gritei sobre o rugido das chamas. A terra abaixo de mim estava tremendo agora, e eu tropecei para frente. — Você não consegue ver o que está fazendo à cidade?

Uma árvore estalou, rachou, e caiu para frente, e o inferno foi em sua direção, engolindo-a em chamas. Não demoraria muito para a linha das árvores serem completamente destruída e o fogo se espalhar nas ruas.

— Você vai nos matar!

— Não quando o feitiço estiver completo, — ela devolveu. — Você vai ver. O mundo vai parecer bem melhor quando o bem e mal estiverem juntos novamente. O mundo vai ficar *completo*.

Suas mãos estavam tremendo enquanto ela as enfiava em potes de pó e espalhava o conteúdo em cima das páginas abertas do *Maleficium*. Eu procurei dentre os detritos de sua magia, mas não vi nenhum sinal da urna que tinha as cinzas de Ethan.

Elas tinham sumido, usadas, talvez, em alguma parte anterior do feitiço. E quando impedíssemos o feitiço – se conseguíssemos impedir o feitiço – eu não teria nem as cinzas dele como memória.

— Por favor, Mallory, *pare*.

Ela continuou trabalhando, mas outra voz me congelou.

— Eu sabia que os vampiros estavam no meio disso!

Olhei para trás. McKetrick estava se movendo na nossa direção, uma arma grande em suas mãos, apontada para mim. — Por que você não se afasta dessa garota, Merit?

— Essa garota está tentando destruir a cidade, — eu o avisei, mas ele revirou os olhos. Mallory tinha ficado cega pelo vício à magia negra. McKetrick estava cego pela sua ignorância, sua confiança inabalável de que vampiros deveriam ser culpados por tudo de ruim em Chicago.



— Parece que ela está tentando impedir isso, — ele disse.

— Você não poderia estar mais errado, — eu disse a ele. — Você é um tolo ignorante.

— Eu passei a lei de registro.

— Porque você mentiu e não mencionou que me atacou em uma rua pública. Você luta com coisas que não desejam mal a você e está completamente cego às reais ameaças.

Raios caíram em uma das árvores do outro lado do Midway, quebrando-a ao meio e jogando-a nas chamas.

Mallory ainda estava murmurando palavras mágicas, e as chamas estavam crescendo a cada segundo.

Sim, ele poderia ter usado a arma. E sim, uma lasca de álamo no coração provavelmente teria me matado. Mas eu estava cansada de McKetrick, e eu não tinha tempo para suas charadas agora.

— Você está a ajudando a fazer isso, — eu disse, sem se preocupar que estava desrespeitando feiticeiros. Eles estavam completamente na minha lista negra.

— Mentirosa, — ele murmurou. E com a mão tremendo em fúria, ele apertou o gatilho.

A arma saiu pela culatra, o cano explodindo, lançando madeira e metal pelo ar. Eu desviei instantaneamente, mas ainda senti o choque da dor conforme estilhaços me atingiam nas costas.

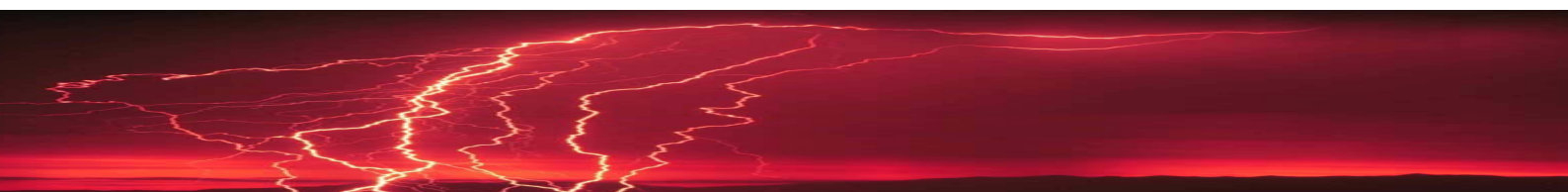
Mas eu ainda estava viva.

Ergui o olhar. McKetrick também estava vivo, mas não tinha tido tanta sorte. Seu rosto estava cheio de pontos de sangue dos estilhaços, e sua mão direita estava uma bagunça de sangue e ossos. Ele estava deitado de costas, piscando para o céu vermelho, uma mão pressionada ao peito.

Provavelmente dizia muitas coisas horríveis sobre mim que eu tive dificuldades para simpatizar, mas McKetrick colocaria a culpa dos seus machucados em nós, de qualquer jeito.

Um raio atingiu um poste de luz por perto, chamando minha atenção de volta ao drama mágico acontecendo. As chamas estavam mais altas que as árvores agora, seus dedos se esticando em direção ao céu vermelho, que estava coberto agora por uma camada de fumaça azul.

— Mallory! — chamei, andando em direção ao plinto novamente. — Você tem que parar com isso.



Ela ergueu suas mãos no ar, e eu pude sentir a magia se reunindo e misturando novamente.

— Por que eu deveria parar? Para que você possa se vangloriar em como acabou com a feiticeira? Não, obrigada.

— Isso não é sobre eu e você! — eu gritei com tudo sob o rugido e estalido das chamas e do vento. — É sobre Chicago. É sobre a sua nova obsessão a magia negra.

— Você não tem ideia de nada, Merit. Continue vivendo no seu quartinho de vampiro. Você é inconsciente ao mundo ao seu redor – à energia e à magia. Mas isso não é culpa minha.

Catcher emergiu pela fumaça do outro lado do pedestal. — Mallory! Pare com isso!

— Não! — ela gritou de volta. — Você não vai me interromper!

— Desculpe-me, — ele disse, — mas não posso deixar você continuar com isso.

— Se você me impedir agora, matará Ethan. — Ela apontou para mim. — Diga isso a ela, Catcher. Diga a ela que você vai me impedir de trazê-lo de voltar.

Mas ele continuou se aproximando mais e mais dela. — Se você trazê-lo de volta, não vai ser ele. Vai ser um zumbi, Mallory, e você sabe disso. Eu entendo porque você está fazendo isso. Eu entendo como parece bom e ruim, tudo ao mesmo tempo. Mas você aprenderá a controlar isso, juro por Deus que você pode.

— Eu não quero controlar, — ela disse. — Eu quero *ter* isso. Tudo isso. Eu quero me sentir *melhor*.

Mas Catcher insistiu. — Simon era um mentor horrível, e me desculpe por não perceber. Desculpe-me por não ver o quão perigoso sua estupidez era. Sinto mais do que jamais saberá. Eu não sabia que você estava passando por isso. Eu só achei que você estava se distanciando de mim. Pensei que ele estava virando você contra mim. Isso é culpa *minha*, Mallory. — Lágrimas caíram pelo resto. — Minha culpa.

— Você não sabe de nada, — ela cuspiu, e ergueu o *Maleficium*. — Ninguém entende, como isso é importante.

— Não é tão importante assim, — Catcher disse calmamente. — Você só está chapada. No poder. No potencial. Mas é falso, Mallory. Esse sentimento que você tem no seu peito? — Ele bateu um punho contra seu coração. — É falso. Fazer o mal não vai melhorar o mundo. Não vai fazer esse sentimento sumir. Só vai fortalecê-lo, e você vai ter afastado todo mundo que você ama.



Ele ergueu sua outra mão, e eu pude sentir o pulso de magia enquanto ele se preparava para lançar algo em sua direção.

— Você não pode parar isso, — ela disse maldosamente. — Você não pode afetar minha magia.

— Não, não posso, — ele disse com resignação. — Mas posso afetar você. — Magia começou a brilhar e girar em sua palma conforme ele se preparava para atacar.

Percebendo que ela teria de encará-lo, ela mudou sua estratégia de novo. — Mas vai me machucar, — ela disse, sua voz parecendo mais a de uma criança do que a de uma mulher de vinte e oito anos. — Por favor, não faça isso.

— Se você está dizendo a verdade, só vai machucar por um momento, — ele disse. Ele gesticulou com a mão na direção dela; um ponto de luz do tamanho de um diamante voou em sua direção, ficando do tamanho de uma órbita azul enorme.

Como se em câmera lenta, voou pelo ar próximo a mim. Mas Mallory derrubou o livro e desviou a órbita. Com uma explosão de luz e pedras, acertou a estátua e derrubou um pedaço do ombro do cavaleiro.

— Eu te odeio! — ela gritou para ele, e mesmo não tendo dúvidas de que o sentimento era só magia e exaustão falando, a dor no rosto de Catcher estava clara.

— Você vai superar, — ele disse, e lançou outra órbita a ela. Essa acertou Mallory bem no peito. Ela voou para trás e caiu no chão.

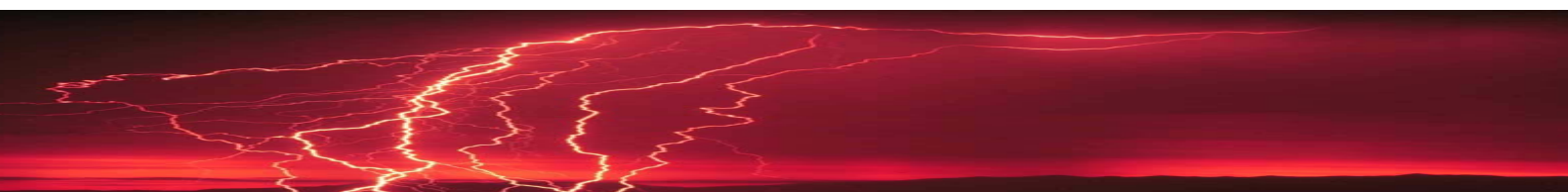
Toda a magia que ela tinha criado, toda a energia que ela tinha reunido, foi subitamente solta. Com uma força fria e congelante, a órbita de Catcher explodiu, se expandiu, e se espalhou em um plano azul de luz que voou pela Midway com o rugido de um 747, extinguindo as chamas conforme se movia.

Extinguindo o feitiço conforme se movia.

Extinguindo esperança conforme se movia.

Por um momento, só havia silêncio. Fumaça se erguia da grama queimada e árvores incendiadas no Midway, e estalos do resto de magia passavam pelo chão como raios em miniatura. A camada de fumaça se foi, e o vermelho no céu se espalhou e dissolveu, algumas estrelas aparecendo através da fumaça. As extremidades mais distantes do parque ainda brilhavam com cinzas, mas os bombeiros seriam capazes de fazer progresso agora.

Tinha acabado.



Mallory estava inconsciente, sua profecia tendo se realizado. Ela tinha sido derrotada por Catcher, e a Cidade Branca não corria mais riscos.

E Ethan se foi de vez.

Balancei minha cabeça para manter as lágrimas no interior, me recusando a desistir do luto. Ela teria criado um monstro, e não fazia sentido ficar de luto por algo que nunca nem deveria ter existido. Eu preferia ter memórias e luto do que uma depravação de quem ele era. Eu só teria que voltar a viver a vida que tinha aceitado ser minha.

— Eu posso fazer isso, — sussurrei, as lágrimas caindo em minhas bochechas. Levantei-me, olhando para Catcher e Mallory. Ele estava passando fios brilhantes de magia ao redor do seu corpo inconsciente como se para restringi-la quando ela acordasse. Cordas mágicas, talvez. Eu não sabia o que a Ordem faria com ela agora, mas não achava que seria bom.

Senti uma pressão no meu cotovelo e olhei ao meu redor. Jonah estava atrás de mim, seu olhar observando meu rosto. — Você está sangrando de novo.

— Estou bem. Só uma lasca pequena. A arma de McKetrick explodiu — ele está bem ali.

Jonah assentiu. — Vou me assegurar de que os policiais o encontrarão. Você está bem? Quero dizer, tirando o sangramento?

— Acho que sim — Eu comecei, mas fui interrompida pelo estalo particularmente alto de energia residual. Abaixei-me um pouco conforme passava pelo parque antes de desaparecer e enviar um formigamento de magia pelo ar.

— Merit, — Jonah disse quietamente. — Olhe.

Ergui o olhar.

Uma figura negra se moveu através da névoa azul do Midway, se aproximando de nós. Os pelos da minha nuca se arrepiaram.

— Se afaste, — Catcher disse, se movendo na nossa direção. — Aquela coisa é mal personificado. O feitiço foi interrompido, o que significa que isso é o restante da magia.

Mas eu ergui uma mão. — Espere, — eu disse, a palavra escapando dos meus lábios mesmo enquanto eu começava a me mover em direção a figura.

Eu estava compelida a ir em frente. Sem explicação, cada átomo no meu corpo estava impulsionado a encontrar o que estava emergindo da névoa das cinzas. Esse movimento



poderia ter sido letal, mas eu não me importei. Continuei caminho. E quando a névoa se dissipou, olhos verdes brilhantes me encararam de volta.

Lágrimas vieram aos meus olhos.

Com os joelhos subitamente trêmulos, corri até ele.



Capítulo 19

O levantar da Fênix

Ele usava as mesmas roupas que estava usando quando foi empalado – calças sociais, seu medalhão de Cadogan, uma camisa branca abotoada, um rasgo no tecido acima de seu coração. Com os olhos arregalados, ele me devorou com os olhos.

Eu o alcancei, e nós nos olhamos por um momento, ambos temerosos, talvez, do que poderia acontecer – e do que tinha acontecido.

— Eu vi a estaca, — Ethan disse. — Eu vi Celina lançar a estaca e senti me acertar.

— Ela te matou, — eu disse. — Mallory... fez magia para te trazer de volta como um familiar. Catcher interrompeu o feitiço. Ele achou que iria criar um monstro, mas você – você não parece um monstro.

— Eu não me sinto um monstro, — ele disse suavemente. — Eu sonhei com você. Eu sonhei com você várias vezes. Havia uma tempestade. Um eclipse.

— Você se dissolveu em areia, — eu adicionei, e seus olhos se arregalaram em surpresa.

— Eu tive os mesmos sonhos.

Ainda franzindo o rosto, ele ergueu uma mão até o meu rosto, como se não tivesse certeza de que eu fosse real. — Isso é um sonho?

— Acho que não.

Ele sorriu um pouco, e meu coração tropeçou. Havia tanto tempo que não tinha visto aquele sorriso provocador. Eu não pude impedir novas lágrimas de transbordar, ou o soluço que me escapou.

Ele estava aqui. Ele estava vivo. E o mais importante, ele parecia ser o mesmo, não algum tipo de servo sem mente, algum familiar de magia negra de Mallory. Eu não sabia o que tinha feito para merecer outra chance, mas ele tinha voltado, e a gratidão – e o choque – era quase esmagador.

— Eu não sei o que dizer, — Eu falei a ele.



— Então não diga nada, — ele disse, me abraçando novamente. — Fique parada.

Uma brisa fria passou por Midway, e eu fechei meus olhos, só por um momento, tentando seguir seu conselho, tentando diminuir a batida arrasadora do meu coração. Enquanto estava parada, podia jurar ter captado o cheiro de limão e açúcar de novo.

Mas então Ethan tremeu. Eu olhei para ele, e seus olhos estavam vidrados, sua pele repentinamente pálida.

— Merit, — ele disse, pegando em meus braços fortemente, suas pernas subitamente tremendo, tentando ficar em pé. Eu coloquei um braço ao redor de sua cintura.

— Ethan? Você está bem?

Antes que pudesse responder, ele desmaiou.

Luc e Kelley chegaram ao Midway para analisar os estragos, a felicidade ao ver Ethan abafado pelo medo – nosso medo – por sua condição. Ao nos certificarmos de que estavam cuidando de Mallory, que o *Maleficium* estava de novo em mãos seguras, e Jonah tinha controle de McKenrick, nos focamos em levar Ethan de volta para Cadogan.

A viagem de carro foi surreal – acompanhando meu amante vampiro e Mestre evidentemente ressuscitado de volta a sua Casa. Luc nos levou a um portão na grade de trás que eu não sabia que existia. Nós nos apressamos pelos fundos da Casa e subimos a escada dos fundos até a suíte de Ethan.

Luc o colocou na cama e se afastou enquanto Kelley, aparentemente tendo sido treinada em medicina em sua vida antiga, o checava.

Talvez tendo visto o medo e exaustão no meu rosto, Luc veio até mim. — Você está bem?

Eu dei de ombros. — Eu não sei como estou. Ele vai ficar bem?

— Infernos, Merit, eu nem tenho certeza do que ele é ou porque está aqui. O que aconteceu lá?

Eu o informei do que tinha visto da magia de Catcher e Mallory antes dele chegar. — Ethan é o familiar dela? Ela vai ser capaz de controlá-lo?

— Não sei, — Luc disse quietamente. — Se Catcher interrompeu o feitiço, eu não sei por que ele está aqui.

— Eu tenho sonhado com ele, sonhos proféticos sobre ele e magia elementar, desde que ela roubou as cinzas. Talvez ele estivesse voltando, pouco a pouco, desde então.



— Então a magia de Catcher finalizou a ressurreição, mas não o deixou ser completamente irracional? Essa, com certeza, é uma possibilidade, mas não é a minha área. Infernos, eu acho que nem Catcher sabe.

O desconhecido, o risco de que Ethan estaria à mercê de uma garota tão viciada em magia negra que estava disposta a desistir de seus amigos – e sua cidade – me deixou no limite. Medo e pânico vieram à superfície, e eu desviei o olhar, lágrimas repentinamente caindo pelo rosto.

Eu fui até a cadeira mais próxima, me sentei, e coloquei minhas mãos no meu rosto, soluçando pelo estrago emocional por causa de Mallory e Ethan – e pelas possibilidades de que eu já tinha perdido Mallory... e teria que suportar perder Ethan de novo.

Não sei por quanto tempo chorei, até que ouvi movimentos, suaves mas existentes, do outro lado do quarto. Lentamente, eu descobri meus olhos e olhei para cima. Ethan estava apoiado na cama. Ele parecia obviamente fraco, seus olhos entreabertos. E como nos meus sonhos, ele disse meu nome. Mas isso não era um sonho.

Eu afastei as lágrimas e me apressei até a cama, ao lado de Kelley. — Você está bem?

— Estou bem. Cansado. — Ele engoliu. — Eu preciso de sangue, acho.

Eu olhei para Kelley. — Esse é um efeito de... o que quer que isso seja?

— Provavelmente. Luc, você pode checar a cozinha do segundo andar? Pegar um pouco de sangue?

Luc imediatamente foi até a porta dos apartamentos de Ethan, mas voltou dois minutos depois com as mãos vazias, murmurando algumas palavras sobre Frank. A geladeira do segundo andar estava vazia. Assim como a do primeiro e terceiro andares.

— Resumindo, amigo, estamos com falta de sangue no momento.

Ethan se sentou um pouco. — Desculpe? A Casa está sem sangue? Como Malik pode deixar isso acontecer?

— Eu vou dar um pouco mais de detalhes. Beber de vampiros também é, no momento, contra as regras da Casa Cadogan, mas eu tenho certeza que estamos dispostos a quebrar essa por você. — Ele ergueu suas sobrancelhas. — Embora você possa precisar pressionar um Novato por nutrição.

Agora minhas bochechas estavam totalmente vermelhas, mas a intimidade sugerida, - a possibilidade de que meu Mestre precisava tirar sangue de mim – não pareceu inquietar Ethan.



Luc e Kelley silenciosamente saíram do quarto.

Repentinamente tão ansiosa quanto uma garota no primeiro encontro, eu sentei na beirada da cama. Isso era *tão* estranho. Ele tinha morrido. E agora estava de volta. Eu estava tão feliz ao vê-lo que meu peito quase explodiu, mas ainda era surreal.

— Nervosa, Sentinela?

Eu assenti.

Ethan inclinou sua cabeça, espalhando seu cabelo dourado no travesseiro atrás dele. — Não fique. É a coisa mais natural que um vampiro pode fazer. — Ele pegou minha mão e olhou meu pulso, e então passou seu dedão sobre a trepidação que vibrava bem abaixo da minha pele. A sensação mandou ondas de calor por mim, mas não só de desejo. Ele observou através do meu pulso como se estivesse olhando o sangue e vida que fluíam abaixo, seus olhos esmeralda ficando prateados conforme a fome por sangue o atingia.

Eu nunca tinha dado sangue a ninguém. Eu tinha tomado de Ethan, mas era isso. Oito meses atrás, eu poderia ter imaginado que essa seria minha primeira experiência? Que eu estaria sentada aqui, com Ethan, no seu apartamento, pronta para oferecer um pulso?

Ele pressionou seus lábios no meu pulso, e meus olhos se fecharam, meu corpo agora formigando com interesse predatório, minhas próprias presas surgindo. — *Ethan*.

Ele fez um som fraco de satisfação masculina, e eu tremi quando ele beijou meu pulso novamente.

— Fique parada, — ele disse, seus lábios contra a minha pele. — Fique parada.

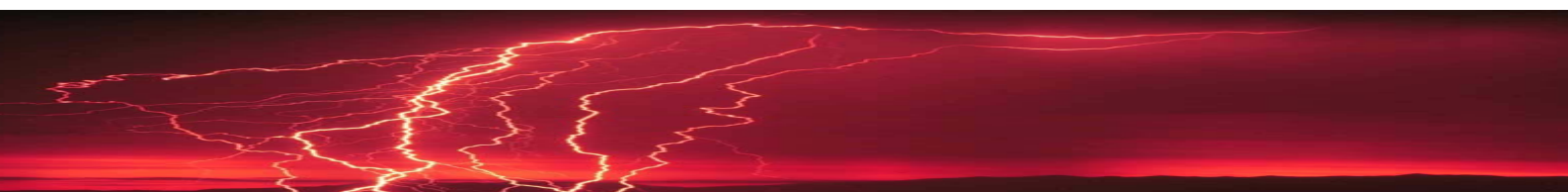
Tinha sido uma noite para lágrimas. Por perder uma amiga, esperançosamente só por um tempo, para vício em magia. Pela minha reunião com Ethan. Mas qualquer que fossem essas emoções, elas empalideceram frente à reunião compartilhada por Ethan e Malik.

Quando Ethan estava alimentado e eu tinha avisado Luc, Malik subiu as escadas, seus olhos arregalados como discos. Ele olhou de mim para um Ethan mais forte – ainda descansando na cama – tentando adivinhar a magia ou truque. Levou alguns segundos para que ele sequer conseguisse falar.

Eles se conheciam por mais de um século. Era justificável a reunião ser significativa.

E quando a reunião tinha acabado, como se nada tivesse acontecido, não levou muito tempo para irem direto à política.

— O GP mandou um receptor, — Malik disse.



— Eles não perderam muito tempo, — Ethan murmurou. — Quem eles selecionaram?

— Franklin Cabot.

— Da Casa Cabot? Bom Deus, — Ethan recuou. — Aquele homem é um verme. Victor ficaria melhor se tivesse se empalado. Quão ruim tem sido?

Malik olhou para mim, como se checando antes de atolar Ethan com muitas notícias ruins. Mas eu conhecia Ethan o bastante para presumir que ele não gostaria de ser mimado. Eu dei a Malik um aceno com a cabeça.

— Vou te dar a lista resumida, — Malik disse. — Ele colocou a Casa em racionamento de sangue. Ele abdicou o direito de beber na Casa. Ele tem limitado o direito deles de se reunir. Ele abdicou o status de Merit como Sentinela e a mandou ver Claudia. Ele sujeitou os guardas a um teste de resistência solar.

Os olhos de Ethan se arregalaram em incredulidade. — Estou sem palavras.

— Ele é incompetente, — Malik disse, — Sem respeito pela Casa e pelo GP. Eu o dei espaço para conduzir sua investigação. Mas ele foi longe demais. — Malik pigarreou. — Eu o ouvi no telefone a algumas horas, avisando Darius que os vampiros de Cadogan tem se aliado com uma feiticeira para destruir a cidade. Eu tinha planejado discutir os problemas com ele antes de Midway, mas agora que você está de volta...

Silêncio, enquanto Ethan pensava. Meus ombros tensos, eu esperei por uma resposta, antecipando uma explosão de temperamento ou fúria cuidadosamente controlada.

— Que eles se danem, — Ethan disse.

Depois de um momento de choque absoluto, eu abri meu segundo maior sorriso da noite. O do Malik não era muito menor que o meu.

— Com licença, — Eu disse, — você acabou de dizer : Que eles se danem?

Ethan sorriu sombriamente. — É um amanhecer novo, digamos. Eu não dou muito crédito ao GP, mas eles são espertos o bastante para reconhecer incompetência quando o veem. — Ele olhou fixamente para Malik. — E se não verem, eles não cumprem seu propósito de existência.

Ele não tinha usado a palavra “revolução”, exatamente, mas estava nas entrelinhas – a possibilidade de que a Casa Cadogan pudesse existir sem o GP.

Talvez minha entrada na GV não fosse chateá-lo tanto quanto eu pensei.

Não que eu tivesse planos de contar a ele.



— Você parece... um pouco mudado, — Malik cuidadosamente disse.

— Eu estou na minha terceira vida, — Ethan disse. — E nessa, eu posso estar à mercê de uma feiticeira viciada a magia negra. Isso coloca a irracionalidade do GP em outro ponto de vista.

— E o controle da Casa? — Malik ponderou.

— O GP nunca permitirá que eu retome a Casa até tiverem certeza de que Mallory não tem controle. E mesmo entendendo que a Casa não é exatamente fã do GP no momento, não discordo. É muito arriscado. A Casa deve permanecer sob o seu muito hábil Controle até que você esteja convencido de que estou agindo por vontade própria.

Meu bipe vibrou com um alerta: Havia um encontro no salão. Claramente isso não era feito do(s) Mestre(s) da Casa, porque ambos estavam aqui. A curiosidade bateu – e já que eles tinham começado a discutir as aplicações históricas da sucessão vampira – eu educadamente me retirei e desci as escadas até o salão do segundo andar.

Uma das portas estava aberta, então eu segui a multidão de vampiros para dentro e fiquei ao lado de Lindsey e Kelley, que eu tinha achado nos fundos da sala.

Frank estava em uma plataforma na frente do salão, falando pomposamente sobre os males da Casa Cadogan e falta de controle de seus vampiros.

— A Casa Cadogan está em um caminho insustentável, — ele disse. — Tendo muito interesse em assuntos humanos. Tentando resolver problemas que estão fora de sua função e autoridade. Isso não pode continuar, e eu não posso recomendar ao Presídio a continuação desse status.

Ele pausou como se quisesse dar um efeito dramático enquanto os vampiros olharam ao redor nervosamente, o odor de magia tensa se erguendo no salão. Eles se mexeram nervosamente, esperando pela sentença de Frank.

— Há muita dúvida nessa Casa. Dúvida sobre sua posição na organização do Presídio de Greenwich. Dúvida sobre suas lealdades. Vocês fizeram juramentos para a sua casa. Infelizmente, esses juramentos têm sido sublimados pelos Mestres dessa Casa. Assim sendo, hoje, cada um de vocês irá fazer um novo juramento. Vocês irão se lembrar que existem pela nossa generosidade, e irão jurar lealdade ao Presídio de Greenwich.

A sala ficou silenciosa, a magia atingindo o ponto máximo com uma faísca elétrica que pareceu forte o bastante para iluminar o lugar.

— Ele não pode estar falando sério, — Lindsey sussurrou, expressão horrorizada enquanto encarava o pódio.



— Eu acho que é apropriado que a capitã dos nossos guardas, ela que é responsável por proteger a Casa de todos os inimigos, viva ou morta, faça o primeiro juramento.

A massa de cabeças se virando se dividiu, se separando para deixar um corredor que colocou Kelley diretamente na linha de visão de Frank. Ele a chamou com uma mão.

— Kelley, capitã dessa Casa, venha e jure sua lealdade.

Ela olhou para mim com dúvida em seus olhos, claramente sem saber o que fazer. Eu simpatizei. Se ela se recusasse a ir em frente, ela enfrentaria o inferno. Claro, Malik e Ethan estavam no prédio, mas a dois andares de distância, e ela estava rodeada por vampiros que seriam forçados por honra a obedecer qualquer lei que Frank fizesse.

Pelo outro lado – jurar lealdade ao GP? Esse cara era louco?

Não havia opção boa, não havia opção certa, eu pensei, exceto criar o maior drama possível. Então eu estiquei meu braço e apertei sua mão, e dei a ela o mesmo aceno encorajador que ela tinha me dado no jardim.

Ela levou um momento para se recompor, e então andou lentamente através do corredor de vampiros. Alguns olharam para ela com simpatia óbvia; outros pareciam esperar mais da sua capitã do que se humilhar perante as leis do GP.

Ela alcançou o estrado na frente do salão, o que era a deixa de Frank para começar a se gabar de novo.

— Kelley, capitã dessa Casa, — ele disse novamente. — Jure sua lealdade ao Presídio de Greenwich.

— Eu fiz um juramento para a Casa Cadogan, — ela disse, sua voz ecoando claramente pelo salão. — Eu já estou comprometida.

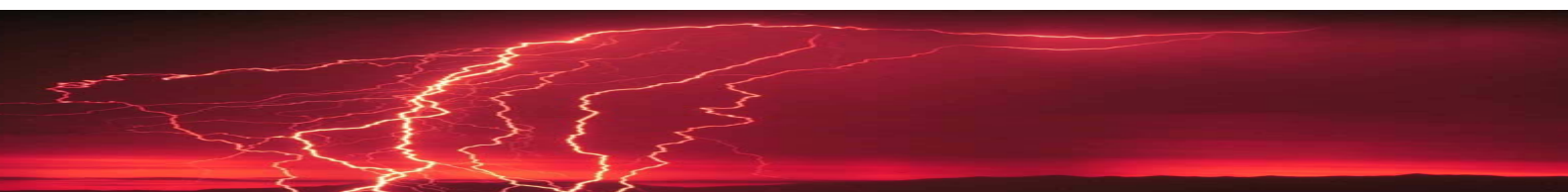
Eu senti um impulso de alívio da multidão, mas a pulsação de magia na frente do salão era bem menos amigável.

— Então desfaza seus juramentos para a Casa Cadogan.

— Eu não vou desfazer meus juramentos, — Kelley disse. — Eu não os fiz por brincadeira, e eu não vou desfazê-los para que você possa passar um relatório melhor para o GP.

Uma veia no seu pescoço pulsou com fúria. — Você vai jurar lealdade ao GP, — ele rangeu, — ou você vai se arrepender pelo resto da eternidade.

As portas do salão foram escancaradas. — Como o inferno que ela vai.



Todas as cabeças se viraram para o corredor. Malik estava lá, fúria em seus olhos, seu braço ao redor da cintura de Ethan conforme ele o ajudava a entrar no salão. Um silêncio completo caiu na multidão, bem antes do salão explodir em barulho e som e lágrimas alegres. Vampiros se apressaram em direção à porta, e Malik deu a eles um momento para receber seu herói de volta.

Eu tomei a oportunidade para olhar para Frank e apreciar a expressão chocada em seu rosto. Aquela expressão, depois do luto pelo o que ele faz a Casa passar, quase fez tudo valer a pena.

E então Malik retomou a ordem dos vampiros.

— Quietos, — ele disse, e o salão se silenciou imediatamente. — Para a sua informação, Sr. Cabot, os vampiros dessa Casa juram lealdade a Casa e aos seus vampiros, não ao GP.

Frank se compôs e ofereceu a ele um olhar duvidoso. — E por qual autoridade você desafia a minha?

Malik devolveu o olhar com um tão imperioso quanto. — Pela autoridade instituída na Casa Cadogan e seu Mestre pelo Presídio de Greenwich.

Frank olhou de Malik para Ethan. — Um poder que parece estar em algum tipo de desordem.

Ethan pigarreou. — Malik Washington é o Mestre dessa Casa. Ele foi Investido pelo GP depois da minha morte, sendo o que foi. Ele permanecerá nessa posição até eu ser Investido novamente.

Em outras palavras, Malik era o Mestre da Casa, e Ethan não desafiaria sua posição.

A multidão se agitou em antecipação.

— Os vampiros nessa Casa, — Malik disse, — incluindo a capitã dos guardas, tem provado seu valor repetidamente. Hoje, nós vimos suas prontidões em partir imediatamente para a batalha, sem considerar o perigo, para proteger essa Casa. Eles são corajosos e honoráveis. E em resposta, você os acusa de deslealdade e exige novos juramentos? Eu duvido seriamente que o GP iria concordar com tais comportamentos. Assim sendo, você está ordenado a sair dessa Casa, Sr. Cabot.

— Você não tem o poder de me expulsar.

Malik ergueu uma sobrancelha para Frank, como Ethan faria. — Eu tenho o poder de remover quaisquer forças que são perturbadores para essa Casa, e Ethan concorda comigo.



Ninguém discordaria que você se encaixa muito bem nessa categoria. Você tem dez minutos para pegar os seus pertences.

— Eu vou te denunciar para o GP.

— Tenho certeza disso, — Malik disse. — Você pode denunciar que nossa casa está em ordem, que é o lar de vampiros verdadeiros e corajosos. Oh – e você também pode avisá-los que Merit foi renomeada Sentinela.

Ele sorriu um pouco maldosamente, e eu tive que segurar meu próprio sorriso.

— Leve isso de volta ao GP, Sr. Cabot. E se a necessidade surgir, diga a eles para se foderem.

Com Frank retirado da Casa, o resto dos vampiros rodeou Ethan com celebração alegre. Como se energizado pela afeição, ele conseguiu ficar de pé sozinho.

Quando os vampiros ficaram quietos, Malik colocou uma mão em seu ombro. — Essa casa é sua, por sangue e por osso, e você é bem-vindo em suas paredes em qualquer hora.

Ethan tinha dito algo parecido para mim, me assegurando que eu era membro de sua Casa “por sangue e por osso”. Talvez fosse uma das frases que os vampiros usavam, parte do vocabulário coletivo, a memória comum, de um povo unido pela necessidade de assimilação.

— Quando for o tempo certo, — Malik disse, — Eu vou devolver a tocha a você. Enquanto isso, a cidade vai, sem dúvidas, ter perguntas. Não tenho dúvida de que a prefeita vai bater na porta em breve.

— Provavelmente, — Ethan disse, e então pegou minha mão e sorriu para Malik. — Mas se você não se importar, eu planejo usar o restante da noite com o máximo de vantagem.

Eu senti minhas bochechas ficarem quentes, mas estava acompanhada; até Luc corou com essa.

Com a garantia de Malik que os apartamentos de Ethan eram dele, nós voltamos para o seu quarto, de mãos dadas.

Nós mal tínhamos fechado a porta antes da sua boca estar na minha, faminta e insistente. Paixão floresceu e se derramou ao nosso redor com a magnitude de magia antiga.

Eu não briguei com ele. Eu o beijei com tudo que tinha, devorei-o com cada arma que tinha no meu arsenal, e me movi nele, e ao seu redor enquanto o amor nos ludibriava.



Depois de um momento ele se afastou, sua respiração difícil; ele abriu seus olhos e pegou meu rosto em seus mãos. — Eu não esqueci onde paramos, Sentinela, e não planejo esquecer.

— Você se foi por muito tempo.

— Só para você. Para mim, havia somente um vago sonho de escuridão... e ocasionalmente sua voz. Você me manteve ligado a terra, e eu chamava seu nome para fazer o mesmo com você.

Tenho certeza que empalideci um pouco com tal confissão. A emoção de ele estar de volta ainda era nova, ainda crua, ainda não experimentada. Eu estava animada por ele estar de volta, mas a emoção era tão inesperada que eu estava com medo de confiar.

Ele levantou meu queixo e me forçou a encontrar seu olhar. — Há mais alguém?

— Não. Mas por dois meses, também não havia você.

Nós ficamos em silêncio por um tempo enquanto ele examinava meu olhar.

— Houve uma época, — ele disse finalmente, — em que eu teria reconhecido sua reticência e te dado espaço e tempo para tomar sua própria decisão.

Ele inclinou minha cabeça e deslizou seus dedos até a minha nuca, mandando arrepios pela minha espinha. Então ele abaixou seus lábios até o meu ouvido.

— Não é essa a época, Merit.

E então sua boca estava na minha, e ele me deixou sem ar. Ele me beijou como um homem possuído, como um homem com nada mais em sua mente exceto o meu gosto e sensação.

Como um homem ressuscitado.

— Foi-me dada uma terceira chance de viver, mesmo as circunstâncias não sendo as melhores. Você é minha, e nós dois sabemos disso.

Ele me beijou novamente, e assim que comecei a acreditar que ele estava realmente, verdadeiramente, de volta, eu me senti mais possessiva do que nunca, certa até os ossos que ele era *meu*, e independentemente das circunstâncias, eu pretendia manter as coisas desse jeito.

Depois de outro longo momento, ele terminou o beijo e passou os braços ao redor de mim.



Quando o sol nasceu, nós estávamos aninhados juntos, dois corpos pressionados por calor, amor, gratos por milagres que provavelmente não deveriam ter existido.

Foi a melhor noite que já tive.



Epílogo

Acordamos com nossos corpos entrelaçados, o telefone ao lado da cama de Ethan tocando alto. Eu me estiquei em cima do seu corpo muito nu e peguei o receptor.

— Sim? — eu perguntei.

A voz de Catcher estava frenética. — Ela acordou. Ela dominou os guardas, e fugiu.

Eu me sentei e sacudi a perna de Ethan para acordá-lo. — Vá devagar. Como assim, ela subjugou a Ordem?

Alarme em seus olhos, Ethan se sentou ao meu lado, suas pernas enroladas no lençol. Ele tirou o cabelo do rosto.

— Eles tiraram as contenções para examiná-la. Ela conseguiu convencê-los que estava se sentindo melhor, que ela sabia que tinha errado. Assim que eles se afastaram, ela nocauteou o guarda. Ele está muito machucado. Ela nocauteou mais dois no caminho. Eles ligaram há alguns minutos.

— Você sabe para onde ela foi?

— Um guardião temporário saiu essa manhã para levar o *Maleficium* para Nebraska. Há salas na instalação da Ordem que são impermeáveis à magia. O plano é mantê-lo lá até que um guardião permanente seja nomeado.

— A Ordem deve guardar o livro do mal? Essa é uma ideia horrível.

— A Ordem só está providenciando o espaço. O guarda temporário está responsável por ele até que vá para seu novo lar.

— É para lá que ela vai. Ela quer terminar sua tarefa, — eu disse quietamente. — Juntar o bem e o mal. Ela acha que é necessário, que vai ajudar o mundo.

— Eles não vão me deixar procurar por ela, — Catcher disse. — A Ordem não me quer envolvido. E se ela está mesmo usando magia negra, eles estão com medo de permitir que feiticeiros se misturem nisso.

Honestamente, eu não discordava da opinião.

— Eu pensei em procurá-la secretamente, — ele confessou.



— Ela não pode fugir disso, — eu disse. — Se ela ficou viciada em magia negra, ela precisa lidar com isso, não fingir que não existe.

— Eu falhei com ela. Eu deveria ter sabido. Eu pensei... Eu pensei que Simon estava tentando deixá-la contra mim por causa da Ordem. Eu pensei que era por isso que ela estava agindo tão estranhamente. Eu estava cego. Cego pelo meu medo.

— Você sabia o que o resto de nós sabia, — eu disse. — E foi você que a salvou e o resto da cidade hoje. Nunca se esqueça disso.

Ele ficou em silêncio por um momento. — Você se lembra quando eu disse que você tinha algo meu – algo que você tinha que proteger?

Lágrimas imediatamente encheram meus olhos. — Eu me lembro.

— Agora é a hora, — ele disse. — Eu preciso que você a proteja.

— Então é isso que eu vou fazer, Catcher. Eu vou achá-la, e vou trazê-la de volta para você, sã e salva. — A promessa feita, eu desliguei o telefone e olhei para Ethan, preocupação no coração.

— Então, — ele disse, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Quando vamos?

Uma hora depois, nos encontramos no saguão da Casa Cadogan, cada um carregando uma mala e uma espada embainhada. Helen tinha substituído meu medalhão de Cadogan, e alguém muito gentil tinha retirado meu carro de Wrigleyville. Isso não perturbou Ethan, entretanto, que insistiu que fôssemos em seu Mercedes conversível para achar Mallory. E sério, quem era eu para discutir?

O cabelo de Ethan estava preso na nuca, e ele estava usando a mesma camiseta — SALVE O NOSSO NOME — uma homenagem à Wrigley Field – que tinha me deixado usar uma vez.

— Você está pronta? — ele perguntou.

Eu assenti.

Vampiros começaram a encher o saguão, agora sem as regras de Frank, com Malik na frente. Ele se aproximou de Ethan e eu e estendeu uma mão. Ele apertou a de Ethan, e depois a minha.

Luc, Lindsey e Juliet vieram atrás de Malik, e o olhar de Ethan passou por cada um, e depois de volta para Malik. — Você tem o bastante para proteger a Casa?

Malik assentiu. — Kelley está confirmando substituições temporárias agora mesmo. E enquanto isso, estamos aqui se vocês precisarem de nós. E quando vocês retornarem.

— Obrigado, — Ethan disse, e depois de outra rodada de abraços e lágrimas, pela última vez em Deus sabe quanto tempo, nós saímos da Casa Cadogan juntos, com um mapa e um plano.



Infelizmente, eu mal havia andando três passos sem parar.

Jonah estava no portão, as mãos nos bolsos, expressão neutra exceto pelos olhos solenes, enquanto passavam entre eu e Ethan. Meu coração deu um tropeço, antecipação aumentando enquanto eu pensava por que ele estava aqui... e o que ele diria.

Encontramos-nos com ele no portão, a expressão de Ethan se movendo entre mim e Jonah.

— Em nome da Casa Grey, — Jonah disse, — bem vindo de volta a Chicago.

Ele olhou entre mim e Ethan. — Vocês vão achar Mallory.

— Nós vamos, — eu disse, e ficamos ali parados desconfortavelmente por um momento. Hora de ver até onde a confiança ia. — Ethan, você pode nos dar licença por um momento?

— É claro, — ele disse, mas ergueu minha mão até seus lábios e pressionou um beijo ali antes de ir em direção ao Mercedes.

— Eu suponho que você conseguiu seu parceiro de volta, — Jonah disse.

— Eu concordei em me juntar à GV — Eu quietamente o lembrei. — E eu não brinco com isso.

Jonah olhou para mim por um longo tempo, e eu pude ler a deliberação em seu olhar: Eu estava comprometida, agora que Ethan tinha voltado?

Ele deve ter encontrado mérito na minha honestidade, já que finalmente assentiu. E então ele falou sua parte: — Nós já entramos e saímos da vida um do outro. Duas vezes, agora, nós cruzamos o caminho um do outro, para você, tanto como humano quanto como vampiro. Relacionamentos foram construídos em menos que isso.

Eu revirei meus olhos.

— E Ethan te mataria por sugerir isso.

Ele sorriu.

— Ethan apreciaria um homem que sabe o que quer – enquanto eu não interferir. E eu não planejo fazer isso. Você e eu somos parceiros. Eu sei onde os limites estão, Merit, e eu posso respeitá-las. Eu não tenho interesse em acabar com um relacionamento.

Eu me despedi e andei de volta para onde Ethan estava colocando nossas malas no carro. Eu esperava suspeita e mordacidade em seu humor e tom. Eu não esperava ver um sorriso em seu rosto.

— Seu parceiro enquanto eu não estava aqui? — ele perguntou.



Eu assenti, ainda insegura dos meus passos.

— Você pode relaxar, — ele disse com um sorriso sagaz, e tocou o meu queixo. — Eu confio em você.

E então ele jogou algo no ar. Instintivamente, eu estiquei o braço e peguei, e então olhei para a minha palma aberta – e olhei de volta para ele.

Ele sorriu astuciosamente.

— É uma longa viagem daqui para Omaha. Você pode ficar com o primeiro turno. — Verdadeiro em suas palavras, ele abriu a porta do passageiro e entrou no carro.

Eu teria que conhecer esse homem de novo.

Eu acho que jornadas começam com um único passo... ou em um Mercedes conversível de \$80,000. Se Deus quiser, seria rápido o bastante, e conseguiríamos achar Mallory a tempo.

Fim

A série Chicagoland continua em:

Biting Cold (September 2012)

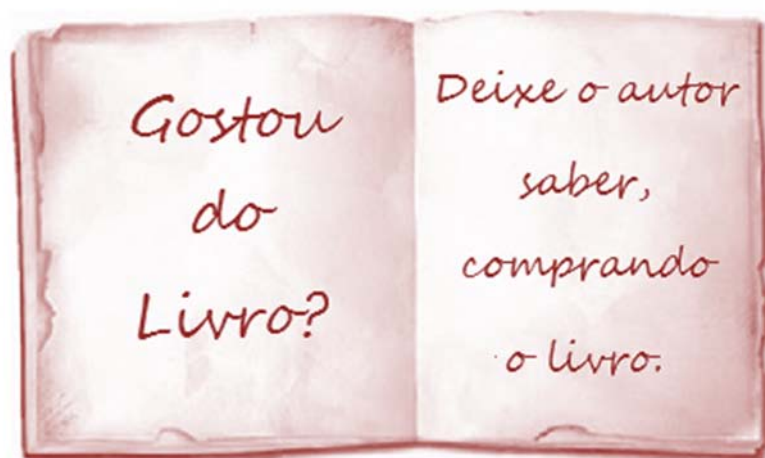


Sobre a autora:



Ghloe Neill nasceu e cresceu no Sul, mas agora sua casa é no Centro-Oeste, perto o suficiente da Casa Cadogan para manter um olho sobre os vampiros.

Quando não transcreve as aventuras de Merit, ela cozinha, assiste inteiramente muita televisão, torce pelo seu time favorito de futebol da faculdade (I Go Big Red), brinca com seu cachorro, Baxter, e gasta tempo com um ótimo ~ e muito bonito ~ cara (que ela tem certeza que não é um vampiro).





Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>



☺ *All Creatures of the night get together After dark* ☺

